



HQN™



DEANNA  
RAYBOURN

*Tempo de segredos*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

 logo

DEANNA  
RAYBOURN  
*Tempo de segredos*



Editado por HARLEQUIN IBÉRICA, S.A.  
Núñez de Balboa, 56  
28001 Madrid

© 2007 Deanna Raybourn  
© 2014 Harlequin Ibérica, S.A.  
Tempo de segredos, n.º 24 - Dezembro 2014  
Título original: Silent in the Grave  
Publicado originalmente por Mira Books, Ontario, Canadá

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor,  
incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi publicada com  
a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são  
produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer  
semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios  
(comerciais), acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, HQN e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades  
de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas  
filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas  
na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises  
Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-687-5841-1  
Editor responsável: Luis Pagni

Conversão ebook: MT Color & Diseño  
[www.mtcolor.es](http://www.mtcolor.es)

# Sumário

Página de título

Créditos

Sumário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezasseis

Dezassete

Dezoito

Dezanove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito  
Vinte e nove  
Trinta  
Trinta e um  
Trinta e dois  
Trinta e três  
Trinta e quatro  
Trinta e cinco  
Trinta e seis  
Trinta e sete  
Trinta e oito  
Trinta e nove  
Quarenta  
Quarenta e um  
Volta

## Um

Londres, 1886

«Os outros pecados apenas falam; o assassinato grita.»  
John Webster, *A duquesa de Malfi*.

Dizer que conheci Nicholas Brisbane sobre o cadáver do meu marido não é estritamente correto. Edward, deveria assinalar, ainda estava a contorcer-se no chão.

Olhei para ele, sem assimilar por completo que acabava de desabar aos meus pés. Ficou estendido no chão e o seu corpo adotou a posição fetal. A cor preta do seu fato de gala sobressaía sobre o chão de mármore branco. Estremecia, com os dedos crispados.

Inclinei-me para ele tanto quanto me permitiu o espartilho.

– Edward, temos convidados. Levanta-te. Se isto for uma brincadeira de mau gosto...

– Não é uma brincadeira, *milady*. Está com convulsões.

Uma figura cheia de impaciência, vestida de preto, passou por mim e ajoelhou-se junto de Edward. O homem palpou o meu marido e sentiu-lhe o pulso, enquanto eu tentava ver alguma coisa por cima do seu ombro. Atrás de mim, os convidados murmuravam, cochichando, empurrando-se uns aos outros para tentar vislumbrar algum detalhe. Havia uma certa agitação no ambiente. Afinal, não era todos os dias que um barão desmaiava durante uma festa, no meio da sala de música da sua própria casa. Edward estava a proporcionar aos presentes um entretenimento muito melhor do que a soprano que tínhamos contratado.

Aquinas, o nosso mordomo, abriu caminho entre a multidão e aproximou-se.

– *Milady*?

Eu olhei para ele, agradecida por ter uma desculpa para poder desviar o olhar do que estava a acontecer no chão.

– Aquinas, *sir* Edward sofreu um ataque.

– E estaria melhor na cama – sugeriu outro homem, agachado.

Levantou-se com Edward nos braços, aparentemente com muito cuidado e pouco esforço. Edward tinha emagrecido muito nos últimos meses. Não devia pesar mais do que eu.

– Segue-me – disse eu, embora, na realidade, fosse Aquinas quem se dirigia para a saída.

As pessoas afastaram-se lentamente do nosso caminho, como se lamentassem que o pequeno drama acabasse tão rapidamente. Houve alguns murmúrios amáveis, alguns comentários de tristeza que ouvi ao passar.

– É a maldição dos Grey...

– Tão jovem... Mas, claro, o seu pai não chegou aos trinta e cinco.

– Não chegam a velhos...

– Um coração fraco. É uma pena. Sempre foi uma pessoa muito agradável.

Eu apressei o passo, enquanto olhava em frente para não ter de me encontrar com os seus olhares. Mantive o olhar fixo nas costas largas de Aquinas, mas durante todo esse tempo fui consciente daquelas vozes e do som de passos atrás de mim, os do homem que carregava o meu marido. Edward gemeu suavemente quando chegámos às escadas e eu virei-me. A expressão do estranho era sombria.

– Aquinas, ajuda o senhor...

– Eu levo-o – declarou ele e passou-me à frente.

Aquinas conduziu-o até ao quarto de Edward. Os dois deitaram o meu marido. De seguida, o homem começou a desapertar-lhe a roupa e olhou para Aquinas.

– Tem médico?

– Sim, senhor. O doutor Griggs, de Golden Square.

– Avisem-no. Embora me atreva a dizer que é demasiado tarde.

Aquinas virou-se para mim. Eu estava à porta, sem saber o que fazer. Nunca entrava no quarto de Edward e não queria fazê-lo naquele momento. Parecia-me uma intromissão, uma violação da sua privacidade.

– Devo avisar também lorde March, *milady*?

Eu olhei para Aquinas com perplexidade.

– E para que viria o meu pai? Ele não é médico.

Aquinas era mais rápido do que eu. Eu pensava que o homem queria dizer que Edward já teria recuperado do ataque antes de o doutor Griggs

chegar. Aquinas tinha mais experiência de vida e sabia que não era assim.

Contemplou-me com uma expressão extremamente correta e, então, soube porque queria avisar o meu pai. Como patriarca da família, teria de se encarregar de certas responsabilidades.

– Sim, avisa-o – disse.

Depois, com relutância, entrei no quarto. Sabia que devia estar ali, a fazer o que estivesse ao meu alcance por Edward. No entanto, parei junto da cama, sem lhe tocar.

– E lorde Bellmont? – perguntou Aquinas.

Eu refleti durante um instante.

– Não, é sexta-feira. A sessão do Parlamento de hoje é mais longa do que o normal – isso era uma bênção. Podia aguentar o meu pai naquele momento, mas não o meu irmão mais velho. – Suponho que seja necessário chamar as carruagens. Manda toda a gente para casa. Pede desculpa aos convidados, Aquinas.

Ele foi-se embora e deixou-me a sós com o estranho. Estávamos em lados opostos da cama e Edward continuava com convulsões entre nós. Depois de alguns instantes, ficou imóvel e o homem pôs-lhe um dedo na garganta.

– Tem o pulso muito fraco – disse por fim. – Deveria preparar-se.

Eu nem sequer olhei para ele. Não conseguia desviar o olhar da cara pálida de Edward, que brilhava de suor. A dor marcava-lhe sulcos profundos na pele. Não queria recordá-lo daquela maneira.

– Conheço-o há mais de vinte anos – disse em voz baixa. – Crescemos juntos. Brincávamos aos piratas e aos cavaleiros da Távola Redonda. Já então eu sabia que o seu coração não era forte. Às vezes, quando se cansava, ficava roxo. Isto não é inesperado.

Então, olhei para cima e dei-me conta de que o estranho me observava fixamente. Tinha os olhos mais escuros que já tinha visto na minha vida, pretos como o carvão, e vigilantes. O seu olhar não era amigável. Escrutinava-me com frieza, como se fosse um comerciante que estava a examinar uma peça para determinar o seu valor. Eu baixei os olhos imediatamente.

– Agradeço-lhe que se preocupe com a saúde do meu marido, senhor. Foi de grande ajuda. É amigo de Edward?

Ele não respondeu imediatamente. Edward fez um ruído e o estranho agiu com rapidez. Pô-lo de lado e colocou uma bacia sob a boca dele. Edward

sofreu vômitos terríveis, gemendo. Quando acabou, o homem afastou a bacia e limpou-lhe a boca com o seu lenço. Edward gemeu fracamente e começou a tremer. O homem observou-o com atenção.

– Não sou um amigo, não. Sou um sócio de negócios – disse por fim. – O meu nome é Nicholas Brisbane.

– Eu sou...

– Sei quem é, *milady*.

Surpreendida pela sua grosseria, voltei a olhar para ele e encontrei-me novamente com os seus olhos, que irradiavam hostilidade. Abri a boca para lhe fazer uma recriminação, mas Aquinas apareceu então. Virei-me para ele com alívio.

– Aquinas?

– Vão trazer as carruagens, *milady*. Mandeí Henry ir chamar o doutor Griggs e Desmond foi avisar o seu pai. *Lady Otterbourne* e o senhor Phillips pediram-me que lhe transmitisse a sua preocupação e a sua disposição para ajudar em qualquer coisa necessária.

– *Lady Otterbourne* é uma velha intrometida e bisbilhoteira, e o senhor Phillips não serviria para nada. Manda-os ir para casa.

Eu era consciente de que o senhor Brisbane estava atrás de mim, a ouvir cada uma das minhas palavras. Não me importava. Por algum motivo inexplicável, aquele homem já pensava mal de mim. Não me preocupava que a sua opinião piorasse.

Aquinas voltou a ir-se embora, mas eu não voltei a aproximar-me da cama. Sentei-me numa cadeira que havia junto da porta e fiquei lá sem dizer nada, perguntando-me o que fazer com toda a comida da festa. Tínhamos encomendado muita, pois Edward não gostava que faltasse nada. Podia dizer à cozinheira que a mandasse para a sala de jantar do pessoal, mas, depois de alguns dias, até os criados se fartariam dela. Antes que pudesse decidir o que ia fazer com a lagosta e as saladas, Aquinas entrou novamente no quarto, seguido do doutor Griggs. O idoso estava a suar e secava a cara corada com um lenço enquanto ofegava. Tinha subido as escadas muito depressa. Eu levantei-me e ele agarrou-me a mão.

– Já o receava – murmurou. – É a maldição dos Grey. Todos nos deixam antes do tempo. Minha pobre menina...

Sorri fracamente. O doutor Griggs tinha atendido a minha mãe durante o meu nascimento, além dos seus outros nove partos. Conhecíamos-nos há muito tempo para andar com cerimónias. Ele deu-me algumas palmadinhas

nas costas da mão e depois aproximou-se da cama. Mediu o pulso a Edward, abanando a cabeça. Edward vomitou novamente. O doutor Griggs observou-o com atenção e examinou o conteúdo da bacia. Eu virei-me.

Tentei não ouvir os sons que provinham da cama, os gemidos e os suspiros. Teria tapado os ouvidos com as mãos, mas sabia que era um gesto covarde e infantil. Griggs continuou com o exame médico, mas, antes que tivesse terminado, apareceu Aquinas.

– Lorde March, *milady* – anunciou.

O meu pai entrou no quarto.

– Julia – disse, com os braços abertos.

Eu aproximei-me dele e escondi a cara no seu casaco. Cheirava a tabaco e ao couro das capas dos livros. Abraçou-me com firmeza enquanto olhava por cima da minha cabeça.

– Griggs, deverias ter mandado sair Julia.

O médico respondeu algo que eu não ouvi. O meu pai estava a empurrar-me para a porta. Eu tentei olhar para a cama para ver o que estavam a fazer a Edward, mas o meu pai interpôs-se e impediu-me. Sorriu-me com tristeza, com ternura. Qualquer um teria interpretado mal o significado daquele sorriso, mas eu, não. Sabia que esperava que lhe obedecesse. Eu assenti.

– Esperarei no meu quarto.

– É o melhor. Irei ter contigo quando houver alguma novidade.

A minha criada, Morag, estava à minha espera. Ajudou-me a tirar o vestido de seda e a vestir uma coisa mais cómoda. Ofereceu-me leite quente ou um copo de brande, mas eu não conseguia beber nada. Só queria sentar-me e olhar para o relógio da lareira enquanto os minutos passavam.

Morag andava de um lado para o outro, atijando o lume e resmungando sobre todo o trabalho que a esperava. E tinha razão nisso. Teria muitas tarefas quando eu ficasse de luto. Seria necessário tapar os espelhos com crepe preto, adornar os cavalos com plumas pretas... Eu concentrava-me nessas coisas porque não queria pensar no que estava a acontecer no quarto de Edward. Era quase como esperar pelo nascimento de um bebé, os minutos longos e tensos, apurando o ouvido para ouvir o mais ligeiro som. Esperava ouvir alguma coisa, mas as paredes eram muito grossas e não o consegui. Nem sequer à meia-noite ouvi as badaladas do relógio do corredor. Ia mencioná-lo a Morag, porque aquele relógio se ouvia de qualquer divisão da casa, quando me dei conta do que significava.

– Morag, os relógios pararam.

Ela olhou para mim, mas não disse nada. Em vez disso, agachou a cabeça e começou a rezar. A porta abriu-se poucos instantes depois. Era o meu pai. Também não falou. Eu aproximei-me e ele abraçou-me durante muito tempo, como não fazia desde que era criança.

– Já acabou tudo, minha querida – disse-me e a sua voz pareceu-me mais cansada do que nunca. – Acabou.

Como é óbvio, equivocava-se por completo. As coisas tinham apenas começado.

## Dois

«Ele acumula riquezas e acumula tristeza.

Esse é o seu presente, mas quem será o seu herdeiro amanhã.»

Anne Bradstreet, *A vaidade de todas as coisas terrenas*.

Os dias seguintes ao funeral foram terríveis. Muita gente a dizer muitas coisas sem sentido. «Que trágico... Que inesperado... Que horrível...» E, por muito que quisesse gritar-lhes que se fossem embora e que me deixassem em paz, não podia, embora fossem da minha própria família. Sobretudo porque eram da minha família.

Na semana seguinte à morte de Edward, a minha casa viu-se inundada de parentes March. Vieram dos quatro cantos do reino, tão preocupados com as diversões que Londres oferecia como com os seus deveres familiares. Como a etiqueta não me permitia mostrar-me em público, vieram todos a Grey House. Os homens, tios, irmãos, primos, apresentaram brevemente os seus respetos a Edward, que, com uma terrível ironia, estava de corpo presente no salão de música, e passaram o resto do tempo a discutir política e a planear divertimentos para sair de casa. O meu único consolo foi que conseguiram acabar com toda a comida que tinha sobrado da noite da morte de Edward.

As mulheres não foram muito melhores. A tia Hermia organizou o funeral e virou a minha casa de pernas para o ar. Andava de um lado para o outro, com um bloco cheio de listas que estava sempre a consultar e às quais anotava itens com um sorriso de satisfação. Era necessário encomendar o crepe, as coroas funerárias, o papel de carta com a margem preta, o anúncio no *The Times* e, é óbvio, o meu guarda-roupa.

– Preto rigoroso – informou-me com o sobrolho franzido, enquanto tentava decifrar a sua própria letra. – Os tecidos não devem ter brilho. Nem branco, nem cinzento – recordou-me.

– Eu sei.

Tentei não pensar em todos os vestidos novos que me tinham levado a casa no dia anterior à morte de Edward. Eram de cores claras, como das flores da primavera. Teria de os entregar a Morag para que os vendesse nos armazéns de segunda mão. Não absorveriam a tinta preta o suficiente para que pudesse usá-los no período de luto.

– Sem joias, salvo os adornos de cabelo – acrescentou a tia Hermia.

Eu reprimi um calafrio. Nunca tinha suportado a ideia de usar uma trança de cabelo de defunto.

– Depois de um ano e um dia – continuou a minha tia, – poderás usar tecidos pretos com brilho, arroxeados e cinzentos com riscas pretas. Se preferires continuar a vestir-te de preto depois de um ano, podes aliviá-lo com toques de branco. Embora – acrescentou, com olhar conspirativo – me pareça que um ano é tempo suficiente e que, depois desse tempo, deves fazer o que quiseres.

Eu olhei para a minha irmã Portia, que estava muito ocupada a dar pastéis de marisco e caviar ao seu cão idoso. Ela levantou a cara e franziu o nariz por cima da cabeça de Puggy.

– Não te preocupes, querida. Tu sempre ficaste impressionante de preto.

Eu fiz-lhe uma careta e virei-me para a tia Hermia, que estava a tentar ignorar a ligeireza da minha irmã. Em crianças, pensávamos que a tia Hermia tinha problemas de audição. Muito depois, no entanto, demo-nos conta de que ouvia perfeitamente. O truque de ouvir só o que queria tinha-lhe proporcionado a capacidade de criar os dez filhos do seu irmão viúvo e manter, em certa medida, a prudência.

– Como é óbvio, meias pretas – continuou – e, além disso, devemos arranjar-te lenços com bordados também em preto.

– Eu estou a fazê-los – disse a minha irmã Bee de um canto. Tão trabalhadora como sempre, tinha a cabeça inclinada sobre o seu trabalho e passava com precisão a agulha com linha de seda preta pela fina cambraia branca.

– Muito bem, Beatrice. Isso poupar-nos-á o tempo de ter de os encomendar, porque eu não suportaria comprar nada já feito para Julia.

A tia Hermia voltou a consultar a sua lista e eu desviei o olhar de Bee. Ela não olhava para mim e imaginei que a sua preocupação com os meus lenços fosse uma maneira de se manter demasiado ocupada para o fazer. Perguntei-me o quanto saberia a minha irmã, o quanto saberiam todos eles. O casamento era algo privado entre um homem e a sua esposa, mas os laços

de sangue eram os mais fortes ou, pelo menos, assim o dizia o meu pai. Seria possível que soubessem? Eu nunca dissera nada e, no entanto, perguntava-me se...

– E devíamos dizer a Aquinas que prepare o quarto chinês para a tia Ursula.

Eu virei-me rapidamente para a tia Hermia. Fizera-se silêncio. Bee estava concentrada no seu trabalho e Portia e Nerissa estavam a escrever o obituário para o funeral. Imediatamente, Olivia pegou num livro de hinos e começou a folheá-lo.

– A tia Ursula? A Alegre vem?

– A sério, querida, preferia que todos vocês deixassem de lhe chamar assim – disse a tia Hermia, com o sobrolho franzido. – É uma pessoa boa e decente. Ela só quer proporcionar-te consolo na tua dor.

Portia conteve um sopro. Todos sabíamos que isso não era verdade. O objetivo da Alegre não era dar consolo, senão oprimir o aflito em questão. Aparecia em todos os leitos de morte, em todos os funerais, com os seus baús de roupa de luto e as suas joias comemorativas, lia poemas horríveis e bebia xerez quando ninguém olhava. Tinha um álbum de recortes dos funerais a que tinha assistido e pontuava-os pela quantidade de presentes, aspeto da campa e qualidade da comida. E o pior de tudo era que nunca se ia embora. Ficava na casa do falecido, oferecendo o seu estranho estilo de consolo até acontecer a tragédia familiar seguinte. No entanto, tínhamos sido afortunados em Londres. Uma série de doenças levava três das nossas tias idosas da Escócia durante os últimos anos. Há muito tempo que não a víamos.

– Julia?

A voz da tia Hermia tinha um tom de impaciência e dei-me conta de que devia estar há algum tempo a tentar que lhe prestasse atenção.

– Desculpa, tia. Estava a pensar na morte da bezerra.

Ela deu-me algumas palmadinhas nas costas da mão.

– Não te preocupes, querida. Ouvi dizer que a esposa do tio Leonato voltou a sofrer da sua doença pulmonar. Talvez não dure muito.

Aquele era um fraco consolo. A esposa do tio Leonato ficava muito doente, à beira da morte, até que ele lhe dava a joia ou o objeto que ela desejava naquela altura e, então, recuperava rapidamente. Não obstante, havia imensos primos loucos por caça em Yorkshire, que sempre podiam ter azar. Talvez naquela época confundissem algum deles com um veado...

A tia Hermia tossiu suavemente e eu olhei para ela.

– Olivia estava a perguntar-te pela campa. Diz que há um lugar muito bonito atrás do Círculo do Líbano.

O Círculo do Líbano ficava no Cemitério de Highgate e talvez fosse o lugar mais na moda para os falecidos de Londres inteira. Agradaria a Edward.

– Parece-me bem. O que considerares melhor.

Ela riscou outro item da lista.

– E a música?

Aquela pergunta foi seguida de um debate ardente no qual eu não participei. Tentei aparentar que me sentia demasiado triste para tomar decisões, mas a verdade era que não conseguia importar-me. Edward tinha morrido e parecia-me que não tinha sentido discutir sobre o que deviam cantar os meninos do coro. Por fim, a minha irmã mais velha, Olivia, levou a sua avante pela pura força da sua personalidade.

No entanto, não serviu de nada. Não ouvi os meninos a cantar. Do mesmo modo que vi os lilases, mas não os cheirei. Dei-me conta de que no dia do funeral de Edward fazia muito frio porque me enrolaram num casaco de astracã, mas não senti nada. Estava completamente intumescida, como se as minhas células e os meus nervos tivessem deixado de trabalhar.

Talvez fosse melhor assim. Começava a ficar irritável e queixosa. Desde a morte do meu marido, não tinha conseguido conciliar o sono e o facto de não ter paz nem privacidade na minha própria casa estava a começar a pesar-me. A única coisa que queria era enterrar Edward e mandar a minha família para casa. Amava-os, mas à distância. As suas raridades e excentricidades, pelas quais os March eram famosos, enchiam Grey House.

Graças a Deus, a maioria ficara com o meu pai, mas uns quantos tinham preferido consolar-me no meu sofrimento e estavam hospedados comigo. O menos fastidioso de todos era o meu irmão Valerius. Era um jovem calado e, de certo modo, mal-humorado, seis anos mais novo do que eu, e penso que a minha companhia lhe parecia menos opressiva do que a do meu pai. O primo e herdeiro de Edward também não me causava problemas. Simon estava doente e prostrado na cama, afligido pela mesma doença coronária que levara todos os seus parentes. Tal como Edward, ele não chegaria à velhice, mas era meu dever cuidar dele até que nos deixasse.

O último dos meus hóspedes era a Alegre, que tinha chegado com os seus baús e uma criada tão velha como Matusalém. Aquinas instalou-as no

quarto chinês. Isso provocou uma vaga de queixas. Era um quarto muito frio, tinha muita luz... A litania continuava até ao infinito. Eu abanei a mão e deixei que Aquinas se encarregasse de tudo, coisa que fez com a sua habitual eficiência. Levou uma pequena salamandra, abriu as cortinas pesadas e colocou uma garrafa de gim na mesa de cabeceira, porque, aparentemente, o xerez fora substituído por uma coisa mais forte. Desde então, não voltei a ouvir uma queixa da minha tia e tomei nota de que devia indicar a Aquinas que acrescentasse uma garrafa de gim semanal aos gastos da casa.

No entanto, por muito que me queixasse deles, alegrava-me ter a minha família comigo durante aqueles dias horríveis. Era como uma sonâmbula. Guiavam-me e levavam-me de um lado para o outro, mas eu não sentia nada. Mais tarde, disseram-me que o sermão do funeral fora lindo. Eu alegrei-me. Não o tinha ouvido, mas suspeitava que o padre não dissera nada reconfortante. Provavelmente, citara Jó, aquela passagem absurda das flores cortadas. Citavam-na sempre. E talvez tivesse feito alguns comentários inócuos sobre Edward, comentários sobre um homem que não conhecia. Edward não era crente, nem eu. Tinham-nos educado para ir à missa quando era indispensável e para que respeitássemos as convenções, mas a minha família era cheia de livres-pensadores radicais e Edward, por seu lado, era muito preguiçoso.

O resultado, certamente, foi um elogio que poderia ter-se feito aos restos mortais de qualquer jovem rico. Eu não gostava de pensar nisso. Eu não gostava de saber que Edward, o rapaz que amara e com quem me tinha casado, tinha morrido. Ele era um desconhecido para o padre, para o coveiro, para qualquer um que passasse pelo seu túmulo. Ninguém recordaria o seu encanto, o seu lindo cabelo dourado, o seu sorriso doce e sério, a sua habilidade para contar piadas e a sua completa incompetência com o vinho. Eu seria a única que o recordaria como era e não queria recordá-lo absolutamente.

Tentei pensar, enquanto estava diante da sua campa aberta, no que pediria que gravassem na sua lápide. Não havia nada que me parecesse apropriado. Recitei versos da Bíblia e poesias enquanto o padre continuava a falar das cinzas e da morte, mas não dava com nada que encaixasse. Ainda tinha tempo até que colocassem a lápide. Esperariam até que a terra assentasse para o fazerem. Eu sabia que tinha de pensar em algum comentário breve

sobre a sua vida, uma frase que pudesse resumi-lo, mas era impossível. As palavras eram algo simples e Edward não o fora.

Enquanto tentava recordar um poema de Coleridge, passou uma nuvem pelo céu. Tapou o sol e deixou o cemitério sumido numa sombra fria. Alguns dos presentes estremeeceram e o meu pai passou-me o braço pelos ombros. O padre acelerou o discurso e terminou a última das orações. Outros agacharam a cabeça, mas eu olhei para cima e estudei o cemitério através do véu preto que me cobria o rosto. Além do túmulo, onde o Círculo do Líbano acolhia os seus mortos, havia uma figura, ou a impressão de uma figura, pois tudo o que vi foi o branco do peitilho de uma camisa contra uma forma alta e escura.

Baixei os olhos, dizendo a mim mesma que era uma miragem causada pela luz, pelo véu, que não vira ninguém. Mas vira. Quando voltei a levantar o olhar, dei-me conta de que a figura se afastava por entre os túmulos de mármore. Mais ninguém se apercebera e ele desvaneceu-se em silêncio. Talvez o tivesse imaginado, mas havia uma pergunta que me ecoava na cabeça: «Porque estava Nicholas Brisbane no Cemitério de Highgate?».

Soube que a resposta não me agradaria absolutamente.

## Três

«E também me disseram que o amor fere com calor como a morte fere com frio.»

Ben Jonson, *Embora seja jovem e não possa distinguir*.

Depois do funeral, toda a gente foi para March House. A tia Hermia tinha conspirado com o mordomo do meu pai, Hoots, para oferecer ali um impressionante jantar frio e muito álcool. Os meus parentes ficaram encantados com ambas as coisas. E eu também. Quanto mais comiam e bebiam, menos falavam comigo, embora isso não evitasse que me abordassem várias das minhas tias e alguns primos libidinosos. Elas deram-me conselhos profusos sobre as sandes de paté de gambas e eles fizeram-me propostas duvidosas de casamento. Eu agradeci às minhas tias e rejeitei os meus primos, embora com tato. Eram um bando de descomedidos, sobretudo com a quantidade de álcool que a tia Hermia tinha oferecido, e, se eu os insultasse de alguma forma, poderia haver algum duelo no jardim antes do amanhecer.

Foi um alívio que o meu pai me levasse para o seu escritório.

– Está na hora de ler o testamento – disse-me, com semblante grave. – Não aceitaste o teu primo Ferdinand, pois não?

Olhou por cima do meu ombro para o lugar onde Ferdinand ainda estava a pedir em casamento, em evidente estado de embriaguez, a estátua de Artemisa, completamente alheio ao facto de que eu me tinha afastado.

– Não, não.

– Ainda bem. É um idiota exímio. Todos o são. Se te casares com algum deles, retirar-te-ei a atribuição mensal.

– Não me casaria com nenhum deles, mesmo que ma duplicasses.

Ele assentiu.

– Linda menina. Nunca compreendi porque é que os March se casam com os primos. É um mau princípio para a descendência, na minha opinião. Concentra o sangue e Deus sabe que isso é o que menos necessitamos.

Era verdade. O meu pai fora o primeiro a casar-se com uma mulher que não pertencia à estirpe dos March e tivera dez filhos saudáveis para o provar, que só mostravam uma ligeira excentricidade. A maioria dos parentes que se casara dentro da família tivera filhos completamente loucos. Ele incitara todos a não se casarem com parentes e o resultado era que os seus netos eram os March mais convencionais que tinham existido em trezentos anos.

O advogado, o senhor Teasdale, esperava no escritório. Estava ocupado a ler documentos, enquanto o meu irmão mais velho, lorde Bellmont, visconde, parlamentar e herdeiro do condado da família, bisbilhotava pelas estantes. Estava a tocar com o dedo numa edição especialmente bonita de Plutarco quando o meu pai o viu.

– Isto não é uma biblioteca pública – disse-lhe rispidamente. – Compra os teus próprios livros.

Bellmont agachou bruscamente a cabeça ao ouvir o nosso pai, cumprimentou-me com um assentimento e sentou-se numa poltrona junto da lareira. Normalmente, as suas maneiras eram impecáveis, mas odiava que o meu pai o recriminasse. O senhor Teasdale deixou os papéis e levantou-se. Eu ofereci-lhe a mão.

– *Milady*, por favor, aceite as minhas condolências pela sua perda. Pedi a lorde March, como cabeça da família, e a lorde Bellmont, como herdeiro dele, que estejam presentes enquanto lhe explico os termos do testamento de *sir Edward*.

Eu sentei-me junto de Bellmont e o meu pai acomodou-se no sofá. Estalou os dedos para chamar o seu mastim, Crab, que avançou pesadamente para ele e apoiou a cabeça no seu joelho. O senhor Teasdale abriu uma pasta e tirou um maço de papéis.

– Aqui tenho a última vontade e o testamento do seu falecido marido, *sir Edward Grey* – disse com pompa.

Eu olhei para o meu pai, que exalou um suspiro de impaciência.

– Em inglês, homem, em inglês bem claro. Não necessitamos de linguagem legal neste momento.

O senhor Teasdale fez uma reverência e pigarreou.

– Como é óbvio, milorde. *Sir Edward* dispôs a sua herança da seguinte maneira: o título e o baronato de Greymoor em Sussex estão vinculados e, portanto, recaem sobre o seu herdeiro, Simon Grey, doravante *sir Simon*. Há alguns legados aos criados e a instituições de beneficência, quantias

modestas que desembolsarei no seu devido tempo. O resto do património, incluindo Grey House e o seu conteúdo, móveis, obras de arte, equipamento, as quintas de Devon, as minas da Cornualha e de Gales, as ações dos caminhos de ferro e todas as demais propriedades, o dinheiro e os investimentos são para a senhora.

Eu fiquei a olhá-lo fixamente. Tinha esperado um legado substancial, porque assim fora previsto no contrato matrimonial, mas a casa? O dinheiro? As ações? Tudo aquilo deveria ser para Simon, juntamente com o título.

– Senhor Teasdale, quando fala de dinheiro...

Ele pronunciou uma quantia que me causou um ofego. E o ofego converteu-se num ataque de tosse. Quando o senhor Teasdale me serviu uma pequena quantidade medicinal de brande, já tinha recuperado quase por completo.

– Isso não é possível. Edward vivia folgadoamente, era rico, mas tanto...

– *Sir Edward* fez os seus investimentos com muita astúcia. Além disso, o seu estilo de vida era moderado para um cavalheiro que se movia na alta sociedade – disse o senhor Teasdale.

– Moderado? Pois! Sabe o pouco dinheiro que me dava? – perguntei.

Fiquei furiosa. Edward nunca fora mesquinho com o dinheiro. Todos os trimestres dava-me uma quantia que eu considerava generosa. Tinha-a considerado generosa até naquele momento saber que poderia ter-me dado dez vezes mais quase sem o notar.

O meu pai parou a mão com que estava a acariciar Crab.

– Queres dizer que não te dava suficiente? Porque não mo pediste?

O seu tom de voz era neutro, mas eu sabia que estava zangado. O meu pai era famoso pelas suas opiniões modernas sobre as mulheres. Era a favor do sufrágio feminino e inclusive fizera um discurso emocionante sobre o assunto na Câmara dos Lordes. Encarregava-se de atribuir às suas filhas uma atribuição mensal completamente independente da que lhes davam os maridos para lhes oferecer uma certa independência económica. A ideia de que uma das suas filhas tivesse sofrido de falta de dinheiro provocava-lhe raiva.

Eu abanei a cabeça.

– Não, na realidade, não. De facto, tinha bastante dinheiro. No entanto, havia algumas vezes, quando eu queria viajar ou comprar alguma coisa cara, em que tinha de pedir dinheiro a Edward. Sentia-me como Maria

Antonieta diante da guilhotina quando tinha de o fazer, como se fosse frívola e extravagante, e me visse diante da responsabilidade em pessoa. Zanga-me saber que poderia ter dado essa quantia a um mendigo na rua e não se ter dado conta.

O meu pai continuou a acariciar Crab. A cadela acomodou-se no seu joelho, babando-se um pouco. Belmont mexeu-se ao meu lado.

– As minas da Cornualha. Já devem ter-se esgotado – disse ao senhor Teasdale.

O advogado sorriu.

– Ainda são rentáveis, asseguro-lhe, milorde. *Sir Edward* não as teria mantido de contrário. Era pouco sentimental com os seus investimentos – disse. Depois, virou-se para mim. – Agora, se a senhora quiser deixar a gestão do património em mãos competentes, certamente os senhores terão todo o prazer em tomar as decisões necessárias.

– Parece-me que não – disse eu, lentamente.

Ao meu lado, Belmont ficou rígido como um pointer ofendido.

– Não sejas tonta, claro que sim. Não sabes nada de como administrar um património tão grande. Necessitarás de aconselhamento.

O meu pai não disse nada, mas eu sabia que estava de acordo comigo. No entanto, não ia dizê-lo naquele momento, pois queria ver se eu me mantinha firme perante Belmont. Pouca gente o fazia. Sendo o primogénito e herdeiro, Belmont achava-se merecedor de todo o respeito, no mais amplo sentido da palavra. Quando a nossa mãe tinha morrido, ele já era quase adulto, portanto, assumira toda a força das suas ideias, muito mais convencionais do que as do meu pai. Só depois da morte dela, quando o meu pai e a tia Hermia tinham tido de se encarregar da educação dos mais pequenos, tinham começado as experiências. Belmont tinha ido estudar para Eton e para Cambridge. Todos os outros tinham recebido a educação escolar em casa, pela mão de uma sucessão de tutores liberais com filosofias pouco ortodoxas.

Bellmont nunca se tinha habituado a pensar que as suas irmãs e os seus irmãos mais novos eram iguais a ele e, óbvio, tinha todo o sistema legal, judicial e social da Grã-Bretanha para o apoiar. Tinha fingido que seguia a inclinação política do nosso pai para o Partido Radical, mas, quando tinha chegado a altura de fazer parte do Parlamento, aderira ao Partido Tory.

O meu pai deixara de lhe falar durante quase quatro anos e, depois, a sua relação sempre fora difícil.

Eu engoli em seco.

– Claro que quero aconselhamento, Belmont, e sei que tu estás muito bem informado em relação a estes assuntos – disse-lhe com tato. – No entanto, agora sou uma mulher independente. Eu gostaria de tomar as minhas próprias decisões.

Bellmont resmungou algo entredentes e virou-se para o meu pai.

– Tens de falar com ela. Não sabe lidar com semelhantes quantias. Se começar a especular, talvez perca tudo. Chama-a à razão.

O meu pai continuou a acariciar languidamente as orelhas de Crab. Encolheu os ombros.

– Tem tanto bom senso como o resto dos meus filhos. Se deseja administrar os seus próprios negócios, respeitando a lei, pode fazê-lo.

Bellmont virou-se para o senhor Teasdale, que encolheu os ombros. Trabalhava para a família há mais de trinta anos e sabia muito bem que não devia intrometer-se numa discussão familiar. Concentrou-se nos seus papéis, com a cabeça curvada e os olhos fixos na sua tarefa.

Eu pus uma mão no braço de Belmont.

– Monty, agradeço muito a tua preocupação. Sei que queres o melhor para mim. No entanto, não sou tola, sabias? Leio os mesmos jornais que tu e entendo que comprar uma ação a um preço alto e vendê-la a um preço baixo não é rentável. Sei que os caminhos de ferro geram mais lucros do que os canais e que as minas de ouro são empresas arriscadas. Além disso – disse, com um sorriso, – agora que acabo de receber uma fortuna, achas que tenho vontade de a perder?

Bellmont não se deixou apaziguar. Sacudiu a minha mão da sua manga, com expressão pétrea.

– És tonta, Julia. Não sabes nada de negócios e muito menos de investimentos. Nem sequer tens trinta anos e achas que sabes tanto como os teus mais velhos.

– Não preferes dizer «como os teus superiores»? – perguntei-lhe com sarcasmo. Ele sobressaltou-se um pouco. As críticas e a insinuação de que estava a ser arrogante afetavam-no sempre.

– Lavo as mãos deste assunto – disse com voz entrecortada. – Quando tiveres perdido o dinheiro e estiveres na miséria, não me peças ajuda.

O meu pai olhou para Belmont com os seus olhos verdes brilhantes.

– Não. Atrevo-me a dizer que acudirá a mim se se encontrar numa situação difícil e eu ajudá-la-ei, tal como sempre ajudei todos os meus

filhos.

Bellmont ruborizou-se intensamente e eu estremei. O meu pai estava a provocá-lo. Bellmont tinha-lhe pedido ajuda numa ou duas ocasiões, mas fazê-lo incomodava-o muito mais do que a qualquer um de nós. Parecia-lhe que, sendo o mais velho e o herdeiro, tinha de ser completamente independente, o que era absurdo. Ele devia viver do património dos March e fazia-o. Fiscalizava muitas das terras e propriedades em nome do nosso pai e o seu futuro estava tão entrelaçado com o futuro da família que era impossível separá-los. Inclusive o seu título era um empréstimo, um título de cortesia que provinha da propriedade do nosso pai de Bellmont Abbey. O meu irmão não tinha nada que fosse realmente dele e penso que, às vezes, a forte natureza idílica da sua existência era demasiado para ele.

Como naquele momento. Ainda inflamado pela humilhação, levantou-se, dedicou-nos uma reverência de cortesia e foi-se embora, fechando a porta suavemente ao sair.

Bellmont nunca faria uma cena, nem bateria com a porta. Era demasiado controlado para isso, embora às vezes me perguntasse se o que o meu irmão necessitava precisamente não seria uma explosão de fúria de vez em quando. Ele desejava com todas as suas forças ter uma vida normal, discreta. Nesse sentido, éramos parecidos: ambos queríamos que nos considerassem convencionais. Tínhamos passado grande parte da nossa existência a tentar reprimir a nossa tendência inata para o selvagem. Eu sabia que lhe custava muito. Perguntei-me quanto tivera de pagar eu.

Olhei para o meu pai e vi que estava a sorrir a Crab.

– Oh, não te rias... Foi horrível. Eu não queria ferir-lho o orgulho e tu devias envergonhar-te. Bellmont não suporta que gozem com ele.

– Então, não devia pôr-se a jeito com tanta facilidade – replicou o meu pai.

O senhor Teasdale e o meu pai trocaram uns quantos comentários amáveis e o advogado, depois de dizer que estava à nossa disposição para qualquer coisa, deixou-nos. O meu pai calou-se para que eu relaxasse, mas eu não o fiz. Continuei a olhar pela janela para o jardim. Estando em maio, a vista era pouco prometedora e perguntei-me se Whittle teria tentado novamente manter-se sóbrio. Era um jardineiro brilhante quando o álcool o inspirava, mas, quando se mostrava comedido com a bebida, o jardim sofria as consequências.

– Oh, não te zangues, Julia... O aborrecimento passará a Monty. Está a passar por uma fase difícil. Lembro-me de quando eu tinha quarenta anos. É uma idade difícil. É a idade em que um homem descobre que já é tudo o que vai ser. A descoberta agrada a alguns. Suspeito que não ao teu irmão.

– Suponho que tenha de acreditar no que estás a dizer. Mas podias ser um pouco mais amável com ele. A única coisa que quer é agradar-te – o meu pai cravou-me um olhar severo e eu tive de ceder. Sorri. – Bom, está bem, isto foi um pouco exagerado. Mas penso que Monty gostaria que aprovasses o que faz. Tornar-lhe-ias a vida muito mais fácil.

O meu pai abanou desdenhosamente a mão.

– Uma vida fácil é uma vida aborrecida, querida. Bom, bebemos um chá? Ou preferes uma coisa mais terapêutica, como um brande?

Eu estremecei.

– Chá, obrigada. O brande recorda-me sempre os xaropes para a tosse que a Nanny nos obrigava a beber quando éramos crianças.

Ele tocou a campainha.

– Isso é porque os xaropes eram brande. A Nanny sempre disse que o melhor remédio para uma constipação era o brande de cereja.

Aquilo não me surpreendeu. A Nanny dava-nos sempre beberagens duvidosas quando estávamos doentes. Era um milagre que não tivesse envenenado nenhum de nós.

Hoots apareceu na sala. A sua cara comprida, já por si sombria, tinha uma expressão mais séria do que o normal em honra à ocasião. Hoots trabalhava há mais de quarenta e cinco anos para a família e encarava as nossas tragédias como se fossem suas. O meu pai pediu-lhe o chá e depois esperámos que no-lo levasse num silêncio cómodo, interrompido somente pelo tiquetaque do relógio e por algum suspiro de satisfação de Crab.

Quando Hoots chegou novamente, trazia uma bandeja com o chá, sandes, biscoitos, torradas e bolos variados. O meu pai e eu animámo-nos consideravelmente e Crab, também. A cadela sentou-se educadamente enquanto eu servia o chá. Entreguei um prato com comida ao meu pai e pus outro com sandes de presunto no chão para ela. Crab comeu ruidosamente enquanto abanava a cauda de felicidade sobre o tapete. O meu pai brincou com um queque e pigarreou.

– Penso que te devo um pedido de desculpas, Julia.

– Porquê? O chá está delicioso e a cozinheira lembrou-se de servir o doce de ameixa, o meu preferido.

– Não é pelo chá, filha – respondeu ele. Pousou cuidadosamente a chávena, como se estivesse a pensar no que ia dizer. – Nunca deveria ter permitido que te casasses com Edward. Acreditei que serias feliz com ele.

Eu pus um cubo de açúcar no chá e mexi-o.

– Fui. Acho eu. Pelo menos, tão feliz como poderia ter sido com qualquer um nessas circunstâncias – ele não disse nada, mas eu dei-me conta de que estava preocupado. Esbocei um sorriso forçado.

– A sério, papá. Tu não tens de te reprovar nada. Na altura, disseste-me que tinhas dúvidas. Fui eu que insisti.

Ele assentiu.

– Sim, mas, durante estes anos, pensei com frequência que deveria ter feito mais para o evitar.

Então, pensei em algo que me causou inquietação.

– Falaste disso com a família? – perguntei-lhe. Recordava Beatrice, inclinada com rigidez sobre o seu trabalho, sem me olhar nos olhos.

– Sim. As tuas irmãs estavam preocupadas contigo, sobretudo Bee. Vocês as duas sempre foram muito unidas e suponho que ela notasse a tua infelicidade. Disse-me que nunca lhe tinhas feito nenhuma confidência a esse respeito. Eu sabia que, se não tinhas falado do assunto com Portia ou com ela, não tinhas falado com mais nenhuma das tuas irmãs.

– Não. Não é fácil fazer uma confidência a Nerissa. Nem a Olivia. Tanta perfeição é um dissuasivo.

O meu pai sorriu sem conseguir evitá-lo.

– Sim, suponho que sim. Mas, filha, se eras infeliz, deverias ter recorrido a nós, a qualquer um de nós.

– E com que propósito? Sou uma March. O divórcio era impensável. Ofereci a Edward libertá-lo das suas obrigações conjugais, mas ele não quis sequer ouvir-me. Então, para que ia falar disso? Para que ia lavar a nossa roupa suja?

– Porque talvez tivesse aliviado a tua solidão – disse ele, com ternura. – Falaste com Griggs?

Eu pousei a chávena. Não conseguia saborear o chá. Deixava-me um gosto amargo na boca.

– Sim. Não havia nada a fazer. Foi um duro golpe, na realidade, e uma surpresa desagradável, vindo de uma família tão prolífica como a nossa. Qualquer pessoa teria suposto que, pelo menos, podia ter um.

Fez-se silêncio e o meu pai e eu pegámos novamente nas chávenas. Pelo menos, isso proporcionava-nos alguma coisa para fazer. Ofereci-lhe outro queque e ele deu um bocado a Crab.

– Bom, e tens intenção de acolher Valerius em Grey House? – perguntou-me finalmente.

Aliviou-me a mudança de assunto, mas só um pouco. Val era um assunto delicado com o meu pai e eu sabia que devia ter cuidado.

– Pelo menos, durante um tempo. E também a Alegre. Preocupa a tia Hermia que possa parecer impróprio que eu partilhe a casa com Val e com Simon sem uma acompanhante adequada.

O meu pai soltou um suspiro.

– Simon está prostrado na cama. A sua doença é acompanhante suficiente.

– Não importa. A tia Ursula ajudou-me muito. Quando se apercebeu de que não há esperança de que Simon viva muitos mais anos, encarregou-se dele. Lê-lhe poemas e leva-lhe doces da cozinha. Acho que se divertem juntos.

– E Val? – insistiu o meu pai. – Que tal encaixa na tua pequena coleção de animais selvagens?

– Vai e vem. Principalmente, vai. Não o vejo muito, mas ambos estamos satisfeitos. E, quando está em casa, é muito agradável.

O meu pai arqueou os sobrolhos.

– A sério? Surpreende-me.

– Bom, fica no seu quarto e deixa-me em paz. Não exige que o entretenham. Não penso que pudesse suportá-lo.

– Continua com os seus estudos?

Eu escolhi as palavras com cuidado. O empenho do meu irmão em estudar Medicina fora a causa dos seus muitos problemas com o meu pai. Se Val só tivesse querido ter conhecimentos teóricos ou a licença de médico, talvez o meu pai o tivesse aprovado. No entanto, um homem não deseja que o seu filho seja cirurgião. Isso granjearia a Val rejeição social. Fechar-lhe-ia muitas portas.

– Não tenho a certeza. Como já te disse, vejo-o pouco.

– Hum... Hum... E qual é o seu diagnóstico da doença de Simon?

Aquelas palavras tinham um tom sarcástico, mas ligeiro. Talvez o facto de ter Val fora da sua casa estivesse a suavizar o meu pai.

– Val não o examinou. Simon é acompanhado pelo doutor Griggs. Foi Griggs quem insistiu em que Simon não assistisse ao funeral. Poderia ter ido na cadeira, mas Griggs temia que a humidade do ar o afetasse. Simon continua na mesma, falha-lhe o coração. Provavelmente, será uma questão de meses, de um ano no máximo, até que tenhamos de o enterrar também.

– E aceitou-o?

– Não sei. Não falamos disso. Temos tempo.

O meu pai assentiu e eu bebi um gole do meu chá. Sentia-me um pouco melhor, embora não muito. A morte de Edward deixara-me com grandes recursos económicos, mas com poucos recursos pessoais. E ainda tinha um ano de luto por diante, e outra perda para chorar.

– A tua tia Hermia esperará uma boa doação ao seu abrigo quando se souber a notícia da tua herança.

Eu sorri.

– E tê-la-á. O seu abrigo é uma empresa admirável.

O abrigo era conhecido como Abrigo Whitechapel para a Reforma de Mulheres Arrependidas. Era o projeto especial da tia Hermia e um poço sem fundo de dinheiro. Havia sempre mais alguma prostituta para alimentar, vestir e educar, e uma conta de velas, vestidos e livros de exercícios. A tia Hermia tinha conseguido um grupo de patrocinadores que contribuía generosamente para poder reformar as prostitutas e transformá-las em criadas. No entanto, os seus bolsos também não eram infinitos. A minha tia procurava constantemente novos doadores e eu sentia-me feliz por poder ajudá-la. Ela também convencia a família a aparecer por lá e a dar algumas aulas, mas eu preferia enviar dinheiro. Já chegava que contratasse as minhas criadas de entre o seu pequeno rebanho de ovelhas desencaminhadas. Ajudar Morag era suficiente para mim.

– E tenho a certeza de que uma ou duas libras também calharão bem às arcas da Sociedade de Amigos de Shakespeare – disse ao meu pai.

Ele dedicou-me um sorriso resplandecente. Aquela associação era o seu projeto, tal como o abrigo era o da minha tia. Consistia num grupo de homens de idade avançada que escreviam ensaios eruditos sobre o dramaturgo e comentários mordazes sobre os ensaios de outros. Havia muitas recriminações, inclusive violentas por vezes, nas suas reuniões mensais. O meu pai gostava imenso.

– Obrigado, querida. Vou dedicar-te o ensaio que estou a escrever agora. É sobre o uso das alusões clássicas nos sonetos. Sabias que...

Aquilo foi a última coisa que ouvi. O meu pai era capaz de tagarelar sobre Shakespeare até ao dia do juízo final. Eu bebi um gole do meu chá e deixei-o falar. Estava ensonada. O intumescimento que tinha sentido de manhã dissipara-se e já só me sentia exausta. Bebi o resto do chá e dispus-me a pousar a chávena no pires.

No entanto, ao fazê-lo, vi as folhas de chá que se tinham colado ao interior da chávena, formando as curvas perfeitas de uma serpente. Eu não sabia interpretar o significado dos desenhos das folhas de chá, mas tínhamos conhecido adivinhas ciganas em Sussex e tinham-me lido o futuro nas folhas muitas vezes. Não acreditava que as serpentes fossem bons augúrios. Encolhi os ombros e ouvi amavelmente o meu pai.

Passaram semanas antes que me preocupasse em saber o que predizia aquela forma de serpente. No entanto, então o perigo já estava perto.

## Quatro

«Homicídio cruel, como todos o são; mas o mais cruel, o mais injusto e o mais pérfido.»

William Shakespeare, *Hamlet*.

A minha família ficou só até acabarem as carnes frias e as bebidas do funeral. Assim que se retiraram as bandejas e as garrafas, foram-se embora e o meu pai levou-me a Grey House. Estava diferente. Estava cheia de coroas funerárias, tinha a aldraba da porta coberta para amortecer o ruído. Os espelhos estavam cobertos por panos pretos. Também os criados estavam vestidos de luto. Aquela foi a chegada a casa mais deprimente de toda a minha vida e, quando a porta se fechou atrás do meu pai, senti-me a afundar.

Graças a Deus, tinha Morag. Ao ver a minha cara de angústia, deu-me um uísque enorme e obrigou-me a deitar-me. Eu tinha-me constipado um pouco no funeral e durante os dois dias seguintes dei-me ao luxo de permanecer na cama. Morag levava-me a comida numa bandeja, pratos simples e bem cozinhados. Indicou a Aquinas que me dispensasse das visitas e recusou-se a levar-me a imensa correspondência que continuava a chegar a Grey House. As únicas cartas que me permitia ler eram as da minha família, de parentes que estavam demasiado longe ou demasiado doentes para terem empreendido a viagem a Londres e ter assistido ao funeral.

Ao contrário de outras cartas de condolências, estas eram pequenas obras-primas de originalidade, cheias de brincadeiras familiares e fragmentos de notícias que tentavam mais divertir do que consolar. O meu irmão Ly enviou-me um poema épico bastante irreverente que tinha escrito sob o sol quente de Itália enquanto bebia uma boa quantidade de vinho tinto. O seu companheiro de viagem, o meu irmão Plum, enviou-me um desenho de mim mesma de luto, com umas asas pretas de borboleta em sinal de luto. Morag encontrou-me a chorar sobre elas e, sem piedade,

arrebatoou-mas e deixou-as junto do resto da correspondência que não me permitia ler.

– Terá tempo para ler tudo aquilo quando se encontrar melhor – disse-me com severidade. – Agora, acabe o seu pudim e eu leio-lhe um capítulo de *Ivanhoe*.

Eu fiz o que me ordenou. Era como ser criança outra vez: bolos, chá com leite, histórias de cavaleiros andantes... Tive a tentação de ficar ali encerrada, de luto, durante um ano inteiro.

No entanto, o tédio acabou por vencer. Por fim, levantei-me, vesti a roupa de viúva, submeti-me a um dos maus penteados de Morag e desci as escadas para começar a responder às cartas de cortesia, o que não serviu para aliviar o aborrecimento. Ao contrário das da minha família, aquelas eram notas breves, cheias de frases feitas, sem imaginação, embora quisessem transmitir amabilidade.

Com um suspiro, deixei-as de lado pouco depois e comecei a pensar na minha situação. Não foi um exercício agradável. Tinha uma casa, mas era sombria e estava cheia de correntes de ar. Sempre fora mais o lar de Edward do que o meu e sempre tinha refletido a sua personalidade. Ao terem-lhe arrancado o encanto do meu marido, era uma concha vazia e, além disso, teatral.

Edward tinha um gosto mais grandioso do que o meu e tinha decorado todas as divisões. As paredes da sala do pequeno-almoço eram pintadas às riscas, a sala de estar era azul Wedgwood... Ele expressava-se de um modo exuberante. Não restara nenhuma divisão que tivesse um traço da minha personalidade. O meu marido tinha decorado inclusive o meu quarto e o meu toucador como presente de casamento. Era de estilo grego, de mármore branco, com cortinas azuis. O efeito era muito belo, mas frio, quase como o próprio Edward, pensei com deslealdade.

Só tinha permitido os meus caprichos no meu pequeno estúdio, situado na parte traseira da casa. Eu levara para lá um velho sofá vermelho de March House. O veludo estava a começar a desfiar. Havia almofadas bordadas pelas minhas tias, uma poltrona cómoda que tinha pertencido à minha mãe... As pinturas não eram especialmente boas. Edward tinha comentado, com ironia, que seriam apropriadas para uma casa de campo de Cotswolds. Eram paisagens e retratos de animais, coisas que eu tinha encontrado na arrecadação de Bellmont Abbey. Não tinham valor, mas recordavam-me o campo onde eu tinha crescido e via-me com frequência a

caminhar dentro delas entre colinas verdes e acariciando ovelhas de lã esponjosa. Era algo absurdo e sentimental da minha parte, mas sentia-me muito unida a Sussex e às minhas lembranças de infância. A minha mãe tinha morrido quando eu era pequena, mas o resto da minha vida fora fácil, sem complicações. As coisas só me pareciam difíceis em Londres.

Portanto, além do meu pequeno refúgio desorganizado, eu não gostava muito da minha casa. Claro que tinha sempre a minha família, pensei com alegria. Desde o ligeiramente estranho ao completamente excêntrico, todos eram um consolo. Sabia que me amavam muito, mas também sabia que não me entendiam absolutamente. Eu nunca me tinha batido em duelo, nem me tinha escapulado com o cocheiro, nem tinha entrado nua, a cavalo, em Whitehall, atos pelos quais os March eram famosos. Eu nem sequer tinha um macaco de estimação, não usava turbantes, nem pintava os meus cães de cor-de-rosa. Vivia discretamente, convencionalmente, como sempre quisera, e isso era, na minha opinião, uma decepção para eles.

Tinha também a minha fortuna e uma boa saúde. No entanto, ambas as coisas podiam desaparecer da noite para o dia. Esfreguei os olhos. Estava a tornar-me cínica e isso também não contribuía para melhorar o meu estado de espírito. Apoiei a cabeça na secretária.

– Querida, é realmente assim tão horrível? – perguntou-me alguém da porta. Eu olhei para cima.

– Portia... Não sabia que estavas aqui.

– Disse a Aquinas que não me anunciasses. Queria fazer-te uma surpresa.

A minha irmã entrou na sala, cheia de xailes pretos e plumas, envolta numa nuvem de perfume de rosas. Ela era a única pessoa que conseguia converter o luto em algo glamoroso. Sentou-se na poltrona da nossa mãe, embalando o seu velho cão contra o peito.

– Tinhas de trazer essa criatura repugnante?

Ela fez uma expressão de desagrado e acariciou-o com o nariz.

– Não devias falar assim do senhor Pugglesworth. Ele adora-te.

– Não, não é verdade. Mordeu-me no mês passado, lembra-te?

– Tolices! Isso foi uma dentadinha de amor. Ele adora a tia Julia, não é, querido?

Elogiou o cão durante um minuto e, depois, depositou-o sobre a minha almofada favorita.

– Oh, Portia, por favor! Nessa almofada, não. É um cão flatulento.

– Oh, não sejas má, Julia... Puggy não é nada disso.

Eu voltei a apoiar a cabeça na secretária.

– Porque vieste?

– Porque sabia que estarias a pensar num suicídio pouco criativo e queria ajudar.

Levantei a cabeça o suficiente para olhar para ela.

– Não, ainda não. Mas confesso que estou angustiada. Portia. O que vou fazer?

Ela inclinou-se para diante. Os seus olhos, do verde da família March, brilhavam com intensidade. Portia sempre fora a mais bela das minhas irmãs e sabia como usar os seus encantos.

– Podes começar por deixar de te compadecer – disse, com tom vagamente reprovador. – E não faças caretas. Digo-te isto porque alguém tem de to dizer. Já tiveste tempo de te habituar à ausência de Edward. Está na hora de admitires que não foi um golpe assim tão terrível.

Eu suspirei e apoiei o queixo entre as mãos.

– Eu sei. Mas sinto-me muito mal, muito desleal ao reconhecer que na realidade me sinto liberta.

– Pois, não devias. Como achas que me senti quando Bettiscombe morreu?

– Parece-me que a situação é diferente – repliquei eu ao recordar o seu marido. – O falecimento de Bettiscombe foi uma libertação para ele. Estava doente há anos.

– E Edward também – disse a minha irmã, com uma certa acidez. – Nós as duas casámo-nos com homens adoentados, querida. A única diferença é que todos pensávamos que Bettiscombe era hipocondríaco.

E era, coitado... Estava sempre a medir a temperatura e o pulso. Tinha quarenta e cinco anos quando Portia se casara com ele e, naquela altura, parecia um homem robusto. Todos estávamos convencidos de que as suas gotas para a garganta e os emplastros para o peito eram uma afetação encantadora. No entanto, durante o primeiro inverno que tinham passado juntos na casa de Bettiscombe, em Norfolk, ele apanhara uma gripe e tinha morrido rapidamente. Portia tinha-se convertido numa viúva rica de vinte anos.

Claro que Portia não se tinha sentido assim tão triste. Em Londres, Bettiscombe era engraçado, brincalhão e estava sempre disposto a divertir-se, embora se agasalhasse muito e se protegesse obsessivamente das correntes de ar. No campo, convertia-se num ser aborrecido que se

levantava às seis da manhã e se deitava às oito da noite. Tudo o que preocupava, pois não tinha as distrações de Londres, e deixava com frequência Portia na companhia da sua prima solteirona e pobre, Jane. Ele morrera antes que a verdadeira natureza da relação das mulheres se tornasse evidente e Portia voltara para Londres sem perder tempo, acompanhada de Jane, para estabelecer a sua residência na elegante casa que Bettiscombe lhe deixara na cidade. Eu sabia que a minha viuvez não seria tão interessante para a minha família como fora a de Portia.

– Mas deves ter tido uma ponta de culpa, pelo menos – disse-lhe.

Portia franziu o sobrolho. Não gostava que lhe recordassem coisas que tinha esquecido minuciosamente.

– Não precisamente culpa – disse ela. – Era um pouco mais complicado do que isso. Eu tinha Jane como compensação e penso que farias melhor se tivesses em conta as tuas próprias vantagens em vez de te lamentares e tentares convencer-te de que perdeste o amor da tua vida.

– Portia, isso é muito cruel!

Ela respondeu sem me olhar.

– Sei que desejas chorar Edward. Era uma pessoa encantadora e todos o apreciávamos. No entanto, o homem que enterraste não é o menino com que brincavas. Não cometes o erro de ficar junto do seu túmulo e esqueceres-te de viver o resto da tua vida.

Doíam-me os dedos e dei-me conta de que tinha os punhos apertados no regaço. Levantei-me.

– Portia, não desejo falar disso agora. Nem contigo, nem com ninguém. Comportar-me-ei da maneira mais adequada para mim, não para te agradar a ti, nem ao papá – disse e, depois de terminar com grande dignidade, dirigi-me para a porta.

– Aleluia! – disse ela suavemente, sem sair da poltrona. – A ratinha começou a rugir.

Ao sair, bati com a porta.

Passei o resto do dia zangada pelo tratamento horrível que tinha recebido às mãos da minha irmã e tentando não pensar na possibilidade de que tivesse razão.

Edward fora o meu melhor amigo e companheiro de infância em Sussex. As propriedades dos nossos pais eram coladas e Edward e o seu primo mais novo, Simon, tinham-se juntado com frequência às nossas brincadeiras, peças de teatro e passeios pelo campo.

Na adolescência, como todas as minhas irmãs, fiz a minha apresentação à sociedade, mas fui a única que guardou as distâncias com os poucos que se aproximaram. Suponho que, tendo crescido a ler histórias de cavaleiros andantes, estava à espera que aparecesse o meu verdadeiro herói. E pareceu-me heroico que Edward deixasse de seguir alguma beldade pelo salão de baile e fosse sentar-se ao meu lado, junto dos vasos das palmeiras, a beber ponche comigo. Eu não era como as demais raparigas, não sabia manter conversas frívolas, nem tinha artimanhas para deslumbrar os pretendentes. Eu era franca e inteligente. Tinha a língua afiada e também era suficientemente cruel para manter os velhacos e os descarados afastados com ambas as coisas.

Quanto aos jovens que teria gostado de ter como companheiros... Era melhor a repeli-los do que a atrai-los. Eu não enjoava, não tinha um frasco de sais, nem estremecia quando alguém falava de aranhas. O meu pai tinha-nos educado para que desprezássemos tais comportamentos.

Como os meus irmãos, eu desfrutava de uma conversa sobre bons livros e política, sobre ideias novas e países estrangeiros. No entanto, isso não agradava aos jovens do meu círculo. Queria bonequinhas com uma gargalhada doce e a cabeça vazia.

Todos, salvo Edward. Ele estava sempre contente ao lado. Inclusive dançava comigo, embora isso representasse um tremendo risco para os seus pés. Falávamos durante horas de coisas que os outros rapazes não entendiam. As pessoas começaram a comentar e a ligar os nossos nomes, e, por fim, durante uma valsa especialmente dolorosa, Edward sorriu e pediu-me que me casasse com ele.

Eu pensei durante uma semana. Nem sequer sabia se queria casar-me. O meu pai não me disse nada, mas indicou-me a estante da biblioteca onde guardava John Stuart Mill, Mary Wollstonecraft e inclusive, surpreendentemente, Annie Besant. Todas aquelas leituras era desalentadoras: o casamento tinha poucas vantagens para a mulher.

No entanto, o celibato não tinha muitas mais. Eu já me tinha fartado de ser alvo de sussurros atrás dos leques e de olhares ávidos. Estava certa de que comentavam que eu não tinha a mesma beleza que as minhas irmãs, que não me casaria tão bem como elas. Aqueles sussurros e aqueles olhares seguir-me-iam o resto da minha vida se não me casasse, especulando sobre que defeito meu teria espantado os pretendentes. Eu não conseguia suportá-lo. Já era consciente do quanto se falava sobre nós, os March, e de como

parecíamos divertidos aos membros da alta sociedade. Só o parentesco do meu pai com a rainha nos livrava de nos tornarmos alvos de piadas.

O que mais desejava era a moderação, ter um casamento tranquilo, discreto, com um lar normal onde pudesse criar filhos perfeitamente normais. Isso parecia-me mais atraente do que os diamantes. Além disso, como mulher casada poderia viajar com mais facilidade, ter amigos varões sem provocar desconfianças, viver na minha própria casa além de na dos meus familiares, que eram tão enlouquecedores como encantadores para mim. Serenidade, e um pouco de espaço próprio, isso era o que representava para mim o casamento.

Portanto, aceitei o pedido de Edward numa noite fria de primavera. O meu pai deu-nos a sua bênção, mas com a condição de que eu passasse o verão a viajar com a minha tia Cressida. Foi a única coisa que me pediu e Edward acedeu de boa vontade. Ele passou o verão com os seus amigos em Sussex, enquanto eu percorria o Distrito dos Lagos com a minha tia idosa e os seus gatos.

Edward e eu casámo-nos em dezembro daquele ano, em Londres. Eu acreditava que era uma noiva feliz. Caíam-me as coisas: o ramo, a caneta para assinar o registo... Quando saíamos da igreja, ouvi o canto de um galo. Aquele era o pior presságio para uma noiva no dia do seu casamento. No entanto, olhei para Edward e, ao ver a sua cara sorridente, dei-me conta de como estava a ser tola. Era o meu amigo, o meu companheiro de infância. Não era um estranho para mim. Como ia arrepende-me de me ter casado com ele?

Por fim, não houve nada a recear. Nenhuma grande tragédia. Só pequenos problemas, pequenas tragédias que podiam desgastar um casamento. Não tivemos filhos e a saúde de Edward começou a debilitar-se. Começámos a dedicar-nos às nossas próprias atividades e a passar menos tempo juntos. Edward era minucioso e exigente, algo que eu sempre tinha notado, mas que nunca tinha considerado no contexto da nossa vida em comum. Significava que as coisas deviam fazer-se tal como ele queria para que estivesse satisfeito. A decoração da casa, o corte dos meus vestidos, o dobrar das toalhas, a disposição da mesa.

Ao princípio, eu ria-me, mas ele tornou-se mais obstinado e, depois de algum tempo, dei-me conta de que era mais fácil deixar que levasse a dele avante. A casa mantinha-se tal como gostava, a minha roupa era encomendada à modista da sua falecida mãe e nas cores que lhe agradavam,

embora eu soubesse que não me favoreciam. No entanto, isso fazia-o feliz e era fácil eu convencer-me de que aquelas coisas não tinham importância. Tínhamo-nos casado há pouco tempo quando eu já não me reconhecia. Ia-me perdendo a mim mesma a pouco e pouco e não sabia como recuperar-me. O meu único refúgio era o meu estúdio, onde tinha os meus livros favoritos e os móveis descartados da casa do meu pai.

Naquela sala, vestia um velho vestido que Edward detestava. Ele aprendeu a não entrar lá e eu aprendi a encerrar-me entre as suas quatro paredes sempre que precisava de me sentir como Julia March outra vez, nem que fosse apenas durante um instante. Era o lugar onde me escondia quando queria rebelar-me contra a normalidade que tinha considerado tão necessária, que tanto tinha desejado. Entrava ali e acalmava-me, e encontrava a paz, deixando que levasse a dele avante mais uma vez. Eu tinha o receio de que, se me mantivesse firme, se discutisse por causa de um vestido vermelho ou por causa de umas cortinas de veludo, tomaria o caminho para aquilo que queria evitar. Havia demasiada cor no facto de ser uma March e Edward, com a minha ajuda, fazia tudo o que lhe era possível para pintar a minha existência de bege.

Também penso que eu cedia com tanta frequência porque sabia que ele não ia viver muito tempo. Na nossa casa reinava uma sensação de espera, de vigilância, caso se desse o ataque final, caso os sintomas piorassem, caso precisássemos de chamar o médico e de nos prepararmos para o pior. Isso tinha contribuído para criar uma vida de insegurança e eu não queria ter de viver a mesma situação com Simon. Sim, ele não era o meu marido, mas eu gostava muito dele, tanto como se fosse um dos meus irmãos. O facto de saber que não lhe restava muito tempo era difícil de suportar. Um ano no máximo, dissera o médico. E podia fazer tão pouco por ele durante esse ano...

Mas o que aconteceria depois? O que seria de mim quando acabasse o luto? A vida que levava como esposa de Edward parecia-me intoleravelmente pequena. E, apesar do seu tamanho, Grey House produzia-me claustrofobia. O ar estava tão morto como o de um túmulo e as divisões estavam cheias de lembranças que não queria conservar. Como ia libertar-me delas?

Certamente, poderia convencer a Alegre a ir à procura de perdas mais próximas. Diria a Val que arrendasse um quarto ou que voltasse para a casa do meu pai. Grey House ficaria vazia e aquelas divisões enormes ficariam

geladas. Era demasiado grande para uma viúva sem filhos. Poderia vendê-la e comprar uma casa mais pequena, algo que também ficasse perto do parque, mas numa rua mais tranquila. Algo elegante e discreto, com menos empregados, talvez só Aquinas e Morag, a cozinheira, algumas criadas e Diggory, o cocheiro. O batalhão de criados que fazia falta para manter Grey House poderia empregar-se noutros lugares. Os lacaios eram um luxo extravagante e inútil, e também podiam receber boas referências e procurar trabalho noutra casa.

Quanto mais pensava na ideia, mais me animava. Percorria as divisões de Grey House, catalogando mentalmente as peças que levaria e as que venderia com a casa. Havia pouco que quisesse, na realidade. Quase todos os quadros e móveis tinham a marca de Edward. Eu queria começar do zero, com coisas que eu tivesse escolhido.

No entanto, para levar a cabo todos esses planos, ia necessitar de tempo. Podia demorar meses a vender a casa, comprar uma nova e arranjá-la para viver. Decidi delegar todas essas gestões e passar esse período a viajar. Iria a Paris e a Itália, faria uma viagem pelo continente. Já conhecia Paris, mas não tinha ido mais além e atraía-me a ideia de conhecer a Europa. Tantas lojas e museus, tanta cultura e tanta beleza... Ópera, pintura, livros, concertos... Tinha um redemoinho de ideias na cabeça. Podia passar tanto tempo quanto quisesse no estrangeiro.

E, para facilitar mais as coisas, os meus irmãos Ly e Plum estavam em Itália, pois tinham descoberto que podiam viver de forma tão económica lá como em Londres. Eram artistas: um, poeta e escritor, e o outro, pintor. Far-me-iam companhia e far-me-iam rir. E, quando precisasse de estar sozinha, poderia ir a Perugia, a Roma, a Capri, a Florença...

As possibilidades eram ilimitadas. Nem sequer tinha de fixar a data de regresso, senão ir mudando de cidade quando quisesse. A ideia era mais embriagadora do que qualquer bebida alcoólica que tivesse bebido na minha vida.

Tirei da biblioteca de Edward todos os livros que encontrei sobre a Itália. Estudei minuciosamente os mapas e tracei uma dúzia de itinerários. Li sobre vidas de santos, políticos e princesas, e fiz listas intermináveis de verbos a aprender e de igrejas a visitar. Em poucos dias, estava ébria com a Itália e começava a recuperar do golpe da morte de Edward. Sabia que não tinha aceitado ainda a perda, mas também sabia que teria de sofrer aquela dor lentamente. Distrair-me-ia com planos e projetos, e passaria o meu

primeiro ano de luto com uma ocupação. E, por fim, poderia pensar em Edward com carinho e melancolia.

Como é óbvio, não aconteceu nada disso, embora não fosse culpa minha. Penso que o teria conseguido se Nicholas Brisbane não tivesse ido visitar-me uma semana depois do funeral. Eu estava no meu estúdio, a aprender a conjugar um verbo irregular, quando Aquinas bateu à porta.

Indiquei-lhe que entrasse e ele fê-lo, com um cartão de visita numa bandeja. Eu olhei para ele e ruborizei-me, com culpa. Pensara em escrever ao senhor Brisbane e agradecer-lhe pela ajuda que nos tinha prestado durante o colapso de Edward. Ao princípio, adiará-o, pois receava a tarefa. Depois, tinha-me esquecido, absorta como estava na preparação da minha viagem.

Disse a Aquinas que o mandasse entrar. Entretanto, pus a pena no tinteiro e escondi apressadamente os papéis no livro de gramática. Estava a recolher a última madeixa de cabelo com um gancho quando Aquinas apareceu novamente, seguido do senhor Brisbane.

Eu levantei-me e cumprimentei-o. Era consciente da simplicidade da sala e tecidos desfiados, que pareciam inclusive mais gastos em comparação com a sua vestimenta impecável. Usava um fato cortado pela mão de um mestre, as suas botas pretas brilhavam e apoiava-se numa bengala de ébano com o punho de prata.

– Senhor Brisbane... – disse, mas ele levantou uma mão enluvada.

– Antes de mais, deve permitir que me desculpe. Sei que é uma falta de delicadeza visitar uma viúva com tanta urgência depois da sua perda e tem de acreditar que não cometeria esta indiscrição se o assunto não fosse de extrema importância.

Eu olhei para a secretária, cheia de livros de viagens, e notei que corava até à raiz dos cabelos.

– Claro, senhor Brisbane. Eu também devo desculpar-me pela minha falta de cortesia.

Fiz-lhe sinal de que se acomodasse numa poltrona e eu sentei-me na beira do sofá. Ele sentou-se como o teria feito um gato, com ligeireza, com aquele ar de movimento suspenso que indica cautela e a capacidade de se mexer rapidamente se as circunstâncias o exigirem. Deixou o chapéu e as luvas no regaço e manteve-se agarrado à bengala.

Eu continuei rapidamente:

– Não lhe escrevi a agradecer-lhe pela sua rapidez e pelos seus recursos durante a noite em que o meu marido... desmaiou – disse. Era uma palavra insuficiente, uma palavra que eu não teria escolhido se estivesse a falar com outra pessoa.

No entanto, Nicholas Brisbane tinha algo que me intimidava. Era ridículo que me inquietasse aquele homem que não conhecia e cujo berço e circunstâncias se situavam abaixo de mim. Alisei a saia distraidamente ao dar-me conta de que estava amarrotada. Ele estava a olhar-me com frieza, como se observasse um espécime desagradável pelo microscópio. Eu levantei o queixo, tentando aparentar uma atitude distante, mas não o consegui.

– Não pense nisso, imploro-lhe – pediu-me ele e sentou-se mais comodamente. – Senti-me gratificado por poder prestar aquele pequeno serviço a *sir* Edward num momento de necessidade.

Eu ouvia Aquinas a andar pelo corredor. Como todos os bons mordomos, Aquinas era discreto no seu trabalho. Aqueles ruídos eram sinal de que estava a postos se eu o necessitasse.

– Apetece-lhe beber alguma coisa, senhor Brisbane? Um chá?

Ele disse que não e, ao ficar sem a ocupação de servir um lanche, senti-me perdida. Corresponhia-me, como anfitriã, puxar um assunto respeitável, mas a educação falhou-me. A única coisa que tínhamos em comum era algo do qual já tínhamos falado e do qual não podíamos voltar a falar. Parecia que o senhor Brisbane se sentia cómodo com aquele silêncio, mas eu, não. Recordei as longas partidas de xadrez que jogava com o meu pai, quando um ou o outro se esquecia de que era a sua vez e permanecíamos sentados, até que recordávamos que tínhamos de mexer uma peça.

De facto, quanto mais estudava o senhor Brisbane, mais me recordava um rei do xadrez. Era gentil e duro, de uma dignidade implacável. Era mais moreno do que qualquer homem que eu conhecesse, com os olhos pretos como o carvão e o cabelo ondulado, também preto, que teria sido a inveja de Byron.

No entanto, o meu escrutínio não lhe agradou. Arqueou um sobrolho, imperioso como um imperador. Eu fiquei impressionada. Fazia-o muito melhor do que a tia Hermia.

– *Milady*, sente-se bem?

– Mais ou menos – respondi fracamente, tentando dar com uma mentira convincente. – Ultimamente, não durmo muito.

– Isso é compreensível – disse ele. Depois, fez uma pausa e inclinou-se ligeiramente para diante, com o ar de um homem que acabava de decidir que devia fazer algo desagradável, mas necessário. – *Milady*, não vim somente oferecer-lhe as minhas condolências. Vim dar-lhe uma notícia que não lhe será grata, mas que, de qualquer modo, deve saber.

Começou a doer-me o estômago e lamentei ter saltado o almoço. Fosse o que fosse que Brisbane tinha a dizer-me, tinha a certeza de que não queria ouvi-lo.

– *Milady*, o que sabe de mim?

A pergunta apanhou-me desprevenida. Durante um instante, tentei conciliar as intrigas com o decoro. O que ouvia dizer nem sempre coincidia com o que podia repetir.

– Penso que é detetive. Um investigador privado. Ouvi dizer que resolve problemas.

Ele franziu os lábios, mas não soube se o gesto era um sorriso ou uma careta.

– Entre outras coisas. Voltei para Londres há dois anos. Desde então, tive um certo sucesso a resolver assuntos de natureza delicada para gente que não deseja partilhar as suas dificuldades com a Polícia Metropolitana. No ano passado, decidi estabelecer o negócio formalmente. Não tenho um escritório propriamente dito, nem existe uma placa que anuncie a minha profissão no meu alojamento de Chapel Street. A minha única publicidade são as referências discretas de clientes que contrataram os meus serviços e que ficaram satisfeitos com o resultado.

Eu assenti, embora não tivesse entendido quase nada. As palavras tinham sentido, mas eu não imaginava o que podia ter a ver comigo.

– A razão pela qual vim, *milady*, é porque um desses clientes era o seu falecido marido, *sir* Edward Grey.

Compreendi imediatamente o que queria dizer. Mordi o lábio, mortificada.

– Oh, lamento imenso... Os advogados do meu marido encarregaram-se da disposição das contas dele. Se tiver a bondade de se dirigir ao senhor Teasdale, ele saldará a sua conta...

– Não pretendo dinheiro de si, *milady*, só respostas.

Olhou para a porta, que permanecia aberta. Aquinas tinha o cuidado de não projetar a sua sombra no chão, mas eu sabia que não andava longe. O

senhor Brisbane também devia percebê-lo, pois, quando falou, a sua voz não foi mais do que um sussurro.

– Não considerou a possibilidade de que o seu marido morresse assassinado?

Eu dei um salto, assustada como um coelho.

– Tem um sentido de humor muito cruel, senhor Brisbane – disse com tensão. Pensei novamente em Aquinas. Se eu lho pedisse, expulsaria o senhor Brisbane de casa com a ajuda dos lacaios.

– Não é uma brincadeira, *milady*, asseguro-lhe. *Sir* Edward recorreu a mim quinze dias antes de morrer. Estava muito inquieto, inclusive receoso.

– Com o quê?

– Com a morte. Temia pela sua vida. Achava que alguém queria assassiná-lo.

Eu abanei a cabeça.

– Isso é impossível. Edward não tinha inimigos.

A frieza do semblante de Brisbane não se alterou.

– Tinha pelo menos um, *milady*. Um inimigo que lhe enviava cartas ameaçadoras.

Eu engoli em seco.

– Isso não é verdade. Ele ter-mo-ia contado.

Brisbane ficou calado, sem dúvida com a intenção de me dar tempo para que chegasse à conclusão correta por mim mesma. Finalmente, fi-lo e foi horrível.

– Acha que as enviei eu? É o que devo pensar?

– Naturalmente, ponderei essa possibilidade, mas *sir* Edward assegurou-me que era impensável. E depois de a ter conhecido...

– Não acredito em si, senhor Brisbane. Se Edward recebeu essas cartas, onde estão?

– Pedi a *sir* Edward que me entregasse para as pôr a salvo, mas recusou-se. Não sei o que fez com elas. Talvez as guardasse ou as desse aos seus advogados. Talvez as destruísse, embora eu lhe tenha rogado que não o fizesse.

– E espera que acredite nessa história sem que me proporcione a mínima prova?

– *Milady*, deve recordar que eu estava em Grey House quando *sir* Edward desmaiou. Vim cá a pedido do próprio *sir* Edward. Sugeri-lhe que, se tivesse oportunidade de observar os seus conhecidos, poderia oferecer-

lhe alguma ideia sobre quem era o responsável pelo envio das cartas e das ameaças que continham.

– O seu nome não estava na lista – disse eu; acabava de o recordar. – Eu não lhe enviei um convite. Como conseguiu entrar?

– *Sir Edward* facilitou-me a entrada.

– Pode prová-lo?

Arqueou um sobrolho quase impercetivelmente, provavelmente de irritação.

– Não, não posso. Não havia mais ninguém presente, salvo nós. Tínhamos planeado que eu chegasse com alguns minutos de antecedência para que soubesse que terreno pisava, por assim dizer.

– E ninguém o viu com Edward? Ninguém pode corroborar a sua história?

Quando vi como apertava os lábios, dei-me conta de que estava a conter a irritação com dificuldade.

– *Milady*, os meus clientes recorrem a mim porque a minha reputação é irrepreensível. Eu não tinha razão para desejar algum mal ao seu marido, garanto-lhe.

Pela primeira vez, detetei um ligeiro sotaque na sua voz. Talvez escocês, dado o sobrenome, mas, fosse o que fosse, claramente dava-se ao trabalho de o disfarçar. O facto de que lho notasse naquele momento era indicativo da sua exasperação.

– E, no entanto, não posso ter a certeza, senhor Brisbane. O meu marido morreu e, segundo o médico que o tratou toda a vida, de causas naturais. Tenho a certidão de óbito, que o diz claramente. Mas o senhor veio aqui, importunar-me na minha dor, fazendo acusações tão vis nas quais não sou capaz de acreditar. Não pode dar-me nenhuma prova, salvo o seu bom nome, e espera que isso seja suficiente. Diga-me, senhor Brisbane, qual era o seu propósito ao vir aqui?

Ele ficara pálido. Durante o meu discurso, tinha conseguido dominar o seu arrebatamento e mostrou-se novamente frio.

– Só queria emendar uma maldade, *milady*. Se o seu marido foi assassinado, o culpado deve ser levado perante a justiça.

– E receberia um pagamento por o encontrar, não é verdade? Apresentou-me motivos de peso, senhor Brisbane, mas penso que está a fazer um jogo ainda mais lucrativo.

Ao ouvir-me, semicerrou os olhos.

– Ao que se refere, *milady*?

– Penso que espera obter benefícios, senhor Brisbane. Se o encarregar de acabar a tarefa que o meu marido supostamente lhe atribuiu, receberá uns excelentes honorários, sem dúvida. E, se eu não desejar que as suas acusações apareçam nos jornais, também terei de lhe pagar, suponho.

Aquilo foi a gota de água. Levantou-se, não tão rapidamente como eu pensava, mas com movimentos lentos, decididos, que me pareceram mais intimidantes do que uma explosão de raiva. Não desviou os olhos da minha cara enquanto calçava as luvas e puxava os punhos da camisa.

– Se fosse um homem, *milady*, agredi-la-ia com gosto por esse comentário. Como não é, limitar-me-ei a despedir-me e a deixá-la com a sua dor e a sua profunda tristeza.

Disse aquelas últimas palavras olhando com desprezo para os livros de italiano que eu tinha sobre a secretária e saiu da sala.

Ouvi um murmúrio de vozes enquanto Aquinas o acompanhava até à porta. Sentia-me orgulhosa de mim mesma por me ter defendido. O meu pai costumava dizer que eu era demasiado pusilânime para o seu gosto. O senhor Brisbane tinha-me acusado de uma coisa muito grave, algo em que eu não queria pensar, e eu tinha-o enfrentado.

Voltei ao estudo dos verbos irregulares, com uma inusitada sensação de triunfo. No entanto, à medida que escrevia, dei-me conta de que me tremia a mão e, depois disso, não consegui recordar aquela visita desafortunada sem ter a certeza de que tinha cometido um erro fatal.

## Cinco

«Este despertar desconcertante e pesado da dúvida, que encerra profundos mistérios e depois os revela.»

John Wilmot, conde de Rochester, *Sátira contra a humanidade*.

– Claro que fizeste o correto, querida. Nicholas Brisbane é o tipo de homem que se leva para a cama e como isso, claramente, é algo que tu não vais fazer...

A voz de Portia apagou-se, mas o que queria dizer estava claro. Eu não era suficientemente audaz. Carecia do brio e da coragem necessárias para me deitar com um homem que mal conhecia.

– Tu também não o levarias para a cama – recordei à minha irmã, mal-humoradamente.

– Sim, mas por uma razão diferente. Jane nunca me perdoaria se voltasse aos homens. E prometi-lhe que lhe seria fiel. Tu, por outro lado, não te dedicas aos prazeres sáfcicos, portanto, serias livre de aproveitar os consideráveis encantos e a sabedoria do senhor Brisbane.

Eu olhei furtivamente à minha volta.

Os caminhos de Hyde Park, quando estavam vazios, proporcionavam um excelente cenário para conversas confidenciais. No entanto, eu temia que alguém ouvisse a minha irmã.

Ela tocou-me ligeiramente no braço e, depois, entrelaçou o seu com o meu.

– Tinha razão quando te chamei ratinha. Não há ninguém num raio de vários quilómetros.

Era verdade. Eu tinha marcado aquele encontro para as onze, hora a que os membros da alta sociedade já tinham terminado de se exercitar a cavalo pelo parque. Havia algumas crianças com as suas amas, mas estavam longe, perto da Serpentina.

– Ainda não te perdoei por me chamares isso – disse-lhe.

– Tudo bem, querida. Mas sou a tua irmã mais velha e estou no meu direito de te insultar quando for necessário.

Ambas sorrimos e ambas soubemos que ela estava perdoada. Eu nunca conseguia ficar muito tempo zangada com Portia. E menos ainda quando a necessitava.

– A que te referes com «sabedoria»? – perguntei-lhe de repente. Ela arqueou os sobrolhos com surpresa.

– Querida, devias vir a uma das minhas partidas de cartas. Caroline Pilkington é uma mexeriqueira repugnante. Desde que vá ganhando, é capaz de contar tudo.

– Queres dizer que Caro Pilkington...

– Não sejas obtusa. Parece que a sua irmã Mariah, a bonita, teve uma breve relação com ele. O marido de Mariah colocou objeções e Brisbane retirou-se graciosamente, penso que com cavalheirismo. Horace aproximou-se dele no clube, falou-lhe do seu caso, Brisbane acedeu e fumaram e tomaram um copo de conhaque juntos. Brisbane acabou com Mariah na mesma noite e ela ficou destroçada, segundo Caro. Ela teve muitos amantes e diz que Brisbane é extraordinário. Parece que, às vezes, no decurso das suas investigações, usa disfarces. Na sua relação com Mariah, usava-os por discrição. Uma vez, foi vê-la vestido de limpa-chaminés. Bastante estimulante, não achas?

Eu senti-me acalorada, apesar da frescura da manhã.

– Talvez, mas isso desvia-nos do nosso assunto. Necessito de conselho.

Portia deixou de andar e virou-se para mim com uma expressão severa.

– Não, Julia, necessitas de aventuras. Necessitas de um amante, de umas férias no estrangeiro. Tens de cortar o cabelo e nadar nua num rio. Necessitas de comer coisas que nunca tenhas visto e de falar linguagens que não conheces. Necessitas de beijar um homem que faça com que te tremam os joelhos e com que te acelere o coração.

Tinha um olhar tão entusiasta que eu me pus a rir.

– Acho que andaste a ler romances outra vez.

– E o que teria de mal? Tu saíste da casa do papá e foste para a casa de Edward sem saber nada. Passaste os últimos cinco anos casada com um homem que mal se dava conta da tua existência e que não foi um companheiro de cama interessante. Agora, és livre, rica e muito bela. Faz alguma coisa por ti mesma ou lamentá-lo-ás o resto da tua vida.

– Tinha pensado em ir a Itália – sugeri.

Ela soltou um suspiro.

– Itália... Ver estátuas e fazer compras? Não estou a falar só de umas férias. Refiro-me a que agarres as rédeas da tua vida e vivas a sério antes que seja demasiado tarde.

Portia conhecia-me muito bem.

– Não sou assim tão parada. Mandeí o senhor Brisbane dar uma curva.

– Nicholas Brisbane é uma aventura por si mesmo, Julia. Demasiado perigoso para ti, garanto-te. Fizeste bem em dispensá-lo. Se eu não fosse tão dedicada a Jane, sentir-me-ia intrigada por ele. Acreditas que ninguém sabe de onde vem? É um mistério muito grande.

– Parece-me que vem do senhor e da senhora Brisbane, sejam eles quem forem.

– Não sejas tão literal, querida. Dizem que é muito amigo do duque de Aberdour. O homem apresentou-o nos seus clubes há dois anos, mas ninguém sabe porquê. Tem algum vínculo com Aberdour? É o filho bastardo que ninguém conhecia? É possível que seja escocês, dada a sua relação com Aberdour, embora ninguém o saiba com certeza. Galês, talvez? Um conde de Saboia com um passado obscuro cheio de crimes? Um príncipe de Bonaparte que esconde a sua identidade, à espera de poder reclamar o seu trono? É tudo muito empolgante, não te parece?

– Não é empolgante, é vergonhoso. Imagina que alguém acusa o duque de Saboia, um idoso doce, de apresentar o seu bastardo à sociedade... E quanto ao príncipe de Bonaparte, é a coisa mais absurda que já ouvi na minha vida.

Portia soltou um suspiro de impaciência.

– Tu não conheces Aberdour. «Doce» não é a palavra indicada para ele. E não, não creio realmente que o senhor Brisbane seja um príncipe, mas tem alguma coisa que intriga, algo ligeiramente incivilizado, como um leão no jardim zoológico. Poderia imaginá-lo como descendente de corsários sedentos de sangue. E ficaria muito bem vestido de imperador.

– Porque pensas que é perigoso?

– Por causa do assunto do ano passado com o filho de lorde Northrup.

Portia fez uma pausa, e eu olhei-a sem entender o que me dissera.

– Pelo amor de Deus, Julia, será que nunca vais aprender a ouvir os mexericos? Podem ser muito úteis. Parece que o filho mais novo de Northrup fazia batotas às cartas. Ao princípio, controlava-se e só ganhava pequenas quantias para não chamar a atenção, mas depois começou a

tornar-se ambicioso. Começou a fazer apostas mais altas e a ganhar sempre, o que provocou suspeitas. Depenou o sobrinho do bispo de Winchester. E alguém, talvez o próprio bispo, encarregou o senhor Brisbane de o investigar.

– O que aconteceu?

– O senhor Brisbane conseguiu que o convidassem para uma partida em que ia participar o filho de Northrup. O rapaz ganhou e o senhor Brisbane acusou-o imediatamente de fazer batota. O canalha não teve outro remédio senão desafiar Brisbane para um duelo.

– Um duelo? Isso é ilegal! – exclamei eu.

Portia revirou os olhos.

– Claro que é ilegal. É muito perigoso. É por isso que é interessante, tonta. Encontraram-se ao amanhecer, com pistolas. Deram os passos, viraram-se e Brisbane disparou primeiro. Cortou os caracóis a Northrup justamente por cima da orelha.

– E depois?

– Estás bem? Ficaste corada. Estás com falta de ar?

Eu senti uma pontada de irritação. A minha irmã não conseguia ver-me a cara através do véu. Só estava a tentar estender a história e salpicá-la de incerteza. Embora, pensando bem, me sentisse um pouco acalorada.

– Estou perfeitamente bem, Portia. Continua.

Ela encolheu os ombros.

– Bom, era a vez do filho de Northrup de disparar, mas ele pensou que poderia conseguir que Brisbane se retratasse. Apontou-lhe a pistola e disse-lhe que, se retirasse a sua acusação, não dispararia. Julia, acelerou-te a respiração. Estou a ficar preocupada.

Eu agarrei-lhe firmemente o braço.

– Acaba a história.

– Muito bem. Brisbane recusou-se.

– Não!

– Sim. Olhou fixamente para o cano da pistola do jovem Northrup e o rapaz não conseguiu apertar o gatilho. Disparou para o ar e foi-se embora com grande desgosto.

Eu deixei cair a mão.

– Mas Northrup podia tê-lo matado...

– Foi por isso que disse que era perigoso – replicou Portia, com gravidade. – Um homem que se preocupa tão pouco com a sua morte pode

brincar com a vida dos outros – afirmou. Depois, a sua expressão tornou-se de picardia. – Mas é uma história fascinante, não achas? Quase consegues vê-lo lá, entre o nevoeiro, prestes a amanhecer, o sol a refletir-se nos seus caracóis de ébano...

Bati à minha irmã com a ponta da sombrinha.

– Fala a sério, Portia! Talvez tenha cometido um erro ao dispensá-lo.

Portia ficou séria.

– Não, querida. Nicholas Brisbane é um homem complicado. Tu necessitas de algo simples durante uma temporada. Deves ser egoísta e pensar em coisas felizes, fáceis, como, por exemplo, uns sapatos novos e um bom casaco de peles.

Eu quis protestar, mas ela continuou:

– E quanto às cartas de ameaça, inclino-me a pensar que o nosso ardiloso senhor Brisbane diz a verdade. Provavelmente, Edward incomodou alguém no clube com uma das suas brincadeiras de mau gosto e eles decidiram pagar-lhe na mesma moeda.

Senti-me muito aliviada.

– Claro! Deve ter sido isso. Uma brincadeira que Edward não reconheceu como tal. Então, o senhor Brisbane estava a ser sincero – disse, com tristeza. Se ele fora honrado, eu tinha-me comportado de uma forma abominável.

Portia inclinou-se para mim.

– Alegra-te. Tenho a certeza de que, além de ti, há mais de uma mulher que o vituperou. Certamente, é um risco que deve assumir pelo seu trabalho. Acredita em mim, não voltará a lembrar-se de ti.

Por algum motivo inexplicável, aquilo não me consolou. Detestava aquele homem e as suas insinuações vis sobre Edward, mas não gostava de pensar que era assim tão fácil de esquecer. Assim, agarrei-me a algo que a minha irmã me dissera antes.

– A sério que achas que sou bonita?

– É óbvio – respondeu-me ela. Ficou a observar-me atentamente através do véu. – Mas há coisas que poderíamos melhorar...

Eu olhei-a com desconfiança. Portia adorava projetos e eu não sabia onde poderíamos chegar se lhe permitisse que trabalhasse em mim. Talvez não me reconhecesse a mim mesma no final.

Então, pensei nos seus comentários: que eu necessitava de uma aventura, que Brisbane era um desafio demasiado grande para mim, que ele não

voltaria a lembrar-se de mim. E, de repente, senti-me zangada, inquieta e desesperada por fazer algo que me mudasse e que alterasse o curso da minha vida, que me levava inexoravelmente a ser uma velha viúva aborrecida.

– Então, comecemos! – disse, resolutamente.

O brilho apoderou-se do olhar de Portia. A minha irmã começou a detalhar os seus planos. Eu ouvia-a só pela metade. Sabia que poderia dar-lhe carta-branca e que ela faria exatamente o que quisesse comigo. O seu gosto era impecável e eu não tinha dúvida de que me pusera em melhores mãos do que nas da tia Hermia ou nas de Edward.

Portia continuou a falar de penteados e de espartilhos, mas eu ainda estava a pensar nos olhos escuros e nas maneiras frias de Nicholas Brisbane. Passaria um ano inteiro antes que voltasse a vê-lo. E foi então que a aventura começou realmente.

## Seis

«Porque as coisas mais doces azedam pelos seus atos e um lírio corrompido cheira qual erva-daninha.»

William Shakespeare, Soneto 94.

Como é óbvio, não me pareceu uma aventura naquela altura. Apesar dos esforços de Portia com o meu aspeto, eu continuava a passar a maior parte do tempo em Grey House, a ler para Simon, a ouvir a tia Ursula a explicar o seu último remédio para a constipação ou à espera que Val voltasse para casa dos seus cada vez mais frequentes compromissos sociais. O meu ano de luto estava prestes a acabar e eu começava a irritar-me com todas as restrições. Não tinha ido ao teatro nem à ópera desde a morte de Edward. Não dera nenhuma festa e só tinha podido ir a reuniões familiares. Às vezes, sentia-me como se estivesse encerrada no harém de um xeque, tendo em conta o pouco que punha os pés fora de casa.

Quanto à sugestão de Portia de que tivesse um amante, a mera ideia era risível. Via muito poucos homens, além dos criados ou dos meus parentes de sangue e por afinidade. Só tinha o projeto de Itália para me animar. Estava a planear a viagem até ao mais ínfimo pormenor. Enviei cartas a casas de hóspedes maravilhosas e recebi respostas sobre o alojamento. Dediquei-me com diligência ao estudo do italiano com a ajuda de Simon. Ele sempre tivera muito jeito com as línguas e era muito paciente com os meus erros.

– Tens um talento inato – dizia-me. – Poderia fechar os olhos e acreditar que és veneziana.

– Mentiroso... – respondia eu, alegremente.

Penso que éramos felizes, apesar de às vezes ter dificuldade em respirar e a febre o deixar demasiado fraco para segurar um livro. Ao notar que ofegava, eu levantava rapidamente o olhar do livro e via-o com uma mão apertada contra o peito enquanto tentava recuperar o fôlego. No entanto, nem sequer então adiava as nossas aulas.

– Está tudo aqui, minha querida – disse-me uma vez, batendo com os nós dos dedos na testa. – Agora, diz-me, como dirias «estes jardins são lindos»?

– *Questi giardini sono belli* – respondi eu.

– Muito bem. Agora, pergunta-me que árvore é esta.

– *Che albero è questo?* Mas, Simon, receio que as árvores não me interessem muito.

Ele sorriu-me, com a cara ruborizada pelo exercício e pelo prazer.

– Ah, Julia... Vais a Itália. Deves interessar-te por tudo. Deves estar aberta a todas as possibilidades.

Era estranho que Portia e ele dissessem o mesmo. Mudança, possibilidades, oportunidade... Mas, ao olhar para Simon, recordei que isso só chegaria à minha vida quando ele me tivesse deixado.

Penso que ele também o recordou, pois desviou o olhar e disse-me que começasse a contar, algo que eu já sabia fazer há um mês.

– *Uno, due, tre...*

E, desse modo, passou um ano, um pouco aborrecido, mas também agradável, até que, numa manhã de abril, me decidi a limpar a secretária de Edward. Não entrava no seu escritório há meses, pois tinha a certeza de que as criadas o mantinham impecável, mas, ao entrar, com a luz do sol da primavera a encher a sala pela primeira vez em semanas, dei-me conta de que tinham feito o trabalho com inapetência.

Havia pilhas de livros e de correspondência antiga no mesmo sítio onde Edward as deixara, organizadas segundo o seu método peculiar e atadas com fitas coloridas. Eu já tinha visto as cartas para me certificar de que não necessitavam de resposta e também à procura das que o senhor Brisbane tinha mencionado. Não tinha encontrado nada. Tinha-me sentido tão aliviada, que me tinha limitado a fechar a porta e a sair do escritório. Tinha-me sido muito fácil concentrar-me em assuntos mais prementes e fora muito fácil convencer-me de que qualquer coisa era mais necessária do que guardar as coisas de Edward. No entanto, naquele momento tinha decidido empreender a tarefa e, depois de pedir um chá e sandes, pus mãos à obra.

Uma hora depois, avançara muito. Já tinha revisto os documentos e as cartas, tinha organizado os livros e tinha comido quase todas as sandes. Só faltava arrumar as gavetas.

Com energia, continuei a trabalhar. Esvaziei as gavetas sobre a secretária. Havia muita coisa. Edward guardava quase tudo: os programas de teatro, o seu bloco de apostas, contas, cartas de há anos... Eu tinha entregado os

livros de contas aos advogados, mas o resto estava naquelas cinco gavetas. Separei o que não queria das pequenas lembranças que valia a pena guardar. Foi doloroso e triste reduzir um homem a um punhado de coisas.

Depois de acabar, voltei a pôr as gavetas no sítio. No entanto, ao tentar encaixar a última na secretária, constatei que não fechava bem. Empurrei-a novamente, mas havia algo que a prendia, portanto, tirei-a novamente. Ao fundo da secretária, toquei num papel amarrotado. Tive de o tirar com a mão e um abre-cartas, e vi que era um programa de ópera, como muitos outros, rabiscado com os nomes dos cavalos dignos de aposta. Virei-o e de dentro das suas folhas caiu um papel, muito amarrotado, como se o tivessem guardado dentro do programa à pressa e o tivessem escondido no fundo da gaveta. Alisei-o, pensando que seria um poema que Edward não queria esquecer ou uma nota para provar um vinho em concreto.

Estava muito equivocada. Era um papel normal e barato, e tinha colado um verso que fora recortado de um livro.

«Não deixe que me envergonhe, oh, Senhor, porque fui a ti; que se envergonhe o malvado e que reine o silêncio no seu túmulo.»

Sob aquelas linhas havia um desenho, a forma inconfundível de um caixão. E na lápide havia uma pequena inscrição:

«Edward Grey. 1854-1886. Agora está em silêncio.»

Fiquei a olhar fixamente para a folha, desejando não a ter encontrado. Embora o senhor Brisbane não tivesse chegado a descrever-me as cartas, estava certa de ter encontrado uma. E, depois de a ter visto, também sabia que Portia estava enganada. Aquilo não era uma brincadeira. O papel emanava malícia.

Segurei-o durante algum tempo, enquanto lutava contra a tentação de o colocar no cesto do lixo e deixar que os criados o deitassem fora. Não podia voltar a guardá-lo na secretária e fingir que não o tinha encontrado. Continuar ali, como um cancro, e sabia que não conseguiria evitar ir buscá-lo de vez em quando. Não, se ia desfazer-me dele, devia destruí-lo por completo. E podia fazê-lo sozinha. A lareira estava acesa e o lume ardia com energia. Nunca ninguém saberia, pois era um papel pequeno. Consumir-se-ia numa questão de segundos.

No entanto, mesmo que o queimasse, nunca conseguiria tirar da cabeça o que vira. Alguém tinha desejado a morte a Edward, ao ponto de o aterrorizar com cartas desumanas e converter os seus últimos dias num pesadelo. No mínimo, o remetente daquelas mensagens tinha-lhe roubado a paz de espírito.

E que mais coisas poderia ter feito aquela mão malvada? Teria chegado a assassinar? Eu não teria pensado semelhante coisa se Nicholas Brisbane não me tivesse metido na cabeça. Edward era uma vítima perfeita em vários sentidos. Era quase o último membro de uma família cuja saúde fraca era conhecida de todos. Nem o seu pai nem o seu avô tinham vivido além dos trinta e cinco anos. Edward tinha quase trinta e dois. Não era um homem robusto e a sua saúde tinha piorado muito durante o ano anterior à sua morte. Começara a mostrar os mesmos sintomas que o pai e o avô. Seria fácil administrar pequenas doses de veneno a uma constituição tão delicada. Talvez até atuasse com mais rapidez em alguém debilitado pela falta de saúde. Poderia ter sido muito fácil para um vilão desconhecido mandar uma caixa de bombons ou uma garrafa de vinho envenenados.

No entanto, se fosse assim, que sentido tinham as cartas? Não teriam servido de advertência a Edward? Ele teria estado preparado para semelhante ataque. Ou teria sido ingénuo ao ponto de pensar que o seu assassino o atacaria abertamente, que teria oportunidade de se defender? Eu não sabia nada dos seus pensamentos nem dos seus medos durante aqueles dias. E ele não fora capaz de confiar em mim, pensei com amargura.

Olhei para as mãos e dei-me conta de que já tinha decidido o que ia fazer, embora não me tivesse apercebido. Tinha dobrado a carta e tinha-a metido num envelope. Só havia uma pessoa a quem podia acudir.

## Sete

«Tanto faz? Oh! Pois, quero vestir-me de arminho e que se dane o luto.»  
William Shakespeare, *Hamlet*.

Não abona a meu favor admitir que me custou decidir o que ia usar para ir ver Nicholas Brisbane. Eu considerava-me fria e serena, mas não conseguia deixar de ouvir a voz de Portia a recordar-me que ele não voltaria a pensar em mim depois daquela primeira visita a Grey House. Também não conseguia deixar de pensar na avaliação que Mariah Pilkington fizera dele como amante, mas isso também não abona a meu favor.

Portia fora implacável no seu ataque contra o meu armário. Apenas sobreviveram alguns fatos. Começou a sua devastação descartando qualquer coisa que lhe parecesse carregada, tudo o que tivesse folhos, borlas ou franjas.

– E, sobretudo, nada de franzidos, a menos que queiras parecer as cortinas do salão de alguma pobre mulher equivocada – advertiu-me.

Eu olhei tristemente para a roupa que tinha adquirido depois da morte de Edward. Havia várias centenas de libras em veludo e renda empilhadas de qualquer maneira em cima da cama e aqueles vestidos nem sequer me favoreciam.

– Então, o que vou vestir?

Ela observou-me atentamente, com a cabeça inclinada.

– Simplicidade, querida. As peças bem-feitas e que têm um corte excelente não necessitam de acessórios. Vou levar-te aos meus costureiros. São irmãos e estudaram em Paris. Ninguém costura melhor do que eles em Londres. São muito caros e mal-educados, mas são quem pode redimir-te. Além disso, todas estas coisas carregadas não te servirão quando acabar contigo.

– O que queres dizer? O que vais fazer comigo?

– Quero dizer – respondeu-me, enquanto me empurrava para o espelho – que vou engordar-te. Olha para ti, Julia. Há muita beleza aqui, mas estás

esquelética. Mais uns quilos vão arredondar-te a cara e os braços, e proporcionar-te-ão curvas onde não existem. Vais ficar saudável e viçosa, como Deméter.

Ao ouvi-la, fiz uma expressão de tristeza.

– Edward gostava de mim magra.

– Edward já não está aqui. E já está na altura de descobrires do que tu gostas.

Eu sorri-lhe.

– Então, porque estou a deixar que me dê ordens?

– Porque eu sei o que te convém – disse ela, franzindo o nariz, e deu-me um beijo rápido na face. – Muito bem. Açúcar no chá, carne com muito molho e todas as natas que queiras comer. Quando tiveres engordado um pouco, iremos ver os irmãos Riche e a minha cabeleireira, e veremos o que podem fazer contigo.

Eu acedi, porque era mais fácil e porque parecia que fazia Portia muito feliz. Além disso, Morag já tinha encontrado a roupa descartada e tinha-a levado para a vender nas bancas de Petticoat Lane. Eu suspeitava que era capaz de me agredir fisicamente se tentasse violar o seu direito, como minha criada, de vender a roupa que eu desprezava.

Por fim, gostei das mudanças de Portia. Cortaram-me muito o cabelo, deixando-me o pescoço e as orelhas a descoberto. Foi um sucesso instantâneo, porque os dotes de Morag como cabeleireira eram inexistentes. A partir de então, em vez de tentar frisar quilos de cabelo completamente liso, só tinha de pentear um pequeno halo de caracóis.

Depois, chegámos a um acordo quanto ao peso. Engordei três quilos e meio, o que foi suficiente. Pela primeira vez na minha vida, tinha uma figura feminina, com curvas suaves. Comecei a usar brincos delicados e casacos justos de corte delicioso, um pouco masculinos. Às vezes, via-me ao espelho e não sabia quem era. Já não parecia a filha do meu pai, nem a esposa de Edward. Tinha-me convertido em *lady* Julia, a viúva, e ela era uma pessoa que eu não conhecia.

No entanto, era uma pessoa que sabia vestir-se, pensei com satisfação enquanto me arranjava para ir visitar o senhor Brisbane. Indiquei a Morag que usaria o vestido de seda preta com penugens de cisne. Era um vestido maravilhoso, talvez o mais elegante que possuía. Proporcionou-me segurança em mim mesma enquanto calçava as luvas e dizia a Morag que me pusesse o chapéu. Depois, coloquei as mãos num regalo de pele. A tarde

era fria e cinzenta, e alegrei-me por Diggory, o cocheiro, ter posto mantas no banco e tijolos quentes no chão para os pés. Eu tinha-me assegurado de que Simon estivesse a dormir placidamente e de que a Alegre estivesse satisfeita com um copo de gim quente e uma pilha de correspondência fúnebre que acabava de chegar com o correio. Sentia a cabeça a andar à roda, como uma criança que estivesse de férias da escola, enquanto o cocheiro se afastava da casa.

O trajeto até Chapel Street era curto. Esperei que Henry, o laçai, saltasse da boleia e tocasse a campainha da casa. Ele ficou junto da porta durante alguns instantes. Era uma pessoa tremendamente presunçosa, mas não podia negar-se que ficava muito bonito de uniforme. Admirando as suas pernas, recordei que Portia me tinha sugerido que tivesse um amante. Havia precedentes familiares, a minha tia-avó fugira com o seu segundo laçai. No entanto, a ideia não me atraía. Os laçaios não eram famosos pela sua inteligência e se havia qualidade que eu desejava num amante era engenho.

Ninguém atendeu e Henry olhou para mim, à espera de instruções.

– Bate à porta – disse-lhe. – Tem de estar alguém em casa.

Pouco depois, a porta abriu-se e apareceu uma mulher gordinha, baixa, cheia de farinha. Henry voltou para a carruagem para me ajudar a sair.

– Oh, peço desculpa! – disse a mulher. – Não ouvi a campainha. Estava a fazer o jantar do senhor. O que posso fazer por si, senhora?

– Desejaria ver o senhor Brisbane. Não tenho hora marcada, mas espero que possa conceder-me um minuto.

Ela assentiu respeitosamente enquanto limpava as mãos no avental.

– É óbvio, senhora. Aqui tem uma cadeira – disse-me, enquanto me acompanhava até ao interior do vestíbulo. – Não demoro.

Antes que pudesse acomodar-me, ela já tinha voltado.

– Vai recebê-la agora, senhora. Deseja um chá?

– Não, muito obrigada. Não penso que fique muito tempo – respondi eu, levantando-me.

A governanta acompanhou-me escada acima e bateu uma vez à porta.

– Entre!

A mulher deu meia-volta e foi-se embora, e eu tive de abrir a porta. Respirei fundo e rodei a maçaneta.

– Senhor Brisbane? – disse com timidez, enquanto espreitava pela porta.

– Entre e feche a porta. Faz corrente de ar.

Eu fiz o que me tinha indicado e olhei à minha volta. A sala era muito espaçosa e estava cheia de coisas colocadas com uma certa ordem. Havia um sofá e duas poltronas à frente da lareira, duas mesas de apoio e várias estantes atestadas de livros. Havia uma secretária num canto, sobre a qual repousava uma pilha de correspondência. Sobre o suporte da lareira havia várias caixinhas e objetos, figuras exóticas de terras longínquas, marfins medievais, campainhas de bronze, fósseis e algo que se parecia horrivelmente a um bocado de uma múmia.

Numa das paredes estava pendurada uma coleção de espadas e adagas, e, por cima da lareira, uma pequena tapeçaria com um desenho geométrico de cores vivas. Havia alguns instrumentos científicos, lupas e o que decidi que devia ser uma sela para camelos. Em resumo, aquela sala era um lugar fascinante, como um museu em miniatura que exibia a coleção de um viajante. Eu tive a tentação de bisbilhotar, de examinar tudo, de averiguar todos os segredos que encerrava.

No entanto, não podia fazê-lo. Fixei a minha atenção na mesa maior, situada entre a janela e a lareira. Era parecida com uma mesa de jardineiro e Brisbane encontrava-se junto dela, concentrado em alguma atividade botânica. Estava em mangas de camisa, a observar uma fila de vasos pequenos que tinha protegido com campânulas de vidro. Depois de inspecionar o último, virou-se, ao mesmo tempo que desenrolava as mangas da camisa.

– O que posso fazer... – a sua voz cessou quando me viu. A expressão da sua cara sofreu uma mudança, mas eu não consegui decifrá-la. – *Lady Julia Grey*. A senhora Lawson só me disse que tinha a visita de uma dama. Não me disse o seu nome.

– Eu não lho disse.

Ele pôs os botões de punho e, depois, vestiu o casaco, tudo isso sem desviar os olhos de mim. Era um hábito curioso, que eu recordava da nossa primeira conversa. Era algo desconcertante e, de repente, tive a necessidade de confessar que, quando tinha oito anos, tinha roubado à minha irmã a sua boneca favorita durante um dia inteiro. Tomei nota mental de empregar aquela técnica da próxima vez que interrogasse a cozinheira a respeito das contas.

– Porque veio? – perguntou-me Brisbane.

Eu esperava que ele fosse direto e decidi responder-lhe da mesma maneira.

– Porque necessito da sua ajuda. Descobri que talvez estivesse equivocada quanto à morte do meu marido. E vim desculpar-me – prossegui, com a boca seca. – Fui muito grosseira consigo e não o recriminaria se me mandasse embora.

Para minha surpresa, ele sorriu.

– Como me lembro de que a ameacei com chicotadas da última vez que nos vimos – disse calmamente, – posso perdoar a sua grosseria se me perdoar a minha.

Eu estendi-lhe a mão sem pensar. Era um gesto que os meus irmãos e eu usávamos sempre para acabar com as nossas diferenças depois de uma discussão. Ele apertou-ma e eu senti o calor da sua pele através da luva.

– Sente-se – disse-me e assinalou a poltrona mais próxima da lareira. No entanto, eu já me sentia acalorada. Tirei o regalo e as luvas.

Ele observou-me enquanto o fazia e eu senti-me tão nua como se tivesse tirado o vestido. Pousei as mãos no regaço e ele levantou o olhar para o meu rosto.

– Porque mudou de ideias?

Então, contei-lhe o que tinha acontecido no escritório de Edward naquela manhã. Tirei da mala o envelope que continha o papel e entreguei-lho.

Enquanto o lia, franziu o sobrolho. Depois, levantou-se e pegou numa lupa, com a qual examinou cada centímetro da carta. Estava absorto e esqueceu-se de mim. Livre do seu escrutínio, escrutinei-o eu a ele.

O ano transato deixara poucas marcas nele. Tinha o cabelo mais comprido do que eu recordava, com um ou dois reflexos grisalhos que talvez antes não estivessem lá. A sua roupa tinha um corte magnífico, algo que talvez não tivesse notado antes da minha visita aos irmãos Riche, embora notasse que os ombros do casaco estavam ligeiramente tensos, o que sublinhava a sua largura de costas.

A sua boca era muito bela. Tinha o lábio inferior ligeiramente grosso e isso proporcionava sensualidade ao lábio superior, mais fino, e ao queixo forte. Tinha uma pequena cicatriz numa das maçãs do rosto. Era em forma de quarto-crescente. Perguntei-me como a teria feito.

Ele olhou repentinamente para cima e eu ruborizei-me.

– Parece-me que esta carta foi enviada pela mesma pessoa que enviou as anteriores.

– Parece-lhe? Não tem a certeza?

– Não vejo as cartas há um ano, *milady*. No entanto, no dia da morte de *sir* Edward, ele disse-me que tinha recebido outra carta. Pensava mostrar-na naquela noite. Estava muito agitado. Suspeito que a tenha deixado na sua secretária e que tenha morrido antes de poder deitá-la fora. Acho que a tipografia do recorte coincide com a das mensagens que lhe tinham enviado anteriormente.

Devolveu-me o envelope e o papel, mas eu abanei a mão, estremeendo.

– Não a quero. O que fazemos agora?

Ele olhou-me com incredulidade.

– Nós? Agora? A senhora voltará para Grey House e eu continuarei com a minha experiência. A menos que queira um chá. Tenho a certeza de que a senhora Lawson...

– A respeito disso! – exclamei eu, apontando para a carta. – O que fazemos com isso?

Ele encolheu novamente os ombros, um gesto bastante francês que, juntamente com a sua tez escura, fez com que me perguntasse se era completamente inglês. Talvez as especulações de Portia sobre a sua paternidade não fossem assim tão descabeladas. Naturalmente, eu não acreditava na história do sangue imperial de Bonaparte, mas Brisbane tinha um pouco de estrangeiro que eu não sabia identificar.

– Não pode fazer-se nada. *Sir* Edward está morto e a certidão de óbito diz que as causas foram naturais. A senhora conformou-se, deixando-o descansar em paz há um ano. Faça-o agora também.

Eu fiquei a olhá-lo fixamente.

– Certamente se dará conta de que aqui se cometeu uma injustiça. Foi o senhor que me incitou a investigar a sua morte. Foi o primeiro a mencionar o assassinato.

– Há um ano, era relevante, *milady*, porque eu estava envolvido numa investigação. O meu cliente morreu, a sua viúva não desejava continuar com o assunto, portanto, o caso foi encerrado.

– O caso não está encerrado! – repliquei eu, com irritação. – No ano passado, falou-me de integridade e de probidade. O que foi que disse? Que devia fazer cair o peso da justiça sobre o culpado?

Ele tirou uma maçã de uma cesta que havia sobre a sua mesa de trabalho e deu-lhe uma dentada. Mastigou pensativamente durante alguns instantes e, depois, acrescentou:

– *Milady*, no que consiste a justiça agora? Os rastros apagaram-se, as pistas destruíram-se. A senhora esteve prestes a deitá-la fora – recordou, mostrando-me a carta. – O que quer que faça?

– Quero que encontre o assassino do meu marido.

Ele abanou a cabeça.

– Seja razoável, *milady*. Há um ano, existia a possibilidade de o conseguir. Agora, não há mais do que uma vaga esperança.

– Não acredito – respondi. Levantei-me, peguei no meu regalo e nas luvas, e despedi-me: – Obrigado pelo seu tempo, senhor Brisbane.

Ele levantou-se também, ainda com a maçã na mão.

– O que pretende fazer?

Eu olhei-o nos olhos.

– Vou descobrir o assassino do meu marido.

Se tivesse sorrido, ter-lhe-ia dado uma bofetada, mas não o fez. Olhou-me com curiosidade.

– Sozinha?

– Se for necessário, sim. Equivoquei-me ao não acreditar no que dizia no ano passado. Perdi uma oportunidade muito valiosa e lamento-o. Mas eu aprendo com os meus erros, senhor Brisbane – disse, enquanto lhe tirava a carta da mão. – Não cometerei outro.

Dirigi-me para a porta, mas ele agiu com rapidez e alcançou-a antes de mim. Tinha uma expressão resignada.

– Muito bem. Farei o que puder.

– Porquê?

Brisbane inclinou-se para mim e eu senti o seu fôlego na cara. Tinha o aroma doce da maçã. Os seus olhos, grandes e pretos, estavam cravados nos meus e vi-me refletida neles. Acelerou-me a respiração e dei-me conta de como ele era grande e de que eu estava a sós com um homem pela primeira vez num ano. Pensei por um segundo que ia tentar beijar-me e soube que não o pararia. De facto, penso ter separado os lábios, pois ele inclinou-se mais para mim.

– Porque sou um profissional, *milady*. E não permitirei que uma amadora estrague um dos meus casos.

Sorriu e mordeu firmemente a maçã.

## Oito

«Vi gentis, dóceis e submissas as que agora são selvagens e não recordam que por vezes se colocaram em perigo.»

*Sir Thomas Wyatt, Lembrança.*

– Bolas... – murmurei, quando voltei para a carruagem.

Sentei-me com aborrecimento sobre as almofadas. Henry fechou a porta rapidamente e eu concedi-lhe um segundo para que pudesse subir para o seu lugar. Depois, bati no tejadilho. Diggory incitou os cavalos e pusemo-nos a caminho de casa.

Eu ia olhando pela janela enquanto tentava acalmar-me. Só me encontrara três vezes com Nicholas Brisbane, mas cada uma das três ocasiões deixara-me nervosa e inquieta. Tinha uma capacidade estrondosa de me pôr de mau humor.

Talvez o mais irritante fosse a sua insistência arrogante em conduzir sozinho o caso e o seu uso desdenhoso da palavra «amadora». Por fim, tinha prometido que faria umas quantas averiguações e que me proporcionaria um relatório dentro de poucos dias. Enquanto me acompanhava até à saída, não se tinha mostrado muito otimista e eu tivera a sensação de que só acedia a investigar para me apaziguar. Não tinha esperanças de descobrir o assassino de Edward e eu acreditava firmemente que, sem perspectivas de ter êxito, uma pessoa quase nunca o tinha.

Como consequência, decidi que eu levaria a cabo a minha própria investigação. O problema era que não sabia como começar. Que tipo de perguntas fazia um profissional? Que passos dava? Qual era o primeiro assunto a tratar? Suspeitos? O motivo? Parecia um nó górdio do pior tipo, mas, se recordasse bem a mitologia, o único modo de resolver semelhante problema era seguir o caminho mais direto.

No entanto, ao contrário de Alexandre, eu nem sequer tinha uma espada. Amaldiçoei muitas vezes Brisbane durante os dias seguintes. Ele deixara-me a ter conversas amáveis com os meus parentes e a gerir a minha casa

enquanto percorria Londres em meu nome, fazendo perguntas interessantes e seguindo um rasto que poderia proporcionar a resposta ao nosso mistério. Imaginei-o a perseguir bandidos pela fétida zona portuária de Londres, onde os chineses fumavam cachimbo e guardavam zelosamente os seus segredos, a lutar com um bando de assassinos, a entrar furtivamente numa cripta a meio da noite para se encontrar com uma mulher coberta por um véu que sabia a solução do caso...

Como é óbvio, Brisbane não estava a fazer nada semelhante. Enquanto eu o imaginava como o protagonista das minhas fantasias de detetives mais extravagantes, na realidade ele estava a comportar-se como qualquer agente de investigação comum. Em vez de perseguir vilões disfarçados, estava a escrever cartas a empregados de escritório e a analisar pacientemente arquivos poeirentos de jornais e de advogados.

Segundo o relatório que elaborou, o que tinha averiguado era extremamente prosaico. *Sir Edward Grey* tinha morrido de causas naturais, devido a uma doença hereditária de coração, com a idade de trinta e um anos. O título e o património rural vinculado ao título tinham sido herdados pelo seu primo, *Simon Grey*. O resto das suas posses tinha recaído na sua viúva, *lady Julia Grey*, filha do décimo segundo conde de March. *Sir Edward* contribuía discretamente para várias causas solidárias, gostava de andar a cavalo e era um enólogo amador com mais entusiasmo do que habilidade. Não tinha inimigos, mas era famoso no seu clube por pregar partidas e também por ser um amigo generoso a quem podia sempre recorrer-se para um empréstimo ou para algumas gargalhadas. A inscrição da lápide do seu túmulo, colocada em setembro, era a passagem de um poema de Coleridge, escolhida pela sua viúva.

Tudo isto estava detalhado no documento meticuloso que Brisbane me entregou uma semana depois de eu o ter visitado. À medida que o lia, a minha indignação aumentava.

– Eu mesma poderia ter-lhe dito tudo isto! – exclamei, agitando o papel diante dele. – Para que serve esta informação, salvo para nos ter feito perder uma semana?

Estávamos sentados novamente no seu escritório. Ele suspirou, mexeu-se na poltrona para se acomodar e respondeu-me:

– *Milady*, na semana passada, tentei explicar-lhe que a investigação, tendo passado tanto tempo depois da morte do seu marido, seria difícil, se não impossível. Temos cartas ameaçadoras, mas a certidão de óbito

descreve as causas do falecimento como naturais. Sabemos que existe uma pessoa que foi suficientemente covarde para atacar com palavras envenenadas, mas não sabemos se foi suficientemente malvada para fazer algo pior.

– Parece-lhe que acoessar um homem agonizante não é suficientemente mau?

– Eu não disse isso. Tem o dom de tirar o pior significado possível das minhas palavras – disse ele, com uma certa irritação.

Sempre me tinha parecido que era bastante irritável comigo, mas não sabia se o seu aborrecimento era resultado da minha companhia. Talvez fosse apenas um homem mal-humorado. Eu preferia pensar isso, não gostaria de ser responsável por tal incipiente antipatia.

Então, adotei um tom doce.

– Oh! Desculpe-me. Por favor, continue e explique-me como é possível que uma pessoa mostre uma crueldade tremenda, mas não seja capaz de cometer um assassinato.

– É o que estou a tentar fazer – respondeu ele com frieza. – As pessoas são constantemente cruéis e más com as outras, mas raramente matam. Há um limite que a maior parte das pessoas nunca ultrapassará. É o tabu mais antigo, o mais difícil de quebrar, apesar do que, sem dúvida, lê nos jornais.

Eu ignorei a provocação.

– Fala como o pároco de São Barnabé.

– São Barnabé?

– A igreja de Blessingstoke, a vila de Sussex onde cresci. O pároco gosta de falar do grande muro que existe em todos nós, o ponto final a que estamos dispostos a chegar. Está muito interessado em como se formam essas barreiras.

– Por exemplo? – perguntou Brisbane, com um sobrolho arqueado. Eu acreditei que era um gesto que indicava o seu interesse.

– Por exemplo... Talvez uma mulher não seja capaz de roubar em circunstâncias normais, mas, se tiver de dar de comer aos seus filhos, tentará tirar um pão da cesta do padeiro.

Tão repentinamente como tinha arqueado o sobrolho, baixou-o. As suas narinas abriram-se ligeiramente, como as de um touro quando começa a zangar-se.

– É um problema muito ameno para um padre de uma vila, certamente, mas não relevante para o que estamos a investigar – declarou. – Agora, já

lhe entreguei o relatório, tal como lhe prometi.

– E tem intenção de deixar o assunto por aqui – acrescentei eu. Ele encolheu os ombros. – Isto não é suficiente, senhor Brisbane. Há um ano, pareceu-me que estava convencido de que existiam indícios de um crime. O passar do tempo não muda isso, só dificulta mais um pouco a tarefa. Não o tinha tomado por um homem que fugisse de um desafio. De facto, pensava que o apreciaria.

Tinha uma expressão pensativa, mas o seu olhar, tão vigilante como sempre, não deixava entrever nada.

– Oh, muito bem, *milady*... Se me recusar a colaborar na sua investigação, por mais inútil que seja, sou preguiçoso e covarde.

Embora demasiado tarde, recordei a história de Portia sobre o duelo que travara com o filho de lorde Northrup. Aquele homem não era covarde. Era decidido e audaz. Alguns diriam, inclusive, que era violento. E, com a típica temeridade dos March, eu tinha-o provocado perigosamente.

– Pareceu-lhe que disse isso? Lamento imenso. Só queria dizer que isto deveria ser muito atraente para a sua curiosidade intelectual. Estava tão certa de que era o homem que poderia ajudar-me, que talvez tenha sido demasiado entusiasta – disse e sorri-lhe de forma adúladora.

Ele devolveu-me o sorriso, mas mostrou-me os dentes de uma maneira que era mais voraz do que simpática.

– Continuarei com este assunto, *milady*. Não porque tenha resmungado como uma lavadeira, mas porque é verdade que despertou a minha curiosidade.

Eu ignorei o insulto, muito dignamente.

– Há pouco, não parecia que o assassinato de Edward despertasse a sua curiosidade.

Brisbane pestanejou de forma hipnótica, felina.

– Não disse que foi a possibilidade do assassinato que me despertou a curiosidade.

Antes que pudesse decifrar o que queria dizer, alguém bateu à porta. Brisbane não respondeu, mas a porta abriu-se e apareceu um homem com uma bandeja.

– O chá – disse, olhando-nos agradavelmente.

Brisbane levantou uma mão com suavidade.

– Apresento-lhe Theophilus Monk, *milady*. Meu faz-tudo, à falta de uma palavra melhor. Monk, *lady* Julia Grey.

Monk era um homem de grande aprumo e aspeto impecável. Tinha um olhar alegre e educado, e, se Brisbane não mo tivesse apresentado, tê-lo-ia tomado por um cavalheiro, talvez por um nobre do campo aficionado pelo exercício físico, dado que era robusto e saudável. Usava o cabelo muito bem cortado e tanto o cabelo como o bigode tinham alguns brilhos grisalhos. Os seus olhos eram de uma cor indeterminável e tinha um olhar de sagacidade. Enquanto pousava a bandeja na mesa, dedicou um instante a avaliar-me, mas fê-lo de um modo tão discreto e rápido que quase não o notei. Tive a impressão de que ajudava Brisbane nas suas investigações. Estava certa de que tinha muitos recursos na hora de fazer averiguações.

Fez uma reverência elegante.

– Gosta que lhe chamem «faz-tudo»? – perguntei-lhe, enquanto pegava na chávena que ele acabava de servir.

– Eu teria sugerido «mordomo», mas o senhor Brisbane considera-o demasiado grandiloquente para uma residência pequena – explicou Monk, com sotaque escocês. – Na realidade, sou o seu ordenança, *milady*. Biscoito de limão?

– Oh... Sim, por favor. Ordenança, senhor Brisbane? Foi oficial do Exército?

Brisbane mexeu o seu chá com parcimónia.

– Fui muitas coisas, *milady*, nenhuma das quais seria do seu interesse. Tenho a certeza.

Monk tossiu com suavidade. Eu já tinha ouvido aquela tosse muitas vezes de Aquinas. Era a maneira como os serviçais de categoria mais elevada de uma casa corrigiam com tato os seus senhores. Mas, se Brisbane se apercebeu de que fora mal-educado ou da desaprovação de Monk, não o demonstrou. De facto, parecia que se divertia com a situação.

– Já não preciso mais de ti, Monk. A senhora e eu podemos encarregar-nos do resto.

Monk voltou a inclinar-se e retirou-se.

Eu olhei para Brisbane por cima da chávena.

– Falava a sério quando disse que vai continuar com a investigação?

Brisbane bebeu um gole do seu chá.

– Suponho que sim. Tenho de resolver mais alguns assuntos, mas nada que não possa esperar. E não tenho mais clientes que questionem a minha integridade, nem a minha coragem neste momento.

Eu mordi o lábio. Aquele homem tinha razão ao provocar-me. Tinha-me comportado muito mal. Devido à impaciência e à frustração, tinha-o insultado de um modo que muito poucos homens tolerariam com tanta calma. Na realidade, surpreendia-me que o tivesse tolerado absolutamente ao recordar que no ano anterior tinha ameaçado dar-me chicotadas por pôr em questão a sua força de caráter.

– Sim, a respeito disso... – disse. – Falei sem pensar. Lamento imenso. Não queria insultá-lo. Tudo isto é muito desconcertante e como o senhor se dedica a resolver mistérios...

– Pensou que o seu caso me pareceria irresistível?

– Pensei que lhe pareceria uma questão muito estranha – corrija-o.

Ele encolheu os ombros e pousou a chávena na mesa.

– Este caso é muito parecido a outros, *milady*. Só diferem as pessoas e, de qualquer modo, as pessoas são sempre parecidas. Essa é uma das grandes vantagens da minha profissão e também uma das principais causas de aborrecimento.

– Quer dizer que as pessoas são, na sua maioria, previsíveis? Parece-me que é uma qualidade relaxante.

O seu sorriso foi ligeiro, enigmático.

– É e é isso que provoca o aborrecimento. Não há nada mais entediante no mundo do que saber o que a outra pessoa vai fazer, inclusive antes de o fazer.

– Então, gostaria muito da minha família – disse, com uma gargalhada. – Nunca se sabe o que se propõe um March, nem sequer outro March.

– Então, ninguém da sua família sabe que veio aqui? – perguntou lentamente. Baixou a cabeça e olhou-me fixamente. Nos seus olhos escuros havia algo que eu não tinha notado antes. Ameaça? Maldade?

Esbocei um sorriso forçado.

– Claro que sim. Disse à minha irmã Portia que viria aqui. E ao meu irmão Valerius, que vive comigo.

Ele inclinou a cabeça, escrutinando-me. Então, abanou-a lentamente.

– Não, não acredito. Penso que veio sozinha. E penso que ninguém sabe com exatidão onde está *lady* Julia Grey.

Brisbane inclinou-se ligeiramente na poltrona e o meu coração deu um salto. Naquele momento, aprendi uma coisa: o medo tem um sabor metálico, como quando se lambe o sangue que brota de um corte no dedo. Eu senti-o na língua enquanto ele se aproximava de mim.

– O meu cocheiro – disse de repente. – Está a andar às voltas com a carruagem. E o meu lacaio. Ambos sabem onde estou.

Brisbane parou o seu avanço, sem desviar o olhar do meu rosto. Pouco depois, levantou-se, aproximou-se da janela e afastou a cortina. Eu notei que os meus dedos dos pés se encolhiam dentro das botas e pedi a Deus que Diggory estivesse junto da calçada.

Brisbane voltou a sentar-se na sua poltrona. A sua atitude mudara.

– Se me desculpar pela observação, a primeira regra da investigação é a discrição. Da próxima vez que me visitar, deve vir num carro alugado. Qualquer um que a conheça distinguirá a sua carruagem pela insígnia da porta. E o seu lacaio é um espécime muito vistoso. Há a possibilidade de que alguma dama o recorde.

O meu coração acalmou e fiquei a olhar para Brisbane com perplexidade.

– Então, era uma brincadeira? A expressão intimidatória? As suas palavras de vaga ameaça?

Ele agitou a mão e pegou num biscoito.

– Tinha curiosidade. Acabava de afirmar que os March são imprevisíveis. A minha dedução profissional foi que não teria tomado nenhuma precaução quanto à sua segurança ao vir, nem teria tentado ocultar a sua identidade. E tinha razão.

– A minha segurança! Porque iria tomar precauções nesse sentido para vir de visita? Você é meu agente!

Brisbane esfregou delicadamente os dedos para sacudir as migalhas.

– Não, não sou. Era agente do seu marido e ele faleceu. Eu não recebi nem um cêntimo de si. E, quanto à sua segurança, agiu com o mais espantoso desprezo pela sua própria vida, porque não considerou algo que tem debaixo do nariz.

– E o que é? – perguntei acaloradamente. Estava furiosa. Já estava farta das suas maneiras misteriosas e dos seus joguinhos macabros.

Ele inclinou-se para diante e agarrou-se aos braços da minha poltrona. Eu abri a boca para protestar, mas ele aproximou-se mais e eu soube que, se falasse, não emitiria mais do que um gemido fraco. A sua cara estava a poucos centímetros da minha e, com voz rouca e baixa, perguntou-me:

– Não se perguntou uma única vez, *milady*, se eu posso ser o assassino do seu marido?

## Nove

«Coração partido, partido e triste.

Não há remédio para a minha enfermidade,

Nem ervas nem bálsamo que possam curar a minha dor.»

Thomas Randolph, *Phyllis*.

– Não precisava de me bater com tanta força – disse Brisbane, amargamente, esfregando a tibia. Retirara-se para a sua própria poltrona e olhava-me como se estivesse diante de um cão com raiva.

– Já disse que lamento. Quer que avise Monk? Uma toalha húmida, talvez...

– Não, obrigado – respondeu ressentidamente.

– Receio que vá ficar com uma nódoa negra – disse para ajudar.

Embora, na realidade, fosse só uma hipótese. Brisbane não levantara a perna das calças, nem eu teria esperado que o fizesse. A nossa relação já era suficientemente atípica para lhe acrescentar a visão da sua perna nua.

– Oh, pare de me olhar assim! A culpa foi sua por me assustar. Claro que nunca pensei que tivesse assassinado Edward. Porque haveria de o pensar?

– Essa é precisamente a essência da questão – respondeu ele, com os dentes apertados. – Deve ter em conta todas as possibilidades. Ninguém está acima de suspeita. Deve estar disposta a escrutinar todas as pessoas que conheciam o seu marido e a contemplar a possibilidade de que possam ser culpadas da morte dele. Se não conseguir fazê-lo, não pode continuar com esta investigação.

– Mas porque quereria você assassinar Edward? Mal o conhecia.

Brisbane continuou com os dentes apertados, mas penso que era mais por frustração do que pela dor da tibia.

– Mal o conhecia segundo... – Brisbane fez uma pausa, esperando que eu acabasse a frase.

– Segundo... Oh, segundo você mesmo! E, se fosse o assassino, essa informação seria muito duvidosa.

– Bastante.

– Então, é o assassino?

Brisbane olhou-me com os olhos esbugalhados.

– Desculpe?

– Matou-o? É uma pergunta muito simples, senhor Brisbane. Por favor, responda.

– Claro que não! Raios o...

– Não tem de ser mal-educado. Disse que devo considerar toda a gente suspeita e fi-lo. Perguntei-lhe, respondeu-me que não e eu acreditei.

Ele abanou a cabeça com total estupefação.

– Não pode fazer isso. Não pode andar por aí a perguntar se alguém é o assassino do seu marido. Mais cedo ou mais tarde, interrogaria a pessoa errada. Morreria numa semana.

Eu tentei manter a paciência.

– Senhor Brisbane, não sou completamente estúpida. No entanto, as circunstâncias e o meu bom senso convenceram-me de que não é o responsável pela morte dele. Garanto-lhe que não serei tonta ao ponto de o perguntar a alguém que me faça suspeitar verdadeiramente.

O seu olhar foi de dúvida.

– Há muitas formas de sair ferida. Gravemente, inclusive. Deve ser consciente da empresa em que vai embarcar. Isto não é um romance de mistério, *milady*. Não há garantias de que consigamos desmascarar o culpado. Poderá escapar-nos por entre os dedos com facilidade. Ou pior ainda.

– Pior?

– O nosso assassino, se é que existe na realidade, está confiante neste momento. Está há mais de um ano em liberdade, sem que se tenha ouvido um único rumor sobre assassinato. Se ele achar que isso vai mudar, talvez entre em pânico e se desespere. Há a possibilidade de que aja.

– Como?

– Talvez tente atacá-la, por exemplo.

Eu pestanejei com surpresa e ele acrescentou, sem se alterar:

– Já me agrediram várias vezes no decurso das minhas investigações. Se vai ter um papel ativo nesta, talvez corra perigo de morte. Eu não poderei impedi-lo. Um assassino inteligente, que seja decidido ou esteja desesperado, pode eliminá-la antes que qualquer um dos dois se dê conta de que existe perigo. Deve tê-lo em conta.

– Mas disse que está confiante. Então, desde que não façamos nada que o ponha de sobreaviso, continuará assim e não haverá perigo.

Brisbane abanou a cabeça.

– Isso é improvável. A maioria dos criminosos que conheci tem um olfato apurado para os problemas. Sabem quando estão prestes a ser descobertos. E, normalmente, tomam medidas para o evitar. Algumas vezes, fogem, mas outras...

– Isso não me assusta – repliquei eu, atrevidamente.

– Pois, deveria. Se não sentir medo, não tomará as precauções necessárias e isso poderia causar-lhe a morte. Ou, no mínimo, poderia arruinar a investigação de tal modo que nunca conseguíssemos apanhá-lo. E há outros perigos.

– Como quais? – inquiri eu, com um suspiro. Estava a começar a sentir que não era aceite.

– Uma investigação é como uma caça de cobras. Procura-se debaixo das pedras, revista-se lugares escondidos e o que se encontra é com frequência putrefacto, venenoso. Às vezes, é algo perverso que não tem nada a ver com o assunto, algo obscuro e malicioso que nunca vira a luz do dia, mas, ao descobri-lo, as vidas mudam, *milady*.

– Está a armar-se novamente em misterioso, senhor Brisbane. Eu não tenho segredos.

Como é óbvio, assim que pronunciei as palavras, tive vontade de as retirar. Toda a gente tinha um ou dois segredos, por muito inocentes que fossem.

Ele cravou-me aqueles olhos pretos hipnóticos e observou-me.

– Muito bem – disse. – Talvez queira submeter-se a uma pequena experiência.

Tinha uma expressão cautelosa, mas também de impaciência, quase de alegria. Isso pôs-me nervosa.

– Que tipo de experiência?

– Oh, nada doloroso. De facto, antes pelo contrário. Se deseja formar parte da investigação, deve proporcionar-me informação sobre *sir* Edward, sobre a sua casa, a sua família. Só lhe farei uma série de perguntas. Não tem nada de mal, pois não?

O seu tom era ligeiramente zombador. Eu pusera a sua coragem em dúvida e ele estava a pagar-me na mesma moeda.

– Absolutamente nada – respondi. – Quando começamos?

Ele sorriu. Era o sorriso viperino que Eva devia ter visto no Éden.

– Não há melhor altura do que o presente.

Então, começou a fazer alterações na sala. Levou a bandeja do chá para uma mesa afastada, onde teve de lhe arranjar espaço afastando um pequeno relógio e vários instrumentos náuticos. No seu lugar pôs uma vela que acendeu na lareira.

Depois, pegou numa caixa lacada que havia sobre o suporte da lareira. Dela extraiu algo que pareciam flores secas ou folhas. Atirou-as para o lume e estendeu-se imediatamente pelo ambiente uma fragrância subtil e relaxante. As chamas arderam com um brilho verde durante alguns instantes. Então, Brisbane virou-se para mim com decisão.

– Tire o casaco, *milady*.

– O quê? – perguntei eu.

Por instinto, agarrei ambas as lapelas e juntei-as como se fosse uma virgem trémula. Ele suspirou com paciência.

– *Milady*, não sou um pirata, garanto-lhe. Entenderá o que pretendo num segundo. Tire o casaco.

Eu obedeci, sentindo-me como uma idiota. Portia deixara-me claro que Brisbane nunca pensaria em mim como mulher e ele acabava de mo confirmar. Quando acabei de tirar o casaco, ele agarrou-o e atirou-o para cima de uma cadeira. Então, antes que eu pudesse dizer-lhe que ia amarrotar-me uma peça de seda muito cara, agarrou-me os tornozelos e pô-los em cima do sofá.

– Senhor Brisbane! – exclamei, mas ele silenciou-me com um gesto de exasperação.

Então, largou-me os tornozelos. No entanto, eu continuei a sentir a pressão das suas mãos através da saia, da combinação, das botas e das meias. Pôs-me um almofadão atrás da cabeça e, desse modo, adotei uma posição que, certamente, nunca teria adotado à frente de um conhecido.

– Cómoda? – perguntou-me, voltando a sentar-se.

– Como Cleópatra – respondi secamente. – Qual é o objetivo de tudo isto?

– Já lhe disse, é o começo da nossa investigação.

Então, tirou um bloco e um lápis da gaveta de uma mesinha que havia ao seu lado.

– Sei que parece pouco ortodoxo, mas necessito de certa informação e penso que, quanto mais relaxada está uma pessoa, mais estará disposta a

revelar.

– É esta a sua prática normal? Faz isto com todos os seus clientes?

– Não, porque nenhum o permitiria.

– E porque pensa que eu sim?

– Já o fez, *milady*. Além disso, é um caso muito especial.

Eu senti um calor prazenteiro.

– A sério?

– Sim – respondeu ele. – A maioria dos meus clientes é muito consciente da sua dignidade. Não permitiriam semelhante experiência.

O calor acabou bruscamente.

– Oh...

– Mas tenho grandes esperanças em si, *milady*. Li muito sobre as técnicas usadas pela polícia e por aqueles que praticam Psicologia. Algumas delas parecem muito convenientes para o meu trabalho. É só uma teoria neste momento, mas tive alguns êxitos no passado.

– Então, comece, antes que fique com um torcicolo – ordenei-lhe com aborrecimento.

Ele abriu o bloco e fez uns quantos comentários antes de iniciar a entrevista.

Enquanto falava, a sua voz tornou-se suave e doce como que aquecida pelo sol. Perguntei-me se ele se daria conta.

– *Milady*, necessito de alguma informação sobre o seu passado. Precisamos de um ponto por onde começar. Assim, vou enumerar algumas coisas que *sir* Edward me contou e necessito que mas confirme ou mas corrija.

Eu assenti. Estava um pouco ensonada e muito relaxada, como se acabasse de beber um copo do refresco de amora da tia Hermia.

– *Sir* Edward contou-me que se tinha casado há cinco anos. Está correto?

– Sim – murmurei.

– Como se conheceram?

– O pai dele comprou a quinta contígua à do meu pai em Sussex. Conhecíamos-nos desde crianças.

– Tinham um casamento feliz?

– Bastante. Éramos amigos.

– Não houve filhos? – perguntou-me, com voz ainda mais doce.

Eu abanei a cabeça.

– Não comigo. Eu não podia tê-los.

– E ele teve-os com outra mulher? Filhos ilegítimos?

Eu tentei abanar novamente a cabeça, mas pesava-me.

– Mantenha a cabeça apoiada na almofada, *milady* – indicou-me ele, de muito longe. Eu fiz o que me dizia, perfeitamente de acordo com ficar ali para sempre.

Ele tomou algumas notas enquanto eu dormitava no sofá, pensando na *Odisseia* e nos lotófagos.

Tinha muita sede, mas parecia-me um esforço muito grande estender o braço para pegar na chávena de chá que estava na mesa.

Então, recordei que ele a levara para o outro lado da sala e decidi esperar até que tivesse terminado.

– *Sir Edward* deixou pouca família – comentou.

– Só o seu primo, Simon. Simon herdou o baronato de Edward.

– E a senhora – insistiu Brisbane, com suavidade.

– Eu não era da família de Edward. Era a sua esposa.

– Fale-me da sua família.

– Tenho muita – disse eu, sentindo uma necessidade ridícula e impropriedade de me rir. Com grande esforço, contive-a. – A minha mãe morreu quando eu era criança. Tenho nove irmãos e irmãs. O meu pai está na cidade neste momento, em March House, em Hanover Square. Ele vive com a minha tia Hermia.

– Muito bem. Há mais membros da sua família que vivam com eles?

– Não. A maioria vive no campo. O meu irmão mais velho, o visconde Belmont, tem a sua residência em Londres. Também a minha irmã Portia, *lady Bettiscombe*.

– *Sir Edward* e lorde Belmont davam-se bem? Havia problemas entre eles?

– Só pela política. Monty é Tory. Edward era indiferente. Insultavam-se. Não significava nada.

– E *lady Bettiscombe*? Dava-se bem com *sir Edward*?

– Sim. Portia não gosta muito de homens. Vive com a sua amante, Jane. Houve uma longa pausa, mas Brisbane não fez comentário algum.

– E quem mais vive em Londres?

– Valerius, o meu irmão mais novo. Vive comigo.

– Fale-me dele.

– Quer ser médico. Teve discussões terríveis com o meu pai por esse motivo. É por isso que vive comigo. Veio depois de Edward morrer, com a

Alegre.

– Com quem?

Expliquei-lhe com detalhe quem era a Alegre e o porquê da sua alcunha, mas não pareceu que interessasse muito a Brisbane.

– Quem mais vive em Grey House?

– Simon. Está muito doente, coitado. Está prostrado na cama há um ano. Não herdou mais do que o título e a velha casa de Sussex. Está quase em ruínas. Os mochos vivem na galeria de pintura.

– Simon e *sir* Edward davam-se bem?

– Como irmãos – murmurei eu. – Mas toda a gente se dava bem com Edward. Era encantador e muito bonito.

– E os seus serviçais? Quem vive em Grey House?

Eu suspirei. Estava demasiado cansada para continuar. Ele olhou-me de perto. Levantou-se, tirou um punhado de folhas secas de uma caixa de madrepérola e atirou-o ao lume. Começou a sentir-se uma fragrância de laranja e especiarias e, depois de alguns instantes, senti-me mais desperta.

– Os serviçais – disse ele.

– Aquinas é o mordomo. Já o conhece.

Brisbane assentiu enquanto escrevia rapidamente.

– Continue.

– A cozinheira. Diggory, o cocheiro, e Morag, a minha criada pessoal. Whittle encarrega-se do jardim, mas é empregado do meu pai. Desmond e Henry são os lacaios. Magda é a lavadeira. E há as criadas – terminei, densamente.

– Estão há muito tempo consigo?

– Aquinas, desde sempre, a cozinheira, há quatro anos e Morag, desde pouco antes de Edward morrer, talvez há seis meses. Era prostituta. Esteve num abrigo que a minha tia Hermia dirige e aprendeu a servir. Os que trabalham em March House estão lá há muito tempo. Renard.

Brisbane escrevia febrilmente. De repente, parou.

– Renard?

– O ajudante de câmara de Edward. Francês. É ladino. Odeio-o. Ficou para ajudar Simon.

Aquilo também foi refletido no bloco.

– Mais alguém?

Eu abanei a cabeça e, ao fazê-lo, senti um martelar alarmante. Tinha uma dor incipiente atrás dos olhos e estava mais sedenta do que nunca.

– E os amigos e inimigos de *sir* Edward?

– Não tinha inimigos. Todos eram amigos, mas nenhum íntimo. Edward era muito reservado. Meu Deus, a minha cabeça...

Brisbane levantou-se novamente e abriu um pouco a janela. O ar frio entrou na sala e limpou parte dos aromas que emanavam do lume. Ele saiu da sala e voltou pouco depois, com um pano húmido entre as mãos.

– Aqui tem – disse-me, enquanto mo entregava. – Ponha-o na testa. Sentir-se-á melhor num minuto.

Eu fiz o que me dizia. Ouvi como o lápis arranhava contra o papel enquanto ele acabava de fazer as suas observações no bloco.

Em poucos minutos, a lassidão desapareceu e a dor mitigou. Sentei-me, apoiei os pés no chão e fiquei a ver como a sala andava à roda.

– Calma, *milady* – disse, empurrando-me com firmeza contra a almofada. – Sentir-se-á perfeitamente num minuto, mas não pode mexer-se.

Eu deitei-me e fiquei imóvel. A pouco e pouco, passou-me o enjoo e, quando pensei que estava recuperada, endireitei-me. Brisbane estava a beber chá e serviu-me também uma chávena. Não havia rasto do seu bloco.

– O que me fez? – perguntei-lhe, enquanto tirava o pano húmido da testa.

– Beba o chá, *milady*. Voltará ao normal num instante.

– E como sei que não está alterado? Pelo que vi, talvez lhe tenha acrescentado ópio – disse com indignação.

Brisbane suspirou, tirou a minha chávena do pires e bebeu um gole.

– Como vê, é completamente inócuo, garanto-lhe.

Eu devia parecer desconfiada, pois ele entregou-me a sua chávena, que estava quase cheia.

– Então, fique com a minha. Além disso, se fosse administrar-lhe ópio, não seria misturado com chá.

Eu provei-o. O sabor era bom.

– Porquê?

– O chá é o antídoto natural do ópio. Provavelmente, vomitá-lo-ia antes que lhe fizesse algum mal.

– Senhor Brisbane, detesto as suas maneiras. Essa conversa não é adequada para uma dama.

Ele olhou-me com algo parecido a interesse.

– É uma batalha muito interessante a que tem aí – disse ele, assinalando-me a testa.

– O que quer dizer?

– É uma mistura estranha de franqueza e educação. Deve ser difícil para si saber o que quer dizer, mas pensar que não deve fazê-lo.

Eu encolhi os ombros.

– Assim é a vida das mulheres, senhor Brisbane.

Ele soltou uma gargalhada seca.

– Nem por sombras. Quase nenhuma das mulheres que conheço pensaria as coisas que a senhora pensa. E muito menos se atreveria a dizê-las.

– Eu também não! – protestei. – Se soubesse o que me custa calar o que penso...

– Sei. Foi por isso que tomei a liberdade de levar a cabo esta pequena experiência. E funcionou melhor do que eu pensava.

– Admite que me deu algo, algum tipo de poção da verdade, para conseguir informação?

– Poção da verdade? Realmente, *milady*, o seu gosto por romances sensacionalistas é deplorável. Não existe tal poção. Ervas, *milady*. Só isso. Atirei uma certa mistura de ervas para o lume. Produzem uma sensação de calma e bem-estar, às vezes, de euforia, outras vezes, de lassidão. O resultado é que provocam uma sinceridade quase perfeita, não por magia, mas porque o sujeito está demasiado relaxado para mentir.

Eu apertei os punhos no regaço.

– Isso é terrível. É horrível, horrível!

– Disse-lhe que ia fazer uma experiência – recordou-me ele.

– Sim, mas isto... Isto vai além do que eu tinha esperado.

– Por acaso, pensava que ia oscilar um pêndulo diante dos seus olhos? Posso fazê-lo, se quiser. Já o pratiquei. E também há a hipnose. Mas verifiquei que esses métodos não têm nenhuma utilidade como técnica de interrogatório.

Eu cruzei os braços. Estava furiosa.

– Não me importa. Continuo a achar que o que fez é horrível.

– É mais horrível do que enviar uma ameaça de morte a um homem doente e encher os seus últimos dias de medo e de dúvidas? – perguntou-me suavemente.

Quase com inapetência, abri os punhos.

– Quer dizer que o fim justifica os meios?

– Vejo que leu Maquiavel e talvez também Safo.

– Deixe Portia em paz. Eu nunca lhe teria contado nada de Jane sem as suas artimanhas desagradáveis.

– Acredito.

Permanecemos em silêncio, a beber o chá no meio de uma trégua armada. Eu não estava de acordo com os seus métodos, mas entendia porque os tinha utilizado. Se quiséssemos desmascarar o assassino de Edward, devíamos valer-nos de todos os meios que tivéssemos ao nosso alcance, mesmo que ocasionalmente tivéssemos de os usar um contra o outro.

No entanto, passaria muito tempo até que eu voltasse a confiar nele.

– A sua dor de cabeça melhorou? – perguntou-me.

– Sim, obrigada.

– Talvez tenha bastante sede durante o resto do dia. É o único efeito secundário que notei.

Assenti e decidi formular uma pergunta que me tinha desconcertado.

– Porque não o afeta?

– Eu tornei-me imune aos seus efeitos há muito tempo, na China.

– Na China! E porque estava na China?

– Passei por lá a caminho do Tibete. É uma história que não quero contar, *milady*, pelo menos neste momento. Basta que lhe diga que, se não soubesse como resistir àquelas ervas, teria morrido. Bom, penso que já tenho todos os protagonistas – disse, esfregando as mãos com energia. – Parece-me que o ponto mais lógico pelo qual começar é a própria morte. Foi um assassinato? Se for verdade, perpetrou-se com veneno. Assim, a primeira pessoa que devemos consultar é...

– O doutor Griggs.

Ele olhou para mim, assentindo contrariado.

– O doutor conhecia bem a saúde de Edward e assinou a certidão de óbito por causas naturais. No entanto, ele terá alguma dúvida, alguma pergunta a esse respeito? Notou algum sintoma estranho, fora do comum para um homem com a doença coronária de que *sir* Edward padecia?

Eu abanei a cabeça.

– O doutor Griggs não falará consigo, sobretudo se pensar que vai acusá-lo de cometer um erro. Tem contactos na Corte. Não querará que lhe cause problemas. Eu far-lhe-ei as perguntas.

Brisbane olhou-me com os olhos semicerrados.

– Pensava que tínhamos acordado que a sua participação seria principalmente como fonte de informação.

– Principalmente, mas não unicamente – respondi eu. – Eu escreverei ao médico. Ele conhece-me desde que nasci e acreditará em qualquer história

que eu invente. Pensarei em alguma coisa convincente e, quando mandar resposta, avisá-lo-ei.

Ele acedeu e combinámos ver-nos novamente quando tivesse a resposta do doutor Griggs. Brisbane não chamou Monk, ajudou-me ele mesmo a vestir o casaco. Eu tirei-lhe o chapéu das mãos e pu-lo. Quando acabei de me agasalhar, senti-me mais segura do que em qualquer momento desde que tinha entrado naquela sala.

– Oh, a propósito – disse com doçura, com a mão na maçaneta da porta, – se voltar a usar-me de forma tão horrível, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que leve a surra da sua vida. Desejo-lhe um bom dia, senhor Brisbane.

Não tenha a certeza, mas acho que ele estava a sorrir quando me fui embora.

## Dez

«Tinha a tristeza no coração, estava inquieto, mas preparado, pressentia a sua morte.»

*Beowulf*

Ocupou-me quase todo o dia seguinte escrever a carta ao doutor Griggs. Não esperava que fosse tão difícil, mas dar com a medida exata de preocupação conjugal e completa estupidez foi mais complicado do que eu pensara.

Na carta explicava que, embora quase tivesse passado o primeiro ano de luto, pensava mais do que nunca em Edward. Contava ao médico que via o meu marido em sonhos, que Edward pronunciava em voz baixa palavras que eu não conseguia ouvir, mas que tinha lido nos seus lábios algo que era um claro sinal de que fora assassinado. Rogava a Griggs que me dissesse se tinha encontrado alguma indicação de uma coisa tão terrível e que me desse os detalhes do colapso e morte de Edward, sobretudo nas últimas horas, em que eu fora afastada dele.

Recordei-lhe a longa história que havia entre as nossas famílias e, com delicadeza, insinuava-lhe que um homem da sua inteligência teria percebido com facilidade qualquer coisa estranha. Lisonjeei-o, enrolei-o e, por fim, salpiquei umas quantas gotas de água sobre a tinta para imitar as minhas lágrimas.

Envergonhei-me um pouco por me divertir tanto, mas isso não durou muito. Fechei o envelope e escrevi o remetente. Depois, pedi a Desmond que o entregasse em mão e indiquei-lhe que esperasse pela resposta. No entanto, a resposta foi sucinta e decepcionante.

*Minha querida lady Julia,*

*Li a sua carta. Não posso dizer nada até que tenha revisto as minhas notas. Por favor, seja paciente. Tentarei responder no correio de amanhã.*

*Seu fiel servidor,*

*William Griggs.*

Ao saber que não ia ter notícias do médico até ao dia seguinte, decidi dedicar-me à minha casa, que tinha abandonado durante um dia. Comecei pelo menos agradável e fui ver a Alegre.

A tia Ursula estava metida na cama, com uma touca adornada com laços. A colcha estava cheia de sacos de doces e de revistas. Na mesa de cabeceira tinha uma pilha de cartas com margens pretas e eu animei-me. Talvez alguém tivesse tido piedade de mim e tivesse morrido. A Alegre estava connosco há quase um ano e eu já estava a perder a paciência de tanto esperar pela perda familiar seguinte.

– Boa noite, tia Ursula – disse-lhe, dando-lhe um beijo na face. Cheirava a lavanda, a refresco de amoras e a cânfora. E a gim.

– Boa noite, querida. Como estás? Eu tive um dia muito agradável. Recebi uma carta muito longa do primo Brutus. A gota causa-lhe muitas, muitas dores, pobrezinho. Tenho de lhe escrever para lhe explicar o remédio que usava o meu falecido Harold.

– Eu estou bem, obrigada – disse-lhe, sentando-me junto da cama. – Lamento pelo primo Brutus. É grave? – perguntei esperançosamente. E claro que, se o primo Brutus recuperasse, havia sempre a esposa do tio Leonato. Sabia que se constipara no Natal e que continuava com tosse.

A tia Ursula encolheu os ombros sob a manta.

– Nunca se sabe. Esse é o problema com a gota. Ataca de repente e pode durar semanas. Então, uma manhã, vai-se tão rapidamente como apareceu. Lembro-me de como sofria o meu pobre Harold. No entanto, o meu remédio curava-o sempre. Mas claro que o curou tanto que se lembrou de montar aquele cavalo selvagem que o atirou ao chão e lhe provocou a morte... Meu pobrezinho... – apalpou sob as mantas à procura do seu lenço e levou-o delicadamente ao nariz. Depois, assoou-se ferozmente e, em seguida, animou-se. – No entanto, como diz a Bíblia, os homens são como flores que se cortam... Tinha chegado a altura de cortar Harold.

Eu assenti, perguntando-me como era possível que estivesse envolvida numa conversa tão estranha. As tias das outras pessoas falavam de como conseguir a floração dos narcisos no inverno. A minha falava de Jó.

Pigarreei para responder, mas ela ainda estava a falar.

– Como o teu pobre Edward. Um rapaz encantador. Tiveram tão pouco tempo para estar juntos! Ainda estavam praticamente de lua de mel. E ser-te arrebatado tão cruelmente! Oh, querida, como o suportas?

A pergunta era retórica e tinha-ma formulado todos os dias daquele ano. Ao princípio, respondera-lhe, recordando-lhe que estávamos casados há cinco anos e que ele sempre tivera uma saúde delicada. Mas com isso só conseguia que ela recitasse versos do Livro das Lamentações, portanto, tinha aprendido a fechar a boca. Limitava-me a fazer cara de tristeza e assentia solenemente, esperando que ela continuasse. Fazia-o sempre.

– Mas, pelo menos, o funeral fez-se bem. Hoje em dia, as pessoas fazem tudo apressadamente para se despachar. Não há respeito. No entanto, ninguém pode dizer que os March não respeitam a morte. Eu senti-me muito gratificada ao ver os esforços que se fizeram em nome do pobre Edward. As flores eram lindas e a música, comovedora. Ainda consigo ouvir os meninos do coro...

Então, começou a cantarolar algo que eu nunca tinha ouvido e que não era absolutamente nada do que tinham cantado durante o funeral de Edward. Comecei a pensar que o frescor de amoras estava a fazer-lhe efeito. Ou o gim.

– Tia Ursula, recebeste mais alguma carta? – perguntei-lhe com desespero. – Vejo que alguns dos envelopes têm o rebordo preto. Espero que ninguém tenha morrido ultimamente – disse, mas claro que esperava o contrário. Estava muito cansada de ter a Alegre instalada no quarto chinês.

A tia Ursula deixou de cantar.

– Oh, não, querida. São cartas de famílias que ainda estão de luto. Por exemplo, o marido de Cressida, que só morreu há dezassete anos. Não ficaria bem se ela deixasse de observar as regras adequadas de respeito, não achas?

Eu recostei-me na cadeira, muda de espanto pelo que a Alegre acabava de dizer. A tia Cressida, cujo marido fora considerado por todos um monstro e que ficara viúva há dezassete anos, devia continuar a guardar o luto segundo a tia Ursula. E esperaria o mesmo de mim, que continuasse a escrever em papel de luto, que continuasse a vestir-me de preto... Não queria pensar nisso e não o fiz. Desculpei-me e decidi ir visitar Simon, com a esperança de que o seu sorriso acalmasse o meu mau humor.

Espreitei silenciosamente no seu quarto, não sabia se já adormecera.

– Estou acordado, Julia – disse ele. – Entra.

Entrei. O quarto estava tenuemente iluminado, quente e acolhedor, e vi Simon acomodado no divã que havia junto da janela, rapado com uma manta de lã suave. Tinha a sua insígnia bordada e fora o meu presente de Natal. Fora-me difícil escolher alguma coisa para ele e, por fim, escolhera algo prático, elegante e reconfortante. Sempre gostara de coisas bonitas e o tom cinzento-claro da lã combinava com os seus olhos.

O resto do quarto estava mobilado com as suas coisas favoritas, lembranças das suas viagens, um retrato dos seus pais...

Simon sorriu-me e eu inclinei-me para lhe beijar a face.

– Ah, violeta... O meu perfume preferido – comentou.

Senti uma pontada de culpa.

– Desculpa. Devia ter-te trazido um vaso de violetas em março. Não importa. Pedirei a Whittle que cultive algumas para ti na estufa.

– Pode fazê-lo?

– Não sei. Isso é com Whittle. Se não, compro-te algumas de tecido, francesas, e borrifo-as com o meu perfume.

– Muito bem. O que tens andado a fazer? – perguntou-me, enquanto eu me sentava aos seus pés, no divã.

– A deixar que a Alegre me esfolasse – disse-lhe, com ar compungido. – Acabo de me dar conta de que espera que guarde luto para sempre. Nunca aceitaria que voltasse a usar cores. Terei de usar a cara tapada com o véu até que as pessoas se esqueçam de como sou.

Simon sorriu.

– Pobrezinha... Não desanimes. Tenho a certeza de que algum parente March morrerá em breve e ta tirará daqui. Pelos vistos, esta primavera tem havido muitos problemas de pulmões.

– Assim espero. Não é que deseje mal a algum dos meus familiares, é óbvio. Mas a tia Ursula já esteve tempo suficiente connosco. É a vez de outros.

– É uma sorte para ti que eu seja um Grey e não um March. Assim, não voltará quando eu morrer – comentou Simon, com ironia.

– Oh, Simon, não digas isso... – supliquei-lhe. Fora desconsiderada por falar daquelas coisas com ele.

– Não queria chatear-te – disse, – mas Griggs veio ver-me na semana passada. Aquele homem é um tonto, eu sei, mas disse que não viverei muito mais tempo e tenho de acreditar nele.

Encheram-se-me os olhos de lágrimas e virei a cara para que ele não pudesse vê-las.

– Julia... – sussurrou. – Tu sabes... Estou doente há tanto tempo, que acho que o agradecerei. Já não recordo o que é respirar sem sentir esta pressão no peito...

Eu assenti.

– Eu sei. Sou uma egoísta. Estou a pensar no que significará perder-te. Nunca pensei no que implicava para ti estar aqui desta maneira.

Ele sorriu, sorriu verdadeiramente pela primeira vez em meses. Tinha sentido a falta do seu sorriso. Sempre fora o seu traço mais atraente.

– Pobrezinha... Promete-me que não te vestirás de preto por mim. Eu gosto mais de ti com vestidos às cores. Cores fortes, vivas. Usa vermelho por mim.

Eu abanei a cabeça.

– Não penso que possa usar vermelho. Edward dizia sempre que me ficavam melhor as cores claras.

A sua cara congestionou de repente e entrecortou-se-lhe a respiração.

– Edward foi estúpido a respeito de muitas coisas, incluindo-te a ti – disse com raiva.

– Fomos felizes – respondi eu, acariciando-lhe a mão. Então, acalmou-se, mas eu continuei a sentir a sua raiva à superfície.

– Não devia ter-se casado contigo – disse finalmente. – Foi egoísta. Não sabia apreciar-te.

Eu não disse nada, porque não havia nada a dizer. Estivemos em silêncio durante alguns minutos. Continuei a acariciar-lhe a mão, ouvindo a sua respiração, até que recuperou o ritmo normal.

– Não devias alterar-te – disse, pouco depois. – E muito menos pelo passado. Isso já não tem importância porque não podemos mudá-lo.

Virou a mão para agarrar a minha com delicadeza. Pensei em como me era familiar aquele gesto. Simon ficara órfão aos dois anos e os seus tios, os pais de Edward, tinham-no criado em Greymoor. Tinha ido com frequência à nossa casa, algumas vezes convidado, outras, não. Fora Simon quem descobrira um buraco na sebe que nos proporcionava um atalho entre as duas propriedades. Nunca falámos daquele buraco ao meu pai, pois tê-lo-ia tapado imediatamente. Conhecíamos-nos desde crianças e o meu casamento com Edward tinha servido para fortalecer os nossos laços. Em certo sentido,

a sua morte seria mais dilaceradora do que a de Edward. Edward fora o meu marido, Simon era meu amigo.

– Tens razão, claro – disse, com voz ligeira e zombadora. – Deveria estar a poupar forças para o meu grande final – explicou. – Tenho uma coisa a dizer-te, querida. Não penso estender as coisas. Quando chegar a altura, agirei.

– Não podes dizer isso, Simon. Tu não... É um pecado muito grande. Não poderemos enterrar-te em chão sagrado.

Ele sorriu novamente.

– E o que pode importar-me isso? Custava-me cada vez mais respirar, Julia. Às vezes, sinto-me como se vivesse debaixo de água, tentando respirar com desespero. Entendes?

Disse que sim.

– Então, também entenderás porque vou fazê-lo enquanto ainda tiver forças. No entanto, não posso fazê-lo sem te avisar.

– Oh, Simon... Quando?

– Ainda não sei. Eu gostaria de ver o verão.

– Trar-te-ei rosas. E morangos.

Simon olhou-me durante um longo minuto. Os seus olhos cinzentos estudaram o meu rosto, memorizaram-no.

– Sempre me perguntei como seria beijar-te – disse. – Sempre me perguntei o que sentiria Edward.

Sem pronunciar uma palavra, inclinei-me para ele. Apertei os meus lábios contra os seus e surpreendi-me ao encontrá-los quentes e suaves. Há anos que não beijava um homem e os lábios de Simon não se pareciam com os de Edward. Os de Simon eram hesitantes, procuravam e exploravam lentamente para recordar os meus.

Ele pôs-me uma mão na cara e eu afastei-me, tremendo. Não pensara que beijar Simon fosse diferente de beijar algum dos meus parentes. No entanto, foi muito diferente e dei-me conta de como uma mulher se torna vulnerável quando passa muito tempo desde que a amaram.

Simon levou a minha mão aos lábios e vi que tinha os olhos cheios de lágrimas.

Nenhum dos dois disse nada. Eu beijei-o novamente, na testa naquela ocasião, e fui para o meu quarto. Sentei-me na cama, às escuras, e pensei em muitas coisas.

## Onze

«Havia três corvos numa árvore  
Tão pretos como o carvão.  
Um deles perguntou ao seu amigo:  
*Onde tomaremos o pequeno-almoço amanhã?»*  
Balada tradicional

O meu encontro com Val na manhã seguinte não foi menos alarmante. Aquinas acabava de me entregar o correio matinal. Entre a habitual pilha de cartas e anúncios vi um envelope que tinha a letra do doutor Griggs. Guardei a carta no bolso e estava prestes a fechar-me no meu estúdio para a ler quando Valerius me encurralou, num estado de nervos que não era próprio dele.

– Bom dia, Julia. Tens um minuto?

Eu tive de reprimir a minha impaciência por ler a carta e sorri. Mal via Val, ele estava sempre demasiado ocupado com os amigos e as suas diversões para passar muito tempo em Grey House. Talvez fosse divertido estar um pouco com ele.

– Claro. Vamos para o meu estúdio. Aquinas deve ter acendido a lareira.

Ele seguiu-me obedientemente e sentou-se ao meu lado no sofá.

– O que se passa, Val? – perguntei-lhe ao ver que não se decidia a falar. – Sabes que podes confiar em mim.

Ele não me devolveu o sorriso. Nos seus olhos verdes e grandes estava refletida uma grande infelicidade e tinha rugas de preocupação na testa.

– Eu sei. Mas espero que o pai não saiba disto, por favor.

– Por mim, não saberá – prometi-lhe. – Agora, conta-me tudo.

O meu irmão olhou-me com insegurança, mas começou a narrar-me a sua história.

– Ontem à noite, estive no clube, a jogar às cartas.

Eu semicerrei os olhos. Eu não gostava daquela conversa. Valerius sempre tivera azar ao jogo, algo que o nosso irmão Plum tinha explorado

quando eram crianças. Val perdia a mesada assim que lha entregavam porque tinha de saldar alguma dívida com Plum e, desse modo, Plum podia sempre comprar tintas e telas. Eu pensava que, depois de viver com semelhante extorsionista, Val teria aprendido a lição, mas parecia que não. E, embora estivesse contente por Val viver em Grey House, não estava disposta a cobrir as suas perdas ao jogo.

– Não é o que pensas – disse ele rapidamente. – Ganhei.

Eu olhei-o com surpresa.

– A sério? Que bom...

– Eu sei. Foi bastante dinheiro. No entanto, também ganhei outra coisa que... não sei se gostarás... Oh, bolas, vem ao meu quarto vê-lo por ti mesma.

Sem entender nada, segui-o até ao seu quarto. Não concebia como era possível que um ganho estivesse a causar-lhe problemas.

Ele parou à porta e respirou fundo.

– Muito bem. Agora, não te assustes. Garanto-te que não há nada a recear.

– Valerius, pelo amor de Deus! Tens aí dentro um leão?

Passei por ele e entrei no quarto. Então, parei de repente. A olhar-me do seu poleiro, aos pés da cama, estava o maior e mais escuro pássaro que já tinha visto na minha vida. Não me atrevi a virar-lhe as costas e disse por cima do ombro:

– É...

Val fechou a porta.

– Um corvo da Torre, sim. Reddy Phillips roubou-o na brincadeira e eu ganhei-o ontem à noite numa aposta.

– Deves estar louco! Esse pássaro é propriedade da Coroa! Não sabes o que...?

Val levantou as mãos num gesto defensivo.

– Garanto-te que sim. Quero devolvê-lo às autoridades, mas não posso arranjar problemas a Reddy. Queria perguntar-te se posso mantê-lo aqui até que pense em como vou resolver isto.

– Nem pensar! – disse eu. – Como pudeste fazer algo tão estúpido? No que estavas a pensar?

Val estava envergonhado.

– Eu sei. Mas não pensava que fosse ganhar. Sabes a falta de jeito que tenho. Reddy estava muito seguro das suas cartas e eu, também. Apostei

todo o meu dinheiro porque queria ver se ele realmente apostava o pássaro. E, depois, ganhei. Fiquei completamente espantado. Pensava que Reddy ia ter um ataque.

Estava a sorrir e eu cravei-lhe o mais severo dos meus olhares.

– Nunca gostei dos Phillips. São apenas uns comerciantes de tabaco convencidos. E tu não és melhor. Não pensaste no que podia significar para o papá? E para o pobre Belmont? Que alguém descobrisse que o seu irmão mais novo recebeu uma propriedade roubada poderia acabar com a sua carreira parlamentar. E propriedade roubada à rainha! O mero facto de ter este pássaro é um ato de traição.

O corvo, que estivera a olhar-nos com interesse, saltou de repente para o chão e começou a andar pelo tapete. Aproximou-se dos meus pés.

– Bom dia – disse-me educadamente.

Eu apontei-lhe um dedo trémulo.

– Fala...

Val assentiu, muito compungido.

– Sim. Penso que só uns quantos o fazem.

– E como raio o conseguiu Reddy Phillips?

– O seu tio trabalha na Torre. Reddy fez-lhe uma visita e conseguiu tirar de lá este pobre bicho. Não é um dos corvos públicos, sabias? – explicou, um pouco mais alegre.

– Não é um dos corvos públicos?

O pássaro inclinou-se para os meus sapatos e começou a bicar delicadamente o tapete.

– Sim, têm alguns guardados, reservados só para procriar. Este é um desses.

– E como é que não se aperceberam do seu desaparecimento? – perguntei, observando com horror como a criatura puxava um longo fio de lã da beira do tapete.

– Reddy tinha outro para o substituir. Os outros corvos da Torre não gostaram dele e mataram-no à bicada pouco depois. Os tratadores enterraram esse pássaro e não se deram conta de que este desaparecera.

– Que estupidez... – murmurei. Aquilo era um desastre. – Suponho que o papá pudesse explicá-lo à rainha, mas não se falam há anos. Penso que ela ainda está zangada por causa daquele assunto da Irlanda. E o papá vai ficar furioso contigo.

Val agarrou-me a mão.

– Prometeste-me! Julia, não podes dizer-lho. Não discutimos há seis meses e acaba de me dar permissão para assistir às aulas de Anatomia da universidade. Se lho disseres, vais estragar tudo. Além disso, eu não roubei o pássaro. Quero devolvê-lo.

Aquele era um argumento sólido. Reddy Phillips era quem merecia umas chicotadas.

– E não podes ir à Torre e dizer que o encontraste fora do muro? – perguntei ao meu irmão, enquanto via como o pássaro inspecionava as cortinas.

Val abanou a cabeça.

– Os corvos da Torre têm as asas cortadas para que não possam fugir. Mas, se me deres alguns dias, há de ocorrer-me alguma coisa. Por favor, Julia...

Vi nos seus olhos, tão iguais aos do meu pai, que falava a sério. Soube que não podia negar-lho.

– Muito bem. Mas deve ficar aqui, neste quarto. Protege todos os móveis que possa bicar e certifica-te de limpar tudo o que sujar.

Val abraçou-me de forma sufocante.

– És a rainha das mulheres! – disse-me com fervor.

– *Victoria Regina* – disse o corvo, com um pequeno grasnido, do chão.

Eu afastei Val.

– E, acima de tudo, certifica-te de que se mantenha em silêncio.

– Vou fazê-lo, prometo-te – disse Val.

Eu saí do seu quarto e ele fechou a porta atrás de mim.

E, através da porta, clara como uma campainha, ouvi a vizinha a dizer: «Deus salve a Rainha».

## Doze

«Porquê tão pálida e lânguida, amor?  
Rogo-te, diz-me, porquê tão pálida?»  
*Sir John Suckling, Canção.*

Passou mais uma hora até que consegui fechar-me no meu estúdio para ler a carta. Antes, tive de falar dos menus com a cozinheira, dar as instruções a Magda, a lavadeira, e rever o meu guarda-roupa com Morag. Num ataque de laboriosidade, a minha criada tinha decidido que a minha roupa de luto estava a começar a desgastar-se e que eu devia encomendar vestidos novos. Aquilo era uma mentira descarada. Suspeitei que Morag andasse curta de dinheiro e precisasse de vender algo no mercado.

No entanto, à medida que separávamos os vestidos e guardávamos só aqueles que ela declarava como aceitáveis, recordei os comentários da tia Ursula sobre o luto e disse a Morag:

– Deixa-me os de seda e aqueles ali. Os outros, podes ficar como eles e arranjá-los para ti ou vendê-los.

Ela olhou-me com desconfiança.

– Sente-se bem, *milady*?

– Perfeitamente. Pega no resto dos vestidos e leva-os. Necessito de espaço no armário para as coisas novas.

Ela assentiu e pôs mãos à obra, olhando-me de vez em quando com estranheza. Não me importei. Enquanto Morag levava os meus vestidos de luto, eu aproximei-me da secretária e escrevi uma carta com instruções específicas para os costureiros de Portia, os irmãos Riche. Em poucos minutos, acabei-a e enviei-a através de um dos lacaios. Senti-me satisfeita, por muito absurdo que pudesse parecer.

Aquele estado de espírito durou até que li a carta do doutor Griggs.

*Minha querida lady Julia,*

*Não sei como dizer-lhe a consternação que me causou a leitura da sua carta. Durante muitos anos tive o privilégio de ser o médico da família Grey. Durante esse tempo, tratei sir Sylvius Grey e o seu filho, sir Edward, e, agora, o seu sobrinho, Simon. Sempre tive claro que os varões desta família padecem de uma doença hereditária e mortal. Tinha a esperança de que sir Edward escapasse à maldição, mas, na sua juventude, dei-me conta de que não seria assim. A debilidade de coração e de pulmões também afligia o pai de sir Sylvius e o seu avô. Por esta razão, mantenho que foi uma bênção que sir Edward não deixasse filhos. Uma enfermidade assim, padecida por cavalheiros tão nobres e distintos, é uma tragédia de grande magnitude, mas a medicina moderna não consegue evitá-la. Fiz tudo o que está ao alcance do Homem por sir Edward e sir Sylvius, exatamente como o faço agora por sir Simon.*

*Quanto às suas dificuldades, lady Julia, eu poderia receitar-lhe um preparado sonífero de papoila para que durma bem à noite e desfrute dos seus benefícios para a saúde. Se não fosse eficaz, recomendar-lhe-ia uma conversa com o pároco para que lhe reconforte o espírito.*

*Seu fiel servidor,*

*William Griggs.*

Deixei a carta sobre a secretária, com profunda decepção. Não havia uma única frase de informação útil. Tomara-me por uma estúpida supersticiosa.

Ou talvez tivesse envenenado Edward e quisesse afastar-me do rasto. Essa ideia apanhou-me de surpresa. Embora parecesse desatinado, era possível. Quem melhor para ajudar um homem a passar para a outra vida do que o seu próprio médico?

Levantei-me rapidamente. Em poucos minutos, fui buscar as minhas coisas e saí de casa sem que ninguém se desse conta. Com as recomendações de discrição de Brisbane e a propriedade roubada à Coroa que Valerius guardava em Grey House, tinha a certeza de que não queria que Brisbane me visitasse.

Caminhei por Curzon Street e, quando cheguei perto do parque, chamei uma carruagem. Chegámos em pouco tempo à residência de Brisbane. A governanta admitiu-me imediatamente a entrada e, com um sorriso, fez-me sinal de que subisse para o andar superior.

Eu bati à porta e recebi a saudação de Monk, que tinha uma expressão tensa.

– Não esperávamos a senhora – disse.

– Eu sei, mas tenho de falar com o senhor Brisbane sobre algo importante – expliquei-lhe eu, mostrando-lhe a carta do doutor Griggs. Ele afastou-se com reticência e cedeu-me a passagem.

– Espere um segundo, *milady*. Vou dizer-lhe que está aqui.

Eu assenti distraidamente e acomodei-me. Tirei as luvas, o chapéu e o casaco, e deixei-os sobre uma cadeira. Havia um exemplar da *Punch* na mesa de apoio. Ignorei-o durante alguns minutos, mas, à medida que o tempo passava e continuava sozinha, inquietei-me. Já tinha lido mais de metade da revista quando Brisbane apareceu.

Surpreendeu-me o seu aspeto. Estava muito pálido e os seus olhos, normalmente tão brilhantes e vigilantes, estavam apagados, afundados no seu rosto.

– *Milady*, desculpe-me pelo atraso, por favor.

Eu fiz menção de me levantar.

– Senhor Brisbane, sente-se bem? Se vim em má altura...

Ele indicou-me que voltasse a sentar-me.

– Absolutamente. É uma indisposição insignificante, garanto-lhe.

No entanto, eu não acreditei. Mexia-se com lentidão, sem a sua graciosidade habitual, e perguntei-me o que se passava. Com sobressalto por me ter apresentado naquelas circunstâncias, entreguei-lhe a carta.

– É a resposta do doutor Griggs. É dececionante. Certamente, estará de acordo comigo.

Ele agarrou-a e, à medida que avançava na sua leitura, franziu o sobrolho. Depois de vários minutos, devolveu-ma.

– Verdadeiramente dececionante.

– Pergunto-me se estará a esconder alguma coisa.

– Como o quê?

– Talvez ele tenha envenenado Edward. Tinha uma boa oportunidade e a vantagem de poder certificar a sua morte como natural.

– Sim, mas qual era o seu motivo? Que benefício obteria de assassinar um dos seus pacientes mais ilustres?

Eu ruborizei-me. Não só o tinha incomodado numa altura em que, claramente, não estava bem para receber visitas, como não tinha refletido sobre a minha ideia repentina de Griggs ser um assassino.

– Não pensei nisso. Vim seguindo um impulso. Lamento.

Brisbane puxou o colarinho da camisa.

– Não faz mal. Há centenas de motivos pelos quais poderia tê-lo feito que nós ainda desconhecemos – fez uma pausa, como se estivesse a reunir forças, e acrescentou: – Tenho um amigo cirurgião. Penso que, se lhe descrevêssemos os sintomas que Edward apresentou na noite em que morreu, poderia dizer-nos algo útil.

– Excelente! Vai escrever-lhe?

Ele pestanejou lentamente.

– Sim. Vou marcar uma reunião. Devíamos ir os dois. Imagino que tenha perguntas sobre a saúde em geral de *sir* Edward, perguntas que eu não...

Então, interrompeu-se enquanto olhava fixamente para o lume, com os ombros tensos, apertando os dentes com força.

– Senhor Brisbane – sussurrei. Ele virou-se para mim e pareceu que o espantava ver-me ali. – Penso que é uma ideia magnífica. Talvez amanhã – disse-lhe. Ele levou uma mão à têmpora. – Senhor Brisbane, sente-se bem?

Levantei-me para o ajudar, mas ele gesticulou com aborrecimento para que voltasse a sentar-me.

– Hei de ficar bem. Agora, vá-se embora. Avise Monk – disse com tom áspero, como se falar lhe custasse um esforço tremendo.

Eu levantei-me. Ele tinha os punhos apertados contra as têmporas, a testa franzida, os lábios brancos e apertados de dor.

– Senhor Brisbane...

– Disse que se vá embora! – aquilo foi um grito de dor e de raiva.

Eu peguei nas minhas coisas e saí a voar. Quando abri a porta de par em par, Monk já tinha aparecido para assistir o seu senhor. Levava um frasco e algumas coisas que não identifiquei.

Não fiquei para ver o que lhe administrava. Saí da casa sem olhar para trás e voltei rapidamente a pé para Grey House. Lá, tranquei-me no estúdio, servi-me de um copo de uísque e bebi-o de um gole. Queimou-me até ao estômago, aqueceu-me, mas, de qualquer modo, não consegui deixar de tremer durante quase uma hora.

## Treze

«Em si mesmo está o perigo...»

John Milton, *Paraíso perdido*.

Durante o resto daquele dia, não consegui concentrar-me em nada. Queria rever as contas da casa com Aquinas, mas, depois de me ter detalhado as faturas do vinho pela terceira vez, fechou o livro encadernado a couro.

– Penso que a senhora está distraída – disse-me amavelmente. – Demasiado para se preocupar com o vendedor de vinho. Informar-lhe-ei que lhe cobrou duas vezes o vinho do Porto e que o último champanhe que enviou era inaceitavelmente seco. Eu encarrego-me disso, *milady*.

– Obrigada, Aquinas – disse-lhe, envergonhada. – Mais tarde, estarei mais concentrada. Há mais alguma coisa?

– Não, *milady*. Nada que não possa esperar.

Fez uma reverência e deixou-me a sós com os meus pensamentos, a maior parte dos quais era desagradável. Brisbane não estava bem e isso era desafortunado para ele, tanto pessoalmente como a respeito da investigação. Simon tivera uma recaída naquela tarde e Valerius estava na posse de um corvo roubado à rainha. Além disso, eu não tinha obtido nada útil do doutor Griggs.

Depois de me preocupar com todas essas coisas, decidi que não podia fazer nada quanto à investigação até que Brisbane se sentisse melhor. Jantei numa bandeja no quarto de Simon e, depois de jogar uma partida de xadrez com ele, perto das dez e meia da noite, desci as escadas. Val tinha saído, eu esperava que para tentar dar com a solução para o corvo, e eu não tinha sono. Peguei num trabalho de costura que ainda não tinha terminado, depois, num livro de poesia... Por fim, fechei-me no meu estúdio para rever novamente as contas. Consegui relaxar um pouco enquanto pensava nos números. Estava a ouvir Aquinas pelo vestíbulo, a apagar os candeeiros,

quando soou a campainha. Pouco depois, ele apresentou-se à porta do meu estúdio.

– *Milady*, tem um visitante. O senhor Nicholas Brisbane pergunta se pode recebê-lo. Desculpa-se pelo tardio da hora.

Eu levantei-me de um salto e entornei o tinteiro sobre uma pilha de revistas.

Aquinas tirou um lenço níveo do bolso do casaco e limpou a tinta.

– Manda-o entrar, Aquinas. A tinta só sujou as revistas. O livro de contabilidade está intacto.

Ele assentiu. Era demasiado correto para questionar o meu ataque de nervos repentino. Empilhou as revistas e levou-as juntamente com o seu lenço sujo.

Quando Brisbane entrou no estúdio, eu tinha-me arranjado um pouco, mas não havia a necessidade de me ter incomodado. Ele não tinha muito bom aspeto. Embora a sua roupa fosse impecável, como sempre, continuava muito pálido. Usava uns óculos, que não tirou para me cumprimentar. Passeou o olhar pela sala e, depois, sentou-se. Eu imitei-o e fiquei a olhá-lo com apreensão. Ele antecipou a minha pergunta.

– Tomei a precaução de passear um pouco até ter a certeza de que ninguém me via a tocar a campainha – disse com voz fraca.

Eu sorri para lhe agradecer a sua descrição.

– Quer um chá, senhor Brisbane? – perguntei-lhe, olhando para a campainha.

– Não, obrigado. Prefiro um uísque.

Eu servi dois copos, um para ele e outro para mim. Ele bebeu metade do dele rapidamente e recostou-se na cadeira.

– Fico feliz por ver que a sua indisposição era passageira – disse.

– Não é. Neste momento, está controlada, mas receio que não por muito tempo. De facto, talvez não esteja disponível para si durante uns quantos dias.

– A sério? – perguntei.

Bebi um gole de uísque, ignorando a pequena pontada de irritação que senti. Pensara que estávamos juntos naquilo. Não esperava que me deixasse continuar a sós.

De repente, percorreu-o um espasmo de dor. Ele fechou os olhos, a sua respiração acelerou.

Depois de um minuto, começou a respirar mais lentamente e o espasmo cessou. Abriu os olhos e pestanejou à luz da sala.

– Entrei em contacto com o meu amigo cirurgião. Neste momento, está muito ocupado, mas poderá reunir-se connosco em Chapel Street dentro de poucos dias – disse.

– Mas, senhor Brisbane, a sua indisposição...

Ele agitou uma mão.

– Não é nada com que tenha de se preocupar. É uma velha adversária. Como já lhe disse, não estarei disponível durante vários dias. Não lhe escreverei, mas avisá-la-ei através de Monk quando estiver pronto para retomar a investigação. Entretanto, não se arme em cão sabujo. Poderia ser muito perigoso.

Eu bebi um gole da minha bebida, novamente zangada. Talvez Brisbane não se sentisse bem, mas isso não era razão para que eu ficasse sentada à espera.

Ele acabou o uísque e levantou-se. Fez uma pausa para reunir forças e apoiou-se na bengala. Então, olhou para mim.

– Digo-o a sério, *milady*. Não deve correr riscos. Eu não poderei protegê-la se não seguir as minhas instruções.

Assenti, embora por dentro estivesse a ferver de impaciência. Uma vez que iniciara aquela investigação, não desejava outra coisa senão terminá-la.

No entanto, dei-lhe a minha palavra e desejei-lhe uma boa noite. Ele olhou-me atentamente, como se suspeitasse da minha rebeldia. Eu baixei os olhos e estendi-lhe a mão. Ele apertou-ma com força. Era a primeira vez que sentia a pele da sua mão contra a minha e surpreendeu-me como era quente. Muito quente, de facto. Estava a começar a ficar com febre. Pelo menos, a doença de que padecia era real.

– Deu-me a sua palavra, *lady* Julia. Não me dececione.

– Recordá-lo-ei – disse eu. – Cuide-se.

Então, acompanhei-o até à porta da casa. Chegámos ao vestíbulo no preciso instante em que se abria a porta das escadas que levavam ao piso inferior e apareceu Magda, a lavadeira. Eu fiquei surpreendida ao vê-la. Pensava que toda a gente já se deitara. Dispus-me a falar-lhe, mas ela não estava a olhar para mim. Os seus olhos estavam cravados em Brisbane. Aproximou-se de nós, envolta no seu xaile.

– Magda, o que se passa?

Ela ignorou-me. Aproximou-se de Brisbane e parou ao seu lado. Ele afastou-se um pouco e eu não pude recriminá-lo. Tinha pedido a Magda que não usasse roupa cigana diante das visitas.

– Quem é este rato elegante? – perguntou. No seu olhar havia um brilho de bom humor e também de malícia.

– Este cavalheiro é meu convidado e a sua identidade não te diz respeito – respondi eu, com tom reprovador. Virei-me para Brisbane. – Desculpe. É Magda, a lavadeira. Já se ia embora – disse e olhei significativamente para Magda.

Ela abriu a palma da mão morena e estendeu-a para ele.

– Pode dar-me uma moeda de prata? Não, bem me parecia... Não lhe direi o seu futuro, embora pense que o conhece bem – disse e riu-se enquanto lhe dava um empurrãozinho.

– Magda! Já chega.

Então, apareceu Aquinas, com o sobrolho franzido. Senti-me muito aliviada. Ele era o único que podia controlá-la. Agarrou-lhe o braço com firmeza e ela foi-se embora com ele docilmente. Parou por um instante para olhar para Brisbane com cumplicidade.

– Falaremos novamente, não é verdade? Pequeno *vesh-juk*?

A porta das escadas fechou-se atrás deles e, antes que Brisbane pudesse falar, eu desculpei-me outra vez.

– Lamento imenso. Normalmente, o comportamento de Magda é excelente. Fala um inglês perfeito, mas gosta de ganhar um dinheiro extra a ler o futuro. E acha que é mais eficaz no seu negócio se se vestir de cigana.

Brisbane, que aparentemente ficara espantado com a atitude de Magda, acalmou-se.

– Não tem de me dar explicações. Só me surpreendeu que tivesse contratado uma cigana para trabalhar na sua casa.

– É complicado. O povo dela sempre acampou nas terras do meu pai em Sussex. Quando Magda teve problemas com eles, acudiu a mim. Nós tínhamos fechado a casa de campo, portanto, só pude oferecer-lhe um trabalho aqui, em Londres. Ela trabalha muito bem quando quer. Não teve uma vida fácil.

Ele fez uma expressão de desprezo.

– Não esbanje a sua pena, *milady*. Tenho um pouco de experiência com os ciganos e sei que as vidas deles são tão difíceis como eles o desejam. Boa noite, senhora.

Assentiu secamente e foi-se embora, deixando-me espantada com a sua frieza. Eu pensava que tivesse uma mente mais aberta. A sua rejeição dos ciganos surpreendia-me. No entanto, naquele aspeto era como a maior parte da gente que eu conhecia. O meu pai era um dos poucos latifundiários de Sussex que acolhia ciganos nas suas terras. Em crianças, nós brincávamos com eles, aprendíamos as suas brincadeiras. No entanto, embora expressassem a sua gratidão por terem um lugar seguro onde acampar, nem que fosse apenas durante uma temporada, mantinham-se separados de nós em todos os sentidos. Quase nunca nos convidavam a comer com eles e era-nos estritamente proibido aprender a sua língua.

Assim, eu não tinha a mínima ideia do que Magda acabava de chamar a Brisbane. Teria de falar com ela a respeito do seu comportamento, algo que temia. Normalmente, ignorava as suas atitudes, mas pedir aos meus convidados que lhe pagassem para lhes ler o futuro na minha própria casa era demasiado. Talvez Londres fosse demasiado para o seu salário modesto e necessitasse de dinheiro. Talvez tivesse de lhe subir o salário.

Enquanto estava à porta do estúdio, a pensar naquele problema espinhoso com Magda, a campainha da porta tilintou novamente e Aquinas reapareceu para a abrir. Perguntei-me se Brisbane se teria esquecido de alguma coisa, pois ouvi o som baixo de vozes masculinas. No entanto, no vestíbulo entrou outro visitante.

– Pai!

Aproximei-me e beijei-o.

– Que surpresa inesperada! Porque vieste ver-me a estas horas da noite?

Entregou o casaco, a bengala e o chapéu a Aquinas, e assinalou-me o caminho para o estúdio.

– Por causa de uma carta que recebi esta manhã. Vamos, querida. Tens de me explicar certas coisas.

## Catorze

«Tão louco como uma cabra.»

Provérbio do século xiv.

Servi um copo de vinho do Porto ao meu pai, mas não servi nada para mim. Depois do uísque que tomara com Brisbane, sentia-me suficientemente atordoada e tinha a sensação de que aquela conversa ia requerer toda a minha inteligência.

O meu pai cheirou o vinho e, depois, deu-lhe um gole. Arqueou os sobrolhos e disse-me:

– Não é nada mau. É melhor do que a água de lavar pratos que servias antes, querida.

– Deleguei a escolha dos vinhos em Aquinas. Ele tem muito melhor gosto para o vinho do que Edward.

– Hum... Hum... – murmurou o meu pai e bebeu outro gole. – Muito bom. Mas isto – acrescentou, mostrando-me a minha própria carta – não é. O que raio pretendias ao escrever isto a Griggs?

Eu levantei as mãos, com cara de inocência.

– Eu... estava desgostosa. Pensei que o doutor Griggs poderia tranquilizar-me.

Ele olhou-me com astúcia.

– Minha filha, se pensas que vou acreditar nisso, és mais tonta do que qualquer um dos meus dez filhos deveria ser. Se for algo privado, diz-me e não falaremos disso. Não tenho intenção de te pressionar para que me faças uma confidência que não desejas fazer.

Pensei durante um instante e, depois, abanei a cabeça.

– Não, não importa. Vai fazer-me bem o teu conselho.

Contei-lhe com brevidade, mas sem esquecer nenhum detalhe, o que Brisbane e eu nos propúnhamos. Quando terminei, ele assobiou.

– Portanto, é isso que tens entre mãos... Bom, não posso dizer que me dececione. Absolutamente.

Pelo contrário, o meu pai estava muito feliz. Tinha uma boa cor nas faces e brilhavam-lhe os olhos.

– Estás a divertir-te com isto!

Ele encolheu os ombros.

– Edward morreu há um ano. Não penso que vás correr um perigo grave. O assassino de Edward, se é que existe, provavelmente já terá desaparecido de cena. Todo este exercício é académico. É por ti que o aprecio, filha.

– Por mim? Eu sou a mesma de sempre. Só cortei o cabelo e comprei roupa nova.

– Não, é mais do que isso. Por fim, atreveste-te a fazer algo atrevido que te faça merecer o sobrenome familiar. Começaste a viver segundo o lema dos March.

– *Quod habeo habeo?* O que tenho, conservo?

Ele revirou os olhos.

– Não, não esse. O outro.

*Audeo.*

– Atrevo-me.

Aquele fora o lema não oficial desde que o sétimo conde de March se casara com uma filha ilegítima de Carlos II e tinha vinculado a nossa família à Casa Real dos Stuart. A lenda familiar contava que o conde adotara aquela máxima com a intenção de colocar a sua esposa no trono algum dia, até que o desagradável final de Monmouth lhe advertira que esquecesse as suas ambições reais.

O meu pai continuou a falar.

– É mais do que o facto de teres cortado o cabelo e teres comprado vestidos novos. Sempre me preocupaste em criança, Julia. A morte da tua mãe foi um golpe muito duro para ti – disse e calou-se, com expressão sonhadora. – Pergunto-me se te lembras dela.

Eu pensei nisso.

– Lembro-me de alguém que me abraçava muito. Alguém que cheirava a violetas. E penso que me lembro de um vestido amarelo. A seda rangia entre os meus dedos.

Ele abanou a cabeça.

– Ah, pensava que recordasses mais... Era ela que usava um perfume de violetas. Fico feliz por tu o usares agora. Às vezes, quando andas por uma sala, quase imagino que é ela que está lá. O vestido amarelo era o seu favorito durante aquele último verão, quando estava grávida de Valerius.

Acho que o usava quase todos os dias. Tu deixaste de falar durante um tempo depois de ela morrer, lembraste-te?

– Não – disse.

No entanto, sim, lembrava-me. Recordava os longos silêncios, a sensação de que, se falasse, se me mexesse, ela nunca mais voltaria. A certeza de que tinha de ficar como estava se quisesse que regressasse. Tentava ficar quieta e mexia-me muito pouco, tentando não crescer sem ela.

– Como é óbvio, odiavas Valerius – estava a dizer o meu pai. – Imagino que o culpasses. Penso que quase todos vocês o fizeram. Eu também, durante um tempo, embora soubesse que o menino não tinha nada a ver. Dez filhos em dezasseis anos. Foi demasiado para ela. Mas amava-vos a todos. Adorava-vos.

A sua voz cessou e soube que o meu pai estava a vê-la. Era muito bela, eu vira retratos deles. Tinha impressões dela, mas não verdadeiras lembranças. O meu pai tinha razão. Eu tinha seis anos quando ela morrera. Deveria recordar mais coisas.

– Tu pareces-te muito com ela – comentou de repente. – Mais do que os meus outros filhos. Ela era boa e distinta, muito mais respeitável do que a família March – disse, com uma gargalhada. – Ela ter-te-ia entendido muito bem, teria entendido os teus refúgios silenciosos e a tua necessidade desesperada de ser normal. Sim, tu pareces-te muito com a tua mãe – repetiu e olhou-me com os olhos verdes e brilhantes. – Mas ela sabia aproveitar as oportunidades, querida. Afinal, casou-se comigo. Tu tens o seu sangue, Julia, mas também és uma March. Há sete séculos de aventura, risco e audácia no teu sangue. Sempre soube que tudo isso afloraria algum dia.

Eu sorri.

– Sempre pensei que Belmont devia parecer-se com a mamã.

– Não. Ele é o maior rebelde de todos. É por isso que pertence aos Tories.

– E acha que eu vou começar a estar à altura do legado dos March?

Ele exalou um suspiro de satisfação.

– Acho. Este assunto do assassinato é o que necessitas. Embora sempre tenha pensado que é melhor não mexer num assunto assim, mas...

Eu soltei um sopro.

– Tu nunca deixaste um assunto em paz na tua vida, meu pai. E não é possível que estejas de acordo com que um assassino escape.

– Ainda não descobriram nenhum assassino. Além do mais, talvez não exista. Talvez o pobre Edward deva descansar tal como o enterrámos.

Eu não quis pensar naquilo. A ideia de varrer todo o possível horror para debaixo do tapete e continuar com a minha vida parecia-me tentadora, mas sabia que não poderia fazê-lo. Não seria capaz de dormir de noite se pensasse que Edward fora assassinado e eu não fizera nada a esse respeito. Sorri perante a ironia de que, ao empreender aquela investigação, fizera algo que podia satisfazer ao mesmo tempo o meu sentido de responsabilidade e o meu desejo secreto de aventura. Olhei para o meu pai e abanei a cabeça.

– Não posso. É o meu dever. Se houver algum indício de que Edward foi assassinado, então, devo fazer o possível para que se faça justiça.

Ele terminou o seu vinho do Porto.

– Muito bem – disse e levantou-se. – Cumpre o teu dever. E não te perguntarei o que fazia Brisbane a sair daqui a estas horas – acrescentou, fazendo-me uma carícia no queixo.

Eu ruborizei-me.

– Estávamos a falar sobre a investigação – respondi rapidamente. – Só estive aqui meia hora.

– Querida menina, se não sabes as coisas más que podem fazer-se num quarto de hora, não és minha filha. Vem jantar lá a casa na próxima quinta-feira. Hermia vai fazer um concurso de oratória e eu vou adormecer.

E foi-se embora. Deixou-me espantada. Não podia acreditar que o meu próprio pai estivesse a insinuar-me que tivesse uma aventura com Brisbane. No entanto, quanto mais pensava nisso, mais achava que fora exatamente o que fizera. Não podia pensar nisso, mas, no entanto, fi-lo.

E muito. Pelo menos, até que Valerius chegou a casa coberto de sangue.

## Quinze

«Por pouco que as circunstâncias me ajudem, descobrirei a verdade onde quer que se esconda; nem que o centro da Terra a sepulte.»

William Shakespeare, *Hamlet*.

Um quarto de hora depois de o meu pai se ter ido embora, Valerius entrou em casa. Eu ouvi-o a cumprimentar brevemente Aquinas no vestíbulo e, depois, passou com rapidez diante da minha porta para as escadas.

Eu chamei-o, mas não respondeu. Segui-o até ao andar superior e alcancei-o à porta do seu quarto.

– Valerius! O que se passa? Quero falar contigo. O papá veio...? Val! O que se passa?

Estava inclinado para diante, com o casaco dobrado sobre o braço. Não usava a gabardina.

– Estás doente?

Eu pus-lhe a mão no ombro para que se virasse, mas ele afastou-se.

– Estou bem.

Segui-o.

– Julia, por favor...

– Valerius, para de ser tão chato. Vira-te.

Ele ficou muito quieto. Provavelmente, estava a perguntar-se que hipóteses tinha de que eu o deixasse em paz. Devia ter-se dado conta de que não havia nenhuma, porque, quando voltei a tocar-lhe no ombro, virou-se. Tinha a cara pálida e marcada pela fadiga, mas o que me fez ofegar de horror foi a sua camisa. O branco do seu peitilho estava pintado de vermelho-escuro, de sangue seco.

– Val, estás ferido! Meu Deus! O que te aconteceu?

– Estou bem. O sangue... não é meu.

– Então, de quem é?

– Houve uma luta à saída do teatro. Foi muito violenta. Uns rufias atacaram um homem. Fizeram-lhe alguns cortes na cabeça.

Eu levantei um dedo para a mancha de sangue.

– Tem cuidado – disse Valerius, afastando-se. – Algumas partes ainda estão húmidas.

Eu abanei a cabeça com espanto.

– Mas, para te teres sujado tanto, devias estar muito perto dele.

Ele assentiu.

– Sentei-me junto dele e tentei parar a hemorragia, enquanto o seu irmão ia buscar a carruagem.

– Que horrível para ti! E o que queriam esses homens? Roubá-lo?

Val passou a mão pela cara.

– Não sei. Penso que era alguma coisa entre eles. Mas, agora, já passou. Só quero tirar esta roupa e deitar-me.

– Dá-me a camisa. Vou pô-la de molho para que não se estrague.

Ele hesitou. Depois, assentiu e entrou no seu quarto. Eu ouvi o corvo a grasnar com aborrecimento. Depois de alguns minutos, abriu a porta, só o suficiente para me dar a camisa pela fresta.

– Obrigado – disse brevemente e fechou a porta antes que pudesse fazer-lhe mais perguntas.

Com a camisa nas mãos, afastada do corpo, desci as escadas até à lavandaria. Certamente, as nódoas da camisa teriam desaparecido na manhã seguinte e não haveria rasto do que lhe tinha acontecido no teatro. Magda tinha sempre um balde de água à mão para deixar a roupa de molho e sabia que o guardava debaixo das janelas dianteiras, que ficavam na parte superior da parede. Assim, tinha boa luz, inclusive nos dias nublados, e oportunidade de olhar para os viandantes, nem que fosse apenas à altura dos tornozelos.

Acabava de pegar no balde e de levantar a tampa quando ouvi vozes. Sobressaltei-me, pensando que não estava sozinha na lavandaria. Mas, à medida que continuaram, dei-me conta de que procediam de cima de mim. O casal refugiara-se atrás das árvores que havia de ambos os lados da porta principal e estava a falar em voz baixa. Reconheci-os imediatamente.

– Dou-te a última oportunidade de me largares a manga antes que te parta os dedos.

Para meu espanto, dei-me conta de que era Brisbane. Não entendia o que podia estar a fazer ali. Saíra de Grey House uma hora antes.

Magda riu-se.

– Oh, não acredito... Não me farás mal. Alguns de nós ainda se lembram de Mariah Young.

Aquelas palavras foram um sussurro e deviam ter sido como uma chicotada para Brisbane, pois ouvi o som de um passo e uma inalação brusca de Magda. Houve um pequeno gemido de dor.

– Não te metas – disse-lhe ele. – Destruo-te se o tentares.

– Já o tentaram outros – respondeu ela com raiva. – Mas recorda que sei quem era Mariah Young e que sei como morreu.

Então, ele deve tê-la largado, porque se produziu um som metálico, contra o corrimão, e, depois, o dos passos de alguém que se afasta rapidamente na escuridão. Seguindo Brisbane na escuridão ia a gargalhada de Magda, baixa e rouca, como o grasnido áspero de um corvo.

## Dezasseis

«Oh, somos filhos de nobres e senhoras,  
Nascidos em alcovas e salões,  
E tu és filho de alguma pobre criada,  
Nascido no estábulo de um boi.»  
Balada tradicional

Para minha surpresa, dormi bastante bem naquela noite. O álcool que tinha ingerido, além dos dois estranhos eventos que tinham tido lugar, foram demasiado para mim. Subi as escadas sigilosamente, para evitar Aquinas, e falei pouco com Morag enquanto me ajudava a preparar-me para me meter na cama. Adormeci antes que ela fechasse a porta do quarto.

No entanto, acordei cedo ao ouvir o sino do vendedor de bolos e fiquei na cama, ouvindo como começava a atividade nas ruas e pensando na noite anterior. A visita de Brisbane fora inesperada, mas convencional. Fosse qual fosse a enfermidade de que padecia, fora atencioso ao advertir-me que estaria incomunicável durante alguns dias.

A visita do meu pai, no entanto, fora mais desconcertante. Eu achava-o capaz de me encorajar a fazer algo tão estranho como investigar um assassinato, mas não podia acreditar que lamentasse que eu não tivesse tornado Brisbane meu amante. Não era segredo para mim que o meu pai não tinha aprovado completamente o meu casamento com Edward. Justamente antes de me acompanhar ao altar, tinha-se oferecido para me levar para longe se mudasse de ideias, para a França, para a Grécia, para qualquer sítio. Eu ri-me, pensando que falava na brincadeira, mas, depois de Edward e eu nos casarmos, comecei a notar coisas que não tinha notado antes. O meu pai, que sempre fora distraído, tornara-se um espetador muito atento quando Edward e ele estavam na mesma sala.

Eu observava como o meu pai observava o meu marido e perguntava-me o que estava a pensar. Nunca tive coragem de lho perguntar e ele nunca mo disse, mas eu sabia. Edward pertencia ao tipo de homens que o meu pai

despreza: rico, satisfeito consigo mesmo e incapaz de pensar ou sentir profundamente. O meu pai tem uma sensibilidade tão refinada que era sabido que se fechara no seu escritório a chorar por causa de *Tito Andrónico* durante horas. Edward nem sequer chorara quando a sua mãe morrera. Talvez o meu pai detestasse a inclinação política de Belmont, mas aplaudia as suas convicções.

Edward não tinha convicções, no entanto. Quando se tratava de assuntos de política, religião ou filosofia e se gerava um debate acalorado à mesa dos March, Edward ficava calado, com um sorriso tolerante. Por muito que o meu pai o provocasse, ele nunca mordia o anzol, nunca dava a sua opinião, nem falava de nada mais importante do que o corte de um dos seus fatos ou a colheita de um vinho. Além disso, deixara que a casa de Greymoor decaísse e esse era outro pecado imperdoável para a minha família, que adorava a terra. Os March levavam muito a sério a responsabilidade da administração há séculos. Nenhum podia deixar um campo por cultivar, nem uma sebe por podar.

Os meus irmãos e o meu pai, em resumo, deploravam a sua falta de energia, a sua indiferença e a sua recusa em administrar bem as terras do baronato. No entanto, no fundo, professavam-lhe afeto. Edward sabia como conquistar o afeto das pessoas, como apresentar o seu encanto com uma conversa inteligente e um sentido de humor com o qual se subestimava e fazia com que os outros se sentissem muito inteligentes. Toda a gente se achava brilhante e perspicaz quando Edward estava entre nós.

– É um polidor de diamantes – dissera-me Portia uma vez e tinha razão.

Ele tinha o dom de pegar em saídas banais de outros e convertê-las em algo engenhoso. Nunca lia livros e raramente lia jornais, salvo para ver se se mencionava o seu nome. No entanto, parecia que sabia sempre o que se dizia e a respeito de quem. Eu achava que fora a sua capacidade de analisar a sociedade que tinha multiplicado a fortuna considerável que tinha herdado e que tinha convertido num pequeno império. Edward ouvia com extrema atenção quando os outros falavam e as pessoas falavam sempre livremente quando estavam com ele. Ele inclinava a cabeça para o seu interlocutor e envolvia ambos numa intimidade quente. Sabia quais eram as perguntas que devia fazer e fazia-as sem que ninguém tivesse a sensação de que estava a bisbilhotar. Obtinha sempre a informação de que necessitava e, depois, fazia-a chegar aos seus gestores, com instruções sobre como agir em conformidade.

Eu não soube nada disto até depois da sua morte, claro. Tudo aflorou durante uma longa reunião com o advogado, o senhor Teasdale. Estávamos a fazer uma revisão exaustiva dos investimentos de Edward e eu expressei o meu espanto pelo facto de os seus negócios serem tão sofisticados e tão diversos. Então, o senhor Teasdale explicou-me as práticas de negócios de Edward com admiração.

Foi muito interessante verificar que, o que eu sempre tinha considerado um joguinho de Edward, passar tempo com as pessoas, conhecendo-as com calma, era na realidade uma forma de ganhar dinheiro. Pensei em toda a gente que, ao longo dos anos, me dissera que Edward sabia ouvir maravilhosamente, que era atencioso e sensível. Invejavam-me sempre, embora não devessem ter-se incomodado. Eu era a única pessoa que Edward quase nunca ouvia, porque quase nunca estávamos juntos.

No entanto, todos sentiam o calor dos seus alegres cuidados, sem se darem conta de que havia algo frio e escuro por detrás deles.

Dei-me conta de que estava a olhar para o teto, verde-claro, escolha de Edward, e a perguntar-me se alguém alguma vez teria adivinhado que o seu interesse era mais calculista do que sociável. Ter-se-ia sentido alguém lesado por isso? Inclusive traído? Poderia uma pessoa chegar a assassinar? Talvez, nas circunstâncias precisas.

Mas quais eram as circunstâncias precisas? E que tipo de pessoa?

Estive a pensar nessa pergunta enquanto ouvia o ruído das carruagens que começavam a percorrer Curzon Street. O trânsito estava a tornar-se terrível em Londres e eu tinha cada vez mais saudades do campo. Normalmente, deixava a cidade em maio, mas não poderia fazê-lo naquele ano. No ano anterior, depois da morte de Edward, levava Simon para Bellmont Abbey. A viagem fora lenta, em deferência à sua saúde frágil, mas adorara-a. Sentira-se suficientemente bem para se sentar no jardim, onde passávamos longas horas a ler e a fazer quebra-cabeças. Às vezes, eu pintava, muito mal, e falávamos ou permanecíamos em silêncio, conforme nos apetecesse. Em setembro, quando voltámos para Londres, tinha as faces morenas, mas o ar da cidade foi uma mudança muito má para ele. Voltou rapidamente a ficar prostrado na cama, com uma tosse muito forte e sem cor. Aquele verão fora a sua última melhoria. Como as suas forças tinham continuado a debilitar-se, eu sabia que não sobreviveria a uma viagem a Sussex. Mesmo que Brisbane e eu concluíssemos a investigação, eu não poderia deixar Simon.

No entanto, sentiria a falta do verão em Sussex. Sentiria a falta dos morangos e das partidas de *croquet*, das longas tardes de sol na relva, dos passeios pelo lago no bote muito velho do meu pai, dos vestidos finos de musselina que pareciam quase uma indecência depois de passar todo o inverno com aqueles fatos tão grossos. Bom, pelo menos, poderia caminhar pelo parque e pedir à cozinheira que comprasse morangos. Não haveria compensação para os passeios de bote, mas decidi que encomendaria aos costureiros vestidos mais finos para o calor.

Continuava com as minhas reflexões quando entrou uma das criadas com o chá da manhã. Quando fiquei sozinha, recordei a chegada de Val na noite anterior, com a camisa manchada de sangue e muito desarrumado. Não fora um progresso. Eu acreditava que se adaptara bem à vida em Grey House. Era verdade que mal nos víamos, mas isso agradava aos dois e eu tinha a sensação de que ele estava mais contente na minha casa do que na do meu pai.

No entanto, tinha-se tornado misterioso ultimamente quanto às suas idas e vindas. A existência de um corvo de Sua Majestade no meu quarto azul era prova disso. Deveria ter entregado o pássaro ao meu pai antes que Val tivesse voltado da ópera. O meu pai teria ficado furioso com ele ao princípio. Eu tinha a certeza de que guardava afeto à rainha: uma das suas lembranças de infância mais queridas era ter brincado com ela. No entanto, o aborrecimento com o meu irmão teria mitigado. Ele ter-se-ia encarregado de que o pássaro voltasse para a Torre e teria defendido o seu filho perante a rainha, sem dúvida. Além disso, Val ter-me-ia perdoado, com toda a certeza, que tivesse traído a sua confiança, pois tudo teria corrido bem.

Infelizmente, não me tinha lembrado do corvo na noite anterior. Estava muito preocupada com o meu pai e Brisbane. E com Magda. Enquanto bebia goles de chá, que estava cada vez mais frio, recordava as palavras que ela tinha pronunciado na escuridão.

«Sei quem era Mariah Young... e sei como morreu.»

Eram palavras arrepiantes, que não pressagiavam nada de bom. Eu não sabia quem era Mariah Young e não acreditava que gostasse de o descobrir. Por acaso, Magda queria dizer que Brisbane sabia algo sobre a morte daquela mulher? Ou, pior ainda, teria tido algo a ver com essa morte?

Pousei o chá e tapei-me com a manta até ao queixo. Teria confiado tolamente numa pessoa que era capaz de cometer um crime igual ao que estávamos a investigar? Seria capaz de cometer um ato de violência? Ou,

por acaso, Mariah Young tinha morrido num infeliz acidente provocado por Brisbane? O que é que eu sabia realmente dele? E o que sabia Magda?

Ainda estava a pensar em tudo isso quando Morag entrou, anunciando que o meu banho estava pronto. Banhei-me e vesti-me num estado de distração, sem deixar de me fazer perguntas para as quais não tinha resposta.

E, como estava a pensar em Brisbane quando me sentei à mesa do pequeno-almoço, pareceu-me um pouco de bruxaria encontrar uma carta dele junto do meu prato. Abri-a e li-a rapidamente enquanto Aquinas me servia as torradas.

Milady,

*O meu amigo encontra-se inesperadamente disponível para nós ainda esta manhã. Estará em Chapel Street às onze em ponto. Espero que não seja um inconveniente para si.*

*Nicholas Brisbane.*

Em poucos minutos, eu tinha rabiscado uma resposta rápida e enviara Desmond a Chapel Street. Recostei-me na cadeira, fazendo sinal a Aquinas de que não se incomodasse quando quis trocar-me os ovos mexidos frios por outros quentes.

Por algum motivo, tinha perdido o apetite.

## Dezassete

«Padeço de uma estranha enfermidade que nada significa para quem me conhece.»

William Shakespeare, *Macbeth*.

Cheguei a casa de Brisbane às onze e dez, para me assegurar de que o seu amigo já estivesse lá. Entre a insinuação velada do meu pai de que devia tornar Brisbane meu amante e a menos velada insinuação de Magda de que Brisbane podia ser um assassino, não tinha vontade de estar a sós com ele. De facto, não estava certa de qual das duas coisas me provocava mais nervosismo.

Fazia um dia muito agradável, nublado, mas sem o vento frio que me teria obrigado a ir de carruagem. Decidi ir a pé, pela segunda vez em dois dias, mas, naquela ocasião, observando atentamente o que me rodeava. Para observar as regras sociais, levava um véu grosso e caminhava com decisão, mantendo a cabeça erguida para que ninguém pensasse que olhava para os lados.

No entanto, mexia os olhos constantemente para assimilar tudo. Espantava-me como a cidade era diferente sem ter a janela de uma carruagem entre mim e Londres. Quando cheguei à residência de Brisbane, tinha o vestido sujo, mas vira tantas coisas! Vi os cavalheiros de Mayfair, que passeavam com altivez. Evitei-os cuidadosamente. Reconheci alguns e, embora uns quantos tivessem olhado para mim, nenhum se atreveu a dirigir-me a palavra.

Aqueles nobres não me interessavam. Tinha passado a vida junto deles, nos jantares e nos bailes. Não, eu sentia-me fascinada pelas amas que levavam as crianças, bem agasalhadas, a apanhar ar ao parque e pelas criadas de touca que se apressavam a fazer recados às suas senhoras. Vi dois lacaios engalanados com levitas de veludo. Perguntei-me o que haveria nos envelopes que levavam na mão. Convites? Cartas de amor? Eles caminhavam com importância, luzindo os casacos elegantes e as calças até

ao joelho, e pensei, não pela primeira vez, que me sentiria aliviada se vendesse Grey House e me desfizesse dos meus. Parecia-me desnecessário ter dois jovens ao meu serviço só porque eram decorativos.

Os lacaios caminhavam de maneira arrogante pela rua, entre as floristas, os vendedores de castanhas e os músicos, abrindo caminho à cotovelada entre a multidão. Vi um deles, alto e com uma levita azul-céu, a empurrar sem piedade uma florista para a afastar do seu caminho. Os ramos de flores acabaram no chão. Ela insultou-o com fluidez e eu tomei nota de algumas das palavras. Depois, dei-lhe um xelim e ela entregou-me um ramo de lavanda com um sorriso. Quando quis dar-me o troco, abanei a mão para lhe indicar que não o fizesse e ela fez uma reverência e desejou-me um bom dia.

Eu continuei a andar, desfrutando da fragrância fresca da lavanda, tentando recordar quando tinha pagado eu mesma uma compra. Todas as lojas que frequentava mandavam a conta para Grey House. E era Morag quem normalmente levava o dinheiro que necessitávamos para os gastos imprevistos. Era estimulante estar sozinha por uma vez, rodeada de tanta gente, cada um falando um inglês diferente. Dei-me conta que, por muito que sentisse saudades do campo, tinha chegado a adorar Londres com igual intensidade.

Quando cheguei a casa de Brisbane, sentia-me animada e preparada para enfrentar qualquer desafio. A acusação de Magda parecia-me absurda. Fosse o que fosse, não podia referir-se a um assassinato. Isso não era possível.

Ou assim pensei até que Brisbane abriu a porta. Estava horrível, como um homem que acabasse de sair do inferno, pálido e tenso. Tinha os olhos frágeis e as pupilas contraídas, e perguntei-me se tomara láudano. A minha avó, que no fim dos seus dias sofrera dores terríveis, refugiara-se na sua garrafa verde de láudano. E, pouco antes da sua morte, tinha o mesmo aspeto frágil e a mesma palidez que ele.

– Senhor Brisbane, espero que esteja bem – disse, embora soubesse que não estava.

Ele assentiu e estremeceu imediatamente. Inclusive aquele movimento tão ligeiro devia provocar-lhe muita dor, pois a sua cara empalideceu mais.

– Mordecai já está aqui – disse com voz fraca.

Eu entrei no salão, levantando o véu. Diante da lareira vi um homem jovem, de uns trinta anos. Era alto, quase tanto como Brisbane, e moreno,

mas aí terminavam as parecenças. O desconhecido era mais forte, quase roliço, e tinha uma expressão doce e séria. O seu cabelo era murcho e usava a roupa um pouco gasta. Parecia uma pessoa serena e agradou-me imediatamente.

A sua cara iluminou-se com um sorriso que se estendeu até aos olhos e deu-me a mão. Brisbane fez as apresentações.

– *Lady* Julia Grey, permita-me que lhe apresente o meu bom amigo doutor Mordecai Bent. Mordecai, apresento-lhe *lady* Julia Grey, viúva de *sir* Edward Grey.

– Agradeço-lhe muito que esteja disposto a ajudar-nos – disse-lhe, enquanto nos cumprimentávamos.

– A gratidão é minha, *milady*. Nicholas sabe que adoro mistérios. E os venenos são o meu passatempo preferido.

Eu olhei-o com os sobrolhos arqueados.

– A sério? Que fora do comum...

– Absolutamente. Todos os nossos remédios se extraem de ervas que, se se tomarem em dose excessiva, são mortais. Não há remédio no mundo que não seja um potencial veneno nas mãos erradas.

– Nunca tinha pensado nisso desse modo – respondi.

Brisbane assinalou-nos as poltronas e todos nos sentámos.

– Suponho que o senhor Brisbane o tenha posto ao corrente dos detalhes da morte de Edward.

O doutor Bent assentiu.

– Sim. Devo dizer que a capacidade de fazer um diagnóstico acertado, depois de tanto tempo e sem exame *post mortem*, se vê comprometida. Entende?

– É óbvio. No entanto, penso que isto é um caso de assassinato. E Brisbane, também.

– Por intuição, talvez?

A pergunta foi dirigida ao senhor Brisbane, mas não entendi porquê. De facto, Brisbane não respondeu, manteve o olhar fixo num canto da sala.

– Suponho que possa dizer-se assim, mas temos provas de que alguém estava a ameaçar o meu marido antes da sua morte. E o colapso de Edward foi tão repentino...

– Mas ouvi dizer que não foi de todo inesperado – disse o doutor Bent, com gentileza. – Não penso que um médico tão ilustre como o doutor

Griggs certificasse a sua morte como natural se não fosse a causa mais provável.

– O meu marido foi assassinado – insisti obstinadamente. – Sei que será difícil de o provar. Não lhe peço que o faça. Só lhe peço que nos ajude com os seus conhecimentos, para que possamos levar as nossas pesquisas na direção correta.

– Eu disse-te, Mordecai – sussurrou Brisbane.

O doutor Bent sorriu.

– Sim, Nicholas – respondeu ele e virou-se para mim. – Disse-me que é uma mulher de grande força e decisão, *milady*. Estou encantado por ajudar em tudo o que for possível. Conte-me exatamente o que aconteceu naquela noite...

Eu falei durante muito tempo. Mordecai Bent sabia ouvir, não só com os ouvidos, mas também com todo o corpo. Interrompeu-me algumas vezes para me fazer perguntas sobre o colapso de Edward.

– E como estava de saúde antes da sua morte? Sei que não muito bem. Penso que tinha uma doença coronária, não é assim?

Eu assenti.

– Sim. O seu pai e o seu avô sofriam da mesma doença. O doutor Griggs diz que é uma debilidade congénita, hereditária. O primo de Edward, Simon, também a padece.

– E que sintomas manifesta?

– Edward tinha sempre enjoos. Também em criança.

– Enjoos?

– Sim. Tinha-os repentinamente, algumas vezes depois de fazer exercício, outras vezes quando estava parado. Tinha dificuldade em respirar e, com frequência, ficava roxo.

O doutor Bent assentiu pensativamente.

– Continue, por favor.

– Como já disse, sempre teve esses enjoos. Alguns eram piores do que outros. Com frequência, sentava-se e passavam-lhe. Outras vezes, tinha de ficar de cama durante vários dias.

– E esses enjoos tinham piorado nos últimos meses?

– Oh, muito! – respondi. – Às vezes, não parecia ele mesmo. Estava muito magro e tinha tosse.

– Em que sentido não parecia ele mesmo?

– Normalmente, era de trato agradável, muito amável. No entanto, nos meses anteriores à sua morte tornou-se mal-humorado, sombrio. Algumas vezes, ficava muito zangado, mas por nada em particular. Podia estar perfeitamente bem e, de repente, tinha um ataque de raiva.

– Foi violento alguma vez?

O doutor Bent formulou a pergunta sem julgar, mas eu hesitei antes de responder. Por muito bondoso que parecesse, era um estranho. E contar certas coisas era humilhante para mim.

Notei que Brisbane estava a observar-me fixamente, com acuidade. Levantei o queixo.

– Agrediu o engraxador e o seu ajudante de câmara, creio.

Eu olhei para Brisbane, desafiando-o a contradizer-me. Ele não podia ter a certeza. Não podia saber, disse a mim mesma.

O doutor Bent estava a assentir.

– É um quebra-cabeças muito interessante, *milady*. Tenho de investigar um pouco antes de vos proporcionar informação definitiva e, neste momento, estou muito ocupado no hospital – disse em jeito de desculpa.

Eu levantei-me e estendi-lhe a mão.

– É óbvio. Agradeço-lhe imenso a sua amabilidade.

Ele apertou-me a mão cordialmente e eu dei meia-volta para me ir embora.

Brisbane levantou-se e deu um passo para a porta. Chegou apenas até à mesa que havia junto da sua poltrona e parou. Eu vi que ficava branco como a cal.

– Senhor Brisbane, está bem?

Ele apoiou-se na mesa, cegamente, e empurrou a garrafa de uísque.

– Nicholas! – gritou o doutor Bent.

Chegou junto do seu amigo a tempo de o agarrar antes que desabasse no chão, amortecendo a queda com o seu próprio corpo. Brisbane tinha perdido os sentidos e era completamente alheio ao seu amigo, à garrafa partida e ao uísque que estava a entornar-se lentamente sobre o tapete.

## Dezoito

«Os meus pensamentos giram como a roda de um oleiro; não sei onde estou, nem o que faço.»

William Shakespeare, *Henrique VI*, primeira parte.

Durante os três dias seguintes, não tive notícias de Brisbane, nem do seu estado, nem da investigação. Dediquei-me a preparar os menus com a cozinheira, li para Simon, pedi a Val que resolvesse o assunto do corvo ilícito e respondi mal a Morag. Parecia que havia milhares de problemas domésticos que devia resolver: uma das criadas foi-se embora, um laçao fingiu que estava doente, uma gata vadia pariu na despensa... No entanto, resolver tudo aquilo não me causava nenhuma satisfação. Era tentador relegar tudo a Aquinas. No entanto, se o fizesse, só me restaria pensar e ficar nervosa, o que não era muito melhor.

Pensei várias vezes em ir visitar Brisbane. Não para o ver, claro. Só seria uma visita de cortesia, para lhe transmitir a minha preocupação através de Monk. E talvez para lhe levar algum pequeno obséquo que o ajudasse a ultrapassar a convalescença.

Recuperara rapidamente do desmaio. O doutor Bent tinha-lhe aproximado um frasco de sais e Brisbane acordara. No entanto, estava muito fraco. O médico tinha-o obrigado a deitar-se depois de me acompanhar, firme, embora respeitosamente, até à porta. Não o censurava. Já devia ser difícil lidar com Brisbane no seu estado sem que eu estivesse ali a olhar de boca aberta. Não obstante, eu não podia negar que sentia curiosidade.

Aparentemente, Brisbane era uma pessoa saudável e robusta, e eu não sabia que doença poderia vergar um homem tão vibrante. E consumia-me pensar que o doutor Bent talvez tivesse enviado a Brisbane o relatório sobre Edward, mas que Brisbane não pudesse fazer-mo chegar por causa da sua indisposição. Contemplei a possibilidade de lhe levar uma cesta com os melhores biscoitos da cozinheira e uma garrafa de vinho que Aquinas

selecionasse da adega. No entanto, o bom senso impôs-se. O bom senso ou, talvez, a covardia. Vira-o duas vezes na agonia da enfermidade e das duas vezes tinha corrido para Grey House sem olhar para trás. Era muito inquietante ver um homem como Brisbane em semelhante estado. Por muito que quisesse, não podia visitá-lo só para satisfazer a minha curiosidade.

Assim, dediquei-me a fazer limpezas no meu estúdio. Amontoei todos os trabalhos e os álbuns de aguarelas que tinha por acabar. Guardei tudo num armário, com a promessa de os acabar assim que terminasse a investigação.

Depois, concentrei-me nas estantes. Recolhi uma pilha de jornais que não tinha lido e separei-os para que Aquinas se ocupasse deles. Tirei os livros, limpei-lhes o pó e pensei que devia deixar as criadas entrar naquela sala de futuro. Eu não estava a encarregar-me de a manter arrumada e, muito menos, limpa. Tinha imenso pó e estive constantemente a espirrar enquanto mexia em livros que não via há séculos, histórias da infância e da minha juventude, edições que tinham as capas desgastadas e manchas de doce de dedos pegajosos.

Também encontrei o meu livro de salmos. Tinha-mo oferecido a princesa de Gales no dia do meu crisma. Só era princesa de Gales há sete anos quando eu me crismei e, durante a cerimónia, eu olhava-a com reverência. Era muito bonita e eu tinha-me sentido muito emocionada por ter algo que tivesse tocado nas suas mãos.

Passei os dedos pela capa e lamentei o mau-estado em que se encontrava. Deveria tê-lo cuidado melhor. Era a coisa mais elegante que tivera durante muito tempo. No entanto, as capas de couro tinham secado e gretado. Abri-o, quase com medo de ver a fita de seda, que certamente se teria desfiado. Realmente, não merecia ter coisas tão bonitas se não ia cuidar delas. Folheei-o e, de repente, notei uma imperfeição que não esperava. A fita estava desfiada, mas, além disso, havia um buraco numa página e isso pareceu-me incompreensível. Que tipo de verme ou traça fizera aquilo?

No entanto, enquanto fazia a pergunta sabia que o causador da deterioração não fora um inseto. O livro de salmos fora estragado por mãos humanas. Umas mãos com uma tesoura muito afiada.

Olhei para o livro com entusiasmo, porque tinha ali mesmo a primeira pista. O verso que tinham cortado do meu livro de salmos não era o que estava colado à carta que eu encontrara na secretária de Edward, mas, sem dúvida, estaria em alguma das que Brisbane vira. Não sabia quantas cartas

tinha recebido o meu marido, mas estava certa de que todas elas provinham daquele livrinho inofensivo.

Examinei o livro de salmos e encontrei, no total, seis buracos. A pessoa que tinha ameaçado Edward pegara no meu livro e escolhera as passagens que queria. Depois, voltara a guardá-lo no seu sítio. Isso significava que o tivera durante algum tempo e que era uma pessoa que tivera acesso à minha casa pelo menos duas vezes, uma para tirar o livro e outra para o deixar. As implicações eram temíveis e eu soube exatamente o que devia fazer.

Fui até à minha secretária e enrolei o livro de salmos num papel. Depois de atar o embrulho, guardei-o no bolso e toquei a campainha para pedir a Aquinas que me preparasse uma cesta de fruta. Estava na hora de ir ver Brisbane, com doença ou sem ela.

## Dezanove

«Senhora, o homem e o seu amo estão possuídos;  
Sei-o pela sua palidez e pelo seu olhar mortal;  
Devem ser atados e confinados num quarto escuro.»  
William Shakespeare, *Comédia de equívocos*.

Meia hora depois, saí de um carro alugado à frente casa de Chapel Street. Aquinas tinha preparado a cesta de frutas e tinha pedido a Whittle, o jardineiro, que acrescentasse umas flores. O livro de salmos ia no meu bolso e chocava ligeiramente contra a minha coxa ao caminhar.

Toquei a campainha e, quase imediatamente, alguém abriu a porta.

Não era a senhora Lawson, senão um menino de uns nove ou dez anos.

Eu passei pelo menino, tarefa fácil com uma cesta de fruta nos braços.

– Não te preocupes comigo – disse-lhe. – Estão à minha espera.

Não era completamente verdade, mas também não era completamente falso. Brisbane devia saber que eu o visitaria se descobrisse alguma pista, não? De facto, recordava perfeitamente que me tinha indicado que o fizesse.

Bati com dificuldade, por debaixo da cesta, e esperei bastante tempo, até que ouvi um ruído atrás da porta.

Abriu-se apenas uma fresta e vi Monk, que me observava com cautela.

– Senhora – disse.

– Boa tarde, Monk – respondi eu, abrindo a porta com a bota. – Vim trazer esta cesta – disse, com um sorriso.

Ele hesitou e olhou para trás.

– Suponho que possa deixá-la entrar um pouco, *milady*, mas receio que o senhor Brisbane esteja muito mal. Se quiser deixar-me a cesta, garanto-lhe que...

Eu entrei através da fresta que ele me deixara.

– Na realidade, queria falar com o senhor Brisbane de um assunto de negócios. É urgente.

A porta que dava para o quarto interior, o estúdio de Brisbane, pensei, estava ligeiramente aberta. Não havia luz. O quarto principal estava iluminado e aquecido, inclusive com o ar carregado, e, em vez do aroma habitual a tabaco, a couro e a ervas, no ambiente havia um aroma que eu não conhecia.

Monk pôs-se rapidamente diante de mim, mas eu caminhei com decisão e consegui contorná-lo e chegar até à porta entreaberta. Ali, o aroma era mais forte, era metálico. Do quarto ouvimos um ruído, um rangido que por algum motivo me recordou um urso que acordasse da hibernação. Ou de algo pior, uma coisa mais obscura e sinistra, que saísse do seu esconderijo ao cheirar sangue...

Mais tarde, soube que era Brisbane, a sair do seu estado de semi-inconsciência. Não sei o que o alertou da minha presença. Teria notado o meu perfume por cima do aroma forte do seu próprio remédio?

Entrei no quarto, sem prestar atenção aos protestos fracos de Monk atrás de mim. Levava a cesta de fruta nos braços, agarrando-a com força. A minha visão demorou um pouco a adaptar-se à penumbra. Aquilo não era um estúdio como tinha suposto. Era o quarto de Brisbane. A lareira estava acesa, mas tinha uma proteção espessa. Não detetei nenhum candelabro em lado nenhum e as sombras que o lume projetava eram estranhas. Havia uma mesa pequena, uma única cadeira de madeira e um catre. Brisbane estava sentado nele, vestido apenas com umas calças e uma camisa aberta até à cintura. Os lençóis estavam enrolados por baixo dele, como se acabasse de acordar de um sonho inquieto sem se ter incomodado em meter-se entre eles.

Estava grosseiramente despenteado, como se tivesse puxado o cabelo. A sua cara estava iluminada pelo lume e ele observava-me, como Jano, enquanto eu hesitava junto da porta.

Tinha os olhos semicerrados e não soube se me reconhecia. Notei um brilho no seu olhar quando virou a cabeça e a levantou, como teria feito um cão de caça para seguir um rasto, e pareceu-me vislumbrar uns dentes brancos e afiados por entre os lábios.

– O que tem? – perguntei a Monk, num sussurro rouco.

– Enxaquecas – respondeu ele, em voz baixa. – São muito fortes. Normalmente, consegue controlá-las, por vezes durante meses, mas, então, voltam com violência. Andava há uma semana a notar esta. Fizemos tudo o

que nos foi possível para a aplacar, mas... – Monk interrompeu-se e soube que sofria tanto como o seu senhor.

– Está muito escuro – disse eu.

– Cada raio de luz é como uma lança que se lhe crava na cabeça, *milady*. Não consegue suportá-lo.

– Não parece que lhe doa muito agora.

Observei Brisbane com incerteza. Estava sentado na cama, em silêncio, mas, em vez de aparentar serenidade, a sua imagem era a de um animal selvagem contido, como um leão à espera junto de um charco para caçar um cervo desprevenido.

– Experimentou todos os meios convencionais para obter alívio, mas nenhum lhe serviu – estava a contar-me Monk. – Teve de recorrer, como último recurso, a outros remédios. Absinto, por exemplo.

– Absinto! – exclamei. Tinha ouvido falar do que podia fazer. – Não sabe que isso pode destruir-lhe o cérebro? Que pode matá-lo?

Monk baixou o olhar.

– Mais vale que o mate o absinto do que se mate a si mesmo.

Eu fiquei horrorizada.

– É assim tão mau?

– Tenho de retirar as facas e as peças de vidro do seu quarto quando está assim. Tem uma cicatriz num dos pulsos...

Não queria ouvir mais nada. Não podia acreditar que aquele homem dono de si mesmo, que começara a considerar meu sócio naquela investigação, se visse reduzido a tentar destruir-se. Olhei para a minha cesta, pensando em como fora tonta por lhe levar fruta. Como iria alegrar-se com isso, se estava habituado aos prazeres viciosos do absinto?

Monk tocou-me no braço.

– *Milady*, é melhor que se vá embora. Pode ser perigoso. Esteve muito tranquilo até agora, mas não posso garantir-lhe que esteja a salvo se ficar.

Assenti, sem dizer nada. Tinha a boca demasiado seca para falar. Nada faria com que virasse as costas a Brisbane naquele momento. Ele continuava sentado, imóvel, observando como eu dava um passo, timidamente, atrás. Antes que pudesse apoiar o meu peso sobre o pé, ele tinha-se levantado e atravessara o quarto, mexendo-se com uma velocidade e uma ferocidade que eu não teria imaginado.

Soltei um ofego ao sentir que me agarrava pelo pulso. Puxou-me para dentro do quarto. Com a outra mão, fechou a porta na cara de Monk e

trancou-a.

Então, pensei que fora um descuido da parte de Monk deixar a chave ali, mas não era altura para recriminações. Apoiei-me contra a porta, segurando a cesta diante de mim. Era uma fraca defesa, mas a única que tinha.

Ele largou-me e ficou imóvel. Parecia contentar-se em olhar-me com os olhos injetados de sangue.

Ouvi que Monk batia à porta. A sua voz era amortecida pela madeira grossa.

– Estou bem, Monk – disse, com mais convicção do que sentia.

– Obrigada – ouvi-o a dizer. – Não se mexa abruptamente, *milady*. Não deve inquietá-lo. Não penso que lhe faça mal.

Tentei consolar-me com isso, mas era difícil sentir confiança diante de um homem imprevisível, enlouquecido pela dor e por narcóticos. No entanto, era verdade que Brisbane já tivera tempo suficiente para me fazer magoar se essa fosse a sua intenção e, na realidade, só estava a observar-me com o olhar desfocado e confuso.

– Porque veio?

O som da sua voz sobressaltou-me. Não tinha esperado que falasse e muito menos com lucidez.

– Estava preocupada consigo. Pensei que talvez gostasse de um pouco de fruta – disse estupidamente, assinalando a cesta com a cabeça.

Ele não disse nada e eu continuei com a cesta entre os braços, com uma sensação absurda de agradecimento por pelo menos ter aquela proteção insignificante. Ele estava muito perto, tanto que eu notava um odor metálico por cima da doçura da fruta. Estava no seu fôlego, devia ser do absinto.

– Gostaria de dormir? – perguntei com suavidade.

Tinha as pálpebras pesadas, como uma criança que lutava contra o sono, e eu soube que estava a resistir aos efeitos da droga. Abanou a cabeça com irritação e vi que usava um pendente ao pescoço, algo que brilhava contra a sua pele. Era pequeno, redondo, de prata, preso a um cordão de seda preta e gravado com um retrato.

– O que é o seu pendente? – perguntei-lhe, desesperada por ter uma conversa normal. Se o mantivesse a falar com calma, talvez Monk conseguisse descobrir uma forma de me resgatar.

Brisbane pestanejou lentamente e levou um dedo ao pescoço.

– Medusa.

Eu assenti, tentando manter os olhos afastados dele. Numa situação normal, eu nunca teria visto o pendente, nem o seu peito nu. Tentei não olhar para lá, embora tenha de admitir que o fiz de soslaio apesar do medo que sentia. Edward era pálido, dourado e suave, como uma estátua grega de mármore ao amanhecer. Brisbane era mais musculoso e tinha pelos pretos no peito e no estômago. O efeito era espantoso e disse a mim mesma que não era atraente. Obriguei-me a desviar rapidamente o olhar.

– Já está na hora de ir dormir – disse-lhe com firmeza.

Ele mexeu-se e eu pensei que ia seguir a minha indicação. No entanto, ele agarrou a cesta. Escorregou-me das mãos e caiu ao chão. Pelo chão rodaram o melão, as peras e as cerejas. Ele ficou a olhar para a fruta, mas depois virou-se outra vez para mim. Lentamente, agarrou-me uma mão e levantou-a para a olhar com curiosidade, como se não pertencesse à minha pessoa, mas fosse um objeto de estudo. Virou-a e observou o couro suave da luva e as costuras, como se nunca tivesse visto nada semelhante. Parou no debruado de seda e foi mais à frente, deslizando um dedo sob a luva, pelo meu pulso, para me acariciar a palma.

Eu engoli em seco, levantei a outra mão e empurrei-o pelo ombro.

– Está na hora de dormir, Brisbane.

Ele olhou-me de repente.

– Tonta... – disse. – Não devias ter vindo, Julia.

Ainda me segurava a mão. Tinha-me rodeado a cintura com o outro braço. Puxou-me com força para si e vi que tinha as pupilas dilatadas e um olhar sobrenatural. A respiração saía entrecortada por entre os lábios separados.

Inclinou a cabeça o suficiente para que a sua boca tivesse roçado a minha se eu tivesse virado a cabeça. Perguntei-me mais tarde o que teria acontecido se eu lhe tivesse dado a oportunidade. Em vez disso, dei-lhe uma joelhada na púbis. A dor fez com que levantasse a cabeça bruscamente e olhou-me nos olhos, sem me largar. Abriu a boca para falar, estremeceu e, com um gemido, revirou os olhos e desabou, levando-me consigo para o chão.

Aterrámos com dureza e o seu corpo caiu sobre o meu no tapete, e deixou-me sem ar. Consegui inalar algum ar e tentei empurrá-lo pelos ombros para me libertar do seu peso, mas ele estava inconsciente e só me vi livre quando Monk conseguiu entrar pela porta do quarto e o levantou.

– Como entrou? – perguntei, esfregando a nuca. Estava a começar a formar-se um galo, mas não era tão grave como eu esperava graças ao tapete grosso e ao meu crânio duro.

Monk levou Brisbane para a cama com grande esforço, pois era um peso morto sobre os seus ombros. Deitou-o cuidadosamente e tapou-o com uma manta. Depois, virou-se para mim. Estava ofegante, mas mantinha a calma apesar do que tinha acontecido. Soube porque Brisbane o tinha ao seu lado: um serviçal com a cabeça fria era muito valioso na sua situação.

Monk ajudou-me a levantar-me.

– Com um arame, *milady*. Tirei a chave da fechadura e usei a minha para abrir a porta.

Levou-me até ao salão e segui-o com agradecimento, embora tivesse deixado aberta a porta que comunicava as duas divisões.

Monk notou o meu nervosismo a esse respeito.

– É para o caso de precisar de mim – disse simplesmente. – Bom, vou dar-lhe um pouco de brande para lhe passar o choque.

Eu acedi e bebei um longo gole de licor.

– Foi muito desagradável para si, *milady*. Peço-lhe desculpa.

– Não é necessário, Monk. A culpa foi minha por vir. Fui uma idiota. Estava impaciente por lhe mostrar uma coisa – expliquei com torpor, palpando o bolso para me assegurar de que o livro de salmos continuava lá. – Diga-me, Monk, não mostra melhoras? Não existe remédio?

Monk passou uma mão pelo cabelo, com expressão de sofrimento.

– Eu pensava que estava a melhorar. Há alguns meses, não tinha dores. No entanto, desde que voltámos para Londres... está a piorar. E os remédios são cada vez menos eficazes. Dantes, tomava o absinto dissolvido em água, em parte iguais. Agora, é uma sorte se consigo convencê-lo a pôr um pouco de água no copo. Vai acabar por se matar.

Havia resignação na sua voz, mas também uma profunda pena.

– Há quanto tempo o conhece?

Ele sorriu com melancolia.

– Desde que era criança. Estudava no colégio onde eu era professor. Era selvagem como um potro do páramo. E mau aluno. Nunca conseguiu respeitar as regras, nem a disciplina. Mas tinha uma grande inteligência, a maior que eu já tinha visto. Quando por fim expulsaram-no, fui-me embora com ele.

– E já tinha dores de cabeça então?

Monk hesitou, como se temesse revelar demasiado. No entanto, penso que se apercebeu de que partilhávamos certos laços, os laços de ter visto demasiado.

– Sempre teve, mas agora são mais dolorosas e mais frequentes. Os seus métodos habituais começaram a falhar. Não sei o que vai ser dele.

Eu deixei o copo sobre a mesa com firmeza.

– Tem de haver alguma coisa que possa fazer-se. Há médicos...

– Já foi a todos. Fizeram-lhe sangrias, purgas e receitaram-lhe beberagens que prefiro nem recordar. Fizeram-lhe coisas que ainda hoje me assustam e sou um homem que já viu duas guerras. Não há nada que o ajude, salvo a inconsciência. Durante algum tempo, tentou-o com o ópio e, depois, passámos uma temporada muito difícil para que conseguisse largá-lo. Depois, experimentou a morfina, a cocaína... Todos os narcóticos conhecidos. Tínhamos grandes esperanças no absinto, mas agora também está a falhar. No fim, todos os remédios falham.

Ficámos em silêncio durante um bocado, absortos nos nossos pensamentos. Os meus eram desagradáveis. Não parecia que eu pudesse fazer alguma coisa e essa impotência punha-me furiosa.

– Pelo menos, podia ter alguma ajuda com ele – disse-lhe finalmente, observando as rugas de cansaço de Monk e a sua palidez. Cuidar de Brisbane estava a passar a fatura àquele antigo professor. – Dá-me a sensação de que está há várias noites sem dormir.

No entanto, se Monk era um professor reformado, também era um soldado. Levantou o queixo e abanou a cabeça, com os ombros muito erguidos.

– Ninguém pode vê-lo quando está assim. Além disso, teve episódios violentos. Nunca me fez mal, mas não posso ter a certeza de que... – pigarreou, preparando-se para o que ia dizer. – Não lhe fez nada insultuoso, pois não?

– Não. Ele... abraçou-me. Penso que estava a delirar. Receio ter-me portado como uma tonta. Dei-lhe uma joelhada. Então, desmaiou.

Monk suspirou com alívio.

– Não tem nada a ver consigo, *milady*. A inconsciência chega de repente. Foi uma coincidência que desabasse naquele momento. Entende que não era ele mesmo? Eu conheço-o desde criança. Nunca forçaria uma mulher.

Apertei os lábios. Não havia comentário a fazer àquilo.

Alisei a saia e pus-me de pé, estendendo a mão a Monk.

– Penso que devíamos confiar um no outro quanto à nossa discrição. Se lhe parecer bem, apanhe a fruta e diga-lhe que a mandei por um criado com as minhas saudações. Ele nunca saberá por mim que o vi naquele estado.

A cara de Monk expressou uma profunda gratidão enquanto me agarrava a mão.

– Garanto-lhe que não lhe direi nada da sua visita, *milady*. E devo desculpar-me por lhe ter falado com tanta liberdade. Estou cansado, como pode ver. Normalmente, não teria feito semelhantes confidências a ninguém, mas, como o próprio senhor Brisbane comentou, é uma dama muito pouco comum – Monk apertou-me a mão. – E obrigado pela sua discrição, *milady*. Não preciso de lhe dizer como seria desastroso se ele se inteirasse da sua presença hoje aqui.

– Então, não falaremos disso.

Fez-me uma reverência e acompanhou-me até à saída. Depois, fechou a porta com firmeza atrás de mim. Ouvi como a trancava. Perguntei-me se estava a deixar o mundo no exterior ou se queria encerrar Brisbane no interior.

## Vinte

«São os tontos como vós que enchem o mundo de filhos feios.»

William Shakespeare, *Como queiram*.

Saí da residência de Chapel Street de muito mau humor, tanto que decidi andar, com a esperança de que o ar fresco me apagasse a confusão da mente e o calor das faces. No entanto, o exercício não serviu de remédio. Em vez de desfrutar do bulício das ruas, incomodava-me que me dessem empurrões. Lancei olhares de desagrado às pessoas e caminhei muito depressa, com agitação. Cheguei a Grey House sem fôlego e suada, apesar de soprar uma brisa suave. Estava cansada e zangada, mais comigo mesma do que com os outros. Deveria ter controlado a minha impaciência depois de encontrar o livro de salmos e ter esperado que Brisbane me avisasse de que estava preparado para me ver.

Em vez disso, tinha-me comportado como uma adolescente. Brisbane não era um macaco de circo, mas eu deixara-me dominar pela curiosidade e tinha entrado no seu santuário, ignorando a sua privacidade. O que me tinha acontecido para entrar à força no quarto de um homem doente? Semelhante impetuosidade não era um traço do meu caráter. Era um traço March que eu deplorava. Tinha permitido que o fascínio por uma investigação me seduzisse e me levasse a agir como alguém da minha família.

E, pior ainda, tinha aproveitado a indisposição de Brisbane e a sua nudez para avaliar o seu físico. Era vergonhoso da minha parte. Pobre Brisbane, atormentado pela dor e enlouquecido pelo absinto, e eu tinha-me dedicado a olhar para o seu peito...

O meu único consolo era que não tinha desfrutado da experiência. Brisbane não era, absolutamente, o tipo de homem que eu admirava. Era demasiado moreno, demasiado alto, demasiado musculoso, tudo demasiado. Eu preferia formas esbeltas, suaves, com músculos delicados e cabelo dourado. Elegantes, aristocráticos, como uma estátua do Renascimento. Como Edward.

Mas, se Edward era o David de Donatello, eu devia admitir que Brisbane parecia saído das mãos de Miguel Ângelo. Era a diferença entre Hermes e Hades. O jovem fino e resplandecente contra o senhor obscuro, inquietante. Graciosidade contra poder, embora, se fosse sincera, Brisbane também tivesse a sua própria elegância. Brisbane evocava lobos e felinos ágeis da selva, enquanto Edward conjurava imagens de serafins e jovens santos. Era necessário ter um sentido da estética muito diferente do meu para apreciar Brisbane. Completamente diferente.

De qualquer modo, não era correto que o tivesse observado e ainda menos num momento tão difícil para ele. Tinha agido com uma total falta de decoro e educação, e estava envergonhada.

De facto, estava tão preocupada com o meu ataque de desprezo por mim mesma, que só vi o visitante que estava nas escadas de Grey House quando quase o deixara para trás. Parei e olhei para ele.

– Reddy? Reddy Phillips, és tu?

O jovem tirou o chapéu e fez-me uma reverência.

– Boa tarde, *milady*. Espero que esteja bem.

Eu observei-o, do seu chapéu de última moda, que certamente não pagara, até à corrente que usava à cintura, na qual não havia nenhum relógio porque certamente o teria penhorado para pagar alguma dívida. Sempre fora bonito, mas olhei para o seu cabelo, muito bem penteado, e para os punhos da camisa, extremamente gastos, e franzi os lábios sem conseguir evitá-lo.

– O que te traz a Grey House, Reddy? Não tenho o hábito de receber visitas na rua.

Ele ruborizou-se.

– Vim por uma questão de honra – disse.

– Que questão de honra? Referes-te àquele pássaro ridículo que Val tem no quarto? – ele empalideceu, pela franqueza da pergunta ou pelo meu tom de voz. Talvez pensasse que alguém podia ouvir-nos. – Então, Reddy?

Voltou a sorrir e passou a língua pelos lábios.

– *Milady*, tenho a certeza de que entende a necessidade de discrição no que se refere a este assunto tão delicado. Talvez pudéssemos entrar.

Ele deu um passo para a porta, mas eu interpus-me no seu caminho, endireitando os ombros e levantando o queixo. Aquilo era demasiado. Dissera a Val que aqueles Phillips eram comerciantes com presunções e tinha razão. Duas gerações de dinheiro não podiam compensar a falta de

educação social. Nenhum conhecido meu se teria convidado para a minha casa e muito menos quando eu ainda estava em período de luto. No entanto, quase me senti aliviada pela grosseria de Reddy. Evitava que tivesse de ser amável com ele.

– Não, não podemos entrar, Reddy, porque é a hora do chá, coisa que saberias se ainda tivesses relógio, e não tenho intenção de te convidar – com expressão de perplexidade, ele abriu a boca, mas eu levantei a mão. – Calate, por favor. Está claro que vieste aqui porque pensas que consegues convencer-me a falar com Val em teu nome. Garanto-te que não o conseguirás. Negas que apostaste o corvo?

– Não... Não – disse ele.

– Negas que Valerius ganhou a aposta de forma limpa?

– Não, *milady*, mas o honorável senhor March...

– Não há «mas» que valham, Reddy. Ou Valerius te ganhou o pássaro de forma limpa, em cujo caso não tens direito a recuperá-lo, ou fez batota. Qual é o caso? Por acaso, o meu irmão é um trapaceiro e um embusteiro ou és tu que és mau perdedor?

Ele empalideceu.

– Não tinha intenção de questionar a honra dele – disse ele, com a voz tensa de pânico.

Penso que devia ter a ideia de que os aristocratas ainda se enfrentavam em duelo com espadas ao amanhecer. Como é óbvio, os March faziam coisas assim de vez em quando, embora eu não recordasse nenhum caso naquele momento. Além disso, eu sabia que Val realmente o desafiaria para um duelo se Reddy o pressionasse. Era um rapaz estranho e imprevisível, inclusive para um March.

– Ainda bem, porque, se fosse assim – inclinei-me para ele e levantei o véu para que pudesse ver-me os olhos claramente, – se acusasses o meu irmão publicamente, eu informaria imediatamente o conde. E se há coisa que o conde não tolera é que espalhem rumores maliciosos sobre um dos seus filhos. Agiria, Reddy, com rapidez e sem piedade, garanto-te.

Eu referia-me a que empreenderia ações legais, pois o meu pai era uma pessoa respeitadora da lei. No entanto, Reddy não sabia nada disso. Sem dúvida, imaginava-se a levar um tiro depois de dar vinte passos em Hampstead Heath, à luz fraca de um amanhecer nebuloso, enquanto os seus padrinhos observavam a cena. Engoliu em seco e eu contei até dez até deixar cair o meu véu novamente.

– Agora, vamos acabar com isto – decidi e dirigi-me para a porta. – Ah, Reddy...

– Sim, *milady*?

– A palavra «honorável» nunca se pronuncia, só se escreve. Para te referires ao meu irmão corretamente, deves chamar-lhe senhor Valerius March – ele corou, mas eu não me contentei e continuei: – E lembra-te, Reddy, se ouvir o mínimo rumor sobre isto, pensarei que foste indiscreto e não só avisarei o conde, como eu mesma me ocuparei de ti.

Pareceu-me que o rapaz estremeceu. Entrei em Grey House, sentindo-me poderosa e capaz de qualquer coisa.

Então, a minha mão roçou o livro de salmos que levava no bolso e dei-me conta de que era muito menos capaz de qualquer coisa do que eu pensara.

## Vinte e um

«Vê e alcança uma estrela fugaz,  
Fecunda uma raiz de mandrágora,  
Diz-me onde estão todos os anos passados,  
Ou quem fez a fenda da pata do diabo,  
Ensina-me a ouvir os cantos das sereias,  
A evitar o ardor da inveja,  
E a saber que vento  
Impulsiona uma mente honesta.»  
John Donne, Canção.

Durante os dias seguintes, deambulei pela casa, lamentando com amargura a maneira horrível como tinha tratado Reddy Phillips. Estava alterada depois da visita à casa de Brisbane. Os minutos que tinha passado lá tinham desequilibrado algo no meu interior e tinham-me deixado cambaleante, sem que eu conhecesse o motivo. Tinha agido muito mal e, em consequência, vi-me a percorrer Grey House, sobressaltando-me cada vez que a campainha tocava, imaginando que Brisbane me escreveria e que acabaria aquilo que se parecia com a normalidade.

No entanto, os dias converteram-se numa semana e, embora a campainha tivesse tocado muitas vezes, ele não escreveu. Por fim, entrei no meu estúdio e retomei as limpezas que começara no dia em que encontrei o livro de salmos. Agrupei a poesia e coloquei os romances por ordem alfabética. Os livros infantis, pu-los na última prateleira. Eram tesouros que amarelavam, amigos da minha infância e adolescência. *Persuasão. O monte dos vendavais. Jane Eyre. Orgulho e preconceito.*

O resto era muito parecido, histórias românticas com homens misteriosos, fascinantes, de passado secreto e olhar desdenhoso. Alguns eram bons livros, de autoras reconhecidas. O resto eram tolices. Ao deixá-los na estante, suspirei. Quantos dias de verão ficara abstraída sob a macieira de Bellmont Abbey com um daqueles livros, sonhando com o dia

em que um homem muito bonito me levasse para o seu castelo no páramo? Quantas noites de inverno passara aninhada na cama, a ler à luz de uma vela, até os olhos me doerem, só para saber se o futuro era ditoso para os amantes atribulados?

Porque me tinha permitido o meu pai ler semelhantes idiotices? Tinham-me deixado com uma imaginação hiperativa, romântica em excesso, pensei com fúria. Em criança, quando imaginava o meu futuro marido, pensava sempre em alguém moreno e autoritário, senhor de uma casa decadente, com uma esposa louca trancada nas águas-furtadas. Nunca pensara em casar-me com um homem loiro e sonhava sempre com alguém obscuro e taciturno. Ninguém se surpreendera mais do que eu quando me casei com um homem que tinha caracóis dourados e olhos azuis brilhantes, um homem elegante e esbelto, com um sorriso sonhador e umas mãos lindas.

Quando me casei com ele, deixei de pensar nos meus heróis de infância e guardei todos os livros que antes tinha adorado. Parecia-me que era desleal para com Edward lê-los e passar horas a pensar noutros homens. No entanto, o meu marido não se teria importado. Ele nunca se preocupava com coisas assim. Às vezes, perguntava-me se lhe teria importado que tivesse um amante, alguém de carne e osso que o substituísse. No entanto, ele nunca mo disse e eu nunca tive a coragem de lho perguntar. E fui fiel, inclusive na literatura.

Naquela ocasião, no entanto, depois de colocar cuidadosamente os livros na estante, fiquei com *O monte dos vendavais* na mão e levei-o para o meu quarto. Londres não era um pântano e eu não era Cathy, mas, pelo menos, podia entusiasmar-me com Heathcliff na privacidade do meu quarto. Aquele pântano de Yorkshire era muito mais entusiasmante do que o resto das minhas atividades. Passei muitas horas de tranquilidade a ler a Simon e a levar a Alegre a dar passeios pelo parque. Infelizmente, Simon adormecia com frequência antes de chegar às partes mais interessantes e a Alegre só queria falar da sua última constipação.

O ponto alto da semana produziu-se quando chegaram as caixas dos costureiros. Os senhores Riche tinham-se superado. Os vestidos que tinha encomendado eram inclusive melhores do que eu esperava, tão atrevidos na sua simplicidade, tão vistosos pela sua pureza, que quase me senti nua mesmo quando Morag me abotoou o último botão. Não havia um único folho, nem um laço, nada distintivo que atraísse o olhar, só a linha de uma confeção perfeita e a curva elegante do busto drapeado.

Morag deu alguns passos atrás, sem dizer nada, com os sobrolhos arqueados.

– Desembucha – disse-lhe. – Noto a tua desaprovação.

Ela franziu o sobrolho com surpresa.

– Não. Penso que lhe fica muito bem.

Fiquei a olhá-la fixamente pelo espelho. Morag nunca me fizera um elogio por nada que vestisse. O máximo que podia esperar era um resmungo de conformidade, mas a admiração era algo completamente novo.

– A sério? – perguntei-lhe, enquanto me via ao espelho de todos os ângulos possíveis. – Não é demasiado...

– Oh, sim! É por isso que eu gosto – respondeu.

– Mas os outros são iguais – disse-lhe, assinalando as caixas que ainda estavam por abrir. – E este é o único preto. Os outros são coloridos.

Morag encolheu os ombros.

– Na semana passada, fez um ano, *milady*. Já está na hora de deixar o luto.

– Na semana passada? Estás a brincar? Edward não morreu há um ano. Não pode ser...

Ela não disse nada. Foi até à minha secretária e pegou na minha agenda. Abriu-a na semana anterior e assinalou-me a página.

Eu olhei para a agenda, tentando discernir as datas.

– Meu Deus... – sussurrei. – É verdade.

Morag continuou a desembrulhar os vestidos.

– Há aqui um bilhete. Do Riche mais velho em pessoa – disse ela e eu indiquei-lhe que mo lesse. – Diz que a senhora é uma criatura terrível por encomendar os vestidos sem permitir que lhos provem e que virá a Grey House quando quiser para fazer os arranjos necessários. Roga-lhe que, entretanto, não diga a ninguém que procedem do estabelecimento dele. Não quer que ninguém saiba que os entregou sem que estivessem perfeitamente adaptados à sua proprietária.

Morag acabou de ler com satisfação. Tinha aprendido a ler no abrigo da tia Hermia e estava profundamente orgulhosa.

Eu assenti, enquanto admirava a costura de uma manga verde-garrafa.

– Responder-lhe-ei mais tarde. Pode vir amanhã, se quiser, mas não entendo porque se incomoda. Tu és tão boa com a agulha como qualquer uma das suas costureiras.

Morag pavoneou-se um pouco enquanto estendia sobre a cama o resto dos vestidos, mas eu não lhe prestei atenção. Como podia ter-me passado ao lado o aniversário da morte de Edward? Era desconsiderado e desleal, e tomei nota mental de levar flores ao seu túmulo muito em breve. Não me parecia suficiente, mas não me ocorria mais nada.

Vi-me outra vez ao espelho, mas o meu entusiasmo tinha embaciado.

– Provo o resto noutra altura – disse a Morag, que tinha os braços cheios de vestidos verdes e roxos.

Ela assentiu e foi-se embora. Rodeada da minha roupa extravagantemente simples, fiquei sentada no meu quarto durante muito tempo, incomodada com a pessoa que fora e a pessoa que estava a tornar-me. Sentia-me bastante só encurralada entre ambas, como acontecia com frequência na companhia de um desconhecido.

Voltei a pensar na conversa que o meu pai e eu tínhamos tido alguns dias antes. Perguntara-me o lema familiar não oficial. *Audeo*. Atrevo-me. O que significava isso no meu caso em concreto? Podia continuar com a investigação, deixar o luto, expressar livremente as minhas opiniões... Podia dançar com quem quisesse, ir sozinha a Itália, à Grécia e mais além... Podia ter um amante se quisesse, embora discretamente, e, ao contrário da mulher de Lot, eu não olharia para trás.

A questão era: Atrever-me-ia? Seria capaz? Sempre tinha sentido simpatia pela mulher de Lot. Converter-se em sal para toda a eternidade parecia-me um preço demasiado alto para uma curiosidade compreensível. As consequências dos meus atos não seriam tão extremas. Certas pessoas recusar-se-iam a cumprimentar-me, certamente. Já não me convidariam para tomar o chá, para partidas de cartas, para saraus musicais, para os bailes que me tinham aborrecido durante anos, festas, recordei, para as quais não fora convidada durante o meu ano de luto.

Já não seria apropriada para servir de acompanhante às jovens solteiras, mas, como as jovens solteiras eram normalmente entediadas, não me angustiei por isso. As pessoas que se considerariam demasiado respeitáveis para se relacionarem comigo eram as pessoas que me tinham ignorado durante o meu ano de luto. As viúvas eram um esqueleto numa festa, aguavam o prazer dos outros e deviam observar estritamente as normas sociais. Sendo assim, não me tinham tido em conta.

No entanto, também não me tinham visitado em privado. As visitas e as cartas de ânimo que tinham inundado Grey House durante as primeiras

semanas tinham acabado. Os meus conhecidos aceitar-me-iam de boa vontade no seu círculo se me vestisse de cinzento e me casasse novamente com alguém aborrecido, sério e carente de interesse, e inapropriado para casar as suas filhas. Era o que se esperava de mim.

Mas e se fizesse o inesperado? As pessoas falariam nas minhas costas e haveria algumas referências subtis nos jornais. Perderia respeitabilidade entre aqueles cuja boa opinião não me importava e ganharia a minha liberdade. Parecia-me vantajoso.

Só me levantei da poltrona quando Morag voltou com um envelope. Era uma carta escrita com floreados e perfumada com rosas e almíscar.

– O que é isto?

– É uma carta – respondeu laconicamente a minha criada.

Eu peguei no abre-cartas, abri o envelope e fiz sinal a Morag de que se fosse embora. Ela interessava-se sempre muito pela minha correspondência. Não reconheci a assinatura, mas a mensagem era direta.

*Minha querida lady Julia,*

*Rogo-lhe que me perdoe a imprudência de lhe escrever sem termos sido apresentadas. O nosso amigo comum, Nicholas Brisbane, rogou-me que lhe enviasse uma carta em seu nome, pois ele ainda está demasiado indisposto para o fazer. Deseja saber se poderia visitá-lo aqui, na minha casa, onde está a recuperar. Naturalmente, deve vir de acordo com a sua inteira conveniência. Será bem-vinda em qualquer altura.*

A carta estava assinada por Hortense de Bellefleur. Virei o envelope e passei os dedos pela insígnia gravada no papel. Não era apenas Hortense, mas condessa Hortense. Talvez inclusive duquesa. A carta era elegante, mas a sintaxe parecia estrangeira, francesa, se a memória não me traía. Já tinha ouvido falar da dama, é óbvio, como a maioria dos habitantes de Londres, mas não sabia qual era o seu título com exatidão. Isso não era de estranhar. Casara-se tantas vezes com tantos aristocratas do continente, que era impossível recordar que título usava presentemente.

No entanto, não era o seu título o que me intrigava. Brisbane tinha ido convalescer na sua residência, o que me suscitava uma pergunta muito amena: Qual era a relação de Brisbane com a cortesã mais conhecida de Londres?

Mais tarde naquele dia, foi a própria Hortense de Bellefleur quem abriu a porta da sua casa. A zona era boa e a casa, tão elegante e bonita que não podia acreditar que os seus problemas financeiros a tivessem obrigado a prescindir dos seus empregados. A explicação chegou rapidamente.

– Minha querida *lady* Julia – disse-me com entusiasmo, agarrando-me as mãos e puxando-me suavemente para o interior do vestíbulo. – Estava tão impaciente por a conhecer, que não consegui esperar até que a minha velha Therese viesse a coxear até à porta e a acompanhasse até nós. Perdoa-me, não é verdade?

Eu ficara a olhá-la, atónita, durante todo o discurso enquanto ela andava à minha volta. Tirou-me a capa e pousou-a cuidadosamente com a minha sombrinha. Era mais velha do que eu esperava, teria uns quarenta anos.

Noutra mulher, isso poderia ter significado o fim da verdadeira beleza, mas não em Hortense. Tal como o seu sobrenome, era uma flor muito bela, não com a beleza evidente de uma rosa, senão com a graciosidade de uma açucena silvestre. A estrutura óssea do rosto era esculpida de forma tão eloquente que os anos só tinham podido adoçá-la, suavizá-la e dar-lhe uma qualidade mais deslumbrante do que a mera beleza. Tinha uma expressão de bom humor e de bondade, e uma elegância que nenhuma mulher inglesa poderia igualar. O seu cabelo começava a mostrar madeixas grisalhas e tinha a cútis pura e rosada. Da sua joalharia discreta até à ponta das suas sabrinas bordadas, soube como seria fácil odiar aquela mulher.

Mas, na realidade, era impossível odiar Hortense. Tagarelou sem cessar, elogiando o meu vestido, o tecido, seda grossa de Lyon segundo ela, e a cor, chocolate agridoce, segundo ela também, e o corte impecável. Morag subira discretamente a bainha, mas não dera mais nenhum retoque. Apesar dos protestos de *monsieur* Riche, os vestidos tinham necessitado de poucas alterações.

– Isto foi feito por um francês – proclamou Hortense, enquanto fazia com que eu me virasse para me ver. – Tem um olho excelente, *lady* Julia, muito melhor do que a maioria das inglesas. Tem família francesa?

– Só família afastada – respondi eu, pensando na mãe carrancuda de Carlos II, a afetada rainha Henriqueta Maria. Era a parente francesa mais próxima que eu tinha, mas era a minha oitava tetravó. Além disso, parecia-me inapropriado dizê-lo a *madame* Bellefleur.

Ela sorria-me.

– Claro! Com uma única gota de sangue francês, terá um certo ímpeto do que os seus compatriotas carecem. O sangue nota-se sempre, não lhe parece, *madame*? – sem esperar por resposta, agarrou-me pelo braço e levou-me pelo corredor. – Bem, espero que desculpe Brisbane – advertiu-me. – Está de mau humor. Não queria vir para aqui. Como todos os homens, é teimoso, mas, como todos os homens, necessita que o mimem quando não está bem. No fundo, são como crianças, não é verdade? – perguntou-me, enquanto me acotovelava suavemente, de modo familiar. – É melhor que o ignore e eu farei com que se sinta à vontade. Não tenho visitas com frequência, portanto, estou encantada por ter vindo.

Tinha os olhos muito azuis e as pestanas compridas e espessas. O seu olhar era sincero e dei-me conta de que a atração que exercia noutros não se devia só à beleza. Era a sua honestidade, o dom de fazer com que uma pessoa acreditasse que era completamente necessária para a fazer feliz. Perguntei-me se o varredor de ruas se sentiria da mesma maneira quando ela o olhava.

No entanto, era um pensamento cínico. Pela sua reputação, *madame Bellefleur* estava além dos limites da boa sociedade. Os cavalheiros visitavam-na com frequência, mas as damas, quase nunca. Eu perguntei-me se era a primeira e senti uma pequena pontada de pena daquela encantadora e talvez um pouco solitária mulher.

Abriu uma porta e indicou-me que entrasse. A minha primeira impressão foi de serenidade. As cores eram suaves e também a luz. Isso serviria para acalmar os olhos de Brisbane, pensei quando ele se levantou lentamente para me cumprimentar, sem tirar os óculos escuros. Eu ter-lhe-ia indicado que permanecesse sentado, mas tinha algo feroz na expressão do rosto e contive-me. Ele ainda estava a lutar contra a ideia da sua própria debilidade e não me surpreendia. Eu detestava estar doente. Quanto mais não o odiaria um homem forte e saudável?

Sorri e estendi-lhe a mão.

– Senhor Brisbane. Fico feliz por o ver melhor. Espero que recupere muito em breve.

– *Milady* – disse ele, com ar de superioridade. – Certamente, estou a recuperar. Obrigado pela cesta de fruta. Foi muito amável da sua parte.

Eu sobressaltei-me ao recordar o último lugar onde vira a cesta: caída no chão, rodeada de cerejas suculentas que Brisbane pisava ao rodear-me a cintura com o braço. Fiz um esforço e afastei aquela visão da mente.

– Não foi nada, não me agradeça, peço-lhe – respondi eu. Não queria tirar o livro de salmos na presença de *madame* Bellefleur. E, como se estivesse a ler-me o pensamento, Brisbane olhou para a dama. – Fleur, penso que *lady* Julia gostaria de uma chávena de chá. Achas que Therese...

– É óbvio! Eu própria vou tratar disso – disse. Depois, com um sorriso, dirigiu-se a mim. – Therese é idosa e está muito habituada à maneira francesa de fazer as coisas. Às vezes, o chá que prepara não é do gosto de Brisbane. Gosta do café como um turco, mas é muito escocês quanto a um chá. Fiquem a conversar tranquilamente que eu volto já com o lanche.

Retirou-se. Brisbane observou-a enquanto saía. Os seus olhos permaneceram sobre a figura da dama, mas não de modo apaixonado, e perguntei-me qual seria exatamente a relação que tinham.

– Agradeço-lhe que tenha estado disposta a vir aqui, *milady* – disse ele em voz baixa, para que ninguém pudesse ouvir. – Nem todas as senhoras se sentiriam cómodas a visitar uma casa tão conhecida.

– É conhecida? – perguntei eu, com uma despreocupação que não enganou nenhum dos dois. – Não sabia. Só tinha ouvido falar da grande beleza de *madame* Bellefleur e fico feliz por ter tido a oportunidade de a conhecer.

Curvaram-se-lhe os lábios impercetivelmente, sem chegarem a formar um sorriso.

– Mentalmente melhor do que eu pensava. Mas agradeço-lhe de qualquer modo.

Eu inclinei a cabeça. Teria sido absurdo contradizê-lo. Sabia que estava a arriscar a minha reputação ao ir à residência de Bellefleur, mas também começava a dar-me conta de que não estava nada satisfeita com a minha reputação.

– Ela é sua amiga, senhor Brisbane. Confio em que, se fosse uma pessoa censurável, não nos reuniria desta maneira.

– Não, antes pelo contrário. Por algum motivo, sempre pensei que Fleur e a senhora se dariam bem. Têm em comum uma ou duas qualidades das quais carecem outras mulheres.

Eu avancei para ele com um vivo interesse em saber quais eram essas qualidades, mas ele dececionou-me. Escolheu aquele preciso instante para tossir um pouco e pegar no copo de água que tinha na mesinha que havia junto do seu cotovelo. Depois de ter bebido metade e ter recuperado o fôlego, já tinha perdido o fio à meada ou tinha abandonado a conversa de propósito. Ficou a olhar-me fixamente, através daquelas estranhas lentes

fumadas, escrutinando o meu rosto, até que eu já não consegui aguentá-lo mais.

– O que se passa, senhor Brisbane? Saí de casa com o chapéu torto? – perguntei-lhe, sorrindo para tentar subtrair aspereza às minhas palavras.

Ele passou uma mão pela testa.

– Perdoe-me. Tenho a estranha sensação de que a vi muito recentemente, mas não consigo recordar quando. Suponho que tenha sido num sonho.

Começou a pulsar-me o coração com tanta força, que temi que ele pudesse ouvir os batimentos.

– Deve ter sido, sim. Talvez tenha tomado algum remédio enquanto estava doente. Com frequência, provocam sonhos estranhos.

Os seus olhos pousaram brevemente na minha boca e encolheu os dedos. Perguntei-me se estaria a sentir o cheiro das cerejas maduras, a recordar o toque da luva flexível contra o dedo.

– Sim, é verdade – disse por fim.

Então, atrevi-me a respirar novamente. Parecia que se convencera de que eu fora uma aparição que tinha conjurado a sua febre. Oxalá pensasse sempre assim, roguei a Deus. Ao pensar na prece, levei a mão à mala.

– Senhor Brisbane, enquanto estava indisposto, descobri algo, uma coisa bastante curiosa.

Tirei o livro de salmos do bolso e entreguei-lho. Agarrou-o e, para a minha surpresa, não o abriu. Inspeccionou atentamente as capas e passou os dedos pela insígnia da Princesa de Gales. Levou-o ao nariz e cheirou-o ligeiramente. Depois, fechou os olhos e apertou o livro contra a testa. Durante um instante, pensei que tinha sofrido uma recaída na enxaqueca, pois permaneceu imóvel.

Depois de alguns segundos, pareceu que o encantamento se desvanecia. Abriu os olhos e abriu também o livro. Leu a dedicatória com a letra da princesa e a minha letra infantil. Passou as páginas com o polegar e encontrou a que eu tinha marcado com a fita de seda, a que recortara quem enviara as cartas a Edward. Depois, continuou a analisar o resto das páginas, reparando em cada um dos buracos que tinham feito com a tesoura.

Quando chegou ao fim, voltou a inspeccionar o livro até ao princípio, mas não encontrou nenhuma novidade. Cheirou-o novamente, mas não devia ter detetado nada de interesse ou decidiu não o partilhar comigo.

Finalmente, falou.

– Onde o encontrou?

– No meu estúdio. Estava metido entre livros nos quais não mexia há anos.

– Tinha pó?

– Sim. Quer dizer, o primeiro livro da pilha, sim, tinha, os que estavam por baixo, incluindo o livro de salmos, tinham menos.

– É possível que alguém tivesse mexido recentemente nessa pilha?

– Não, não creio. As criadas não limpam nada lá, têm a entrada proibida. E eu também não o fiz durante algum tempo. Havia também uns quantos jornais, velhos e amarrotados, mas dobrados só uma vez. Penso que se teriam amarrotado ainda mais se tivessem mexido na pilha.

– Não, se o assassino tiver sido cuidadoso. E parece-me que foi.

– Assassino? Então, pensa que é um homem?

Brisbane estava a examinar o livro outra vez.

– Não. Simplesmente, canso-me de mencionar vários pronomes. Pode assumir que não sei o género do perpetrador.

Estava irritável, verdadeiramente. Eu apertei os lábios com desagrado perante o seu tom de voz, mas ele nem sequer olhou para mim. Estava muito ocupado a comparar os buracos das páginas e a medi-los com os dedos.

– Sete passagens dos Salmos, todos cortados ao mesmo tempo. Depois, o livro é devolvido ao seu estúdio. Mas porquê?

– Como sabe que os cortaram ao mesmo tempo?

Ele olhou-me com impaciência.

– E que criminoso no seu perfeito juízo se arriscaria a entrar e a sair subrepticiamente do seu estúdio para tirar e deixar o livro?

Eu mordi o lábio com aborrecimento. Que parva que era! Não era de estranhar que me tratasse como uma menina tola.

– Além disso – acrescentou, com mais suavidade, – as passagens foram cortadas com a mesma tesoura, uma tesoura curta, talvez de unhas. Nas passagens mais longas, há um salto no ponto onde a lâmina se mexeu – mostrou-me o livro e eu verifiquei que tinha razão. – Então, a questão é quem teve acesso a este livro no ano passado.

– Qualquer um! O livro de salmos esteve no meu estúdio desde que Edward e eu começámos a viver em Grey House. Dávamos festas com frequência, portanto, qualquer um pode tê-lo levado e deixado depois no sítio sem que nos déssemos conta.

– E quem podia sabê-lo?

– O que quer dizer?

– Muita gente usa os livros que lhe dão no crisma como apoio espiritual. Um volume oferecido pela Princesa de Gales tem ainda mais valor. A maioria das pessoas manda os serviçais limparem as estantes com frequência, se não diariamente. Quem, de entre o seu círculo, sabia que não usava este livro de salmos e que não permite que as criadas entrem no seu estúdio?

Eu olhei-o com confusão.

– Brisbane, o que pretende? Se está a criticar como dirijo a minha casa, admito que...?

– Não me importa nada como administra o funcionamento da sua residência – disse mal-humoradamente. – Estou a dizer que alguém da sua própria casa pode ser o assassino.

– Está louco – respondi com calma. Aquilo era impensável.

– A sério? Pense bem. A pessoa que levou este livro de salmos tinha de saber que não o abria com frequência ou arriscava-se a que o descobrissem. Deve ter sido alguém que não tinha à mão outro livro similar. Isso quer dizer que tinha pouco dinheiro ou tempo. Necessitava do seu livro de salmos porque estava disponível e porque não o incriminaria, mas também porque não era provável que o descobrissem. E, se for assim, quem incriminaria? Ninguém, salvo a senhora da casa. Sendo assim, o que lhe sugere toda esta informação, *milady*? Tem de pensar em alguém com pouco dinheiro e pouco tempo livre. Quem pode ser?

Eu entendi o que estava a insinuar e odiei-o por isso.

– Alguém do meu serviço – Brisbane assentiu lentamente e, depois, estendeu-me o livro. Eu agarrei-o. – Não pode pensar a sério que o fez algum dos meus criados...

– O que acabo de lhe dizer é a única explicação que tem sentido. E isso significa que talvez corra perigo se continuar com a investigação. Alguém daquela casa odiava o seu marido o suficiente para o matar. Se tentar desmascará-lo agora, talvez mate novamente e, nesta ocasião, a vítima será a senhora.

Eu abanei a cabeça.

– Não posso acreditar. Conheço-os...

– A sério? O que sabe de Aquinas? Talvez tivesse referências, mas e a sua vida anterior? E Morag? E os lacaios, e as criadas, e Diggory? O que sabe deles? Pense nisso da próxima vez que algum lhe levar uma bandeja de

chá, lhe acender a lareira ou lhe ate o espartilho. Algum é responsável pela morte do seu marido. E talvez esteja à espera da próxima oportunidade...

Levantei-me, com uma calma gelada, e coloquei o livro de salmos na minha mala.

– Lamento tê-lo feito perder tempo, senhor Brisbane, quando claramente continua tão indisposto. Falaremos novamente quando tiver mais clareza de espírito.

Ele resmungou algo entredentes, algo que me pareceu uma obscenidade, portanto, fingi que não o tinha ouvido. Não se levantou enquanto me ia embora e, enquanto eu fechava a porta da sala, ouvi um estilhaçar de vidros.

*Madame Bellefleur* alcançou-me à porta, com expressão ansiosa.

– *Milady*, já tem de ir? Nem sequer bebemos o chá.

O seu tom era de súplica e custou-me. Ela fora muito hospitaleira e eu estava a agir muito mal ao fugir daquele modo. Impulsivamente, pus-lhe a mão no braço.

– Foi como disse, *madame Bellefleur*. O senhor Brisbane está de muito mau humor. Demasiado desagradável para conversar com ele, receio. Mas, se tiver a bondade de me convidar noutra dia, só nós as duas, adoraria vir tomar o chá consigo. Ou – acrescentei imprudentemente – talvez pudesse ir a Grey House.

A cara dela iluminou-se.

– Que encantadora! Sim, isso seria muito agradável. Venha, eu acompanho-a.

Acompanhou-me até ao ponto onde Diggory estava à espera, junto da calçada. Eu sentei-me dentro da carruagem e, depois, *madame Bellefleur* estendeu o braço pela janela para me apertar a mão.

– Foi um prazer conhecê-la, *milady*. Obrigada por vir.

– Muito obrigada por me convidar. Lamento ter de me ir embora tão repentinamente. E receio que o deixe mais difícil do que já estava – disse eu, com um olhar de lamento para a casa.

A sua gargalhada foi alegre e ligeira, como o tinido de uma campainha de prata. Era um truque de mulher francesa, certamente. Eu nunca tinha ouvido nenhuma inglesa a rir-se assim.

– *Milady*, já o vi muito pior do que hoje. Tenho os meus métodos para lidar com ele, não se preocupe.

Eu tinha a certeza disso.

## Vinte e dois

«A verdade é a verdade até ao juízo final.»  
William Shakespeare, *Medida por medida*.

Naquela noite, senti-me muito deprimida, como não o estivera desde a morte de Edward. Consciente da advertência de Brisbane, sobressaltava-me cada vez que Aquinas me dirigia a palavra. Fiz sinal a Henry para que se retirasse quando ia acender o lume do meu estúdio e dispensei Morag assim que me desatou os laços do espartilho, com a desculpa de que tinha uma dor de cabeça. A única paz que encontrei em toda a noite foi durante a hora que passei a conversar e a ler os jornais com Simon.

No entanto, inclusive isso me tinha causado tristeza. Ele estava cada vez mais magro e as suas mãos, quando seguravam as minhas, não eram mais do que montes de ossos sob a pele. Deixei-o para que descansasse. Compadecia-me desesperadamente de mim mesma. Quando ele morresse e a Alegre se fosse embora, ficaria sozinha naquele mausoléu, com serviçais nos quais já não confiava e um irmão que nunca via. Ouvei um grasnido atrás da porta de Val, portanto, soube que o corvo continuava em casa, mas não tive vontade de ir recriminar o meu irmão. Quando me deitei, não consegui conciliar o sono e pus-me a ler até me arderem os olhos. Quando adormeci por fim, tive pesadelos e acordei frequentemente, amaldiçoando Brisbane e desejando nunca ter encontrado aquela carta ameaçadora no fundo da gaveta.

No entanto, inclusive enquanto resmungava aquelas palavras, sabia que não era verdade. Por muito difícil que fosse, queria saber a verdade, mesmo que isso implicasse desmascarar um dos meus. Não acreditava que um habitante de Grey House pudesse ter feito mal a Edward e ainda menos que pudesse fazê-lo a mim. Acreditava firmemente que o perigo estava no exterior.

Mas como ia fazê-lo? Necessitava da ajuda de Brisbane e, se quisesse convencê-lo a procurá-lo fora da minha casa, tinha de demonstrar que lá

dentro não havia nada de interesse. Assim, provaria a inocência dos meus criados e, desse modo, Brisbane, ao dar-se conta do seu erro, envergonhar-se-ia, desculpar-se-ia e procuraria o verdadeiro culpado.

Eu gostava muito desse plano. Era organizado e claro, e, sobretudo, permitia-me marcar uma posição com Brisbane. O único problema era como provar a inocência da servidão. Só me ocorria uma maneira e não me agradava.

Infelizmente, Brisbane apressou-se a dizer-me no dia seguinte, quando o vi.

– Terá de revistar Grey House – disse-me sem rodeios. Estava a olhar-me com atenção, à espera da minha recusa terminante. Mas eu surpreendi-o.

Com circunspeção, bebi um gole de chá.

– É óbvio. Já tinha pensado nisso.

A sua expressão foi de cautela. Não tinha esperado que eu fosse tão dócil. E eu não esperava encontrá-lo tão recuperado. Tinha muito melhor aspeto, de facto, e, se não o tivesse visto tão doente com os meus próprios olhos, nunca o teria imaginado. Estávamos no terraço da *villa* de *madame Bellefleur*, a beber o chá enquanto ela estava lá dentro. Com tato, tinha-nos deixado a sós, embora nem Brisbane nem eu lho tivéssemos pedido. Eu lamentei que se fosse embora. Tinha-me cumprimentado com mais amabilidade inclusive que da vez anterior e eu tinha-me alegrado ao vê-la.

– Surpreende-me que aceda com tanta facilidade a levar a cabo a minha sugestão, tendo em conta a sua veemência anterior.

Eu arqueei os sobrolhos.

– Fui veemente? Não me lembro.

– Pôs em questão a minha prudência – replicou ele, com aspereza.

Eu sorri com doçura.

– Sim, lembro-me disso. De facto, ainda me parece uma tolice. No entanto, estou disposta a conceder que existe a possibilidade de que alguém de Grey House esteja envolvido. Receio que a única forma de acabar com essa suspeita seja provar a inocência do meu serviço. E a única maneira de o conseguir é revistando os seus quartos.

– Grey House inteira – corrigiu-me ele.

Eu reprimi uma pontada de irritação perante o seu autoritarismo. Ainda estava a recuperar, pensei, e, embora o seu humor tivesse melhorado, continuava um pouco suscetível.

– Não vejo o propósito... – comecei.

– O propósito estaria claro se utilizasse o seu considerável intelecto – disse-me ele, interrompendo-me com frieza. – Se o assassino for um dos habitantes de Grey House, talvez partilhe o quarto com outra pessoa. Isso significa que as provas do crime, o veneno, as colagens, etc., estarão escondidas numa zona neutra da casa, em algum lugar onde não o incriminem se for descobertas.

Bebi outro gole de chá, dividida entre o meu prazer ao saborear os matizes sedosos do Darjeeling e a impaciência perante a minha própria estupidez. Realmente, teria de começar a pensar nas coisas antes de abrir a boca. Teria de começar a pensar como um criminoso.

– É isso – disse, de repente.

– O quê? – perguntou Brisbane.

– Não sei pensar como um criminoso – disse com entusiasmo. – Se soubesse fazê-lo, talvez conseguisse desmascará-lo.

– Ajuda sempre – comentou ele, com ironia.

Eu observei-o com a cabeça inclinada, das botas reluzentes ao cabelo ondulado.

– Parece que não tem nenhuma dificuldade em fazê-lo. Tem um passado criminoso? – perguntei-lhe na brincadeira.

Para meu espanto, ele ruborizou-se. Foi quase impercetível, mas eu notei uma cor vermelha a estender-se pelos seus traços.

– Que pergunta tão tonta! – disse. No entanto, eu soube que acertara no alvo.

– O seu passado é consigo, claro – comentei eu, com torpor.

Nunca fora tão inepta socialmente como o era com Brisbane. Como saía uma pessoa de uma acusação aparentemente válida de criminalidade ao seu companheiro de investigação? Não havia regras para aquilo nos livros de etiqueta que a tia Hermia nos fizera estudar. Desenvencilhei-me como pude.

– Quer dizer, quem de nós nunca roubou um rebuçado de uma loja quando era criança?

Brisbane recuperou a sua cor normal a pouco e pouco, mas levava a mão ao pescoço e estava a esfregar distraidamente o lugar onde eu sabia que repousava Medusa, sob a sua camisa.

– Como é óbvio, revistarei todas as divisões de Grey House – disse-lhe. – Inclusive o meu quarto. Entendo o que me disse. Tem razão.

Ele ficou em silêncio durante alguns instantes, pensativamente.

– Isto é mais difícil para si do que teria pensado, não é?

Eu assenti. De repente, encheram-se-me os olhos de lágrimas. Pestanejei para evitar que caíssem.

– Eu adverti-a quando começou. Mas pensou que só estava a ser cruel.

Eu mordi o lábio, em silêncio. O chá ficara gelado. Deixei-o na mesa, com dedos trémulos.

– Subestimei a dificuldade, sim. E foi cruel.

– E tinha razão – disse ele. No entanto, a sua voz não tinha um tom triunfante, só de certeza. Pela sua longa experiência, sabia o que aquilo ia custar-me e eu não quisera ouvi-lo.

Encolhi os ombros.

– Já não importa. Pensei em como seria fácil pôr fim a tudo isto, retomar a minha vida normal e fingir que não aconteceu. Mas não posso. Está a mudar-me. Já me mudou. E ainda não sei se para melhor.

– Só o verificará quando tiver acabado. E, então, só a senhora saberá se o preço foi demasiado alto, se a mudança foi demasiado grande.

Eu assenti e os nossos olhares encontraram-se. Tínhamo-nos tornado camaradas, partilhávamos laços mais fortes do que os de dois amantes, pensei. Talvez os amantes discutissem e se separassem. Nós estávamos unidos irremediavelmente até que aquilo terminasse. E, num estranho momento de harmonia, soube que ele também sentia esses laços que não conseguíamos explicar, nem quebrar. Não sabia se se sentia cómodo ou contrariado naquela situação. Mas ele sabia-o, tal como eu.

Então, mexeu-se rapidamente. Deixou a chávena de chá na mesa e tirou o seu bloco do bolso. Enumerou-me os lugares aos quais teria de prestar especial atenção e os detalhes que não podia ignorar. Era incómodo ler ao contrário do outro lado da mesa, portanto, sentei-me junto dele no sofá. Ele falava com energia, virando-se para mim de vez em quando para se assegurar de que estava a acompanhar cuidadosamente as suas instruções.

Estávamos sentados muito próximos, a sua perna quase tocava na minha almofada e a lã preta da sua manga roçava a minha seda enquanto ele escrevia. Eu sentia o aroma do seu sabonete e de algo mais, talvez o aroma do próprio Brisbane. No terraço, fazia uma temperatura quente e o ar estava carregado de chuva que ainda não tinha caído. A fragrância voluptuosa dos lilases de *madame* Bellefleur impregnava o ambiente. O ar húmido e a combinação de aromas formavam uma mistura embriagadora. Não conseguia concentrar-me no que ele estava a dizer. Em vez disso, observei as suas mãos. Eram grandes e não se pareciam com as de um nobre. Tinha

as unhas curtas e limpas, mas também tinha algumas cicatrizes nos nós dos dedos, e um ou dois calos, provavelmente de montar sem luvas. Eram umas mãos hábeis e competentes, e eu não conseguia imaginar uma só tarefa que não conseguissem realizar.

Então, levantou-se um pouco de vento e fez voar pétalas de lilás, que aterraram no seu cabelo preto e nos ombros do seu casaco, como se fossem confetes. Algumas caíram-me no regaço e recolhi um punhado, que apertei para obter o seu perfume espesso nos dedos. Se estivesse com qualquer outra pessoa, teria sido uma cena muito romântica. E, durante uma fração de segundo, perguntei-me...

Mas, então, ele virou-se para mim com expressão severa.

– Tem pétalas no cabelo – disse-me, apontando-me os caracóis.

Eu sacudi-as e algumas caíram do meu cabelo para as suas mãos.

Ele arrancou a página do bloco que estivera a encher de listas e entregou-me quase com aborrecimento. Depois, levantou-se e deixou cair todas as pétalas ao chão de pedra do terraço.

– Tente não falhar – disse-me. – Tudo depende disto. Eu não gosto de o deixar nas suas mãos.

Zangada, eu agarrei no papel.

– Saberei fazê-lo – protestei. – Disse-me o que tenho de procurar e garanto-lhe que serei discreta.

Brisbane olhou-me durante um longo instante e, depois, soltou um sopro de desagrado.

– Que remédio há?

Virou-se e entrou na casa, à procura de *madame* Bellefleur. Eu dobrei o papel e guardei-o na mala, pensando em como fora estúpida por me perguntar... Parecia que Brisbane só me considerava atraente quando estava inconsciente.

Quando regressou de braço dado com *madame* Bellefleur, conversámos durante alguns minutos sobre nada em particular. Pouco depois, Brisbane levantou-se bruscamente.

– Tenho assuntos para tratar em casa – anunciou.

Apesar dos protestos da dama, foi-se embora, depois de me fazer uma fria reverência e de dar um beijo afetuoso a *madame* Bellefleur na mão. O contraste não poderia ser mais evidente. No entanto, não devia incomodar-se: eu estava no meu lugar e não voltaria a pensar em sair dele.

O ambiente tornou-se mais agradável quando ele se foi embora e *madame* Bellefleur e eu permanecemos no terraço, observando como a luz do entardecer projetava sombras no jardim.

– Tem uma casa linda, *madame*, e muito bem situada. Deve sentir-se muito confortável aqui.

Ela assentiu com veemência.

– Sim. Estou muito agradecida a Nicholas.

Eu fiquei surpreendida.

– Oh, deveria ter-me dado conta... Brisbane proporcionou-lhe a casa.

– Ele proporciona-me uma anuidade, como fazem outros dos meus amigos – corrigiu-me. – Mas Nicholas encontrou esta casa para mim e tratou da compra. Era exatamente o que queria, depois de vagar durante tantos anos. Uma casa própria – então, esticou-se um pouco, como um felino. Os seus membros eram flexíveis. – Tantas cidades, tantos quartos arrendados... – recordou, com expressão sonhadora. – Às vezes, nem sabia onde estava. Tinha de o perguntar a Therese ou a alguma criada. Sempre a depender de outros...

– Mas os seus maridos... Quer dizer, casou-se, não é assim? As casas deles deveriam ser também suas.

Ela riu-se.

– Como o diria uma inglesa! Nunca se casou com um homem do continente, querida, ou não faria essa pergunta. O meu terceiro marido, um príncipe russo... Nunca se case com um russo, querida. São os maridos mais aborrecidos do mundo. Estava sempre a queixar-se do dinheiro, das goteiras do telhado... Vendia os móveis para pagar os arranjos. Uma vez, Serge vendeu a minha cama favorita. Literalmente, tiraram-me dela quando estava a dormir. Levaram-na com os lençóis quentes.

– Meu Deus!

Ela encolheu os ombros.

– Bom, suponho que ele pensasse que tinha justificação. Eu estava com um amante nessa altura – acrescentou, com um brilho de picardia no olhar.

Eu ri-me sem conseguir evitá-lo. Era tão franca sobre as suas aventuras, que era difícil julgá-la. Eu relaxei e ouvi as suas histórias, cada uma mais interessante do que a anterior. Ela mandou Therese ir comprar o nosso jantar e comemos no terraço, enroladas em mantas, com uma garrafa de um vinho da Borgonha notavelmente bom. Quando acabámos, já me chamava Julia e estava a rogar-me que lhe chamasse Fleur.

– Era o meu nome carinhoso de infância – disse-me. – Mas sempre me pareceu bonito.

Eu estava de acordo.

– Fleur – disse, marcando o som gutural do «R», como ela fazia.

Aplaudiu, com os olhos brilhantes.

– Muito bem! Ah, há tanto tempo que não desfrutava da companhia de outra mulher... Tenho Therese, claro, mas é uma mulher idosa, com a sua forma de ver as coisas. Tu és jovem. Eu gosto de estar com gente jovem. Traz-me lembranças.

Olhei para ela, pensando que estava à espera que lhe fizesse um elogio. Eu não era muito mais jovem do que ela, talvez uma dúzia de anos. Bom, não ia satisfazer a sua vaidade. Bebi um gole de vinho e, de repente, senti-me suficientemente atrevida para lhe fazer uma pergunta que estivera a incomodar-me.

– Há quanto tempo conheces Brisbane?

Ela inclinou a cabeça, contando.

– Oh, meu Deus... Há quase vinte anos. Algo do género.

Eu engasguei-me um pouco com o vinho. Vinte anos. Não era de estranhar que fossem tão familiares um com o outro, nem que Brisbane tivesse ido para a sua casa enquanto estava doente. Não era de estranhar que confiasse nela.

– Conhecemo-nos em Budapeste.

– Na Hungria?

– Sim. Eu estava com um conde húngaro na altura. São muito ardentes, os húngaros. Deliciosos, mas, depois de algum tempo, cansam um pouco, garanto-te.

Eu acreditei, mas ainda estava a tentar encontrar sentido no que me dissera. Brisbane e ela tinham-se conhecido na Hungria, quando ele era quase uma criança.

Fleur sorriu-me.

– Sim, era muito jovem. Eu fui a sua primeira amante – disse-me, bocejando discretamente. – Não durou, é óbvio. O meu húngaro nunca teria permitido ter um rival, nem sequer um rapaz. Mas Nicholas foi delicioso. Muito ardente.

– Não durou? Quer dizer que agora...

– Se é meu amante agora? – disse-me ela, com franqueza. Ardia-me a cara e alegrei-me por a luz do terraço ser tão ténue. No entanto, ela não se

ofendeu. Pelo contrário, riu-se. – Oh, minha querida menina, não partilhei a sua cama desde aquele verão em Budapeste. Desde então, temos uma amizade profunda.

– Entendo. Desculpa-me, pensei...

Ela deu-me algumas palmadinhas na mão.

– Desculpar-te? Menina, aprecio o elogio, mas já não tenho idade para andar com tolices.

Eu olhei-a da cabeça aos pés, do seu cabelo escuro, que só tinha alguns reflexos grisalhos, à sua figura ágil e ao seu porte delicioso.

– Muito mais do que quarenta? – perguntei.

Ela voltou a rir-se. Foi uma gargalhada profunda e pegou num lenço para secar os olhos.

– Oh, *chérie*, obrigada por isso... Quarenta! Minha querida menina, vou fazer sessenta.

Eu não podia acreditar.

– Bruxaria – disse eu.

Ela voltou a rir-se.

– Nada disso. Cosméticos – confessou-me. – Eu mesma os preparo com Therese – pôs-me um dedo sob o queixo e fez-me levantar ligeiramente a cara. – Muito bonita, muito bela. Só as inglesas têm este tipo de *cútis*. Mas, às vezes, demasiado *pálida*. Tens de levar um dos meus frascos de bálsamo de pétalas de rosas. Dará um tom rosado fresco às tuas faces, vais ver...

– Tu... – aponte para o seu rosto, delicadamente rosado.

– É óbvio. Aplico um pouco nos lábios também. Intensifica a cor e saberão a rosas quando alguém te beijar.

Eu mordi o lábio inferior para não lhe dizer que havia muito poucas possibilidades de que isso acontecesse. Continuámos ali sentadas, a mexericar como velhas amigas, e dei-me conta de que, salvo alguns jantares com Portia, não fazia aquilo há muito tempo, desde que me tinha casado, quando ainda vivia em March House com as minhas irmãs. Parecia-me natural estar na sua companhia. Também me dei conta de que, se seguisse as convenções ditadas pela sociedade, aquela noite seria proibida. Fleur seria proibida. Observei-a enquanto falava, envelhecendo com tanta elegância, com tanta felicidade. Parecia-me que estava um pouco sozinha, mas, fora isso, estava satisfeita com a sua vida. Não tinha aflições, que era o máximo que as pessoas podiam esperar da vida com a sua idade.

Eu agradeci-lhe quando me ia embora. Ela entregou-me um frasco de bálsamo de rosas e aconselhou-me que o usasse.

– Se gostares, dou-te mais – prometeu-me.

Abracei-a impulsivamente. Ela ficou rígida durante um instante e recordei que os franceses não gostam de contacto físico. No entanto, antes que pudesse desculpar-me e afastar-me, rodeou-me com os braços e apertou-me com força.

– Tens de vir cá mais vezes, quando quiseres – disse-me, com os olhos azuis, quase violetas, brilhantes.

– Virei. E espero que tu vás a Grey House. Dentro de poucos dias – matizei, recordando a desagradável tarefa de que Brisbane me tinha encarregado.

Ela assentiu e, então, fui-me embora, muito agradecida por ter passado uma noite tão agradável com uma companhia tão fantástica. No entanto, durante o trajeto para casa, os meus pensamentos tinham voltado a Brisbane. E não sentia nenhuma gratidão por isso.

## Vinte e três

«Há pouca escolha entre maçãs podres.»  
William Shakespeare, *A fera amansada*.

Quando comecei a revistar Grey House, apercebi-me de que o tamanho de uma casa é algo completamente relativo. Sempre me tinha parecido uma casa de cidade modesta. No entanto, percorrendo-a metódica e furtivamente, parecia enorme.

O mais difícil foi inventar desculpas plausíveis para entrar em divisões onde quase nunca tinha entrado. Durante algum tempo, passei pela casa com papel e lápis, fazendo um inventário dos móveis que ia vender quando deixasse Grey House. Com essa artimanha entrei no quarto de Edward, mas, quando acabei, doía-me a mão de apontar e a lista era interminável.

A busca entristeceu-me mais do que pensara. Não tinha voltado a entrar nos seus aposentos desde que tinha morrido. Ao ver as suas coisas, que as criadas tinham limpo recentemente, encheram-se-me os olhos de lágrimas. O quarto estava frio, desocupado, quase desagradável, como um museu sério. Deambulei por ele durante algum tempo, acariciando as coisas, examinando pequenos tesouros e olhando para as fotografias.

Toquei nos candelabros que havia sobre o suporte da lareira, de porcelana de Sèvres. Eram da sua mãe e as únicas peças belas que ela tinha comprado. Havia outras coisas, não tão magníficas, mas bonitas de qualquer modo: um pequeno relógio com uma pastora e uma caixa de porcelana decorada com um desenho de Pandora a abrir a lendária caixa.

Só havia alguns livros de poesia e as histórias que ele gostava de ler quando não conseguia conciliar o sono. Numa das paredes havia algumas pinturas boas, de temas mitológicos, uma de Narciso a ver-se no riacho e outra de Aquiles a chorar a morte de Pátroclo. Nunca tinha gostado delas, mas eram muito do gosto de Edward, refinadas, modernas, executadas nas suas cores preferidas, com tons suaves de azul e verde.

Percorri objeto a objeto, abrindo caixas e gavetas, e espreitando dentro dos vasos. Não encontrei nada, salvo um pouco de pó e uns quantos fantasmas. Foi uma experiência inquietante para mim e soube que não queria revistar Grey House a sós. Por fim, convenci-me de que não tinha opção. Disse-o a Aquinas.

– Deseja revistar Grey House, *milady* – disse ele, com um tom escrupulosamente neutro. Como todos os bons mordomos, a Aquinas nunca lhe ocorreria fazer uma crítica aberta.

– Sim.

– Com o propósito de descobrir provas de uma maldade.

– Exato.

– Talvez possa fazer-lhe uma ou duas sugestões que lhe serão úteis.

– Esperava que o fizesses.

– Se a senhora puder adiar a revista até amanhã, penso que será muito mais fácil de levar a cabo.

– Porquê?

– Amanhã é domingo, *milady* – disse ele, sem um ápice de impaciência.

– Oh... Muito bem. E quantos deles vão à igreja?

– Todos, *milady*. E, depois, têm a tarde livre para desfrutar dos prazeres da cidade, se os houver.

Aquinas tinha servido em Paris e manifestava sempre amargura pela solenidade do domingo britânico, inclusive em Londres.

Eu olhei-o com surpresa.

– É verdadeiramente extraordinário. Nunca me tinha apercebido. Mas como sempre na sala de jantar aos domingos e as lareiras estão acesas.

– Eu não vou à missa, *milady*. É um privilégio ficar em casa e assegurar-me de que é bem atendida.

Não soube o que dizer. Aquinas sempre tinha mostrado a sua dedicação de um modo silencioso e quase não me surpreendeu que renunciasse ao seu domingo para que eu não sofresse nenhuma inconveniência. O que me surpreendeu, e me contrariou, foi a minha cegueira à sua devoção.

– Obrigada, Aquinas. És muito diligente.

Ele inclinou a cabeça. Nunca se sentava na minha presença e, como resultado, as conversas eram ligeiramente incómodas. Eu ficava com frequência com um torcicolo. No entanto, respeitava a sua insistência em manter o decoro.

– Sabes, Aquinas – disse-lhe, – tenho de resolver um problema com a ajuda do senhor Nicholas Brisbane. Talvez recordes que veio de visita.

– Lembro-me de todos os visitantes, *milady*.

– Sim, bom, o senhor Brisbane sugeriu-me que reviste a casa para encontrar provas do culpado. Posso dizer que a maldade é, na realidade, um deslize. Alguém recortou passagens de um livro do meu estúdio e escreveu cartas anónimas com elas. A intenção do senhor Brisbane é demonstrar que alguém do serviço de Grey House é o culpado, mas eu quero provar-lhe que não é verdade. Infelizmente, o único modo de o fazer é revistando a casa à procura de provas, por muito triviais que possam parecer, que apontem o culpado.

Aquinas assentiu pensativamente.

– Posso sugerir-lhe que preste especial atenção às divisões públicas? Não creio que alguém do serviço, se for um vilão inteligente, deixasse provas da sua culpa no seu próprio quarto.

– Pelo amor de Deus, Aquinas! Tu também? O senhor Brisbane disse-me o mesmo e eu pensei que isso indicava que tinha uma mente criminoso – Aquinas não disse nada, mas corou. – Oh, por favor, tu também não!

– Desculpe, *milady*? – perguntou-me inocentemente.

– Nada, Aquinas. Não quero saber – respondi com firmeza. Apesar das alusões de Brisbane, confiava mais em Aquinas do que em qualquer outra pessoa de Grey House. Não me importava que aventuras juvenis o tivessem conduzido ao outro lado da lei. A única coisa que me importava era que naquele momento estava do lado certo.

– Naturalmente, a senhora desejará revistar também o meu quarto – disse.  
– Estarei ao seu dispor quando o necessitar.

– Oh, não... A sério, não poderia...

Pela primeira vez desde que o conhecia, Aquinas interrompeu-me.

– Deve fazê-lo. Eu não gostaria que houvesse a mínima sombra de suspeita sobre o meu nome, *milady*. Aprecio muito a sua boa opinião.

Eu não disse nada, mas podia ouvir a voz de Brisbane, insidiosa como uma serpente: «É lógico que tenha dito isso, não acha? Sobretudo, se já escondeu as provas».

Afastei a voz de Brisbane da mente, mas voltou quando abria a porta do quarto de Aquinas na manhã seguinte. Os sinos já tinham chamado os fiéis para a igreja e surpreendeu-me a rapidez com que a casa ficou em silêncio. Renard trabalhava também aos domingos para cuidar de Simon, só tinha um

dia livre por mês. Normalmente, tirava-o a meio do mês, mas Aquinas tinha inventado uma desculpa para lhe pedir que o tirasse naquele primeiro domingo e Renard estava demasiado contente para fazer perguntas sobre a alteração. A Alegre fora fazer o seu habitual percurso dominical pelos cemitérios. Saía cedo todos os domingos pela manhã, envolta em véus de luto e em crepe preto, e só voltava tarde, à noite, descansada e relaxada como se tivesse ido de férias.

Inclusive Magda saía, embora eu soubesse que não tinha ido à igreja. Teria ido visitar a sua gente, sem dúvida, para ver as tias e as irmãs, que se tinham oposto à sua partida e que pressionavam constantemente os homens para que lhe permitissem voltar. Os outros iriam ao parque encontrar-se com os seus amigos ou os seus amantes. Do estúdio, ouvi-os. Conversavam alegremente enquanto desciam pela escada traseira. Inclusive o pobre Desmond, que estava a recuperar de uma constipação, aplicou cânfora suficiente no peito para poder sair. Eu cheirei-o juntamente com o perfume barato das criadas quando já todos se tinham ido embora e saí para o vestíbulo, sentindo-me como uma intrusa na minha própria casa.

Comecei pelo quarto de Aquinas, por puro sentimento de culpa. Envergonhava-me ter de o fazer enquanto estava em casa, mas ele, com delicadeza, tinha subido até ao quarto de Simon. Revistei, rápida, mas minuciosamente, os seus pertences. Descobri que era católico, coisa que já sabia, e que era viúvo, coisa que ignorava. Encontrei um recorte de um jornal num envelope, guardado na gaveta do lavatório. Tinha as margens desgastadas pelo tempo e detalhava as façanhas acrobáticas do Incrível Aquinas e da sua bela esposa, Gabriella, da trupe Gioberti, de Milão. Continha um desenho reconhecível de Aquinas a fazer equilibrismo num cabo, com Gabriella no ombro. Havia um segundo recorte, mas a leitura desse era dolorosa. Uma rajada de vento, uma fita presa no cabo.

Guardei-o no envelope enquanto lamentava tê-lo visto. Sempre soubera que Aquinas fora acrobata de circo e sempre me tinha parecido algo divertido. Achava que era um episódio da juventude, algo que teria abandonado para conseguir um trabalho que lhe permitisse ter uma velhice cómoda. Nunca tinha imaginado quais as circunstâncias que o tinham feito deixar aquela vida. Recordei as inúmeras vezes que o tinha perseguido para que me contasse histórias do circo e como ele sempre me tinha dissuadido, dizendo-me que eram aborrecidas. Eu deveria ter tido mais bom senso.

No entanto, foi a única surpresa que encontrei no seu quarto. Estava arrumado e limpo até à obsessão. Tinha poucas coisas, maravilhosamente guardadas. Como é óbvio, Aquinas era demasiado inteligente para guardar provas dos seus crimes ali se realmente fosse o criminoso. De qualquer forma, preferia considerá-lo inocente.

Subi as escadas para ir chamar Aquinas e juntos fomos revistar os quartos das criadas e dos lacaios, que ficavam no último andar. Eu falara-lhe das cartas, mas não do veneno. Ele ajudar-me-ia a procurar qualquer coisa que parecesse suspeita, mas ocultei-lhe a busca de pequenas caixas ou frascos que pudessem conter a substância que tinha matado Edward. Ele levou-me até às dependências do serviço, nas quais nunca tinha entrado. As criadas partilhavam um quarto grande que dava para o jardim e os lacaios ocupavam um quarto um pouco mais pequeno, que dava para a rua. Ambos eram mais desagradáveis do que eu teria imaginado. Com a pilha de lenços usados e amarrotados de Betty e a seleção de ervas medicinais de Desmond, senti-me enjoada. O quarto das criadas não revelava nada de interesse, além de uns quantos acessórios e lembranças. Ambas tinham sacos de rebuçados de gengibre e pequenas bonecas de porcelana.

Ambas tinham idade suficiente para ganhar a vida a servir, mas nenhuma tinha mais de dezanove anos. Eram meninas em muitos sentidos. Havia um único boião de batom, que certamente partilhavam nos dias de saída, e um frasco de colónia barata que estava quase vazio. Todo o quarto cheirava àquele perfume pesado e doce, e eu alegrei-me por passar ao quarto austero que Desmond e Henry partilhavam. Ali, o ar era melhor do que o do quarto das criadas. Cheirava a cânfora e a uísque, e a outros remédios que não fui capaz de identificar.

Aquinas arqueou um sobrolho ao ver a coleção de garrafas que havia no parapeito da janela, junto da cama de Desmond.

– Sente a falta do campo, *milady*.

– Então, o que faz em Londres? – perguntei com exasperação, embora soubesse bem a resposta. – Não há trabalho no campo, eu sei, Aquinas. Mas tem de haver algo que possamos fazer por ele. Já sei... Pedirei ao meu pai que o mande para Bellmont Abbey. Uma temporada em Sussex e ficaria bem, o que te parece?

– Penso que uma temporada no campo é precisamente o que necessita, *milady*. É um jovem trabalhador, diligente e cumpridor. Penso que o conde

se sentiria satisfeito com os seus serviços. Poderia sugerir-lhe que o encarregasse de algo relacionado com os cães, *milady*.

– Com os cães? – perguntei eu, dirigindo-me para a arca que havia aos pés da cama de Henry.

– Sim, *milady*. Gosta muito.

Eu abri a tampa e assinalei o conteúdo com um dedo.

– Bem, o meu pai está sempre à procura de alguém a quem possa confiar o cuidado dos seus mastins. Sobretudo agora que Crab está prestes a ter uma ninhada. Meu Deus!

Tinha encontrado um álbum com capas de couro de má qualidade, atado com um cordel preto. Abri-o, esperando ver as típicas fotografias de lugares costeiros. O que encontrei foi algo muito diferente.

Aquinas olhou discretamente por cima do meu ombro e tossiu.

– Francês, creio, *milady*.

– Como sabes?

– Pela legenda da imagem.

– Muito bem, Aquinas. Nem sequer tinha notado que havia uma legenda.

Isso porque estivera muito ocupada a olhar para a fotografia de uma jovem num provocador estado de seminudez. Estava a olhar para a câmara com expressão descarada, aparentemente alheia ao rapaz que estava a acariciá-la.

Passei rapidamente as páginas do álbum. Havia mais fotografias como aquela, dúzias, todas de natureza lasciva. No entanto, no fim havia algo diferente. As primeiras fotografias eram atrevidas, quase divertidas. A maioria das mulheres estava tapada e exibia apenas os seios. Os jovens estavam completamente vestidos. Podia imaginar facilmente um grupo de rapazes a rir-se das fotografias.

No entanto, as outras... Olhei para elas e senti-me enojada. Aquilo não eram fotografias, eram desenhos feitos em papel grosso, com as margens rasgadas, como se tivessem estado unidas e tivessem sido separadas. Eram completamente obscenos, não porque fossem sexuais, mas porque eram violentos. Representavam coisas que eu nunca tinha imaginado, nunca quisera imaginar que pudessem acontecer. Olhei-os fixamente, até que Aquinas me tirou gentilmente o álbum das mãos.

– É melhor não ver algumas coisas – comentou, com tom frio de raiva.

– Não entendo – disse eu, tropeadamente.

– Não pode entendê-lo, *milady*, porque a criaram com dignidade – respondeu ele e praguejou em italiano.

– Mas porque tem Henry isto? – Aquinas desviou o olhar e eu ruborizei-me. – Quer dizer... Imagino porquê, mas onde o conseguiu?

Aquinas encolheu os ombros.

– Há lugares...

Eu não o pressionei, mas tomei nota mental de dizer a Brisbane o que tinha descoberto e continuei com a revista. No entanto, na arca já não havia mais nada de interesse e senti-me aliviada quando saímos do quarto e fechámos a porta. Ao chegar ao corredor, o ambiente era mais leve e mais fresco, e inspirei profundamente antes de entrar no quarto de Morag.

Se as coisas de Henry me tinham chocado, as de Morag foram uma revelação. O pequeno quarto estava cheio de coisas, algumas dadas por mim, outras compradas com o seu modesto salário. Reconheci uma jarra que uma criada tinha lascado ao limpá-la com descuido. Eu dissera a Aquinas que se desfizesse dela, mas Morag perguntara-me se podia ficar com ela e eu encolhera os ombros. Vi que Morag a enchera de flores secas e a tinha colocado, quase com reverência, sobre um naperão de renda de Bruxelas, que fora um xaile meu. Tinha virado a jarra para que não se visse o rebordo lascado e tinha remendado a parte desfiada do xaile. Para onde quer que olhasse, via cuidado, aproveitamento e quase uma dolorosa determinação de dar um bom uso a tudo o que lhe chegasse às mãos.

– Parece que a nossa Morag é uma proverbial escocesa poupada – disse, com um sorriso. – Não deita nada fora.

Aquinas estava a observar um esboço emoldurado. Tinha-o desenhado Edward antes de nos casarmos. Era um pátio cheio de folhas secas e estátuas partidas. Estava bem feito, mas era muito melancólico. Tínhamo-lo pendurado num corredor e tínhamo-nos esquecido dele. Pouco depois da morte de Edward, eu tinha voltado a vê-lo e tinha-o desprendido da parede. No entanto, quando o pusera no lixo, Morag vira-o e agarrara-o, dizendo que tinha uma moldura que só necessitava de uma nova pintura. Eu reconheci também a moldura. Era de mau gosto, pesada e carregada, e, quando se partira num canto, eu ficara muito contente. Nunca tinha gostado dela. Morag tinha-a pendurado com o esboço. Era uma moldura inapropriada para uma peça tão humilde, mas devia agradar a Morag. Tinha um lugar de honra sobre a cabeceira da sua cama.

– Chegou a casa com a roupa que trazia no corpo e uma cesta de costura – recordou-me Aquinas.

Eu não disse nada. Encarreguei-me de revistar a cómoda. Estava envergonhada, sabia como fora a vida de Morag. A tia Hermia certificara-se de ma contar. Tinha-me descrito a existência de uma prostituta de East End em termos francos. Eu sabia que Morag tinha vivido muito tempo na rua e que só tinha podido dormir numa cama nas noites em que ganhava dinheiro suficiente para pagar uma pensão. Carregava todas as suas posses, enfiadas nos bolsos e cosidas na bainha do vestido. Eu pensei que seria o paraíso para ela poder ter o seu próprio quarto mobilado no andar superior da casa.

Mas nunca pensara em pendurar-lhe quadros bonitos nas paredes, nem em dar-lhe uma jarra que não estivesse partida. Imediatamente, pensei numa dúzia de coisas do quarto de Edward que poderiam agradar-lhe. Algumas eram de valor, mas não muito, e eu não necessitava do dinheiro que pudessem proporcionar-me. Porque não dá-las a Morag, que ia desfrutar delas? Virei-me para Aquinas, encolhendo os ombros para lhe indicar que não tinha encontrado nada.

Ele assentiu.

– Eu só encontrei uma caixa quase vazia de rebuçados.

Sáímos do quarto, enquanto eu pensava em dar a Morag a caixa dos melhores rebuçados que conseguisse encontrar. Apesar da sua aspereza, Morag fora um consolo para mim durante a minha viuvez. Deveria dizer-lho, pensei.

Depois, entrámos no quarto de Renard, uma tarefa pela qual não sentia impaciência. O seu quarto estava tão desarrumado como o de um senhor, cheio de roupa suja e sapatos espalhados pelo chão. Havia jornais e cinza por toda a parte, e um prato cheio de restos de comida tão antiga que era repugnante.

– Supõe-se que os franceses sejam pulcros – disse, levando o lenço ao nariz.

– Eu nunca acreditei que fosse francês – respondeu Aquinas. Pegara num guarda-chuva e estava a usá-lo para remexer cuidadosamente a roupa suja.

– A sério? – perguntei-lhe, com as mãos cheias de revistas.

– O sotaque é demasiado forçado, demasiado francês, *milady*. Se me perdoar a observação, parece-se muito com o dos seus costureiros.

Eu pus-me a rir ao pensar nos irmãos Riche e no seu sotaque exagerado, no seu uso evidente de palavras francesas simples em todas as conversas.

– É verdade! De onde achas que é?

Aquinas franziu o nariz perante uma meia especialmente fedorenta.

– Kent. Nunca confiei nos homens de Kent.

– Tenho a certeza de que tem uma boa razão, mas não lha perguntarei agora. Suponho que o seu nome verdadeiro seja Fox e é por isso que usa aquele tão ridículo – murmurei, enquanto olhava rapidamente para as revistas. Eram antigas, números que Edward tinha deitado fora. Não havia nada interessante nelas.

Aquinas deixara a roupa e estava a mexer debaixo da cama com o guarda-chuva. Depois de um instante, emitiu um gemido e esticou o braço para agarrar algo com o punho. Puxou-o para si e, juntamente com uma grande quantidade de pó e teias de aranha, tirou um pequeno baú de viagem.

Eu atirei-me a ele, ainda que não soubesse porquê. Por acaso, esperava encontrar uma tesoura e um boião de cola no seu interior? Na realidade, eu gostava da ideia de que Renard fosse o vilão.

O baú estava fechado, mas em pouco tempo encontrámos a chave, que estava pendurada num gancho atrás do espelho do lavatório. Aquinas deu um passo atrás e permitiu-me colocar a chave na fechadura. Abri a tampa e sofri uma decepção. Só havia uns quantos livros, bastante velhos, com as capas cheias de mofo.

Aquinas pegou num e abriu-o. Ambos ficámos a olhar para a ilustração durante um longo instante.

– Bom, suponho que isto explique onde Henry conseguiu aquelas porcarias.

Aquinas assentiu.

– Renard deve arrancar as páginas e vender-lhas, e talvez também a outros.

Eu peguei noutra livro e observei o título francês e o brasão gravado no couro da capa.

– São valiosos, não achas?

– Talvez. Há colecionadores, por exemplo, um conde para quem trabalhei em Paris. Pagavam muito por um volume como este. No entanto, se Renard vende as ilustrações uma a uma... Ou está muito ansioso por ter dinheiro, ou não sabe que o livro completo é muito mais valioso.

– Não penso que lhe escape o valor de alguma coisa – disse, pensativamente. – Onde achas que os conseguiu?

– Em França – respondeu Aquinas, com decisão. – Provavelmente, trabalhou para este cavaleiro ou para a sua família e roubou-lhe o livro quando se foi embora. Suponho que o roubou porque era fácil fazê-lo e fácil vendê-lo, umas quantas páginas cada vez que necessita de dinheiro.

– Mas porque finge diante de nós que é francês?

Aquinas sorriu-me com tristeza.

– Porque há um conceito quanto aos criados franceses. Impera a ideia de que são superiores aos italianos, inclusive melhores do que os ingleses.

– Mas isso é absurdo. Se fosse um bom ajudante de câmara, a Edward não teria importado que fosse chinês.

– A *sir* Edward, não. Mas há outros aos quais importa muito.

– Tolices! A única coisa que importa é que faça um bom trabalho e que fale a língua suficientemente bem para que se faça compreender. Não me importaria se os meus empregados fossem da Albânia.

– A senhora é diferente, *milady*. Recorda aquela noite em que convidou *lady* Thorncroft para jantar, algumas semanas antes de *sir* Edward falecer? Sim, bom, quando eu levei a carne assada para a mesa, ouvi-a claramente a perguntar-lhe se contava os talheres de prata depois de eu os ter polido para se assegurar de que estavam todos.

Eu desviei o olhar e encolhi-me um pouco.

– Tinha a esperança de que não tivesses ouvido isso.

– Mas ouvi e ouvi também a sua resposta. Não penso que voltem a convidá-la para Thorncroft Hall.

Eu olhei para ele e vi que os olhos lhe brilhavam no semblante triste.

– Bom, e o que ia dizer-lhe? Foi insultuosa e grosseira.

– Só disse o que pensam muitos outros convidados de Grey House. Como pode confiar os seus objetos de valor a um italiano?

Eu fechei o livro e deixei-o no baú.

– Não entendo porque é que toda a gente pensa que és italiano quando és metade inglês. Nem sequer tens sotaque. A maior parte do tempo – corrigi-me ao pensar nos escassos ataques de raiva que o deixavam incapaz de comunicar salvo num italiano apaixonado. – Vamos, Aquinas, quero sair deste quarto e lavar as mãos – disse.

Ele colocou o baú debaixo da cama e deixou o guarda-chuva no sítio.

À porta, parei.

– Aquinas, o senhor Brisbane alguma vez te disse alguma coisa? Fez-te algum comentário a respeito de não seres inglês?

Aquinas sorriu.

– Sim, *milady*. Da primeira vez que visitou Grey House, quando lhe abri a porta. Disse-me que admirava muito os acrobatas italianos e perguntou-me se alguma vez vira uma atuação dos Gioberti em Milão.

Eu olhei-o de boca aberta. O sorriso de Aquinas tornou-se mais amplo.

– Eu sei, *milady*. Essa foi precisamente a reação que eu tive. Um cavalheiro extraordinário.

– Realmente extraordinário, Aquinas.

Às três da tarde, ambos estávamos cansados e cheios de pó, e não tínhamos conseguido nada. Tínhamos passado pela sala de estar de Simon, embora eu já lhe tivesse dado uma olhadela na noite anterior. Não era impossível que o culpado tivesse escondido algo ali, conforme me tinha advertido Brisbane. Eu procurei pelos cantos com a desculpa de que estava à procura de um brinco que tinha perdido, mas não encontrei nada e Simon começara a olhar-me com estranheza. Estive prestes a contar-lhe o meu segredo, mas decidi não o fazer. Brisbane zangar-se-ia muito ao saber que o tinha contado a Aquinas. Se soubesse que também o tinha contado a Simon, dar-lhe-ia um ataque.

Aquinas levou a comida a Simon numa bandeja. Depois, revistámos o meu quarto, mas também não descobrimos nada, para meu alívio. Fez com que me sentisse muito melhor e decidi que contaria a Brisbane que tinha incluído Aquinas como observador imparcial durante a revista do meu quarto. Ele não acreditaria, mas pareceu-me muito profissional.

As divisões públicas do rés do chão levaram-nos muito pouco tempo. Edward tinha-as decorado com o seu estilo preferido, o estilo imperial, tudo de linhas simples e sem abarrotar as divisões. Não havia esconderijos entre as pernas dos móveis e o chão despido. Portanto, só faltavam as divisões da cave: a cozinha, a lavandaria e os quartos privados que ainda não tínhamos inspecionado. A cozinha era antiga, todos os utensílios estavam no sítio e não me surpreendeu. A cozinheira era como um general no campo de batalha. Ninguém se teria atrevido a sair da sua cozinha até que a última travessa estivesse guardada.

A lavandaria estava um pouco menos arrumada. Em teoria, estava também sob a autoridade da cozinheira, mas, na prática, era coisa de Magda. Deixara um sabão a desfazer-se num balde de água e um recipiente de latão cheio de água perto da porta, tão mal colocado que tropecei nele e estive prestes a cair. Murmurei um protesto enquanto o afastava com o pé.

O resto da divisão não revelava nada fora do normal. O balde de água onde eu deixara a camisa de Val de molho continuava sob a janela, onde estava algumas noites antes. Aproximei-me e vi, com surpresa, que a água estava avermelhada outra vez, como se alguém tivesse metido lá algo ensanguentado.

E dei-me conta de que assim era. Pedi um pau a Aquinas e ele encontrou um comprido e fino que Magda usava para mexer o caldeirão de água a ferver. Enfiei-o na água e puxei-o para cima, de modo que um monte de tecido caiu ao chão com um chapinho.

Aquinas aproximou-se antes que pudesse impedi-lo. Ele não era tão afetado como eu. Desdobrou o tecido molhado. Era a camisa de um homem, como eu imaginava, manchada de sangue nos punhos. Também havia um lenço que parecia de uma mulher, porque tinha umas margaridas bordadas num canto.

Eu olhei para o tecido ensanguentado, perguntando-me como era possível que tivesse acreditado na história que Val me tinha contado sobre a luta à saída do teatro. Ele era estudante de Medicina e não lhe era permitido praticar. Parecia que tinha encontrado algum lugar onde continuar com os seus estudos, algum sítio do qual não podia falar, onde havia gente que necessitava dos seus cuidados médicos.

Enrolei o lenço na camisa e voltei a colocar tudo no balde.

– Isto não tem nada a ver com o que estamos à procura. Eu trato disto – disse a Aquinas.

Ele não respondeu. Limitou-se a limpar o chão com água limpa.

No entanto, eu sabia que os dois estávamos a pensar naquilo enquanto íamos para o quarto da cozinheira. Ambos sorrimos ao ver o pequeno luxo que a mulher se permitia: licor de cereja e revistas de moda. No entanto, enquanto voltávamos a colocar as garrafas debaixo da cama, eu estava a questionar-me sobre Magda.

Ela era a lavadeira e, sem dúvida, estava a par de que Val chegava a casa com a camisa suja de sangue à noite. Eu tinha lavado uma daquelas camisas, mas sabia que tinha havido outras. Ele não se incomodara em lavar aquela, mas devia saber que Magda ia vê-la. Pagar-lhe-ia em troca do seu silêncio? Essa possibilidade preocupou-me. Val nunca tinha muito dinheiro. A atribuição do meu pai era generosa, mas Val também o era e andava sempre a dar dinheiro a causas nobres e a amigos necessitados. Apressei-me

a revistar o quarto de Magda. Estava convencida de que encontraria algo que ia ligá-la ao meu irmão e tinha medo do que pudesse ser.

No entanto, não esperava que fosse arsénico.

## Vinte e quatro

«O dever obriga-me a dizer o que, de outro modo, ninguém conseguiria arrancar-me.»

William Shakespeare, *Os dois cavaleiros de Verona*.

Como é óbvio, não estava certa de que fosse arsénico quando o encontrei. Nem sequer estava certa de que fosse importante. Mas suspeitava-o.

E, quando vi a caixa de pó cinzento, senti-me mal. Tinha desejado com todas as minhas forças dar uma oportunidade a Magda. A tia Hermia tinha-me advertido de que não o fizesse. Ela nunca tinha aceitado os ciganos, como o meu pai, e considerava uma loucura acolher uma em casa. Acautelara-me de que me roubaria e venderia as minhas coisas, e de que não trabalharia.

Eu tinha uma opinião elevada da honestidade de Magda, mas sabia que não se adaptaria facilmente a viver entre quatro paredes. E acertara. Nunca faltara nem um alfinete durante o tempo que ela estivera connosco, mas não encaixara bem com os outros empregados e, às vezes, encetava discussões violentas com as criadas.

No entanto, eu não podia mandá-la embora. Magda tinha acudido a mim quando a tinham expulsado da sua casa e eu não podia fazer outra coisa senão ajudá-la.

Dera-lhe um abrigo frio, pensei enquanto observava o pequeno quarto. Era pouco mais do que a cela de um anacoreta e senti raiva de mim mesma. Ela era como Morag, uma criatura sem lar, e eu não lhe dera mais do que quatro paredes despidas. O quarto não tinha tapetes e como único mobiliário havia uma cama e uma cadeira. As suas escassas posses estavam divididas entre um saco de viagem e uma velha chapeleira.

Nem sequer havia uma cortina para a janela. Olhei para aquelas paredes cinzentas e para o chão frio de pedra, e dei-me conta de que aquilo devia ter sido uma prisão para ela, uma mulher cigana com planícies imensas e rios selvagens no sangue. Ela tinha vagado livremente com a sua gente antes de

vir para a minha casa, de um lado para o outro do reino. Tinha passado a vida ao ar livre, dormindo numa tenda e numa caravana. Naquele momento, estava confinada a uma cave poeirenta, tão deslocada ali como o corvo da Torre no quarto de Val.

Coloquei a caixa no bolso e virei-me para Aquinas.

– Não há mais nada aqui. Não penso que precisemos de revistar o quarto de Diggory. Ele não acede à casa.

Aquinas assentiu solenemente.

– Parece-me que há mais do que cartas anónimas aqui, *milady*.

– Sim – respondi eu. Depois, endireitei os ombros. Tinha confiado em Aquinas até ao momento e parecia-me inútil e insultuoso não lhe contar tudo.

– O senhor Brisbane suspeita, tal como eu, que *sir* Edward morreu assassinado.

– Eu também – disse ele.

– Desculpa?

– Em Itália, estas coisas são comuns. Também em França. Não é estranho que uma esposa ou um marido infelizes se libertem da causa das suas tristezas. Ou que um sobrinho jovem ajude um tio rico e velho a ir para o outro mundo para ficar com a herança. E não é impossível que um homem de saúde frágil tire a sua própria vida em vez de esperar até morrer com dor.

Eu fiquei a olhá-lo, atónita, enquanto recordava o que me dissera Simon sobre as suas intenções. Porque nunca me tinha ocorrido que Edward pudesse ter feito o mesmo?

No entanto, dei algumas palmadinhas na caixa que levava no bolso e soube que não era verdade. Edward estava aterrorizado com aquelas cartas, segundo Brisbane. E um homem que ia destruir-se a si mesmo não se teria preocupado tanto com elas. Além disso, se Edward tivesse planeado a sua própria morte, não teria deixado o veneno escondido no quarto de uma pessoa inocente para a incriminar.

– Vou dar isto ao senhor Brisbane.

Aquinas retirou-se. Eu fiquei a sós no quarto de Magda. Sentei-me durante um bocado, tentando esclarecer as ideias, mas não conseguia encaixar as peças. O que estava a fazer Val e quanto saberia Magda? Ela teria motivos para fazer mal a Edward? E tê-lo-ia feito?

Finalmente, preparei-me para ir visitar Brisbane. Eu tinha muitas perguntas e talvez ele tivesse as respostas.

O lógico seria que tivesse entregado a caixa a Brisbane com um sorriso de petulância. No entanto, a única coisa que senti foi tristeza. Estava a implicar uma mulher que conhecia desde a infância, uma mulher em quem confiava. E estava a pôr o seu destino nas mãos de um homem de quem sabia muito pouco.

Observei-o atentamente enquanto ele inspecionava o conteúdo da caixinha.

De repente, levantou-se, foi até à mesa de trabalho, junto da janela, onde tinha o seu equipamento científico. Eu segui-o e vi como punha uma pequena amostra de pó num crisol. Aqueceu-o e um aroma forte, parecido ao do alho, estendeu-se pelo ambiente.

Brisbane virou-se para mim com uma satisfação selvagem no olhar.

– Vou enviá-lo a Mordecai para que lhe faça uma análise definitiva, mas este teste indica que é arsénico.

Senti um aperto no coração. Havia muitas razões para ter arsénico à mão, mas Magda não tinha nenhuma. Eu sabia que não o usava como cosmético, nem para matar ratos. Brisbane, como é óbvio, estava a ler-me o pensamento.

– Só há uma razão para ter arsénico nesta quantidade e com esta concentração – disse categoricamente. – Envenenou alguém ou, pelo menos, tentou.

– Não sabe isso. O doutor Bent nem sequer acabou o seu relatório a respeito do que pôde induzir os sintomas que Edward manifestou.

Ele olhou-me com os olhos semicerrados.

– Então, pode explicar-me porque é que uma lavadeira cigana ao seu serviço tem arsénico suficiente para matar um batalhão no quarto?

– Não sabe se é arsénico! – exclamei com aborrecimento.

Não sabia porque estava irritada, mas estava. Ele estava muito disposto a pensar o pior de Magda. Talvez eu estivesse furiosa comigo mesma porque não me ocorria uma defesa apropriada para ela. Ou talvez estivesse furiosa com ele por me pedir.

Brisbane cruzou os braços.

– *Milady*, sei o que é isto. Vou enviá-lo a Mordecai só para que confirme a minha análise. Agora, sente-se e diga-me tudo o que sabe de Magda.

Derrotada, obedeci. Ele pediu chá e eu aceitei uma chávena e um biscoito apenas para ter as mãos ocupadas. Monk não me olhou diretamente e eu perguntei-me se lamentava os segredos que tínhamos partilhado durante a

minha última visita. Foi-se embora rapidamente e Brisbane não esperou até que eu terminasse o meu chá para começar o seu interrogatório.

– Há quanto tempo conhece Magda? – perguntou-me. O bloco estava na mesinha, ao seu lado, mas ele não o abriu.

– Penso que desde sempre. Já lhe disse que o meu pai permite aos ciganos acampar nas suas terras, em Sussex. O povo de Magda parava lá desde que o meu pai era criança.

– E ela sempre se deu bem com a sua família?

– Sim. O meu pai pagava-lhe para que nos lesse o futuro no baile da colheita. Comprava sempre os cavalos aos irmãos dela e dizia aos arrendatários das suas terras que comprassem aos ciganos as selas que fabricavam.

Brisbane ficara pensativo. Tinha uma expressão quase de desagrado na cara, como se não gostasse de ouvir falar das vidas errantes dos ciganos. De repente, recordei a conversa que eu tinha ouvido da lavandaria, em que Magda estivera a provocar Brisbane.

– Quem é Mariah Young? – perguntei-lhe.

A sua cara não mudou, pelo menos não de um modo que eu pudesse definir. No entanto, ficara plana, como se os seus traços não fossem de carne e osso, mas de papel e tinta, tecnicamente correta, mas completamente desprovida de expressão. Bebeu um gole do seu chá e, depois, olhou-me com as pálpebras semicerradas. Nunca lhe vira aquela expressão, embora o seu rosto não denunciasse nenhuma emoção.

– Pareceu-me ouvir barulho. O que há lá em baixo? A lavandaria? – eu assenti. – Mariah Young é assunto meu – disse com calma. – E ela não tem nada a ver com este caso.

– Mas estava a falar com Magda...

Então, ele fez algo que nunca o vira a fazer. Deixou a sua chávena na mesa e tirou uma caixinha de madeira do bolso. Dela extraiu um cigarro fino, muito escuro. Acendeu-o cerimoniosamente e deu algumas passas para se assegurar de que o tinha acendido bem. Não me tinha pedido permissão, mas o tabaco tinha um aroma doce e perfumado que era bastante agradável.

– Espanhol – disse ele, com um sorriso vago. – Ajuda-me a pensar. Mariah Young – repetiu. – Só posso dizer-lhe que a conversa entre mim e Magda não tem nada a ver com o nosso caso, salvo num ponto: penso que a sua lavadeira é capaz de chantagear e isso está apenas a um passo do assassinato, não acha?

– E é tudo o que tem a dizer a esse respeito?

– Sim. Como acaba uma cigana adivinha a trabalhar como lavadeira? – perguntou-me, tomando as rédeas da conversa novamente.

– A sua gente estava acampada em Bellmont Abbey quando ela teve um problema. Manchou-se, segundo as suas leis. Sabe, os ciganos acreditam...

– Estou familiarizado com as suas crenças – disse com aspereza.

Claro que estava. Pelas minhas conversas com Monk e com Fleur, eu tinha deduzido que Brisbane tinha viajado muito. Sem dúvida, conhecera muitos errantes durante as suas viagens.

– Bom... A sua gente considerou que Magda seria impura durante um ou dois anos, não tenho a certeza das regras exatas. Isso significava que não podia viajar com eles e, provavelmente, teria ficado sozinha e teria morrido de fome. Acudiu a mim e eu disse-lhe que podia trabalhar na minha casa, aqui em Londres. Recentemente, permitiram-lhe que visite os seus irmãos. Estão acampados nos subúrbios da cidade neste momento e penso que é possível que se junte em breve a eles.

Brisbane sentou-se e libertou o fumo do cigarro enquanto olhava para algum ponto por cima da minha cabeça. Não me prestava nenhuma atenção.

– Se não queria o biscoito, não tinha de o aceitar para ser amável.

– Desculpe?

Ele apontou-me com a ponta acesa do cigarro.

– Desfez o biscoito. Só tinha de o recusar.

Olhei para os restos de biscoito que havia no meu prato e deixei-o rapidamente na mesa.

– Magda tinha alguma razão para querer vingar-se de *sir* Edward?

– Claro que não! Se Edward tivesse colocado objeções a que a contratássemos, Magda não teria tido um posto de trabalho em Grey House.

– E, no entanto, levou veneno para a casa. Porque a declararam impura?

Eu comecei a brincar com os meus anéis.

– É algo desagradável, Brisbane. Não tem relevância para a investigação. Tenho a certeza disso.

– Eu não – replicou ele, com um sorriso.

Irritou-me a sua insistência, mas contei-lhe.

– Tem algo a ver com os mortos. Tocou numa pessoa morta. Penso que isso é uma violação do seu maior tabu.

– Quais eram as circunstâncias?

– Realmente, Brisbane, é imprescindível que...?

– Sim, é – respondeu ele, com dureza. – Quero saber tudo.

Eu respirei fundo.

– Está bem. A sua filha, Carolina, tinha morrido. O meu pai dispôs que a enterrassem no cemitério da vila, em Blessingstoke. Encontraram Magda lá no dia seguinte. O corpo da sua filha estava exumado. Ela estava abraçada ao cadáver.

– Meu Deus... – sussurrou ele e recostou-se na poltrona. – Surpreende-me que só a expulsassem.

– Tiveram piedade dela. Estava louca de dor. Tiraram as suas coisas da caravana e foram-se embora antes do amanhecer. Em poucos dias, tinha perdido a sua filha, a sua família e o seu modo de vida. Agora, talvez possa sentir alguma pena dela.

– A pena é um luxo que não posso permitir-me, *milady*. Por ninguém.

– Como pode ser tão frio? Do que é feito o seu coração, se consegue permanecer inamovível perante o sofrimento de outro ser humano?

– De pedra. De aço. De pederneira, se quiser. Tenho a certeza de que pensa isso.

– O que eu penso não tem importância. Simplesmente, não entendo como pode viver assim.

– Isso é porque tem a vantagem de uma consciência limpa e um passado tranquilo. Se tivesse de viver com o que eu vivo, entendê-lo-ia muito bem.

De repente, vi a imagem de Brisbane, drogado e devastado pela dor, e senti-me envergonhada. Inclinei a cabeça.

– Como é óbvio, tem razão. Não deveria tê-lo julgado. Perdoe-me.

Ele pestanejou.

– O quê?

– Acabo de me desculpar – respondi eu e alisei a saia. – Tinha razão e eu estava equivocada. Falei sem pensar. Podemos fazer as pazes? Perdoa-me?

Esperei com frieza pela sua resposta, mas ele continuou a olhar-me com espanto, com desconcerto. Estava a abanar a cabeça.

– Agora, não a entendo. Estava a atacar-me apaixonadamente pela minha frieza e, de repente, roga-me que lhe perdoe.

Encolhi suavemente de ombros, de uma maneira refinada que copiei de Fleur.

– É o privilégio de uma dama. É por isso que nos consideram o sexo menos lógico.

– Você não – disse ele. – Agora, suspeito de si.

Eu sorri com ingenuidade.

– Não tem nenhum motivo.

– Não acredito.

Não respondi e ele continuou, contrariado.

– Há mais alguma coisa que eu deva saber sobre Magda?

Eu refleti. Depois, abanei a cabeça.

– Já lhe contei tudo. Se me lembrar de mais alguma coisa, escrever-lhe-ei uma carta.

Ele levantou-se e acompanhou-me à porta.

– Enviarei o arsénico... o pó a Mordecai amanhã de manhã. Quando me der a resposta, avisá-la-ei – parou, com a mão curvada à volta da maçaneta.

– Estou muito impressionado, *milady* – disse-me em voz baixa. – Encontrar esta prova foi como dar com uma agulha num palheiro. E não permitiu que os sentimentos ditassem as suas ações. Sei que teria sido muito fácil esconder-me isto.

– Não teria sido fácil absolutamente – repliquei eu, enquanto calçava as luvas. – Como disse, tenho a vantagem de uma consciência limpa. Eu gostaria de a manter assim.

## Vinte e cinco

«Não ama o veneno quem o necessita,  
Nem eu, embora o desejasse morto.»  
William Shakespeare, *Ricardo II*.

No dia seguinte, estava deprimida. Não tive coragem de interrogar Val a respeito da segunda camisa ensanguentada, nem de o reprovar por ainda não se ter livrado do corvo roubado. Cada vez que Henry se aproximava de mim, encolhia-me ao recordar a sua coleção repugnante de pornografia francesa. E tinha uma dor intensa de cabeça, resultado de ter passado horas a escrever o que tinha visto durante a revista para dar um relatório a Brisbane.

Depois do meu sucesso surpreendente no quarto de Magda, ele enviara-me uma mensagem a dizer-me que necessitaria de uma lista completa do conteúdo da casa, sobretudo das posses pessoais de cada um dos seus moradores. Era uma tarefa tediosa e eu suspeitava que me tinha encarregado disso só para me manter ocupada com algo aborrecido enquanto ele se ocupava do trabalho, muito mais interessante, de levar o pó cinzento ao doutor Bent para que o analisasse.

Depois de três horas a escrever, enumerando minuciosamente os objetos das divisões, pousei a pena e decidi empreender algum trabalho físico para esticar as pernas e espairecer.

Indiquei a Aquinas que levasse caixas e papel para o quarto de Edward e que me enviasse um dos criados, qualquer um salvo Henry. Não tinha vontade de estar a sós com o pornógrafo louco. Para minha surpresa, foi Magda quem atendeu a minha chamada, acompanhada do tinido das suas pulseiras de ouro e do roçar da sua combinação de tafetá. Dei-me conta de que era a combinação em que estava enrolada a caixa de pó cinzento quando a encontrara.

– Magda, decidi esvaziar o quarto de *sir* Edward. Queria meter a sua roupa e os seus artigos pessoais em caixas e mandá-los para o abrigo de

*lady* Hermia. Lá, dar-lhes-ão bom uso.

Estava a tagarelar, mas não parecia que Magda se desse conta. Encolheu os ombros e começou a tirar braçadas de roupa do armário. Sem que tivesse de lho dizer, embrulhou os fatos de forma ordenada, incluindo uma camisa, um colarinho e uns punhos, de modo que cada conjunto estivesse completo. Depois de passar algum tempo a observá-la, lembrei-me de algo que queria perguntar-lhe há dias.

– Magda, o que significa que os sedimentos do chá formem o desenho de uma serpente?

Ela olhou-me com os olhos semicerrados.

– Deixou que outra cigana lhe lesse os sedimentos?

– Não, claro que não. É só por curiosidade.

Olhou-me fixamente. Depois, voltou a encolher os ombros.

– Doença. Azar. Inimigos malvados.

– Oh... – murmurei eu.

Então, Magda semicerrou mais os olhos.

– Tem a certeza de que as folhas de chá não eram suas?

Eu sorri fracamente enquanto mentia.

– É óbvio que não. Mas, pergunto-me, falando do futuro, porque não pudeste lê-lo ao senhor Brisbane?

Sem hesitar, ela começou a dobrar a camisa seguinte.

– Não posso dizer-lho, *milady*. Ele é que pode.

Trabalhamos mais um minuto em silêncio.

– Quem é Mariah Young?

Ao ouvir aquela pergunta, sim, reagiu. Deu um pequeno puxão com as mãos e, sem querer, rasgou um pouco de papel. Depois, alisou-o e recuperou a compostura.

– Não posso dizer-lho, *milady*. Ele é que pode.

– Mas não o fará.

– Então, não é comigo – disse-me ela com calma. Começara a reunir os chapéus e a enchê-los com papel.

Eu torci uma das gravatas de Edward.

– Magda, como podes ser tão teimosa? Não te dás conta de que só quero ajudar-te?

Ela continuou com a sua tarefa, lentamente, mexendo-se com uma precisão que com frequência vira entre os ciganos. Eu aproximei-me, decidida a fazer com que me entendesse.

– Ele quer ver-te enforcada por assassinato, ouviste-me? Tem o veneno. Magda virou-se, com os olhos muito abertos.

– Levou o meu arsénico?

Escapou-me um gemido e a gravata de Edward caiu-me ao chão. Ela agachou-se para a apanhar com uma agilidade que não era de esperar de uma pessoa da sua idade. Uma vida de viagens tinha-a mantido flexível e forte, mais forte do que eu.

– Então, era arsénico. Foi o que ele pensou. Enviou-o a um médico para que o analisasse – agarrei-lhe a mão. Tinha-a fria e enrugada. – Magda, sei que deve haver alguma razão inocente para que tu tivesses o arsénico. Certamente, necessitava-lo para fazer um cosmético, um creme para a cara. Mas o senhor Brisbane acha que *sir* Edward morreu envenenado. Não posso ajudar-te se não me disseres a verdade.

A sua cara permaneceu neutra. Não mostrou nenhuma emoção, só a aceitação calma e fatal do seu povo.

– Sempre lhe disse a verdade – respondeu ela. – Não toda, nem de uma só vez, mas o que lhe disse nunca é falso.

Assenti.

– Eu não matei *sir* Edward.

Notei que me falhavam os joelhos. Eu nunca tinha achado que fosse culpada, mas senti um profundo alívio ao ouvi-la a dizê-lo.

Olhou-me com curiosidade, com os olhos húmidos de emoção.

– Sabe porque sou impura para a minha gente. No entanto, nunca me perguntou porque fui ao túmulo de Carolina. Fui porque ela me chamou.

Faltou-me o ar.

– Chamou-te? Magda, como pode ser isso?

– Estava a dormir e sonhei com ela. Disse-me que devia ir vê-la, que estava em perigo. Levantei-me e fui. Os meus irmãos encontraram-me lá, sentada no túmulo, com o seu corpo entre os braços. Os meus irmãos entenderam-no, sabiam que eu tinha de a proteger, mas aquilo era um tabu. Ficara impura e tinha de me afastar.

Magda calou-se, mas as palavras que tinha pronunciado ecoaram na minha mente. Porque tivera a necessidade de proteger a sua filha morta? O cemitério era um lugar tranquilo e ninguém ia incomodá-la. E porque quereria alguém fazer algo parecido? Eu sabia que o saque de túmulos era um negócio lucrativo cinquenta anos antes, mas presentemente havia leis para garantir que pudesse usar-se cadáveres para estudos médicos. As

escolas já não dependiam de criminosos que lhes proporcionassem mortos recentes para as suas autópsias.

No entanto, havia outros que poderiam necessitar de um corpo, pensei com horror, outros que talvez não estudassem numa boa escola de Medicina. Pensei no meu pobre irmão e foi insuportável para mim.

– Magda, alguém tirou o corpo de Carolina do seu túmulo antes de tu chegares ao cemitério?

Ela assentiu.

– Era demasiado tarde para impedir que perturbasse o seu descanso, mas, pelo menos, espantei-o. Não pôde levá-la.

Fiquei gelada e, a pouco e pouco, à medida que assimilava o que me dissera, uma ideia começou a formar-se na minha cabeça com uma fria certeza.

– Tinhas o arsénico porque querias matar o homem que profanou o túmulo dela?

Ela olhou-me nos olhos.

– Sim. Esperei. Já está quase na altura de eu voltar para junto dos meus. Não queria matá-lo e permanecer sob o teto da senhora.

Eu agarrei-a pelo braço e abanei-a.

– Não digas nem mais uma palavra. As tuas intenções são suficientes para que acabes na forca – calei-me durante um instante, pensando com uma clareza que me surpreendeu. – Algum dos teus irmãos está em Londres neste momento?

– Jasper. Está em Hampstead.

Jasper. Era comerciante de cavalos e bom. Trabalhava em Londres, vendendo excelentes animais às pessoas que não queriam pagar os preços altos da Tattersall's. Aproximei-me rapidamente do suporte da lareira e peguei nos candelabros de Sèvres e na caixa de porcelana de Pandora. Pus-lhos nas mãos, para seu espanto.

– Vai ter com Jasper. Ele saberá onde vender isto para te arranjar dinheiro. Não tenho dinheiro em casa e não me atrevo a pedi-lo a Aquinas. Quando Jasper te tiver conseguido o dinheiro, sai de Londres. Vai para qualquer sítio, mas não para Sussex. Afasta-te de mim e dos meus, e, acima de tudo, não mandes mensagens a dizer onde estás. Dentro de poucos meses, poderás voltar para junto dos teus.

Ela agarrou as peças de porcelana com força, assentindo lentamente.

– Entende que eu nunca lhe faria mal, *milady*.

Eu olhei-a com frieza.

– Estavas disposta a envenenar um membro da minha família. Já me fizeste mal.

Magda assentiu com tristeza e virou-se para enrolar os objetos no papel. Eu disse-lhe que os protegesse com uma camisa e uma gabardina, e acabou em poucos minutos. Enfiou a mão no bolso e tirou um bocado de tecido de algodão atado.

– Sabe o que é isto?

Eu abanei a cabeça.

– É um amuleto feito com a mortalha de um cigano. Esta é de Carolina. É a magia mais forte que posso dar-lhe.

Aceitei-o contrariada.

– Magda, eu não...

– Necessitará da magia. Por ele, pelo moreno. Não consigo ler-lhe o futuro, mas ele atrai a morte. Atrai a ruína e o desespero. Ouço prantos quando ele caminha e os gritos dos mortos ecoam na sua sombra.

Aquelas palavras podiam parecer um pouco melodramáticas, mas o efeito era espantoso. Falava em voz baixa e com a convicção refletida no semblante. Não sei o que vira ou pensava que vira em Brisbane, mas acreditava.

– Obrigada – disse-lhe, agarrando no pequeno amuleto.

Ela assentiu e dirigiu-se para a porta com os seus embrulhos.

– Ver-me-á novamente, *milady* – prometeu-me com solenidade.

– Espero que não durante muito tempo – respondi, enquanto a porta se fechava suavemente atrás dela.

Abri a mão e olhei para o tecido atado que continha uma magia tão poderosa. Tentei recordar onde vira algo igual ultimamente.

## Vinte e seis

«Os violinos agudos anunciam  
As suas pontadas de ciúmes e desespero,  
Fúria, indignação frenética,  
Dor profunda e zénite de paixão  
Para a bela, desdenhosa dama.»  
John Dryden, *Canção para o dia de Santa Cecília*.

Talvez a última atividade que pudesse proporcionar-me diversão naquela noite fosse passá-la com a minha família. No entanto, assim que Magda se foi embora, ouvi a voz jovial da Alegre.

– Julia, querida, estás aí?

Tive a tentação de não responder, mas sabia que entretanto ia encontrar-me.

– Sim, tia Ursula.

Entrou, acompanhada do som das suas saias de seda, e contemplou a cena: eu, arrasada e apavorada, rodeada das coisas de Edward, algumas encaixotadas e outras espalhadas pelo quarto.

– Oh, querida menina! Porque não me chamaste para que te ajudasse? Guardar as coisas de um ente querido é muito duro.

Sobretudo quando, durante o decurso da tarefa, a lavadeira admitia que tinha a intenção de matar o meu irmão, pensei acicamente.

– Achei que já era hora de o fazer – disse.

– Claro que sim. É uma das muitas coisas que terás de fazer agora que passou o teu primeiro ano de luto.

Era típico da Alegre ter recordado o primeiro aniversário da morte de Edward, embora eu não o tivesse feito. Na verdade, ela era muito melhor viúva do meu marido do que eu mesma. Sorri fracamente.

– Sim, suponho que sim.

– Afinal, necessitas de roupa nova para esta nova fase do teu luto.

Eu arregalei os olhos.

– Desculpa, tia, mas pensava que querias que usasse luto rigoroso para sempre.

Ela estalou a língua, suave e compreensivamente.

– Oh, não! Bom, admito que ao princípio o pensei, mas então dei-me conta do que terias de fazer durante o alívio do luto. E pensei que talvez fosse melhor que tivesses alguma coisa para fazer para ocupar as horas. Além disso, terás tempo de voltar ao luto rigoroso quando Simon falecer.

Então, a minha tia começou a mexer nas coisas de Edward e eu sentei-me, tentando assimilar o que acabava de me dizer. Era de esperar que os preparativos para o alívio de luto lhe parecessem entretidos. Haveria muitas coisas lúgubres com as quais me ocupar, muitas questões de etiqueta funestas a ensinar-me. Imaginava o prazer que sentiria a decorar a casa de roxo, a encomendar papel de carta novo e velas.

Abri a boca para expressar o meu mal-estar, mas contive-me. As suas intenções eram atroz e o seu comentário sobre Simon fora muito cruel, mas era inofensivo. Eu queixava-me dela, mas a verdade era que cada vez me importava menos conforme passavam os meses. Além disso, quando desse uma olhadela ao meu guarda-roupa e visse o que eu tinha escolhido para o período de alívio do luto, certamente ficaria com os pés para a cova.

Concentrei novamente a minha atenção na Alegre, que estava a tagarelar alegremente, a mexer nas coisas de Edward e, certamente, a escolher algo que mais tarde pediria como lembrança. Essa era outra das suas artimanhas favoritas. Por muito distante que fosse a sua relação com o falecido, pedia sempre um pequeno obséquo para o recordar, normalmente o candelabro ou a joia mais caros da casa. Muito pouca gente tinha a capacidade ou a crueldade necessárias para lhe resistir e, como resultado, a Alegre tinha reunido uma coleção de joias e de obras de arte que rivalizava com a da rainha.

– E disse à tia Hermia que irei contigo esta noite.

Eu sobressaltei-me.

– Esta noite?

– Sim, ao sarau musical de Hermia. Não me digas que te tinhas esquecido... – disse-me, com uma gargalhada aguda e quebradiça, muito diferente da campainha de prata de Fleur.

Claro que me tinha esquecido. Tinha pedido à minha tia Hermia que me desculpasse por faltar ao seu concurso de oratória, com a desculpa de que tinha dor de cabeça, mas a minha tia era muito persistente. Enviara-me uma

mensagem de aviso uma semana antes do sarau, mensagem que eu tinha esquecido rapidamente.

Os serões musicais da tia Hermia eram lendários na família. Raramente se toleravam ausências e encorajava-se a participação ou recorria-se à extorsão para a conseguir.

Às vezes, havia outros convidados, o que convertia os serões em eventos buliçosos e divertidíssimos. Outras vezes, só assistia a família e esses eventos podiam ser tremendamente aborrecidos. Perguntei-me o que aconteceria naquela noite e senti uma grande tentação de enviar as minhas desculpas.

No entanto, não podia fazê-lo. Tinha perdido o concurso de oratória e os últimos dois saraus musicais. Se faltasse ao terceiro, a tia Hermia viria pessoalmente tirar-me de casa. Além disso, não me entusiasmava o facto de passar outra noite sozinha, a ler e a responder a cartas.

Apesar dos seus defeitos, os meus familiares eram sociáveis e animados, e não podia dizer o mesmo das minhas cartas e dos meus livros. Além disso, como incentivo, era muito possível que Val estivesse lá. Eu queria observá-lo sem que ele se desse conta. Estava tão pouco em Grey House, que o entretenimento da tia Hermia podia muito bem ser a única oportunidade de o abordar.

«Abordá-lo e fazer o quê?», perguntei-me mais tarde, enquanto avaliava as escolhas que Morag fizera do meu armário. Pusera sobre a cama um lindo vestido de veludo violeta, de decote generoso, e outro de seda carmesim, bastante justo. Enquanto hesitava entre os dois, tentava dar com uma forma de acusar o meu irmão de profanar um túmulo e tentar roubar o cadáver.

Talvez pudesse pedir-lhe que me passasse o molho e fazer-lhe um comentário despreocupado e macabro ao mesmo tempo. Ou talvez pudesse interrogar a família, com tato, a respeito do que opinavam sobre a sua prudência. Punha-me um pouco nervosa pensar que estava a partilhar casa com uma pessoa capaz de exumar um corpo jovem só para poder abri-lo.

Com um calafrio, decidi-me pelo vestido carmesim e permiti a Morag que me vestisse. Penso que ambas ficámos perplexas com o resultado. Tinha-me parecido que o violeta talvez deixasse muito decote à vista, mas o carmesim era igualmente criminoso. De facto, era demasiado para uma festa familiar, mas, tal como me recordou Morag, era só uma festa familiar. Quem mais estaria lá para ficar chocado com a minha exibição sumptuosa

de busto? Concordei com ela, mas só porque já era demasiado tarde para me mudar, e tomei nota mental de nunca usar aqueles dois vestidos fora da minha própria casa. Em que estaria a pensar *monsieur* Riche? Por favor!

Antes de sair, decidi ir ver Simon. O ajudante de câmara, Renard, levava a bandeja do jantar e afastou-se da porta para me ceder a passagem.

– Boa noite, *milady* – disse, lançando-me um olhar de aprovação ao decote. Eu encolhi-me para me assegurar de que nem sequer a minha roupa o roçasse.

– Renard – disse com frieza. Não pude evitá-lo. Cada vez que o via, pensava nos desenhos odiosos que tinha proporcionado a Henry.

Fechei a porta atrás dele e aproximei-me de Simon com um sorriso.

– Como estás esta noite, querido?

O seu rosto iluminou-se.

– Julia! Estás... Vira-te para que possa ver-te bem.

Eu obedeci e dei uma volta. Ele observou-me, assentindo admirativamente.

– Linda! Recomendei-te que vestisses cores vivas, não foi?

– Sim – respondi eu e dei-lhe um beijo na testa. – No entanto, não me sinto completamente cómoda. Nunca tinha usado nada tão...

Ele sorriu e agarrou-me a mão.

– Nunca tinhas estado tão bonita. Onde vais?

– A March House.

– Ah! Uma das noites musicais de *lady* Hermia, não é verdade?

– Sim. Posso aconchegar-te as almofadas?

– Por favor. Prefiro que o faças tu a Renard.

Inclinou-se para mim e eu cavei as penas das almofadas.

– Que lembranças dessas festas – disse, com uma ligeira nostalgia. – Edward tocava horrivelmente piano, mas o teu canto era bastante...

– Mau – disse-lhe amavelmente e ele olhou-me com recriminação.

– Ia dizer «original», mas está bem. Não tens ouvido para a música, querida.

– Eu sei. É uma pena que adore cantar, não é? Mas tu deves ter prestado mais atenção ao teu professor de piano do que Edward. As tuas peças eram sempre maravilhosas.

Ele olhou para as mãos. Tinha os nós dos dedos ligeiramente inchados.

– Duvido que agora pudesse tocar. Duvido que recordasse uma única nota

– disse com tristeza. – É curioso pensar que passamos a adolescência a

aprender coisas que se supõe que nos serão úteis em sociedade e, depois, passamos toda a idade adulta a esquecê-las.

– Nem todas. Da última vez que dançámos, ainda recordavas muito bem os passos.

– Bom, dançar é diferente. Sempre gostei de bailes. A música e a alegria, e os sussurros de promessas de encontros no jardim, às escuras... Muito mistério – disse e arqueou significativamente um sobrolho.

Eu apoiei-o contra as almofadas.

– Tonto... – repreendi-o com afeto. – Quando tiveste encontros nos jardins?

Ele agitou uma mão com superioridade.

– Muitíssimas vezes. Não consigo dizer-te quantas lembranças encantadoras tenho de brincar com botões ao abrigo da escuridão e da vegetação... – a sua voz sossegou e o seu olhar tornou-se sonhador.

Eu dei-lhe uma ligeira palmada na mão.

– És um mulherengo, Simon Grey.

– Sim, mas discreto. Tu nunca te deste conta de que estava a portar-me mal, pois não? Alguma vez me viste a voltar para o salão de baile com a gravata torta, a cara suada e ruborizada de prazer?

– Não, nem uma vez, graças a Deus! E as pobres criaturas que desfloraste? Foram apanhadas?

– Não. Nem uma delas. Mas, como já te disse, era discreto. Edward fazia o mesmo. Alguma vez to contou?

– Não! – exclamei eu e inclinei-me para diante, sem prestar atenção ao decote. – Conta-me.

Ele sorriu e abanou o indicador.

– Não o farei. Há que saber guardar segredos. Mas as histórias que poderia contar...

Eu franzi o nariz.

– Tudo bem. Guarda todos os teus segredos. Não me importam nada – disse.

Voltei a beijá-lo e dei-lhe as boas-noites.

– Boa noite, Julia. Estás muito bonita – disse-me.

Eu lancei-lhe um beijo da porta e saí do quarto, pensando em Edward em jovem, no jardim com uma criada inocente, e perguntei-me porque nunca me tinha convidado a ir ao jardim com ele.

Provavelmente, porque sabia desde o princípio que queria casar-se comigo, pensei com lógica. Segundo a minha tia Hermia, os homens não pediam em casamento raparigas que levantavam as saias e parecia que tinha razão naquele caso. Edward tivera aventuras antes de se casar comigo, mas só me tinha tocado na noite de núpcias. Mas, se me tivesse visto com aquele vestido carmesim, talvez não tivesse conseguido manter as mãos quietas com tanta correção, pensei com picardia, vendo-me uma última vez ao espelho.

Enrolei-me na minha capa preta, fui buscar a Alegre e pusemo-nos a caminho. Chegámos pontualmente a March House. Ninguém teria a coragem de fazer o contrário. A tia Hermia era famosa pela sua insistência na pontualidade. As pessoas achavam que era maníaca pelas maneiras, mas a verdade era que odiava comer a comida fria. Em vez de atrasar o jantar para se adaptar aos convidados impontuais, apagava-os da sua lista de convidados e dava um sermão aos outros sobre a boa educação.

Quando chegámos a March House, Hoots, o mordomo do meu pai, recebeu-nos à porta. Não havia sinal da tia Hermia.

Hoots ajudou-me a tirar a capa e eu perguntei-lhe por ela.

– Está a ajudar a cozinheira, *milady*. Teve um acidente com uma faca e um repolho.

Os seus olhos caíram para o meu decote e desviou rapidamente o olhar.

– Fico muito feliz por ver que reatou as suas atividades, *milady* – disse, sem um ápice de ironia. Eu olhei-o desconfiadamente, mas a sua expressão era escrupulosamente correta.

– Hum... Hum.. Sim, obrigada, Hoots.

Virei-me e a tia Ursula viu pela primeira vez o meu vestido. Empalideceu e pegou nos seus saís, mas não disse nada. Houve animação atrás de mim quando Portia e a sua acompanhante, Jane, apareceram à porta do salão.

– Portia, Jane, boa noite – disse e aproximei-me para lhes dar um beijo.

– Julia, querida, fico tão feliz por estares aqui! – exclamou Portia, devolvendo-me o beijo com entusiasmo. – Inteira – murmurou, arqueando um sobrolho para o meu vestido. Ela usava um vestido azul lindo que favorecia muito os seus olhos enormes. – O papá foi mudar de roupa e a tia Hermia está a ligar a mão à cozinheira. Jane e eu estávamos desejosas de ter conversa. Oh, boa noite, tia Ursula!

Portia foi falar com a Alegre e eu virei-me para Jane.

Como de costume, parecia que a tinham arrastado pelo chão. Usava um dos seus vestidos sem forma. Normalmente, eram de algodão, mas também tinha uns quantos vestidos de tecidos grossos e feios para as festas. Usava colares feitos de missangas grandes que não podiam fazer justiça aos seus olhos bonitos, nem à cor maravilhosa da sua cútis. Levou as mãos ao cabelo ruivo, que estava despenteado.

– Eu sei – disse-me com tom aflito. – Estou uma desgraça. Fiz um coque, a sério! Mas parece que me caíram os ganchos.

Eu sorri.

– Tolices! Estava a pensar que pareces Dafne quando se transformou numa árvore de loureiro – ela ficou contente com a alusão e eu entrelacei o meu braço com o seu. – Bom, e o que vais tocar para nós esta noite? Eu perdi a prática e não vou atuar, mas estou desejosa de te ouvir.

Aquilo era completamente verdade. Jane tinha muito talento para a música. A sua voz era doce e clara, e sabia tocar três instrumentos diferentes. Essa era a maior razão pela qual todos gostávamos tanto de Jane. A família e os amigos por vezes sofriam a pressão de cantar ou tocar nas noites musicais da tia Hermia e, normalmente, era algo que já tínhamos ouvido centenas de vezes. Além disso, regra geral eram más atuações. Tínhamos os nossos dons, mas a música não era um deles. Ter Jane connosco era como ter Sarah Siddons no meio de uma peça de teatro de amadores.

– Harpa – respondeu Jane. – Preparei uma peça nova, irlandesa. É muito melancólica, muito atmosférica. Poderão sentir o aroma das gaitas de foles e da lã húmida, garanto.

Tinha os olhos brilhantes de entusiasmo e eu estremeci na brincadeira.

– Parece muito misterioso. E tu, Portia? – perguntei à minha irmã, olhando para trás. – Vais tocar ou só vais proporcionar-nos algo bonito para o qual olhar?

Ela olhou-me com espanto.

– Pelo amor de Deus, Julia, o que se passa contigo? Estás muito solta. Bom, fico feliz por estares tão contente, pois, se não me engano, isso é um passo em frente.

Um pouco mais tarde, Hoots abriu a porta. O que me ficou cravado na memória daquele momento foram os olhos de Portia, que dançavam de diversão, e o meu pai, que apareceu precisamente então, compondo a gravata. Ele também tinha uma expressão divertida no rosto e perguntei-me

se aquele era o aspeto que tinham os deuses do Olimpo quando se intrometiam na vida dos outros, pois eles estavam a intrometer-se na minha, sem dúvida.

À porta, estava Brisbane, maravilhosamente vestido com um fato de gala, e junto dele havia um homem idoso que eu nunca vira. Estavam a devolver a saudação a Hoots e eu aproveitei a oportunidade para sussurrar furiosamente a Portia:

– O que acham que estão a fazer?

Ela lançou-me um sorriso resplandecente.

– A mexer o caldeirão, querida. Mas não sou eu quem tem a colher. Foi o papá quem o convidou. Tenta falar alto, o duque de Aberdour é bastante duro de ouvido.

O meu pai tinha-se adiantado e estava a dar-lhes as boas-vindas. Apresentou-nos ao duque.

– Deve lembrar-se da minha filha, *lady Bettiscombe*, Excelência – disse, assinalando Portia.

O duque murmurou algo. Observava a minha irmã, sem dúvida apreciando a sua beleza.

– Excelência – disse ela em voz alta, enquanto fazia uma reverência elegante e um sorriso com covinhas. – Fico muito feliz por ter vindo.

O duque deu-lhe algumas palmadinhas na mão. Parecia que não queria largá-la.

Portia deu um passo atrás e o meu pai levantou a mão na minha direção.

– Parece-me que não conhece a minha filha mais nova, *lady Julia Grey*.

Eu inclinei-me também e Sua Excelência agarrou-me a mão e deu uma boa olhadela ao meu decote.

– Encantadora. Como é que nunca a conheci? – perguntou-me, com um ligeiro sotaque escocês. Estava tão bem vestido como Brisbane, mas usava joias muito melhores. Eu estive prestes a esbugalhar os olhos ao ver o tamanho do rubi que usava no alfinete de gravata.

– Estive de luto durante o ano passado pela morte do meu marido, Sua Excelência – respondi. Ainda me segurava a mão e continuava a contemplar o meu decote de forma muito descarada. Ter-me-ia sentido insultada se tivesse recebido semelhante trato de qualquer outra pessoa, mas, dele, era engraçado.

– Dou-lhe os meus mais sentidos pêsames, querida, mas é o seu marido quem mais os merece. Não imagino a perda que sofreu ao deixá-la para trás.

Eu sorri sem poder evitá-lo.

– É muito amável, Excelência.

– Absolutamente. Só que gosto de mulheres belas – disse-me e pousou a minha mão no braço. – Ajudar-me-á a cumprimentar a minha anfitriã, não é verdade? Não é que necessite de ajuda, mas vou fingi-lo para poder tê-la ao meu lado – acrescentou e fez um olhar luxurioso exagerado que me fez rir.

O meu pai e Brisbane cumprimentaram-se tranquilamente enquanto Hoots fechava a porta e, naquele momento, estavam a acompanhar a minha conversa com o duque.

– Será uma honra para mim acompanhá-lo, Excelência, mas devo adverti-lo de que a sua reputação o precede. Estarei atenta.

Ele riu-se disfarçadamente e virou-se para Brisbane.

– Além disso, é inteligente. Gosto dela. Cumprimenta-a, rapaz. Penso que conheces a senhora.

Brisbane sorriu com frieza e cumpriu o seu dever. Eu pensava que era impossível que alguém lhe falasse assim e saísse ileso, mas parecia que o duque tinha o dom do encanto. Estava claro que a Portia lhe parecia adorável.

O duque virou-se novamente para mim.

– Gosto de si. Talvez a peça em casamento antes que a noite acabe. O que lhe parece? Gostaria de ser duquesa? Sou muito rico, sabia?

– Sei. Mas sou completamente indigna de ser sua esposa, asseguro-lhe, Excelência. Talvez, se não lhe parecer presunçoso da minha parte, possamos ser bons amigos.

– Quão bons? – perguntou-me, dando-me uma cotovelada suave.

– Não assim tão bons – respondi eu, dando-lhe algumas palmadinhas no braço.

Soltou uma gargalhada e permitiu-me que o apresentasse a Jane e à tia Ursula. Cumprimentou-as de forma superficial, catalogando a primeira como insípida e a segunda mais velha do que Matusalém, sem dúvida alguma. Agarrou-se outra vez ao meu braço e eu guiei-o até ao salão, onde acabava de entrar a tia Hermia, sem fôlego e comendo o cabelo. Eu sorri ao meu pai para que soubesse que estava perdoado. Talvez me tivesse montado uma armadilha ao convidar Brisbane sem que eu o soubesse, mas tinha-se assegurado de que teria a minha aquiescência com Sua Excelência. Não era todos os dias que se recebia um pedido de casamento de um duque, embora tivesse mais de oitenta anos.

Por seu lado, a tia Hermia estava encantada com os seus convidados inesperados.

– Excelência! Fico muito feliz por ter podido juntar-se a nós esta noite – disse-lhe. – No entanto, é só uma reunião familiar e tenho a certeza de que se aborrecerá com os nossos entretenimentos.

– Absolutamente, querida senhora – respondeu ele, inclinando-se sobre a mão da minha tia. – A reputação da beleza das mulheres March é conhecida. Admirarei a vista. Conhece Nicholas?

Brisbane adiantou-se.

– *Lady Hermia*, muito obrigado por me incluir.

A tia Hermia ruborizou-se de prazer.

– Oh, devemos-lhe muito, senhor Brisbane – disse ela e virou-se para o duque. – O marido da minha sobrinha Julia faleceu há um ano, em circunstâncias muito desafortunadas. O senhor Brisbane foi uma grande ajuda numa altura tão difícil. Fico feliz por o ver em circunstâncias agradáveis, senhor Brisbane, mas devo pedir-lhe uma peça pelo seu jantar – acrescentou, com tom de brincadeira.

– Oh, meu Deus... – sussurrei eu a Portia.

– Uma peça? – perguntou Brisbane, sorrindo-lhe. – Não penso que eu possua alguma coisa que valha a pena para a senhora.

– Santo Deus... – sussurrou-me Portia. – Aprendeu a ter aquele encanto com o velho duque?

– Devem ser parentes – interveio Jane. – Uma graciosidade assim tem-se no sangue.

– A nossa noite de hoje é musical – estava a explicar a tia Hermia. – Cada um contribui com algo para entreter o grupo. Toca algum instrumento ou canta?

O duque soltou um sopro e arqueou as sobrancelhas povoadas e brancas. Claramente, queria expressar algo com aquele gesto, mas não teve oportunidade de se explicar porque a tia Ursula fez uma pergunta petulante sobre o jantar. A tia Hermia apercebeu-se então, com agitação, de que havia demasiadas senhoras para que os homens as acompanhassem.

– Não importa – disse o duque, agarrando a tia Hermia com firmeza pelo braço. – Estaremos aqui até ao Natal se insistir em observar a regra. Os jovens que se sentem sozinhos.

A tia Hermia obedeceu. Abriu caminho até à sala de jantar e o resto seguiu-a. Felizmente, a tia preferia as mesas redondas e os lugares não

foram um problema. As mesas redondas criavam um pouco de confusão, mas asseguravam uma conversa geral, em vez de muitos murmúrios separados. Normalmente, tinha-se conversas muito mais interessantes e animadas, e aquela noite não foi exceção. Apesar da presença do duque, o meu pai e a tia Hermia encetaram um debate acalorado sobre o uso das imagens bíblicas nos sonetos de Shakespeare. Terminou com a tia Hermia a atirar nozes ao meu pai e o duque a pedi-la em casamento a ela, afirmando que o espírito era um requisito tão importante como a beleza numa mulher.

– Foi o que eu sempre disse ao rapaz – comentou, assinalando Brisbane com o polegar. – Não tem vontade de se casar porque diz que não encontra uma mulher que lhe interesse durante mais de quinze dias. Tem uma mente perversa e quer uma mulher igual.

Brisbane bebeu um gole, pensativamente, do seu vinho.

– Todas as mulheres têm a mente perversa ou, pelo menos, foi o que me disseste.

Aberdour riu-se com a sua gargalhada seca.

– É verdade, rapaz, é verdade. Ele herdou-o da avó – disse, assinalando-o novamente com o dedo. – Ela era igual, sempre a responder, sempre a manipular as conversas para levar a sua avante. Era uma mulher arteira. Alegrei-me quando morreu.

Jane deixou escapar um ofego, o que não me surpreendeu. Eu tinha verificado com frequência que os liberais que falavam abertamente eram, no fundo, os mais conservadores em algumas coisas. Embora tivesse uma mente aberta, Jane estava profundamente chocada pela forma tão direta que o duque tinha de se expressar. O meu pai continuou a partir nozes, Brisbane olhou fixamente para o seu vinho e a tia Hermia observou o idoso com curiosidade.

– Da avó? Há vínculos familiares, Excelência?

– Era minha irmã – disse ele. – Fugiu com um laçao quando tinha quinze anos. Morreu ao dar à luz, oito meses depois. Nós criamos o seu filho e não o fizemos muito bem. Assim que cresceu... – Brisbane tossiu sonoramente e entre eles produziu-se um entendimento, pois o duque limitou-se a murmurar: – Então, fez este e morreu.

Eu imaginei que não fosse assim que queria terminar a frase, mas acalmara Brisbane. Ficara muito tenso perante a menção do seu pai, mas já relaxara ligeiramente.

A tia Hermia inclinou a cabeça. Eu reconheci o brilho dos seus olhos: era de pura curiosidade.

– Isso explica a diferença de sobrenomes – disse. – Mas não me lembro de ter ouvido falar do seu pai, senhor Brisbane. Penso que não está no Debrett's.

Aquilo era simplesmente uma tentativa. A única publicação que ela lia à procura de nomes era a revista da associação shakespeariana. Na realidade, a sua forma de perguntar era só um pouco indiscreta, mas eu tinha notado que Brisbane voltava a ficar tenso ao meu lado e soube que não lhe agradara.

Levantei-me e deixei cair o guardanapo.

– Penso que seria melhor tomar o champanhe na sala de música, depois das atuações. Perdoa-me, tia. Estou impaciente por ouvir Jane a tocar harpa.

Sorri inocentemente a toda a mesa, enquanto me agachava para apanhar o guardanapo.

Tal como tinha esperado, a tia Hermia levantou-se como um pointer.

– Jane! Tens uma peça nova? Esplêndido! Não há nada de que goste mais do que a harpa irlandesa. Vamos para a sala de música!

A tia Hermia nunca permitia charutos nem vinho do Porto nas suas noites musicais, pois dizia que enrouqueciam a voz. Houve um movimento geral enquanto as pessoas se levantavam, pegando nos xailes e espreguiçando-se discretamente. O meu pai assobiou à cadela, Crab, que estivera deitada debaixo da mesa durante o jantar à espera que lhe caíssem migalhas. Entre o caos, Brisbane inclinou-se para mim.

– Parece que vou ter de cantar em troca do meu jantar – murmurou, com os lábios desconcertantemente perto da minha orelha. – O que gostaria de ouvir?

– Bach – disse sem hesitar. Tinha a ideia irracional de que estava a agradecer-me de algum modo por atalhar as perguntas impertinentes da tia Hermia.

– Um pouco ultrapassado, não lhe parece?

Eu encolhi os ombros.

– Não me importa. Adoro Bach desde criança.

Não lhe expliquei que a primeira lembrança de Bach que tinha era do funeral da minha mãe. Eu tinha seis anos e, conforme dissera o meu pai, era demasiado pequena para assistir à missa. Tinham-me deixado no quarto das crianças, com a ama e Val, aquele bebé horrível que não parava de chorar e

que tinha chegado quando a minha mãe tinha morrido. Fora-me fácil fugir quando a ama se virara para o embalar e o acalmar.

Seguira os presentes para o funeral e escondera-me no pátio da igreja. Gostei muito da música que saía pelas janelas. Era um dia quente, as últimas rosas emanavam um perfume forte e as abelhas voavam perto de mim enquanto ouvia o coro infantil a cantar *Se estás comigo*. Parecia como se os anjos estivessem a cantar para a minha mãe para que adormecesse, pensei eu e aninhei-me atrás de uma lápide para dormir uma sesta.

O meu pai encontrou-me lá pouco depois do funeral da minha mãe. Acordei quando ele me pegou ao colo e permanecemos lá durante um bom bocado. Ele abraçou-me e acariciou-me o cabelo, embalou-me e eu ouvi o tiquetaque do seu relógio através da lã do casaco. Ou talvez fossem os batimentos do seu coração, nunca soube. Só soube que aquele era um momento muito especial e que a minha mãe me deixara, mas que o meu pai ainda estava ali e que, embora a ama e todos os outros adorassem aquele bebé horrível e chorão, o meu pai ainda me amava, provavelmente muito mais. Os meninos do coro voltaram a cantar, estavam a ensaiar para a missa da tarde, e o meu pai começou a falar-me da minha mãe, da música, de muitas coisas às quais não prestei atenção. No entanto, recordava a sensação e, desde aquele dia, sempre associei Bach ao consolo.

Brisbane não respondera. Eu levantei um pouco o queixo e arqueei um sobrolho.

– Bach será – garantiu ele.

Eu senti-me satisfeita, mas um pouco surpreendida.

– Sabe cantar?

Ele sorriu.

– Sei, mas nunca o faço em público. Vou tocar para si. Há um violino?

– Um bastante bom, feito em Cremona.

– Excelente – disse e, de repente, derivou a sua atenção para Jane.

Sem nenhum motivo, vi-me descartada em prol de uma mulher que usava cortinas como vestidos e missangas de cerâmica, e senti-me irritada. Virei-me e deixei-os. Fui para a sala de música com desânimo. O que importava que Brisbane considerasse Jane interessante? Ela era uma pessoa encantadora e uma conversadora muito divertida. Pelo menos, era o que dizia a mim mesma, mas continuava a sentir-me incomoda pelo facto de Brisbane estar a conversar com Jane e esse incómodo inquietava-me muito.

E, pior ainda, Val não se dignou a aparecer.

– Não, querida. Já tinha um compromisso – respondeu-me a minha tia quando lhe perguntei por ele. – Penso que ia à ópera, com aquele rapaz, Phillips, que tem sempre aspeto de ter roubado a carteira a alguém.

Uma descrição sucinta e precisa de Reddy, pensei eu enquanto me aproximava do meu lugar.

– Bom, se Val não vem, então e Bellmont?

– Downing Street. Está a jantar com o Primeiro-ministro. A propósito, querida, vejo que deixaste o luto e com uma boa aposta – disse-me, olhando para o meu vestido carmesim com um sorriso.

– Acredita, tia, não o teria vestido se soubesse que não era uma festa familiar.

A tia Hermia deu-me uma palmadinha afetuosa na mão.

– Não digas isso, Julia. Como vais conseguir outro comprador se não mostrares o produto?

Afastou-se, deixando-me sem palavras. Sentei-me, sem deixar de me perguntar como era possível que uma analogia tão vulgar proviesse de uma mulher com aspeto tão inocente como a minha tia Hermia. Portia deu-me uma cotovelada.

– O que te disse a tia? Parece que te chateaste.

Eu abanei a cabeça, consciente de que Brisbane estava a sentar-se ao meu lado.

– Nada importante. Diz-me, porque é que os mais velhos podem dizer todo o tipo de coisas, coisas que nunca tolerariam aos outros?

– Privilégio da idade – respondeu Portia e arqueou os sobrolhos em direção ao duque. Estava a sentar-se junto do meu pai.

Então, começou o sarau musical, como sempre com o meu pai a recitar um monólogo. Recitava sempre bem, tinha uma voz ressonante e uma expressão oral que lhe teriam servido muito bem num palco. Adorava teatro. Naquela noite, recitou *Rei Lear*, ou talvez não, porque tenho de confessar que não lhe prestei muita atenção. Estava muito ocupada com os meus pensamentos, sentia-me culpada, entre outras coisas, por ter mandado Magda embora sem o dizer a Brisbane. Mais cedo ou mais tarde, teria de o confessar e não esperava por esse momento com impaciência. Tecnicamente, eu é que tinha contratado Brisbane para aquela investigação, mas tinha a firme suspeita de que seria muito severo comigo quando soubesse o que eu fizera.

Graças a Deus que Jane estava ali. A sua peça irlandesa era tão relaxante como uma canção de embalar. Sentia-me reconfortada quando terminou, embora tenha visto a tia Hermia a secar uma lágrima.

– Foi comovedor, Jane, querida. Obrigada – disse-lhe. Depois, virou-se para os outros. – Excelência, apetece-lhe deleitar-nos? – perguntou. O duque respondeu com um ligeiro ronco. – Não, talvez não agora. Portia?

Portia levantou-se e aproximou-se do piano, onde Hoots a esperava. Talvez não fosse muito usual permitir que o mordomo de uma casa se unisse aos entretenimentos familiares, mas Hoots era muito bom pianista. Portia começou a cantar com a sua voz aceitável de soprano. Era algo italiano. Eu também não a ouvi com muita atenção. Como é óbvio, o talento de Portia não estava no canto. Devia ser uma ária relacionada com um amor perdido, com um pé partido ou alguma tragédia semelhante, pois houve muito drama e muitas lágrimas secas com o xaile. Penso que terminava com um suicídio, pois a minha irmã levou os punhos apertados ao peito e deixou-se cair sobre o piano. Crab uivou com tristeza e meteu-se debaixo da cadeira do meu pai. Hoots tocou mais umas quantas notas tristes e Portia levantou-se, fazendo uma reverência triunfal ao público.

Depois, sentou-se ao meu lado, abanando as faces coradas.

– Estás muito gorda para fazer de tísica – sussurrei-lhe, com um sorriso.

Ela também me sorriu.

– Sim, mas vou casar-me com um duque, portanto, não me importa o que tenhas a dizer. Quando for muito rica, contrato-te como criada.

Eu mostrei-lhe a língua e dei-me conta de que Brisbane estava a observar-me com seriedade. Ruborizei-me e desviei o olhar, e Portia riu-se silenciosamente ao meu ouvido. A tia Hermia levantou-se.

– Senhor Brisbane?

Brisbane pôs-se de pé e dirigiu-se para o meio da sala. Havia uma série de instrumentos expostos para que os que iam atuar pudessem escolher. Um velho clavicórdio, uma flauta e um oboé. Entre aquele grupo variado encontrava-se o violino, a única coisa pura e verdadeira de toda a sala. Brisbane olhou longamente para ele antes de o agarrar. Passou as mãos pelo instrumento com reverência. Acariciou as incrustações de madeira e passou o arco pelas cordas para as testar. Franziu o sobrolho, puxou algumas cordas e afinou-as ligeiramente. Eu não notava a diferença, mas ele devia ouvi-la, pois deixou de franzir o sobrolho e colocou o violino sob o queixo.

Ao princípio, tocou suavemente. Depois, com uma energia cada vez mais intensa. Eu reconheci-o imediatamente. Tinha-lhe pedido que tocasse Bach, mas, na realidade, não esperava que Brisbane aceitasse o desafio. E, mais uma vez, tinha-o subestimado.

Interpretou uma versão única de *Acordem, a voz chama-nos*, uma escolha atrevida para um só violino. Tinha tal destreza, que não senti a falta das violas, nem dos contrabaixos. Fiquei imóvel, impressionada. Já devia tê-la tocado antes, isso estava claro, mas eu não vira nenhum violino na sua casa.

As notas da peça elevavam-se e desciam, arqueando-se, às vezes, docemente, outras vezes, com veemência. Ouvi que Jane ficava sem fôlego e olhei para Portia, que permanecia imóvel, sem pestanejar. O duque continuava a ressonar suavemente, mas não importava. A música era encantadora. Era pura e verdadeira. Dei-me conta de que Brisbane era um génio. Porque não o vira antes? Um talento como aquele tinha de se refletir no rosto de uma pessoa, nos seus olhos...

Ainda continuava boquiaberta quando a peça chegou ao seu final triunfante. Ia aplaudir, mas, antes que pudesse unir as mãos, Brisbane, cuja atenção estivera fixa no instrumento, olhou para o seu tio. O homem idoso continuava a ressonar e perdera a interpretação. Nos seus olhos havia uma malevolência que não teria imaginado se não a tivesse visto. Desvaneceu-se rapidamente e ele voltou a adotar a sua expressão fria habitual, mas questionei-me sobre aquela antipatia que havia entre eles, pelo menos até que Brisbane recomeçou a tocar.

Desde a primeira nota, soube que era algo diferente de qualquer coisa que eu tivesse ouvido. Não era uma composição religiosa. Começou com simplicidade, mas com um ritmo fascinante, eloquente como a voz humana. Falava à medida que se ia debulhando em espirais e a tensão aumentava a cada repetição, tornava-se mais abandonada, mais selvagem. Ele mantinha os olhos fechados enquanto os seus dedos voavam sobre as cordas, produzindo mais notas do que as que eram possíveis num só violino. Durante um instante, tive a sensação de que havia mais, de que havia uma orquestra inteira de violinos a brotar de um único instrumento. Nunca tinha ouvido nada igual, era poético, sedutor, luminoso e sombrio ao mesmo tempo, contraditório de um modo que eu não sabia definir. Era-me impossível respirar enquanto ouvia aquela música e, no entanto, estava a respirar profundamente. Aquela melodia que Brisbane estava a criar saía dos sonhos e da escuridão.

Desviei os olhos dele e dei-me conta de que não me afetava só a mim. Jane estava boquiaberta e apertava o lenço entre os dedos. Portia mexia-se nervosamente na cadeira e ambas estavam rosadas como rosas de junho. Não me atrevi a olhar para a tia Hermia.

No entanto, a pior de todas era eu. Tinha as palmas das mãos húmidas, a cara vermelha e não conseguia deixar de olhar para aqueles dedos compridos e flexíveis, nem de pensar em coisas proibidas. Disse a mim mesma que era algo normal, estava viúva há um ano e não tinha sentido as carícias de um homem desde muito antes. Era lógico que me sentisse atraída por um homem bonito.

Se Brisbane notou algo da reação da sua audiência, não o deixou entrever. Continuou a tocar, possuído pela sua música, enquanto a melodia continuava a ascender cheia de emoção, até que, no verdadeiro êxtase, uma corda se partiu com um grito de mandrágora. Foi como se o próprio violino soluçasse ao ouvir o eco do som, parecido ao da explosão de um fuzil. Brisbane ficou quieto, com o arco no ar, até que o eco sossegou. Depois, virou-se com aprumo e pousou o instrumento no piano.

– As minhas desculpas, senhora – murmurou, dirigindo-se à tia Hermia. – Como é óbvio, pagarei o arranjo.

Ela respondeu, certamente algo adequado, enquanto batia discretamente no peito com o lenço. Reiniciaram-se as conversas e as pessoas começaram a levantar-se. Ouvei o meu pai a elogiar a interpretação de Brisbane e ele a responder em voz baixa. O meu pai devia estar a ser sincero, pois apresentou-lhe Crab, uma honra singular. Portia lançou-me um olhar significativo e Jane aproximou-se dele para o felicitar. Eu não fiz nada do estilo, levei alguns instantes a recuperar e esperei que deixassem de me tremer os joelhos.

Depois, levantei-me e decidi beber um copo de champanhe. Brisbane abordou-me.

– Ah, senhor Brisbane... É um virtuoso. Deveria ter-me avisado. Deve pensar que somos horrivelmente ingénuos com os nossos insignificantes entretenimentos familiares.

O seu olhar era impenetrável. Eu não soube se se sentia satisfeito, envergonhado ou meramente entediado.

– Absolutamente. Toco muito pouco ultimamente e nunca para um público tão agradecido.

Inclinou-se para mim, aparentemente para pegar num copo de champanhe. No entanto, enquanto a sua manga roçava a seda do meu vestido, disse-me num sussurro:

– Devo vê-la amanhã. Mordecai tem novidades.

Os meus olhos resplandeceram de interesse, mas baixei o olhar discretamente.

– Quando?

– Às cinco em ponto. Na minha casa.

Entregou-me um copo e eu sorri ao mesmo tempo que assentia. Então, ele afastou-se para falar com a tia Hermia. Observei-o por um instante, pensando que nunca conseguiria alcançar as profundidades daquele homem.

Por acaso, o meu olhar recaiu sobre o duque. Ele também estava a observar Brisbane, mas a sua expressão não era de admiração. Acordara durante a interpretação do seu sobrinho-neto, irritado por ter interrompido a sua sesta. No entanto, naquele momento o seu semblante irradiava algo mais do que incómodo. Era frustração e algo pior, algo que se parecia muito a ódio. Não consegui esquecê-lo durante muito tempo.

Naquela noite, quando estava acordada na cama, ouvi passos na escada. Houve uma longa pausa e o som inconfundível de uns pés descalços sobre o chão encerado. Valerius tirara os sapatos antes de passar diante do meu quarto. Pus a mão sobre o robe. Ia levantar-me para falar com ele e pedir-lhe uma explicação sobre as camisas ensanguentadas e a profanação do túmulo.

Não obstante, pensei outra vez no que Magda me dissera e no que tinha deduzido por mim mesma, e fiquei deitada. Era demasiado covarde para fazer o que devia fazer. Em breve, pensei. Em breve, expor-lhe-ia o que sabia e dir-lhe-ia o que devia fazer. Mas não ainda. Isso significaria a desgraça para Val e a sua expulsão da família. E, apesar de todos os nossos problemas, eu não suportava a ideia de o perder.

Ainda era o meu irmão mais novo, o menino chorão que ficara órfão tantos anos antes e que necessitava da proteção de uma família. Portanto, eu protegê-lo-ia, pensei enquanto olhava para a escuridão. Não diria nada e acolhê-lo-ia tanto tempo quanto fosse possível.

## Vinte e sete

«Os nossos medos convertem-nos em traidores.»

William Shakespeare, *Macbeth*.

Não dormi bem naquela noite. Recordava o olhar de ódio que Brisbane lançara ao seu tio-avô e o que o duque lhe lançara a ele. Embora também estivesse claro que se professavam afeto, a antipatia entre os dois era algo inquietante e para o qual eu não consegui arranjar explicação.

No entanto, nem sequer aquela relação tão desconcertante do duque de Aberdour com o seu sobrinho-neto conseguiu desanimar-me. Levantei-me assim que Morag apareceu com a bandeja do chá e isso surpreendeu-a tanto a ela como a mim. Cantarolei enquanto me preparava o banho e indiquei-lhe que tirasse um dos meus fatos novos, um conjunto muito vistoso de seda, branco e preto, que se abotoava com uma fila de pequenos botões de rubi. Tinha também um chapéu novo, cheio de laços pretos e rosas de tafetá vermelho, com plumas branquíssimas de avestruz que flutuavam na parte superior. Eu estava apaixonada por aquele chapéu. Mas foram as meias vermelhas que fizeram com que Morag não conseguisse conter a curiosidade e me perguntasse:

– Sente-se bem, *milady*?

Eu sorri-lhe.

– Perfeitamente. Tira o bálsamo da *madame Bellefleur*, por favor. Vestir-me-ei depois do almoço. Esta tarde, vou sair.

Ela fê-lo, olhando-me com desconfiança, como se esperasse que fosse dar-lhe uma dentada. Eu continuei a sorrir enquanto me penteava.

– Embora não valha a pena incomodar-se, com este corte de cabelo – balbuciou.

Eu ignorei-a e peguei numa. Era de prata e fazia parte de um conjunto. Inspeionei as unhas, rosadas e sãs comparadas com as de Morag, cinzentas e lascadas. Sem pensar duas vezes, dei-lhe a segunda lima.

– O que é isto? – perguntou-me com desconfiança.

– Uma lima. Não tens, pois não? Pensei que gostasses.

Levantei-me e dispus-me a vestir o vestido de manhã. Sabia que Morag estava desesperada por me interrogar, mas antes meteu a lima no bolso.

– Ultimamente, tem havido muitas constipações – disse, enquanto me olhava. – Tem febre?

Eu suspirei e ateii o cinto.

– Não, estou contente, só isso.

E era verdade, surpreendentemente. Estava a dizer a verdade, embora não entendesse o motivo daquela alegria. Estava a meio de uma investigação que não queria continuar, tinha um sócio no qual não confiava inteiramente e talvez o encontro que ia ter naquela tarde me causasse problemas.

Mas, pelo menos, usaria um chapéu muito bonito, pensei pouco depois, enquanto o punha inclinado para um lado, com graciosidade. Depois, peguei na minha sombrinha de seda preta e girei-a. Tinha confiança em que, apesar das novidades que o doutor Bent pudesse dar-nos, apesar das respostas que Brisbane e eu pudéssemos obter, tudo correria bem.

Cheguei a casa de Brisbane ao mesmo tempo que o médico. Ele levantou o chapéu e cumprimentou-me com o seu sorriso encantador.

– *Lady Julia*, espero que esteja bem.

– Muito bem, doutor. E o senhor?

– Atrasado, como de costume. Às vezes, penso que nunca conseguirei pôr o trabalho em dia.

Foi o próprio Brisbane quem nos abriu a porta. Não havia sinal de Monk e senti-me aliviada. Só o vira uma vez depois daquela cena inimaginável no quarto do seu senhor e tinha notado tensão entre nós. Com frequência, as pessoas lamentavam ter feito confidências num momento difícil e eu suspeitava que Monk se arrependia de ter falado comigo.

Brisbane indicou-nos que nos sentássemos e ofereceu-nos chá. Devia ter-se sentido satisfeito quando o recusámos. Eu notei a sua satisfação, tinha a expressão de um sabujo que estava pronto para seguir o rasto da sua presa. O doutor Bent também a notou, pois começou a falar sem rodeios.

– O pó era arsénico.

Aquela notícia não era uma novidade, claro. A própria Magda tinha-mo confirmado. No entanto, suponho que tivera a esperança de que o doutor Bent averiguasse algo diferente. Impossível, certamente, mas eu tinha-o desejado.

Brisbane emitiu um som suave de satisfação, como um gemido. Não obstante, o doutor Bent levantou a mão.

– De qualquer modo, não importa – disse. – *Sir* Edward não morreu envenenado com arsénico.

Eu não consegui falar. Senti uma alegria enorme. Magda dissera a verdade. Ela não tinha assassinado Edward.

Brisbane abriu a boca para protestar, mas o doutor Bent manteve-se firme.

– Lamento, Nicholas, mas é uma questão científica. Comparei a tua explicação dos sintomas de *sir* Edward com a explicação de *lady* Julia. Combinam perfeitamente, mas não coincidem com nenhum caso documentado de envenenamento por arsénico que eu tenha encontrado. *Sir* Edward teve sintomas que não são coerentes com o arsénico. Pelo contrário, indicam que o arsénico não esteve presente.

Brisbane não disse nada, mas a sua expressão era de desgosto. O doutor Bent virou-se para mim.

– *Milady*, falou de convulsões e vômitos. Diz que tinha dores no peito e que suava profusamente.

– Exato.

– Também me disse que se queixava de frio, que tinha a sensação de que lhe corria água gelada pelas veias, embora naquela noite fizesse calor.

Eu assenti.

– E também recorda que tinha dificuldade em falar, embora permanecesse consciente.

– Que eu saiba – respondi-lhe. – O meu pai mandou-me sair do quarto pouco depois do colapso de Edward.

Brisbane mexeu-se ligeiramente.

– Estava consciente, inclusive atordoado. O que significa?

– Significa que não era arsénico – disse o médico a Brisbane. – Urinou sangue?

Brisbane franziu o sobrolho.

– Mordecai, duvido que a senhora deseje saber...

– Mas eu preciso de saber! – replicou o doutor Bent com veemência.

Brisbane suspirou.

– Não.

– E havia um odor a alho?

– Não.

– Não poderia cheirar a alho – intervim eu. – Edward não suportava o alho. Nunca o teria comido.

– O odor a alho não é da planta – explicou-me o médico. – É do arsénico. Não percebes, Nicholas? As vítimas de envenenamento por arsénico entram sempre em coma antes de morrer. E, normalmente, há sempre uma quantidade considerável de sangue na urina e um odor forte a alho.

Brisbane pegou num dos seus cigarros finos, acendeu-o e começou a fumar energicamente.

– Isso produz-se num envenenamento elevado, numa dose maciça que se administra de uma vez. E se o envenenamento se realizou lentamente, durante vários meses?

– Está empenhado em ver Magda na forca! – explodi eu.

– Estou empenhado em descobrir a verdade – replicou ele.

O médico interrompeu-nos.

– Quando o arsénico é administrado em pequenas doses, durante um longo período de tempo, produz icterícia e problemas gástricos. Por esses sintomas pode detetar-se um envenenamento gradual com arsénico, embora deva advertir que estas descobertas são minhas. Espero publicá-las um dia, mas não são universalmente aceites entre a comunidade médica.

– Não importa – disse eu, exultante. – Edward não sofreu nenhum problema gástrico e não tinha icterícia. Magda é inocente – afirmei, olhando para Brisbane.

Ele ignorou-me.

– Então, o que pôde ser?

O doutor Bent encolheu os ombros.

– Sem um exame *post mortem*, só posso oferecer generalidades. Talvez algum veneno de origem botânica. Não sei como foi administrado. Se tivesse visto o conteúdo do seu estômago ou a palidez da sua pele...

– E o doutor Griggs? – sugeri eu. – Certamente, ele saberá essas coisas. Suponho que não a parte do estômago, porque não fez uma autópsia. No entanto, talvez se desse conta de alguma coisa durante o exame que lance um pouco de luz sobre o assunto.

O doutor Bent e Brisbane olharam-se.

– O que foi? – perguntei.

– Mordecai escreveu ao doutor Griggs a perguntar-lhe por outro paciente. Eu tinha-lhe pedido que fizesse uma tentativa para ver se conseguiam

estabelecer uma relação profissional, para que finalmente pudesse obter informação sobre *sir* Edward.

– E?

O doutor Bent não olhou para mim e Brisbane franziu a boca num gesto de desprezo.

– O doutor Griggs não se relaciona com semitas, nem profissionalmente, nem de nenhuma outra maneira – disse.

Eu soltei um palavrão e o doutor Bent levantou a cabeça. Sorriu.

– Obrigado por isso – murmurou. – Mas, a sério, não tem importância para mim. Além disso, há muitos que não partilham a sua opinião. A dificuldade disto é que estamos perdidos. Não temos forma de continuar sem informação do estado do corpo de *sir* Edward.

Eu olhei para os dois.

– E porque não o perguntamos à senhora Birch?

Brisbane deu uma passa no seu cigarro.

– Quem é a senhora Birch?

– A criada da paróquia que lavou o corpo dele, é óbvio – respondi com impaciência. – Não pensaria que o fiz eu, pois não?

Lentamente, ele esboçou um sorriso magnífico. Penso que foi a primeira vez que o vi a sorrir verdadeiramente. Estava tão habituada à sua cara de poucos amigos, que o efeito foi inquietante para mim.

– E sabe como podemos encontrar a tal senhora Birch?

– Claro que sim. Está na lista de caridade de Grey House.

– A lista de caridade?

– Sim. Há um grupo de pessoas da paróquia que são o que o pároco chama de pobres meritórios. São pessoas que trabalham, mas que, ainda assim, passam fome. Quem tem meios, dá-lhes mantas, carne, sopa, roupa para as crianças, esse tipo de coisas. A senhora Birch recebe há anos cestas de Grey House.

Brisbane apagou lentamente o cigarro.

– Então, vamos visitá-la de imediato. Muito bem, senhora.

Eu vangloriei-me um pouco. O doutor Bent levantou-se com uma certa hesitação.

– Suponho que, então, seja melhor que me vá embora. Deixei a clínica cheia de pacientes. Não posso ficar mais.

Eu também me levantei e estendi-lhe a mão.

– Doutor Bent, sei que está muito ocupado, mas pergunto-me se poderia aceitar outra paciente. Necessito de um médico, o meu parece-me insatisfatório.

Ele deu algumas palmadinhas no bolso do casaco e extraiu um cartão.

– Aí está a morada da minha casa – disse e ruborizou-se um pouco. – Sei que não quererá ir lá, mas, se me enviar uma mensagem, eu acudirei quando me necessitar.

Eu sorri.

– É muito amável.

O rubor intensificou-se e ele gaguejou um pouco antes de se ir embora. Brisbane sentou-se, olhando-me pensativamente.

– Penso que conquistou o pobre Mordecai – disse-me pouco depois. – É uma pena que não seja filha de Lia. Poderia ter sido uma boa esposa para ele.

– Não seja desagradável, Brisbane – disse-lhe eu, sem responder à sua provocação. – Não lhe fica bem – acrescentei, enquanto mexia na minha mala. – Aqui está o inventário completo de Grey House. É a única cópia.

Ele agarrou-a e leu-a rapidamente.

– Muito bem. Não penso que conduza a alguma coisa, mas nunca se sabe.

Senti uma pontada de irritação. Demorara horas de tédio a completar aquelas listas do que Aquinas e eu tínhamos encontrado em cada divisão. E o facto de que ele se referisse com tanto desdém àquelas horas intermináveis era mais do que eu podia suportar. Não permitiria que fizesse sentir-me como se fosse sua secretária.

– Brisbane, está a ser grosseiro. Agora, se quiser visitar a senhora Birch, pegue no seu casaco. Estou à espera.

Ele arqueou um sobrolho, mas obedeceu. Não tinha gostado nada da sua brincadeira sobre o doutor Bent. Sabia que a fizera com ligeireza, mas porque tinha notado um espinho entre as palavras suaves?

Brisbane voltou alguns minutos mais tarde.

– *Milady?*

Levantou a mão para assinalar a porta. Na rua, parou uma carruagem e entrámos. Dei a morada ao cocheiro e arrancámos. Durante o trajeto, Brisbane não disse uma palavra. A sua postura era relaxada, mas as suas mãos estavam tensas. Apertava tanto o punho da bengala, que tinha os nós dos dedos brancos.

Por fim, não consegui suportar o silêncio.

– Está zangado.

Ele suspirou.

– Não. Estou irritado. Se se descobre veneno entre as posses privadas de uma suspeita, deveria ser a arma do crime, não lhe parece?

– Não seja mal-humorado. Sei que quer Magda pendurada de uma corda, mas terá de lançar a sua flecha noutra direção.

Olhou-me com frieza.

– As suas imagens são deploráveis, *milady*. Asseguro-lhe que não tenho intenções malévolas para com a sua lavadeira.

– Antiga lavadeira – disse, sem pensar. Ele cravou-me um olhar desconfiado e eu respondi rapidamente: – Foi-se embora de Grey House. Não importa, porque ela não é a assassina – disse. – E, como é cigana, imagino que possa esconder-se facilmente. Não me agradaria ter de a denunciar depois de dar com ela.

– Verdadeiramente, não – disse ele. – Pensava guardar esse detalhe para si?

– Claro que não. Se o arsénico tivesse sido a causa da morte de Edward, ter-lho-ia dito imediatamente. Mas é muito discutível, tal como nos disse o doutor Bent.

Brisbane manteve-se em silêncio durante um minuto e eu comecei a sentir muito calor dentro do meu vestido novo. Ele estava a olhar pela janela, mas eu sabia que não via as ruas pelas quais passávamos. Quando falou, fê-lo sem virar a cara para mim.

– Se descobrir que me escondeu mais alguma coisa – disse-me suavemente, – não serei responsável pelos meus atos.

Eu não respondi. Limitei-me a virar a cabeça para olhar pela minha janela. O silêncio instalou-se novamente entre nós. Ele não disse nada, nem sequer quando indiquei ao cocheiro que parasse numa livraria, nem fez perguntas quando voltei pouco depois, com um embrulho. Esteve calado até chegarmos à humilde moradia da senhora Birch.

O facto de a senhora Birch lavar os corpos dos falecidos da paróquia era um dado ilustrativo da necessidade em que vivia. Era uma viúva pobre, com sete filhos para criar, e fazia com diligência qualquer trabalho que houvesse para ela. Costurar, limpar, fazer cerveja, pão ou bolos, qualquer coisa para dar de comer e vestir os seus filhos. Não recusava nenhum trabalho honesto para poder comprar carne e, para minha delícia, livros.

Quando descobri a sua determinação de educar as crianças, adotei o hábito de meter livros baratos nas cestas de Grey House. Um volume caro teria representado a tentação de o penhorar para conseguir dinheiro. Uma edição barata poderia guardar-se só pelo prazer de ler, para a senhora Birch e os seus filhos. Ela falava claramente e o seu discurso era salpicado das irreverências que tinha aprendido com o seu marido, um marinheiro. Em resumo, era rudimentar e ordinária. Eu gostava imenso dela.

E do que mais gostava era da sua naturalidade. Diante de mim e de um cavalheiro da elegância de Brisbane, não se alterou. Abriu a porta de par em par, sorrindo e convidando-nos a entrar.

– Bom dia, *milady*. Tem um chapéu lindo, se me permite a observação.

– Claro que permito, senhora Birch, e muito obrigada. Espero que esteja bem.

Afastou-se e entrámos no vestíbulo estreito.

– Perfeitamente – disse ela, com alegria.

– Senhora Birch, por favor, perdoe a espontaneidade da nossa visita... – disse, mas interrompi-me ao ver que franzia o sobrolho. – Quero dizer que viemos sem avisar e isso é imperdoavelmente grosseiro, eu sei. Espero que entenda que viemos por causa de um assunto de extrema importância para nós. De outro modo, não nos teria ocorrido vir incomodá-la sabendo que deve estar muito ocupada.

Ela agitou a mão gordinha.

– Não se preocupe com isso, querida senhora. É sempre bem-vinda. E, se necessitar que faça alguma coisa por si, só tem de pedir.

Olhou-me com expectativa e eu apressei-me a fazer as apresentações.

– Senhora Birch, este cavalheiro é o senhor Nicholas Brisbane. Senhor Brisbane, apresento-lhe a senhora Birch, uma viúva desta paróquia.

A senhora Birch estendeu-lhe a mão e o senhor Brisbane não hesitou, apertou-lha com calor.

– É um prazer conhecê-la, senhora Brisbane. É muito amável por nos receber.

A senhora Birch virou-se e guiou-nos pelo corredor.

– Tenho todo o tempo que necessitarem, desde que possa continuar com a costura. Falta-me uma dúzia de camisas que tenho de levar ao alfaiate, portanto, não posso parar.

Seguimo-la até uma cozinha aquecida, que era o coração do seu pequeno reino. Estava impoluta. Os poucos utensílios de cozinha brilhavam, assim

como as panelas e o chão. Havia algumas crianças lá, a aprender as letras numa lousa que a irmã mais velha segurava, e a senhora Birch disse-lhes que fossem para o seu quarto. Enquanto a última, a menina mais velha, estava a sair, entreguei-lhe o embrulho de papel pardo. Ela olhou-me com curiosidade.

– São alguns livros de Shakespeare e contos de fadas. Alguns metem medo, portanto, não os leias aos mais pequenos.

Ela não sorriu. A sua expressão foi de puro encantamento. Segurou os livros contra o corpo, sem se dar conta de que a sua mãe lhe dizia que me agradecesse.

– Não se preocupe, senhora Birch – disse. – Eu também era tímida em pequena.

Brisbane tossiu, penso que para disfarçar um sopro.

A menina olhou-me com agradecimento e saiu. Então, virei-me para a senhora Birch, que estava a pôr a chaleira ao lume e a cortar fatias de pão quente, que barrou com manteiga fresca. Depois, juntou chávenas diferentes, algumas delas partidas, mas cuidadosamente coladas, e tirou de um armário um pacote pequeno de açúcar e um pote minúsculo de doce.

Brisbane ofereceu-me uma cadeira junto do lume e eu sentei-me. Enquanto ele fazia o mesmo, a senhora Birch observou-o, sem deixar de preparar o chá. Olhou para ele com o olho experiente de uma mulher que já vira alguns homens nus, mortos e vivos. Parecia que lhe agradava.

Enquanto a senhora Birch se ocupava com o chá, eu observei a cozinha. Era um lar que tinha passado por tempos difíceis. Isso era evidente nos móveis desgastados pelo uso e a limpeza.

No entanto, as paredes estavam forradas com papéis alegres e o chão estava coberto com tapetes de um estranho tom verde. O ambiente era berrante, mas alegre, como a própria senhora Birch. Dei-me conta de que era uma mulher inteligente e de grandes recursos, pois tinha conseguido manter um lar feliz para os seus filhos e para si, apesar das dificuldades.

Ao meu lado, Brisbane estava silencioso, pensativo. Certamente, estava a fazer a mesma avaliação que eu da senhora Birch e do seu lar. Por fim, a bandeja do chá ficou pronta e a senhora Birch apresentou-no-la sem desculpas.

– Há pão quente e manteiga fresca, se não se importam que vos diga, da quinta da minha irmã, e não aquela porcaria pintada que tentam vender-me

na loja. Não sei de onde vem aquilo, mas façam-me caso, a sua produção não teve nada a ver com uma vaca.

Serviu-nos fatias grossas de pão e chávenas fumegantes de chá forte e delicioso. Era como ser novamente crianças e comi com grande satisfação. A minha cozinheira nunca me enviara uma bandeja de chá tão apetecível como aquela.

A senhora Birch sentou-se e pegou numa camisa de homem, que já estava acabada, salvo pelos botões. Ela coseu-os com destreza enquanto falávamos. Mal olhava para o trabalho, mas dava uns pontos diminutos e precisos que eram quase invisíveis.

Depois da segunda fatia de pão e de vários minutos de conversa amável entre Brisbane e a senhora Birch, eu abordei o assunto que nos levara a sua casa.

– Penso que cuidou do meu marido, *sir* Edward Grey, depois da sua morte.

Ela assentiu.

– É verdade e espero que me permita oferecer-lhe os meus pêsames. É muito difícil perder o nosso homem, eu sei, *milady*.

Eu não falei durante um instante. Aquela condolência simples tinha-me comovido mais do que todas as que tinha recebido, muito mais elaboradamente, dos seus superiores.

– Obrigada. Embora, pelo menos, tenha o consolo de uma vida cómoda e de não ter filhos com os quais me preocupar. Sei que a sua situação foi muito difícil.

Ela olhou-me com tristeza.

– Não, *milady*. É ao contrário. Os pequenos são o meu consolo.

Eu bebi um gole de chá para poder engolir o nó que se me tinha formado na garganta. Às vezes, desejava que o chão me engolisse. Era óbvio que os seus filhos eram preciosos para ela. Eu só os vira como bocas para alimentar. Não era de estranhar que eu não tivesse podido ter filhos, pensei com amargura. Não os merecia.

– Foi um prazer lavar *sir* Edward – disse ela. Calou-se e bebeu um gole de chá, pensativamente, enquanto Brisbane me olhava com desconcerto.

– Um prazer? – perguntou com suavidade.

– Sim. Não me importo de lavar os nobres. Normalmente, são limpos. Bom, a maioria. Alguns deveriam estar num estábulo em vez de num salão

de baile, mas não ouvirão comentários da minha boca. *Sir Edward* era um cavalheiro agradável e limpo.

– Senhora Birch, devo pedir-lhe discrição quanto a uma coisa que vou revelar-lhe.

Ela assentiu.

– Tem-na.

– Acredito que a morte do meu marido pode ter sido apressada. Entende-me?

– Oh, então, foi assassinato? – perguntou, com tom casual. Eu fiquei a olhá-la com perplexidade.

– Senhora Birch, espanta-me.

– Oh, lamento... Não queria dizer «assassinato»?

– Sim, claro que sim – respondi eu. Tive a estranha sensação de que Brisbane estava a tentar disfarçar o seu sorriso atrás da chávena.

– Penso que *lady Julia* se surpreendeu com a sua dedução rápida, senhora Birch – disse.

A senhora Birch bebeu outro gole de chá.

– Não há nada do que se envergonhar, *milady*. Acontece nas melhores famílias.

– Obrigada. Devo entender que já tem experiência em tais assuntos?

– É óbvio, *milady*. Lavei os mortos desta paróquia durante muitos anos. Vi punhaladas, navalhadas, pauladas, estrangulamentos, cabeças partidas...

– Alguma vez viu um envenenamento?

– Envenenamento... – repetiu ela. – Sim, penso que vi alguns. Aquela pobre rapariga que era de Leeds. O seu noivo pôs-lhe arsénico na cerveja ao saber que ela estava grávida. E uma idosa de South Street. Sempre achei que o seu sobrinho lhe deu um pouco de beladona. É difícil saber. Muitos deles aparentam uma morte natural. Mas suponho que alguns tenham sido envenenados.

– E acha que um deles pode ter sido *sir Edward*?

– Não sei, *milady*. Qualquer coisa é possível.

– Não notou nada estranho no corpo? – perguntou Brisbane.

– Agora que penso nisso, havia uma coisa...

Brisbane e eu inclinámo-nos para diante ao mesmo tempo.

– Sim?

Ela olhou-nos cautelosamente.

– Só o direi à senhora. O senhor terá de sair – disse firmemente.

Brisbane levantou-se e, cuidadosamente, deixou a chávena na mesa.

– É óbvio. Esperarei a senhora nas escadas. Senhora Birch, obrigado pela sua hospitalidade. Não se preocupe, sairei sozinho.

Por cima da cabeça da nossa anfitriã, lançou-me um olhar que era inconfundível. Esperava que obtivesse até à última réstia de informação e o olhar era uma advertência: era melhor que não falhasse naquela ocasião.

Eu fiquei a olhar para o corte impecável das costas do seu casaco, enquanto a senhora Birch devorava outras coisas com os olhos.

– É o seu homem? – perguntou-me, quando a porta se fechou. A sua expressão era amistosa e eu não me ofendi.

– Não.

Ela estalou a língua.

– É uma pena. Tem umas pernas bonitas. O meu Jimmy também tinha umas pernas bonitas. Compridas e...

– Senhora Birch – disse eu.

Ela riu-se e deu-me uma palmadinha no braço. Serviu-se de outra chávena de chá e eu permiti que enchesse também a minha para animar a conversa.

– Não faz mal, *milady*. Estamos sozinhas. Pode contar-me. Gosta dele?

Eu respirei fundo para me acalmar.

– Senhora Birch, ficou de me dizer se notou alguma coisa estranha no corpo do meu marido.

Ela olhou-me por um instante, penso que para avaliar o meu humor. Devia ter notado o meu nervosismo, pois ficou séria. Contou-me o que vira até ao último detalhe. Eu interroguei-a várias vezes, mas ela não mudou a sua versão e dei-me conta de que acreditava completamente nela.

– Obrigada. Agradeço-lhe muito a sua ajuda – disse, enquanto me levantava. – Mas devo advertir-lhe que não pode repetir isto a ninguém. Também não deve contar que vim visitá-la. Se o meu marido foi assassinado, qualquer um que tenha conhecimento do crime pode encontrar-se em perigo.

– Sou um túmulo, senhora. Tenho demasiado com que me preocupar com os meus meninos e o trabalho para mexericar. Além disso, seria uma ingrata com a sua amabilidade se falasse dos seus assuntos.

Eu olhei-a com surpresa e ela riu-se.

– Sei que é a senhora, *milady*. A nenhum mordomo lhe ocorreria pôr livros nas cestas para as crianças. E há sempre um pacote de laços para as

minhas meninas, novos e bonitos. E bons sapatos de couro para os meninos. A maioria das senhoras confia as cestas aos seus empregados e não sabem se nos mandam as partes mais duras da carne ou cotos de velas. A senhora manda-nos sempre carne boa e uma garrafa de vinho no Natal. Isso não o esqueço, *milady*.

Não me ocorreu uma resposta para aquilo. Pedia sempre a Aquinas que preparasse as cestas e só às vezes me preocupava em acrescentar algo. Ela estava a elogiar a generosidade de Aquinas, não a minha. Devia lembrar-me de o dizer a ele.

A senhora Birch acompanhou-me à porta.

– Se o senhor Brisbane morrer em breve... – disse-me esperançosamente.

– Mando-lho de imediato – prometi-lhe eu, alisando a saia.

– Oh, é muito amável, *milady*.

– Absolutamente. E, para responder à sua pergunta, suponho que possa agradar a algumas mulheres.

Ela suspirou e abriu a porta.

– Tal como suspeitava, *milady*... Afinal, não somos assim tão diferentes, se me perdoa a observação.

Eu pensei nas damas da alta sociedade que conhecia e em como se sentiriam indignadas ao ouvir algo parecido da boca da senhora Birch.

Eu sorri-lhe, sabendo que, se tivesse nascido pobre, teria acabado os meus dias numa sarjeta e não como senhora de uma casinha acolhedora e sendo a mãe orgulhosa de sete filhos.

– Antes pelo contrário, senhora Birch. Encaro-o como um elogio. Um elogio muito bom.

## Vinte e oito

«Se temeres o lobo, não vás ao bosque.»

Provérbio russo

Brisbane tinha parado uma carruagem e estava à minha espera na rua. Ajudou-me a subir e deu ao cocheiro a morada de Grey House. Eu mexi na minha mala, nervosamente, fingindo que procurava uma lata de rebuçados de limão e, depois, o lenço. Qualquer coisa para não ter de contar a Brisbane o que a senhora Birch me tinha revelado.

Começara a procurar o bálsamo labial quando ele perdeu as estribeiras.

– Muito bem. Deve ser algo horrível. É melhor que mo diga já.

– Não tenho a certeza de ser capaz. Como sabe que é horrível?

– Mexeu tão violentamente na mala que lhe tirou o cordão. Conte-me.

– Está bem, mas deve olhar pela janela, para fora.

Ele revirou os olhos com exasperação.

– O quê? – a sua voz era calma. Certamente, estava a custar-lhe.

– Não consigo dizer-lho se estiver a olhar para mim. Sei que devemos ser adultos quanto a certas coisas, mas não consigo evitá-lo.

– Que coisas? – perguntou-me, com paciência deliberada.

– Ainda está a olhar para mim.

Ele voltou a revirar os olhos e exalou um suspiro audível. No entanto, virou-se para a janela e fixou o olhar no exterior da carruagem.

– Já não estou a olhar e não vou fazê-lo.

Eu pigarreei.

– Muito bem. A senhora Birch disse-me que, quando lavou Edward, notou que tinha uma mancha... Uma mancha bastante forte.

– Que tipo de mancha?

Eu tinha as faces a arder e abanei a cara com a mão.

– Até que ponto tenho de ser explícita? Algo que não era da cor que deveria ser. Tinha uma mancha.

– Entendo o significado da palavra, *milady*. Pergunto-lhe pela localização da mancha e a sua extensão – disse-me. – Sem rodeios, em que parte do corpo estava a mancha e como era?

– Oh, é uma besta! Muito bem, se quer saber, a mancha estava no... no seu aparelho masculino.

Brisbane fez um ruído de engasgamento. Eu não quis pensar que talvez fosse uma gargalhada.

– No seu quê?

– No seu pénis, senhor Brisbane. No seu caule de fertilidade, na sua raiz masculina.

Então, os seus ombros já estavam a tremer claramente, mas, quando falou, não o fez com tom de divertimento.

– E a senhora Birch tem a certeza? Quer dizer, é bastante comum que o... hum... o aparelho masculino seja de cor diferente do resto do corpo de um homem.

– E é comum que seja da cor de um vinho de Bordeaux? – perguntei-lhe eu, com malevolência. – A senhora Birch já lavou mais corpos do que nós comemos refeições quentes. Considero que a sua opinião é a de uma perita.

– Sem dúvida – respondeu ele, com gravidade.

Ficou em silêncio, a pensar enquanto eu recuperava a compostura. Tinham-me refrescado um pouco as faces e, quando ele se virou para mim, já me tinha acalmado quase por completo. Brisbane tinha o rosto iluminado, com uma expressão encantadora, como a de São Paulo quando ia para Damasco, imaginei.

– O que foi? No que está a pensar?

– Em que foi assim que lhe administraram o veneno.

Eu olhei-o sem me incomodar em disfarçar o meu desdém.

– Está louco! Como ia alguém introduzir veneno no organismo de um homem através do seu... do seu... da sua pessoa sem que ele soubesse?

– Talvez tenha sido com o seu conhecimento.

– Está a dizer-me que foi um suicídio? Custa-me muito acreditar nisso e devo advertir-lhe que, se vai seguir essa linha de investigação, mandarei parar este carro imediatamente e deixá-lo-ei aqui antes que o bom nome do meu marido...

Ele agarrou-me a mão e apertou-ma, mas largou-ma imediatamente.

– Não estou a sugerir nada parecido. Penso que *sir* Edward foi assassinado por alguém com quem tinha laços íntimos.

– Oh, meu Deus, agora acha que o fiz eu! – exclamei e recostei-me, lamentando com todas as minhas forças tê-lo contratado para resolver aquele caso.

– Tem de aprender a conter a sua imaginação se tem intenção de se tornar uma boa detetive, *milady* – disse ele, esfregando as têmporas. – Penso que deve ter sido alguém que conhecia os seus hábitos íntimos. É a única coisa que tem sentido. *Sir* Edward devia usar um método de contraceção. Uma capa. Um preservativo.

Por fim, começava a entender o que ele queria dizer.

– E essa capa estava envenenada por dentro?

– Exato. Isso explicaria a mancha nos genitais quando não existia em mais nenhuma parte do seu corpo.

– E que tipo de pessoa faria algo parecido? – murmurei.

Brisbane encolheu os ombros.

– Suponho que alguém que o odiasse. Alguém que soubesse que usaria um profilático durante as suas relações amorosas. O seu ajudante de câmara, talvez. Mais provavelmente, uma amante.

Parecia que se tinha esquecido de que eu fora a esposa de Edward. Éramos colegas de profissão naquele momento e eu não tinha a certeza de se aquilo me importava ou não.

– As suas relações amorosas... Isso é uma novidade, não é? Assume que tinha amantes, mas não tem provas. A sua teoria baseia-se na questão da infidelidade do meu marido.

Brisbane virou-se para mim.

– Não o assumo, *milady*. Tenho a prova. Tive-a desde que me deu o inventário da casa.

– Do que está a falar, senhor Brisbane?

– Na lista havia um objeto que demonstra que o seu marido tinha relações carnais com outras mulheres.

– Impossível! Que objeto ia revelar algo parecido?

– Há uma pequena caixa de porcelana com um desenho de Pandora a abrir a lendária caixa, o presente dos deuses.

Secaram-me os lábios.

– E depois?

– Se for o que suspeito, conheço essa caixa. Fazem-se para um dos bordéis mais famosos de Londres. É um obséquio que só se dá aos clientes mais ilustres e rentáveis.

Eu não disse nada. Notei que começava a suar por cima do lábio superior e sequei-o discretamente com o dedo enluvado. Sabia o que se seguiria.

– A única coisa que temos de fazer é tirar a caixa do quarto de *sir* Edward, em Grey House, e usá-la-ei como entrada no bordel, onde, com discrição, farei perguntas às raparigas.

Eu engoli em seco.

– A caixa não está em Grey House.

Ele ficou imóvel.

– Onde está?

– Dei-a a Magda. Sabia que não tinha matado Edward. Essa ideia era absurda. No entanto, tinha medo de que você conseguisse que a enforcassem. Disse-lhe que se fosse embora.

– Com a caixa.

O seu tom de voz contido foi pior do que qualquer grito. Eu humedeci os lábios.

– E dois candelabros de porcelana de Sèvres. Não tinha dinheiro para lhe dar e sabia que necessitaria de dinheiro.

– Portanto – prosseguiu ele, com voz suave e perigosa, – a sua lavadeira cigana levou a nossa melhor pista e penhorou-a numa cidade de cinco milhões de habitantes.

Eu fiz a minha cara de pena mais miserável.

– Peço-lhe desculpa. Dou-me conta de que cometi um erro. No entanto, deve entender que o fiz para salvar Magda. Sabia que era inocente, mas ouvi como lhe falava naquele dia, como o provocava. Temi que você não fosse imparcial.

– Quer dizer que não confiou em mim – disse ele, sem rodeios.

Eu levantei o queixo.

– Não, não confiei. Mas isso não tem importância. Acha que sabe a procedência da caixa. Não penso que necessite do objeto.

– A caixa é uma prova e consegui-la-ei.

– Não sei como – repliquei. – Afinal, Londres é um palheiro muito grande e Magda, uma pequena agulha.

Sorri de forma pouco convincente. Ele, com toda a razão, ignorou o meu sorriso.

Não voltou a falar até estarmos à frente de Grey House. Saiu da carruagem e segurou a porta, mas, quando eu ia sair também, interpôs-se no meu caminho, agarrando-se à porta.

– Suponho que a agulha se tenha escondido numa zona muito pequena, muito concreta, do palheiro – disse em voz baixa. – Não me subestime, *milady*. Terei aquela caixa.

Não tinha desviado os olhos dos meus e entendi, pelo seu olhar imperturbável, que já não éramos colegas naquela empresa. Sabia onde encontrar Magda, não tinha dúvida disso. No entanto, duvidava da sua capacidade de sair com os membros do corpo intactos.

Brisbane afastou-se bruscamente.

– Desejo-lhe um bom dia, *milady*.

Eu enchi-me de dignidade e passei por ele de cabeça erguida. Entrei em Grey House. Assim que a porta se fechou e me encontrei na privacidade da minha casa, agarrei as saias e subi as escadas a correr.

Por algum milagre que ainda não compreendo, Valerius estava em casa. Encontrei-o no seu quarto, com o nariz enfiado num livro, a oferecer distraidamente ao corvo a ponta do seu lápis. Eu entrei sem pedir permissão.

– Val, tens de me ajudar. Vai ao acampamento cigano de Hampstead Heath. Vão matá-lo, tenho a certeza.

Val levantou-se e o corvo esgueirou-se, com irritação, para o poste da cama, de onde nos olhou enquanto murmurava algo. Val rodeou-me com um braço e conduziu-me até uma cadeira. Eu não me sentei.

– Julia, acalma-te. Quem vai ao acampamento cigano?

Eu inspirei profundamente, apertando a mão contra o espartilho.

– O senhor Brisbane.

Val arregalou os olhos, de medo, pareceu-me.

– Nicholas Brisbane? Conhece-lo?

– Sim – respondi impacientemente. – Estava aqui na noite em que Edward morreu. O papá também o conhece. Está a investigar-me um caso. Sem pensar, dei uma prova a Magda e, agora, ele quer recuperá-la. Ela voltou para a sua gente e, se ele for ao acampamento e tentar tirar-lha ou causar problemas...

Não tive de terminar. Val conhecia os ciganos tão bem como eu. Se um inglês tentasse infringir a sua liberdade, só encontraria hostilidade, no mínimo.

– Temos de ir, Val. Ainda falta um bom bocado para que escureça, mas temos de nos despachar.

Eu estava a puxar-lhe o casaco, mas ele agarrou-me as mãos.

– Não podes ir assim – disse ele, olhando para o meu fato extravagante.

Como é óbvio, tinha razão. Ninguém com um ápice de bom senso iria a um acampamento cigano ostentando riqueza. Isso era um convite ao roubo ou a algo pior. Os visitantes inteligentes vestiam-se discretamente e não apostavam grandes quantias nos jogos. Se quiséssemos passar despercebidos, teríamos de fazer o mesmo. Penso que a mesma ideia ocorreu aos dois ao mesmo tempo, pois vi o meu irmão a abrir o armário e a mexer entre a roupa. Tirou algumas coisas que poderiam servir-nos.

Peguei nas peças e meti-me atrás do biombo. Tirei o vestido e disfarcei-me. Pouco depois, saí vestida de homem, com umas calças de *tweed* e uma gravata. Val tinha ido ao meu quarto buscar as minhas botas e um chapéu preto. Deu-me um dos seus cachecóis de lã para que o pusesse ao pescoço e, depois, afastou-se para me observar.

– Pelo menos, tens o cabelo muito curto, portanto, não teremos de nos preocupar com isso – disse.

Eu vi-me ao espelho e tirei o creme de Fleur da cara com um lenço.

– Acho que passa. Com sorte, já terá escurecido quando chegarmos. Leva algum dinheiro, está bem?

Ele guardou no bolso o seu porta-moedas e as luvas, e pusemo-nos a caminho. Saímos pela porta de trás, contornámos a casa e chegámos à calçada. Lá, parámos um carro e entrámos.

– Para onde querem ir o senhor e a senhora, *sir*? – perguntou amavelmente o cocheiro.

– Bolas! – resmunguei. – O que me denunciou?

– Se não se incomoda que o diga, querida, é a forma de andar. As ancas e o rabo, que não se parecem em nada com os de um homem. Para onde vamos?

– Para Hampstead Heath, perto de Parliament Hill – disse eu e sumi-me num silêncio mal-humorado. Quando estávamos quase a chegar a Heath, Val disse-me:

– Julia, gostaria que me explicasses o que se passa.

Eu olhei para as minhas mãos. Tinha os punhos apertados no regaço.

– Porque iria confiar em ti? Tu não confiaste em mim. Havia outra camisa ensanguentada na lavandaria. Não creio que tenha sido de outra luta à porta da ópera.

– Oh... – foi tudo o que disse o meu irmão.

Sabia que deveria perguntar-lhe também por Magda e pedir-lhe uma explicação da profanação do túmulo de Carolina, mas não o fiz. Sabia que Magda estivera muito perto de o matar e eu não o teria suportado. Era do meu sangue e, apesar dos seus defeitos, eu adorava-o. Protegê-lo-ia. Mas, naquele momento, não queria saber mais nada.

A carruagem parou nos limites do acampamento cigano. Havia algumas carruagens privadas, umas quantas alugadas e bastantes cavalos. Val deu uma quantia enorme ao condutor, destinada a suborná-lo para que ficasse ali à nossa espera. Seria muito difícil arranjar-mos outra carruagem tão longe do centro. Além disso, eu não queria sequer pensar nisso, mas era muito provável que tivéssemos de sair dali a correr.

Afastámo-nos da carruagem e contornámos o acampamento durante algum tempo. O vento trazia-nos o fumo acre das suas fogueiras, misturado com o aroma picante dos seus guisados. E, acima de tudo, preponderava o odor dos seus cavalos, o dinheiro dos ciganos. Também havia música, animada e atrevida, e o murmúrio da sua língua exótica.

Uma menina seminua tentou roubar a carteira a Val e fracassou. Voltou a correr para junto da sua mãe. A mulher deu-lhe uma cabeçada suave, sorrindo e censurando-a com suavidade em romani. Eu não tinha dúvida de que estava a repreendê-la, não pela tentativa, mas pelo fracasso. A mulher inclinou-se sobre uma caçarola e começou a remover o conteúdo, e o aroma que desprendeu foi saboroso e picante. Certamente, carne guisada. Notei que me doía o estômago.

– Bolas...

– O que foi, Julia?

– Devia ter trazido comida. Jantaste?

Ele abanou a cabeça.

– Não. Contentava-me com uma sandes.

– Não importa. Convido-te para jantar no Simpson's quando tivermos acabado. Carne assada com guarnição completa.

– Esplêndido! Mas promete-me que usarás um vestido. Estares disfarçada está a dar-me cabo dos nervos.

– Combinado.

Passámos por entre a multidão, levando empurrões, seguindo às vezes os grupos ou os casais que andavam de um lado para o outro à procura de um novo entretenimento e, outras vezes, escondendo-nos e olhando atentamente para as sombras que projetavam as caravanas. Havia adivinhas que

consultavam as suas bolas de cristal, deitavam as cartas e liam a palma da mão.

Havia bailarinas de pés pequenos, com a púbis arqueada, que cantavam seguindo o ritmo dos violinos e das guitarras. E havia homens que chamavam os ingleses para que apostassem nos dados ou para que comprassem um cavalo novo. Havia sorrisos, gritos e gemidos, tudo isso acompanhado de dinheiro e álcool. Talvez eu tivesse desfrutado se não tivesse aquele nó de medo no estômago.

Val não tinha tanta sensibilidade. Apanhei-o a devorar com os olhos uma bailarina, cuja saia larga esvoaçava à sua volta e revelava uma coxa morena. Piscou-lhe um olho, sem dúvida à espera de conseguir uma moeda, que ele lhe atirou rapidamente. Então, a mulher lançou-lhe um beijo e eu puxei-lhe a manga, como ele me fazia, para que seguíssemos um grupo que se situara diante de um idoso cego a ouvir as suas histórias em romani, narradas com grande teatralidade.

– Estava à procura do senhor Brisbane! – protestou ele.

– Não está debaixo da saia da bailarina, garanto-te – respondi-lhe. – De facto, não o vejo em lado nenhum. Nem à família de Magda. Onde é que ainda não procurámos?

Val passeou o olhar pelo acampamento.

– Pelas caravanas.

Eu abanei a cabeça.

– É demasiado perigoso. Poderíamos aproximar-nos para que nos lessem o futuro, mas se nos apanhassem a rondar...

Ele assentiu com gravidade.

– Estão a vender cavalos ali – disse. – E também há uma tenda de boxe. Talvez esteja a ver um combate.

Decidimos procurá-lo primeiro no curral de venda de cavalos e depois na tenda de boxe. No curral estavam a fechar um negócio, havia um inglês, a protestar pelo preço de um cavalo, diante de um cigano que se mantinha firme. Cada um deles estava rodeado de meia dúzia de homens da sua gente, que gritavam durante a negociação.

Em várias ocasiões, o comprador ofereceu uma quantia e estendeu a mão à maneira tradicional dos vendedores de cavalos ciganos. Outras tantas, o vendedor afastou-a com desdém de uma palmada e pediu uma quantia maior. O cavalo esperava placidamente entre ambos, com a cabeça baixa, observando o seu dono cigano e o seu possível comprador. Era um belo

animal. Perguntei-me quantas vezes o teriam vendido e ele teria encontrado o caminho de volta aos ciganos.

O meu irmão e eu não vimos Brisbane entre os homens. Dirigimo-nos para a tenda onde se celebravam os combates de boxe. Naquele momento, estava a decorrer um combate. Segundo um rapaz junto da entrada da tenda, um campeão cigano, um bruto enorme, estava a lutar contra todos os aspirantes que se atrevessem a desafiá-lo.

Disse-nos que podíamos presenciá-lo por uma libra. Ouvimos o seu palavrório durante um bocado e conseguiu impressionar-nos com as credenciais do campeão: o historial era prodigioso. No entanto, eu pensei que o vendedor de bilhetes conseguiria atrair mais aspirantes se não incidisse tanto na quantidade de homens que o campeão vencera.

Val pagou os bilhetes dos dois enquanto resmungava pelo gasto. Eu decidi que lhe devolveria o custo da aventura daquela noite. A sua atribuição era generosa, mas também os seus gastos e talvez não tivesse dinheiro suficiente para custear a diversão num acampamento cigano.

Assim que entrámos na tenda, comecei a lacrimejar e tive de me esforçar para não tossir. A tenda estava a abarrotar de homens que fumavam e soltavam palavrões em honra dos lutadores. O ambiente cheirava a suor e a cavalo, a serradura e a cerveja, e ouvia-se perfeitamente o som dos punhos sólidos contra a carne nua. Val olhou-me com indecisão.

– Tens a certeza de que aguentarás isto?

Eu assenti, mas ele não se mostrou convencido. Não precisava de se preocupar. Eu tinha presenciado alguns combates em criança. O meu pai adorava boxe e, quando se organizava algum combate, não tinha muitos reparos em levar-me a vê-lo. Só tinha de prometer que não o contaria à tia Hermia. Além disso, subornava-me com rebuçados de gengibre. Eu gostava muito daquelas saídas ilícitas. Os combates eram brutais, mas o meu pai explicava-me minuciosamente os melhores golpes e eu desfrutava sempre das pequenas apostas que fazíamos. O verão em que eu tinha apostado sete vezes em sete vencedores foi o verão em que deixou de me levar, recordei com ironia. Então, começara a levar Val, mas dizia sempre com melancolia que Val não tinha o meu gosto em ver homens adultos a andar à luta.

Surpreendeu-me como recordei tudo rapidamente. Parecia que uma luta com os punhos despidos era igual às demais. Alguns tipos perspicazes faziam dinheiro com o combate e outros, bastante ébrios, não. A multidão formava redemoinhos à volta de um círculo de areia e serradura. Inclusive

tinha o mesmo cheiro, comentei a Val. Ele fez uma expressão de asco, o que me pareceu bastante fraco da parte de um estudante de anatomia.

Ele preferiu que ficássemos ao fundo da tenda enquanto observava as pessoas à procura de Brisbane. Eu tinha dificuldade em ver por cima das cabeças dos que estavam à minha frente e, durante um bocado, lamentei o meu disfarce. Se usasse uma saia, ter-me-iam arranjado espaço, pensei. Mas, se usasse uma saia, também teria atraído uma atenção pouco desejável. Eram poucas as mulheres que iam àquele tipo de eventos.

Uns quantos espetadores mexeram-se e dei-me conta de que havia menos gente do outro lado. Fiz sinal a Val. Percorremos o fundo da tenda. De repente, houve um rangido e os homens gritaram. Olhei para Val, mas ele olhava em frente, por cima das cabeças dos homens. Dei-lhe uma cotovelada, mas ele continuou a olhar e assinalou o ringue com a cabeça.

– Olha... – disse-me.

Eu contornei um homem gordo, com irritação, pensando que o meu irmão vira um nariz partido ou que se intrigara com algo sem importância. Pus-me nas pontas dos pés e consegui pela primeira vez ver bem os lutadores.

Sim, havia um nariz partido. Ambos os lutadores estavam nus da cintura para cima. O campeão estava de frente para mim. O sangue brotava profusamente do monte carnudo que tinha no meio da cara. Tinha uma expressão assassina. Então, sorriu horrivelmente e mostrou os dentes manchados de sangue. Cuspiu para o chão, mas continuou a sorrir como uma criatura demente.

Levantou os punhos com lentidão, uns punhos enormes, do tamanho de dois presuntos. Balançou-se pesadamente, mas o seu adversário mexeu-se com agilidade e ficou fora do seu alcance. O homem mais leve tinha alguns hematomas nas costelas que começavam a escurecer e perguntei-me se o campeão lhe teria acertado na cara. Não parecia possível que tivesse infligido tanta dor ao campeão e ele só tivesse aquelas nódoas negras.

No entanto, enquanto os via a lutar, comecei a entender porquê. O cigano tinha o tamanho como vantagem, mas era a única. Era pesado e lento, e mexia os pés como se fossem de chumbo.

Apertei os lábios com grande decepção. Esperava mais do que força bruta de um campeão. Deveria ter astúcia e elegância de movimentos. O meu pai tinha-me ensinado que o boxe exigia habilidade além de força e aquele

cigano não era mais do que uma máquina que esmagava tudo à sua passagem.

Pelo contrário, o adversário era como um cavalo prestes a começar uma corrida, como se estivesse prestes a saltar. Mexia rapidamente a cabeça e provocava golpes dos quais se esquivava com a destreza de um gato. Era tão delicioso vê-lo que estive prestes a rir-me. Tinha uma facilidade inata e lamentei amargamente ter chegado tarde e não ter podido apostar nele.

Estava a começar a prever um longo combate quando o aspirante fez algo que acabou com o combate. Inclinou-se para trás enquanto se mexia para os lados, obrigando o campeão a mudar o equilíbrio do corpo. Então, levantou o punho e atingiu-o com um murro rápido e brutal no maxilar. O cigano permaneceu de pé por um segundo, balançando-se sobre os calcanhares, com os olhos revirados. Então, sem um único som, caiu ao chão. Explodiram vozes e gritos, e produziu-se uma troca caótica de dinheiro. A pouco e pouco, o público foi-se indo embora entre uma maré de palavrões e sarcasmos, em inglês e em romani, e o aspirante virou-se para os aceitar, assim como receber a sua parte dos lucros. Pela primeira vez pude ver o seu rosto, coisa que me surpreendeu por duas coisas. A primeira, não havia sangue. A segunda...

– Meu Deus... – sussurrei. – Brisbane tem uma direita incrível.

## Vinte e nove

«Para, para por vergonha!  
Isto não a comoverá;  
Isto não pode conquistá-la.  
Se por si mesma não te ama,  
Nada a obrigará;  
O diabo que a carregue!»  
*Sir John Suckling, Canção.*

A descoberta de que Brisbane era lutador de boxe profissional não foi a única da noite. Enquanto aceitava os elogios daqueles que tinham obtido lucros com a sua vitória, falava com eles. A sua voz era audível para mim, inclusive por cima das cabeças. Mas era estranha, como se não fosse a sua voz, e quase demorei um minuto a dar-me conta da razão.

Brisbane estava a falar em romani. Estava a falar uma língua que não podia conhecer. Com fluidez e com expressões corretas, a julgar pela gargalhada dos seus companheiros. Mexia as mãos enquanto falava, fazendo gestos marcados dos quais todos os ciganos se valiam para marcar as suas palavras. Conhecia aquela língua e só havia uma maneira de a ter aprendido.

Quando pegou na camisa para a vestir, Val levantou a mão para o cumprimentar. Eu agarrei-o pela manga e fiz com que a baixasse, enquanto lhe indicava com o dedo sobre os lábios que guardasse silêncio.

– Temos de ir. Já – disse-lhe entredentes. – Antes que nos veja.

– O que raio se passa? Estivemos toda a noite à procura dele e, agora que o encontramos, queres ir-te embora?

– Explico-to mais tarde, mas, agora, vem comigo.

Ele fez-me caso, embora murmurasse algo sobre a incoerência das mulheres. Eu não o censurava. Estava a amaldiçoar a minha própria estupidez. Como era possível que não me tivesse dado conta? Tinha-me perguntado várias vezes o porquê da sua tez morena, o porquê do seu ar

pouco inglês. Pensara que era francês ou talvez judeu, mas nunca tinha imaginado a verdade.

Dirigimo-nos rápida e silenciosamente para a saída da tenda para não chamar a atenção, mas, justamente quando ia afastar o pano para sair, tive de me afastar porque estava a entrar um homem. Era Jasper, o irmão de Magda. Eu recuei bruscamente e choquei com Val, mas Jasper não nos viu. O seu olhar estava fixo em Brisbane, que virou a cabeça imediatamente. Jasper assentiu quase impercetivelmente e voltou a sair da tenda.

– Oh, não... – sussurrei.

Val pôs-me uma mão no ombro e olhou-me inquisitivamente, mas eu abanei a cabeça e saí. Tomei a direção contrária a Jasper. No entanto, só tínhamos avançado alguns passos quando Val me puxou pelo braço e me arrastou para trás de uma caravana.

– O que raio se passa? Insististe em que devíamos encontrar o senhor Brisbane e ali está ele. Querias encontrar a gente de Magda e acabámos de ver Jasper. O que queres?

Eu puxei o braço para escapar.

– Quero sair deste sítio sem que Brisbane saiba que estivemos aqui. Não devia tê-lo seguido e vi uma coisa que não devia ver.

– A questão dele com Jasper?

– Não. Bom, sim, isso faz parte do assunto. Parece que Jasper decidiu dar a Brisbane o que ele veio buscar.

– E o que é? – perguntou-me.

– A corda para te enforcar.

– O quê? Julia, do que estás a falar? Isto não tem nada a ver comigo. Disseste que tinhas uma questão de negócios com Brisbane. Como posso estar eu envolvido nisso?

– É demasiado complicado para te explicar agora. Pensava que tinha tratado disso, mas parece que só consegui complicar as coisas. Ainda não sei como vou resolvê-lo, mas vou fazê-lo. No entanto, temos de voltar rapidamente para casa.

Notei o tom de súplica da minha voz e ele também devia tê-lo notado, pois cedeu. Assentiu e pusemo-nos a caminho do outro lado do acampamento. Eu rezei para que o cocheiro continuasse à nossa espera. Havia um longo caminho de volta a Grey House, mas no fim podia contar com uma refeição quente e um banho ainda mais quente.

Saí de detrás da caravana, à luz intermitente de uma das fogueiras. E, nesse preciso instante, Nicholas Brisbane saiu da tenda de boxe e levantou a cabeça, cheirando o ar como um cão. O seu olhar passou por cima da fogueira, escrutinando todos aqueles que se mexiam entre nós. Por fim, pousou em mim. Ele semicerrou os olhos e mostrou os dentes, e eu desatei a correr.

Tinha um pouco de vantagem, mas não serviu de nada. Sabia que ele ia apanhar-me e não me atrevia a pensar no que ia fazer-me quando o conseguisse. Não obstante, descobri-lo-ia em breve.

Suponho que esperasse que me desse uma sova. Algumas pessoas pensariam que tinha justificação. Eu tinha descoberto algo que nunca devia ter sabido. A maioria dos ingleses considerava os ciganos como seres indignos. Menos do que um judeu, melhor do que um africano. Não, não era verdade. Eu conhecia damas que tinham pajens africanos e, no entanto, nunca teriam permitido que um cigano pusesse os pés na sua casa. Consideravam-nos capazes de qualquer traição, acusavam-nos de ser malvados e matreiros, de ter o coração tão negro como o demónio. Não podia recriminar Brisbane por não confiar em mim. Eu também teria escondido as minhas origens naquelas circunstâncias.

No entanto, não acreditava que a minha solidariedade me fizesse ganhar pontos naquela noite. Portanto, corri, passando por fogueiras e por debaixo da roupa estendida nas cordas, evitando as pessoas enquanto atravessava o acampamento com Brisbane atrás de mim. Quando nos aproximávamos das carruagens, aumentei a velocidade, mas ouvia que Brisbane continuava a seguir-me. No entanto, dei-me conta de que já não se aproximava, mas mantinha a distância, para que eu o conduzisse à carruagem, onde poderia apanhar-me e enfrentar-me em privado.

Ofegando, eu cheguei ao veículo e, quando tinha a mão no puxador, ele agarrou-me. Tinha a camisa aberta, manchada de suor. Eu vi-lhe o pendente ao pescoço. Também me dei conta de que tinha perdido o chapéu durante a corrida. Teria de comprar um novo, supus. Se vivesse até lá.

Val aproximou-se a correr, com uma mão apertada contra as costelas.

– Senhor Brisbane, o que pretende ao perseguir a minha irmã dessa maneira? – perguntou-lhe calorosamente.

– Cuidar da sua reputação – respondeu Brisbane suavemente. – Tem ideia do que poderia acontecer se se soubesse que visitou o acampamento cigano vestida assim?

Val corou de raiva.

– Acha que deveria tê-la impedido.

– Penso que isso não está dentro das suas capacidades, senhor March. Mas penso que deveria ter sido melhor acompanhante.

Val apertou os punhos e deu um passo em frente.

– Acalma-te, Val. Tem razão. Fui uma tonta ao vir aqui e tu foste um tonto ao acompanhar-me.

Brisbane não olhou para mim.

– Agora, por favor, entre no carro, senhor March. Eu tenho de falar de um assunto com a sua irmã – disse.

Val hesitou, mas a expressão de Brisbane era pétrea. O meu irmão olhou-me com expressão de súplica, mas eu olhei para o carro para lhe indicar que devia fazer o que lhe tinha pedido. Duvidava que Brisbane tivesse a intenção de me assassinar ali, em Hampstead Heath, mas, se o fizesse, era o que eu merecia.

Brisbane afastou-se, puxando-me suavemente para que Val pudesse entrar na carruagem. Com Val e o cocheiro a olhar para nós, não teríamos privacidade, portanto, não me surpreendeu que me agarrasse pelo cotovelo e me dirigisse para um maciço de árvores que havia a pouca distância. Pelo menos, poderíamos esconder-nos e poupar-me-ia a humilhação de que Val presenciasse o que ia ser a surra da minha vida.

– Não precisa de se incomodar, a sério – disse-lhe, enquanto me empurrava contra o tronco de uma árvore. – Não vou fugir. Mereço tudo o que queira atirar-me à cabeça. Fui má, estúpida e indigna de confiança. Pode gritar à vontade.

Admito que tinha a esperança de que aquele pequeno discurso me granjeasse um pouco de pena da sua parte. No entanto, Brisbane tinha um olhar assassino. Eu nunca o vira a conter uma emoção tão forte, nem sequer quando estava drogado. Engoli em seco e humedeci os lábios.

– Brisbane, diga alguma coisa. Se deseja dar-me um murro, faça-o e vamos acabar com isto. Sei que está muito zangado e tem o direito...

Interrompi-me, porque ele me obrigou a fazê-lo. Não me bateu. Em vez disso, fez algo que eu nunca teria esperado: beijou-me. E fê-lo durante um longo instante.

Quando me largou, eu tinha a respiração acelerada e senti sangue nos lábios. Sem dizer uma palavra, agarrou-me pelo braço e arrastou-me de

volta à carruagem. Abriu a porta e atirou-me para Val, que me agarrou com os olhos arregalados de surpresa.

Brisbane virou-se e assobiou ao cocheiro, que acicatou os cavalos e pôs a carruagem em marcha. Brisbane não olhou para mim enquanto nos afastávamos. Eu fiquei imóvel no banco, consciente de que Val estava a escrutinar-me. Ofereceu-me um lenço. Eu levei-o com cuidado aos lábios.

– Bateu-te? – perguntou-me com calma. No entanto, detetei uma raiva contida na sua voz.

– Não.

– Ah...

Então, virou-se e, por uma vez, não me fez perguntas. Eu senti-me agradecida, pois não tinha respostas. Nem para Val, nem para mim mesma.

## Trinta

«Não confiem no médico.»

William Shakespeare, *Timão de Atenas*.

Na manhã seguinte, estava acordada quando Morag me levou o chá. Não tinha conseguido dormir naquela noite, estivera a pensar no que podia fazer. Enfrentar Valerius com o que eu acreditava que era a prova dos seus atos abomináveis? Ir a casa de Brisbane, a Chapel Street, e exigir-lhe que resolvêssemos a situação entre os dois? Deixar todo o assunto nas mãos do meu pai? Ou, o mais tentador de tudo, esquecer aquela confusão e ir de uma vez para Itália?

Morag pousou a bandeja e olhou para mim.

– Está verde. Está mesmo verde.

– Oh, Morag, realmente dizes as coisas mais agradáveis do mundo...

Ela apertou os lábios.

– Não tem de ser mal-educada, *milady*. Só estava a preocupar-me com a sua saúde. Penso que lhe faria bem um tónico.

Eu suspirei e peguei na chávena de chá que me pôs junto do nariz.

– Desculpa, Morag. Hoje não estou capaz de estar com outras pessoas.

Morag levantou o queixo com dignidade e foi abrir as cortinas.

– Pois, alguns não o entenderiam. Tem pouco do que se queixar. É uma dama rica, com uma família boa e nada feia. O que se passa é que é uma pessoa caprichosa que não sabe apreciar tudo o que Deus lhe deu.

Eu inalei a essência estimulante do chá e, depois, bebi um gole. No entanto, encolhi-me de dor ao sentir a porcelana fria contra os lábios inchados.

– É muito provável. E também sou muito afortunada na minha escolha da ajuda doméstica.

Ela agachou-se para apanhar a roupa que eu deixara no chão quando me tinha despido sozinha na noite anterior. Quando chegara a casa, dissera a Morag que se deitasse. Ela ficara espantada ao ver o meu fato, mas não

dissera nada por uma vez. Aparentemente, as advertências frequentes de Aquinas sobre a imperturbabilidade de um bom criado estavam a começar a fazer efeito.

– Pois, está prestes a ser ainda mais afortunada. Por acaso, ouvi o *franciú* a dizer ao senhor Aquinas que se vai embora.

– Renard? Vai deixar o seu posto?

Morag sorriu com satisfação.

– Sim. De boa nos livramos. Aquele *franciú* é uma criatura repugnante. O senhor Diggory, sim, é uma boa pessoa para ter numa casa.

Eu ouvi-a pela metade enquanto tagarelava sobre as virtudes do cocheiro. Uma casa sem Renard seria muito mais agradável, mas talvez fosse tudo mais complicado. Talvez Brisbane quisesse interrogá-lo e eu não podia arriscar-me a deixar escapar outro membro do meu serviço.

– Para onde vai trabalhar? – perguntei.

– Para a casa de lorde Crayforth, o cervejeiro – disse Morag, com os sobrolhos arqueados de forma significativa.

– Morag, estás a tornar-te uma verdadeira snobe, sabias?

– É verdade e a senhora sabe-o, *milady*. É um cervejeiro com presunções e hábitos muito sujos. Ouvi dizer que só muda de roupa interior uma vez por mês.

Eu pousei a torrada.

– Suponho que Renard não vá morrer por excesso de trabalho, não é?

No entanto, senti-me melhor com aquela informação. Lorde Crayforth era um elemento integrante de Londres. Era famoso pelo seu ódio pelo campo. A sua casa de verão era em Chelsea. Se Brisbane quisesse encontrar Renard, não teria de ir muito longe.

– Receio que tenhamos de arranjar alguém que cuide de *sir* Simon.

– Não penso que precise de se preocupar muito – disse Morag, com expressão séria. – Passou muito mal a noite e a sua tosse piorou.

Afastei a manta e pus-me de pé.

– Porque não mo disseste? Vou vê-lo antes do pequeno-almoço.

Quando cheguei à mesa do pequeno-almoço, tinha perdido o apetite. Simon tivera uma noite realmente muito má. Quando tossia, expelia sangue. Pedi a Aquinas que avisasse o doutor Griggs. A perspectiva de o ver, e de ver Brisbane naquela tarde, acabou com a fome que pudesse ter.

De qualquer modo, Aquinas serviu a comida. Havia sempre suficiente para alimentar um regimento e ele encarregava-se de entrar na sala de jantar

com um prato de torradas acabadas de fazer e uma cesta de bolos mesmo quando eu aparecia.

– Bom dia, *milady*. Mandei Henry levar o seu bilhete ao doutor Griggs. O doutor respondeu que estará aqui em pouco tempo. Além disso, recebi a demissão de Renard esta manhã. Deseja entrar ao serviço de lorde Crayforth.

Eu comecei a barrar manteiga numa torrada para ter alguma coisa para fazer.

– Eu sei. Morag ouviu-o por acaso.

Ambos sorrimos. O hábito de Morag de ouvir coisas por acaso era famoso. E, embora o comportamento de Aquinas fosse neutro, eu sabia que sentiria a falta de Renard tão pouco como eu.

– Não tenho nenhuma objeção. Quando quer ir-se embora?

– Assim que seja possível. Suponho que lorde Crayforth esteja desejoso de o ter ao seu serviço. O seu ajudante de câmara foi-se embora repentinamente.

– Oh, conta-me! Cheira-me a escândalo – disse eu, enquanto pegava no frasco do doce.

– Sua Senhoria bateu no ajudante de câmara com uma vara.

– Meu Deus! Porquê? – perguntei e dei uma dentada na torrada. O doce era extraordinário. A cozinheira fizera dúzias de frascos de uns morangos minúsculos da estufa do meu pai.

– Ouvi dizer que a água de barbear de Sua Senhoria estava morna.

– Bom, Sua Senhoria e Renard vão dar-se muito bem.

Dei outra dentada e mastiguei pensativamente. Aquinas aproximou-se da mesa de apoio e serviu-me ovos, presunto e mais coisas, embora eu não entendesse para que se incomodava. Simon mal comia ultimamente e o meu apetite era muito variável. Val era a outra única pessoa que estava na casa, pois a Alegre fora a Twickenham durante alguns dias para cuidar da sua sobrinha tísica, embora eu suspeitasse que era um protesto pelo meu abandono do luto, e não era possível que Val se incomodasse em tomar o pequeno-almoço. Perguntei-me o que seria de toda aquela quantidade de presunto e bacon, mas decidi que preferia não saber. Certamente, alguém a comeria. Não iam deitá-la fora, pois não?

– Temos de arranjar alguém que cuide de *sir* Simon – disse eu. Olhei para baixo, surpreendida por ver que só havia migalhas onde estivera a minha torrada.

– Pensei em Desmond, *milady*. Está muito pálido e não quero mandá-lo para fora da casa. Talvez se ficasse aqui, a cuidar de *sir* Simon enquanto se organizam as coisas...

Não terminou o seu pensamento. Referia-se até que Simon morresse e Desmond pudesse mudar-se para o campo para cuidar dos cães do meu pai. Bom, não era agradável pensá-lo, mas isso mataria dois coelhos de uma só cajadada. Desmond tinha muito mau aspeto com a libré. Ao contrário de Henry, ele nunca se pavoneava com ela, nem esfregava as suas roupagens na cara dos seus inferiores. Era um rapaz tranquilo e modesto, apesar de ter uma beleza delicada, e eu alegrava-me por o manter ao meu serviço. Teria lamentado perdê-lo por completo, embora estivesse desejosa de poder despedir-me de Henry.

– Diz a Desmond que não é necessário que vista a libré, pois já não sairá para receber as visitas. Para cuidar de *sir* Simon, só necessitará de um fato simples. De qualquer modo, o meu pai quererá que use uma coisa prática em Abbey.

– Muito bem, *milady*. Vai sair esta manhã?

– Sim, receio que sim.

Nos seus olhos refletiu-se uma pergunta, mas não a formulou.

– Diz a Diggory que necessitarei do carro dentro de uma hora. Não há necessidade de que Henry venha. Terá mais coisas para fazer aqui, agora que Desmond mudou de ocupação. Ah, e avisa-me antes de o doutor Griggs se ir embora, por favor. Tenho de falar com ele.

Aquinas inclinou a cabeça e virou-se para as bandejas enquanto eu saía da sala do pequeno-almoço. Pouco depois, voltei a entrar.

– Aquinas, não me aches estranha, mas o que acontece a toda essa comida? A comida que a família não consome, quero dizer.

– A carne é comida pelos criados, *milady*. O bacon, os croquetes de presunto, esse tipo de coisas.

– E os ovos?

– Os ovos, o arroz, os bolos e as torradas repartem-se entre os pobres.

– Graças a Deus... – murmurei.

– Desculpe, *milady*?

– Não importa, Aquinas. Não importa.

Deveria ter-me vestido com esmero naquela manhã, deveria ter-me preparado para a batalha, mas estava impaciente por falar com Griggs antes

que se fosse embora de Grey House e acabei por aceitar o vestido verde que Morag tinha tirado do armário.

– Oh... – murmurei quando me vi ao espelho. – Escolheste a cor que pior podia ficar-me hoje. É melhor que me dêes um pouco do bálsamo da *madame Bellefleur*.

Ela entregou-me o frasco.

– Já há muito pouco, *milady*. Suponho que queira mais.

Eu apliquei um pouco nas faces e nos lábios. Houve uma melhoria instantânea, mas, de qualquer modo, eu não tinha remédio.

– Não posso pedi-lo a *madame Bellefleur*. O que leva? Poderias fazê-lo tu?

Morag fazia alguns sabonetes e cosméticos, e inclusive perfume. No entanto, nunca fizera nada tão sofisticado como aquele bálsamo de rosas. Valia a pena tentá-lo.

Morag cheirou-o suavemente e deitou um pouco nos dedos.

– É cera de abelha, creio, com pétalas de rosa amassadas. O resto, não sei o que é, mas posso tentar.

– Muito bem, fica com o frasco. O que sobrar servir-te-á para o comparar.

Compus o cabelo e puxei o casaco. O verde tinha melhorado os meus olhos, e já não me pareciam um lago cheio de ervas. Peguei na mala e na sombrinha.

– Morag, vou-me embora assim que acabar de falar com o doutor Griggs. Tira a tarde.

Ficou atónita. Olhava-me com desconfiança.

– A minha tarde livre é à quarta-feira.

– Eu sei, Morag, mas o meu armário está organizado e não creio que demores muito a arrumar o quarto. Se saíres, talvez possas perguntar a *sir Simon* se necessita de alguma coisa.

– Sim, *milady* – respondeu ela. Não se mexeu e eu senti-me exasperada.

– Passa-se alguma coisa?

Morag abanou lentamente a cabeça, mas a expressão do seu rosto dizia outra coisa.

– Bom, parece-me que estás incomodada, mas, se houver algum problema, teremos de falar disso mais tarde. Estou atrasada.

– *Milady* – disse-me e, depois, fez-me uma reverência, algo raro nela. Embora não dissesse mais nada, eu vi o seu olhar enquanto me virava e era eloquente.

A minha conversa com o doutor Griggs foi breve e triste. Disse-me que o coração de Simon estava a começar a falhar e que lhe tinha receitado láudano para que lhe aliviasse a dor e o ajudasse a conciliar o sono. Pensava que tinha poucas semanas de vida e encorajou-me a passar todo o tempo possível com ele.

– Embora a veja arranjada para sair – disse-me com desaprovação.

Eu senti uma pontada de raiva e contive-a com esforço. Custou-me não lhe dizer exatamente o que pensava dele. Não me atrevi pelo bem de Simon. Não tinha dúvidas de que o doutor Bent podia dar-lhe um tratamento melhor, mas que diferença faria naquela altura? Simon estava cómodo com Griggs, embora aquele médico fosse um anátema para mim. Os seus preconceitos estúpidos, a sua cegueira, o seu desprezo desconsiderado por mim pelo mero facto de ser mulher... Griggs representava tudo o que eu mais odiava num inglês. Curto de ideias, tendencioso, insensível e com complexo de superioridade. No entanto, o snobismo era uma faca de dois gumes para a filha de um conde.

Endireitei-me e atravessei-o com um dos olhares mais frios dos que a tia Hermia me tinha ensinado.

– Se vou sair ou não é comigo, doutor – disse, sublinhando o seu título. Se coisa que Griggs odiava era que lhe recordassem que era pouco mais do que um comerciante.

Ele ficou a olhar-me de boca aberta. Também teria gostado de me dizer o que pensava de mim, certamente. No entanto, não se atreveu. O poder do sobrenome March chegava demasiado longe para que se atrevesse. Além disso, atender *sir* Simon Grey no leito de morte era outra marca de prestígio na sua carreira profissional.

– Não queria ofendê-la, *milady*. Só pensei que *sir* Simon deveria ter o consolo da sua família numa altura tão crítica.

– Acaba de dizer que lhe receitou láudano. Estará a dormir. Não vai saber se saí ou não – disse-lhe razoavelmente.

– Mas, se acordar, sem dúvida agradecerá a visão da sua cara – insistiu ele. Havia algo malicioso no seu olhar, algo de que não gostei. – Além disso, embora não devesse dizê-lo, começa a ouvir-se certos rumores...

Deixou que a sua voz sossegasse de forma sugestiva, insinuando só Deus sabia o quê. Eu tinha uma ligeira ideia, no entanto. Tinha relaxado quanto à vigilância nas minhas visitas à residência de Brisbane. Não me tinha incomodado em ir de forma incógnita a casa da *madame* Bellefleur.

Qualquer um podia ter-me visto e ter elaborado a pior das hipóteses. E Griggs era muito conhecido na sociedade pelo seu gosto pelos mexericos. Tinha a certeza de que algum dos seus pacientes lhe tinha contado a história.

Eu dediquei-lhe o mais doce dos meus sorrisos, com o cuidado de que não chegasse aos meus olhos.

– Não duvido, doutor. Há sempre gente infeliz que não tem nada melhor para fazer do que mexericar sobre os seus superiores.

Ele corou imediatamente. Eu não acreditava que alguma vez alguém tivesse tido a temeridade de lhe falar daquele modo. Peguei na sombrinha e rodei-a.

– Verá, doutor, os aristocratas são como os funâmbulos. Não nos damos conta do que há por baixo de nós.

E fui-me embora, deixando-o sem fala. Era uma das coisas mais infantis que já fizera, mas também uma das mais satisfatórias, pensei enquanto me acomodava na carruagem. Verdadeiramente satisfatória.

## Trinta e um

«Abri-te inclusive o livro da minha alma secreta.»

William Shakespeare, *Noite de reis*.

Estava a arrepende-me de ter comido o doce ao pequeno-almoço quando a senhora Lawson me abriu a porta e me fez sinal de que subisse até ao quarto de Brisbane. Sentia um sabor amargo na língua e, quando bati à porta, enquanto esperava por resposta, tirei um rebuçado da mala e meti-o na boca.

Monk fez-me entrar poucos instantes depois.

– Bom dia, *milady* – disse-me com cortesia.

Eu dediquei-lhe o meu sorriso mais quente.

– Bom dia, Monk. Como está?

A sua expressão era correta, mas o seu olhar recaiu nos meus lábios magoados.

– Muito bem, *milady*.

Custou-me, mas consegui manter o sorriso na cara.

– O senhor Brisbane não me espera, mas pergunto-me se poderia dedicar-me uns quantos minutos do seu tempo.

Monk deu um passo atrás e indicou-me uma cadeira.

– Vou averiguar se o senhor Brisbane está disponível para visitas, *milady*.

Eu esperei sentada, tentando que deixassem de me tremer os joelhos. Estava muito nervosa perante a perspectiva de ver Brisbane e desejava fervorosamente ter vestido algo mais favorecedor, algo que me desse um pouco de segurança e de brio. Sim, deveria ter escolhido o vestido vermelho de passeio. Isso ou ter bebido um uísque antes de ir para Chapel Street.

Monk ofereceu-me chá ou café e retirou-se quando recusei ambos. Não folheei nenhuma revista, nem olhei para as prateleiras com livros. Fiquei sentada, a observar o pequeno nó de tecido de algodão que havia numa taça em cima da mesa. Era muito parecido com o que Magda me dera, sem dúvida, feito com a mortalha de um cigano morto. Um dos parentes de

Brisbane? Guardava-o como amuleto ou seria uma lembrança de alguém que amara e que tinha perdido?

Estava tão absorta no meu pensamento, que não ouvi Brisbane a aproximar-se. Mexia-se como um gato. Ou como um cigano. Recordava, da minha infância, o caminhar tão suave que tinham. Certamente, era uma habilidade desenvolvida depois de anos a evitar problemas, mas a Brisbane seria de grande utilidade na sua ocupação atual. Sentou-se à minha frente e ficou a olhar-me, sem dizer nada. Tinha nódoas negras no maxilar e um pequeno corte no lábio. Temi que o último não o tivesse sofrido durante o combate. Senti uma vaga de calor no rosto, que, sem dúvida, me deixou pouco agraciada e corada sob a sua observação.

– É muito amável por me ter deixado entrar – disse-lhe. No entanto, as suas narinas estavam dilatadas e isso não era bom sinal. Eu sempre me tinha sentido insegura na presença de homens zangados.

– Não fui eu – matizou ele. – Foi Monk.

– Ah, sim... Bom, suponho que fosse pedir demasiado que me facilitasse as coisas. Porque acedeu a ver-me, se é evidente que não queria?

Ele encolheu os ombros.

– Por curiosidade. Matou o gato e, sem dúvida, também será a minha ruína.

– Suponho que isso seja justo. O que deseja saber?

– Tudo. Para começar, como é possível que você, uma mulher de evidente inteligência, não se desse conta de como um acampamento cigano é perigoso.

– Sim, dava-me conta. Foi por isso que fui lá.

Ele passou uma mão pelos olhos. Naquele dia, tinha olheiras e perguntei-me se se aproximava outra das suas terríveis enxaquecas.

– Não a entendo. A maioria das mulheres fugiria na direção contrária.

– Oh, e eu também, mas noutra situação. Sabe, ontem não tive outro remédio senão ir.

– Porque queria obter a caixa antes de mim.

– Sim. Ou não, quero dizer que sim, queria a caixa, mas, na realidade, fui procurá-lo a si.

– Para me pedir que deixasse Magda em paz, espero.

– Não, claro que não – disse eu, que estava a começar a exasperar-me. Porque é que os homens eram tão obtusos às vezes? – Se estivesse assim tão

preocupada com a pobre Magda, não lhe teria dito onde podia encontrá-la. E, agora que penso nisso, porque me disse que ia ao acampamento?

– Porque não pensei que fosse tonta ao ponto de me seguir – disse-me ele, de humor cada vez pior.

– Mas de que outro modo ia assegurar-me de que estava bem?

Naquele momento, ficou imóvel. Eu teria podido jurar que nem sequer lhe pulsava o coração.

– Explique-se – disse finalmente.

– Como assinalou, os acampamentos ciganos podem ser lugares perigosos. Pensei que queria apresentar-se lá e acusar Magda de algo horrível. Os seus familiares não o teriam tolerado. Para ser sincera, não teria dado nada por si se não soubesse a língua. De qualquer modo, teve muita sorte, sabia? A família de Magda é muito reservada, inclusive para ciganos. Nem sequer se misturam muito com os da sua etnia.

– Deixe-me ver se a entendo bem – disse ele. – Foi ao acampamento só porque pensava que estava numa missão de resgate?

– Algo do género. Não creio que Val e eu tivéssemos podido fazer muito contra uma família de ciganos furiosos, mas conhecemos a família de Magda. Talvez pudéssemos interceder por si. Penso que se sentem em dívida para comigo por ter cuidado de Magda, o que é bastante irónico se se pensar bem, pois foram eles mesmos que a expulsaram sem nenhum problema... Senhor Brisbane? Senhor Brisbane, sente-se bem? Tem uma cara muito estranha.

Ele levantou-se e aproximou-se da janela. Parecia que estava a pensar em algo demasiado intenso para o partilhar. Eu encolhi os ombros e tirei outro rebuçado enquanto esperava que ele se acalmasse.

Depois de um minuto, voltou a sentar-se.

– Perdoe-me, *milady*. O paradoxo impressionou-me.

– Paradoxo?

Ele mexeu uma mão.

– Não importa. Enviei uma mensagem a Mordecai, a contar-lhe as observações da senhora Birch. Ele respondeu-me esta manhã. Sente-se muito animado com a informação e tem a esperança de descobrir a fonte do veneno em poucos dias. Então, estaremos mais perto de descobrir o nosso homem.

– O nosso homem. Ainda pensa que o assassino é um homem?

Brisbane abanou lentamente a cabeça.

– Não. Era uma generalização. O veneno é com frequência uma arma que as mulheres usam e o método... Fala de um amor não correspondido, não lhe parece?

Eu assenti.

– Suponho que esteja no bordel, então. Talvez tivesse uma relação com uma rapariga em particular... – Brisbane estava a observar-me atentamente. – Não pense que aprecio isto, senhor Brisbane, mas é o mais lógico.

– Sim. Sobretudo, sabendo qual é o propósito da caixa.

Enfiou a mão no bolso e tirou uma caixinha de porcelana, a causa de tantos problemas. Era retangular, fina e elegante, mas as cores do retrato de Pandora eram berrantes.

Brisbane abriu-a, mas estava vazia.

– Sabe o que é isto?

Encolhi os ombros.

– Como já me disse, uma lembrança bastante vulgar das aventuras do meu marido.

Ele depositou-a com cuidado na mesa.

– Foi desenhada para conter preservativos. Capas anticoncepcionais.

Eu observei a caixinha.

– Quer dizer que isso...

– Sim. Aqui dentro estive a arma do homicídio. Pelo menos, penso que sim. Tenho intenção de pedir a Mordecai que a analise também. Talvez existam resquícios do veneno no seu interior.

O rebuçado tornou-se-me amargo na boca.

– Guarde-a, por favor.

Brisbane meteu a caixa no bolso.

– Como convenceu Jasper a pedi-la a Magda?

– Ofereci-lhe dinheiro.

– E foi assim tão fácil?

– Ela dera-lha para que a penhorasse. Poupei-lhe uma viagem. O meu maior problema foi convencê-lo de que só queria a caixa. Quase tive de ficar também com os malditos candelabros.

Ao olhar para ele, dei-me conta de que estava a sorrir. Ele sabia que não ia ofender-me com a sua linguagem e pareceu-me que estava a tentar, de certo modo, resolver as coisas entre nós. Eu ainda estava triste, mas não tanto como minutos antes.

– Lamento, a sério. Claramente, queria manter em privado a sua ascendência cigana e eu apresentei-me num lugar onde não tinha direito a ir.

– Talvez não queira mantê-lo tanto em segredo como eu próprio pensava – disse e olhou-me com a cabeça inclinada. – Está a olhar-me com os olhos muito abertos, como se fosse um mocho.

– Perdoe-me. Ontem à noite, parecia que estava muito zangado comigo por ter descoberto o seu segredo.

– Estava zangado... por muitas razões. Uma delas era que desconfiava da sua motivação. Pensei que queria levar a caixa e escondê-la de mim.

– Oh! Bom, espero que entenda que essa não era a minha intenção.

– Entendo. Mas tem razão, fui eu que lhe disse onde estaria e, com isso, abri-me à possibilidade de que me surpreendesse a falar romani.

– E com muita fluidez, devo dizer. Magda sabia, não é verdade? Da primeira vez que o viu, falou em romani porque queria que você soubesse que tinha descoberto o seu segredo. Chamou-lhe *posh rat*.

A Brisbane brilharam-lhe os olhos.

– A palavra é *poshrat*. Significa «mestiço». E, sim, ela reconheceu o que sou. Na minha família materna, todos nos parecemos muito – explicou, com um sorriso amargo. – Deu-se conta de que não me pareço nada com Sua Excelência, o duque de Aberdour.

– Graças a Deus! Foi essa a razão pela qual o olhava com malícia enquanto tocava violino?

Ele assentiu.

– Recorda-lhe muito o pequeno mestiço selvagem que acolheu. Sobretudo quando toco música romani.

Acelerou-me o coração.

– A segunda peça?

– Sim. Gostou?

– Sim – disse e engoli em seco. – Nunca a tinha ouvido, mas deveria ter reconhecido o tipo de música. Ouvi muita música cigana em criança.

Brisbane agitou suavemente a mão.

– Está a ver? Não tinha intenção de lhe esconder o meu segredo durante muito mais tempo.

Eu pigarreei.

– Pode ter a certeza de que o guardarei.

– Não importa. Um dia destes, o meu tio-avô ficará demasiado velho ou beberá demasiado, e, então, o segredo escapar-lhe-á. Será o fim da minha

vida em sociedade.

– Não sabe isso! – protestei eu. Eu não gostava de ver aquela aceitação tranquila nele. O seu estado normal era combativo e difícil. Eu tinha-me habituado a isso. – Há muitos judeus que são aceites em sociedade. Porque não um cigano?

– Os judeus que são aceites em sociedade têm muito dinheiro e emprestam-no aos nobres empobrecidos.

– Isso é cínico, Brisbane. Mas, provavelmente, verdadeiro – admiti. – De qualquer forma, você só é metade cigano. Também é metade escocês.

Ele riu-se.

– Isso é muito pouca redenção. À exceção do duque, toda a família do meu pai ainda me chama «o cigano sujo e bastardo de Jack». Duvido que quisessem apoiar-me se deixassem de me receber nas boas casas.

– Não se compadeça de si mesmo. Não é favorecedor.

Brisbane encolheu os ombros.

– Mas é verdade. Que o dizem – matizou, com um sorriso. – Não que eu o seja. Os meus pais casaram-se sete meses antes de eu nascer.

– O seu pai era genial – comentei eu.

– Sim.

Parecia que tinha assimilado completamente a ideia de que podia perder o seu estatuto e a sua reputação, e não consegui evitar perguntar-lhe:

– Então, porque procura clientes de classe alta, se não se importa de os perder?

– Por dinheiro, claro está. Os ricos pagam mais pelos meus serviços do que a classe média. É melhor aceitar menos casos e mais lucrativos, e ter tempo para as minhas próprias atividades.

– E o que fará se deixar de ter clientes?

– O que fazia antes. Não se preocupe comigo, *milady*. Como todos os gatos, aterro sempre de pé.

Eu sobressaltei-me. Pensara tantas vezes nele como um felino, que me perguntei se me tinha lido a mente.

– Ah... Suponho que seja melhor que falemos da investigação e de como vamos continuar.

– Não vamos continuar, *milady* – respondeu ele. – Devo fazer o resto sozinho – afirmou e, então, levantou uma mão para sossegar os meus protestos. – Ouça-me antes de gritar. Ontem à noite, foi ao acampamento porque temia pela minha segurança. Não esquecerei isso. Mas também deve

permitir que eu tenha a sua em conta. O passo seguinte deve ser ligar esta caixa à pessoa do bordel que conhecia *sir* Edward. Talvez ontem saísse ileso da sua aventura no acampamento cigano, mas não há forma de passar despercebida num bordel de West End. Há homens cuja tarefa é agredir e torturar aqueles que causam problemas aos proprietários. Não pense que terão escrúpulos na hora de a magoar se descobrirem a sua verdadeira identidade.

– Mas não pode...

– Isto não é discutível – interrompeu-me com severidade. – Ajudou-me em tudo o que foi possível, mas agora isso deve acabar. Informá-la-ei do que descubra, mas só farei isso, entendido?

Não era uma pergunta, não esperava que eu lhe apresentasse argumentos e eu não o fiz. Assenti, com os lábios secos. Brisbane tinha-me perdoado com facilidade a asneira da noite anterior e supus que devia sentir-me agradecida e manter-me calada. Além disso, havia Simon. Tinha um dever para com ele e a insistência de Brisbane em trabalhar sozinho permitir-me-ia cumpri-lo.

Levantei-me.

– Então, não temos mais do que falar – disse.

Estendi-lhe a mão e ele apertou-a brevemente. Depois, acompanhou-me à porta. Eu pensava que tinha estendido o braço para abrir a porta, mas apoiou a palma contra a madeira. Eu não me virei, mas era consciente de que estava atrás de mim. Sentia a sua respiração na nuca. Recordei o que fizera da última vez que estivera tão perto de mim e senti-me enjoada.

– Ontem à noite, estava zangado consigo – disse suavemente, – mas aquilo não será nada comparado com como ficarei se interferir agora.

Eu agarrei a maçaneta e virei-a com brutalidade, obrigando-o a dar um passo atrás.

– Bom dia, senhor Brisbane – disse, passando o xaile pelos ombros.

Ele não respondeu, mas eu senti os seus olhos cravados nas costas enquanto descia as escadas.

Quando voltei para Grey House, fui diretamente ao quarto de Simon. Tinha um sono inquieto e mexia-se bastante sob a manta. Desmond estava sentado ao seu lado, humedecendo-lhe a testa com água morna perfumada com lavanda.

Eu sorri ao entrar e ele levantou-se. Algumas gotas de água caíram no tapete. Ruborizou-se e, com a sua *cútis* de Ticiano, ficou encantador.

Recordei que Portia me tinha aconselhado que tivesse um amante e também corei.

– Não te preocupes – disse suavemente, enquanto ele se inclinava para secar as gotas. – Seca num instante e o aroma é muito agradável.

Afastei-o um pouco da cama e perguntei-lhe:

– Como está?

– Esteve a dormir tranquilamente até há um quarto de hora, *milady*. Perguntei ao senhor Aquinas e ele pensou que talvez um pouco de lavanda o ajudasse a dormir melhor.

– Cuidaste muito bem dele, tenho a certeza. Direi a Aquinas que ponham uma cama aqui para ti. Assim, caso *sir* Simon acorde, não se encontrará sozinho.

Desmond assentiu.

– E fizeste bem em consultar Aquinas. Não deves hesitar em pedir-lhe a ele ou a mim qualquer coisa que *sir* Simon possa necessitar. Agora, vai jantar. Eu fico com ele.

Desmond retirou-se e eu ocupei a sua cadeira junto da cama. Agarrei a mão de Simon. Tinha-a quente e húmida, como a de uma criança. Pouco depois, abriu os olhos e virou-se para mim, pestanejando.

– Estavas a gemer. Tens dores, querido? Posso dar-te um pouco de láudano.

– Não. Tive uns sonhos muito estranhos – disse Simon e pediu-me um copo de água. Eu ajudei-o a levantar a cabeça para que pudesse beber. Quando terminou, deixei-o com cuidado sobre a almofada.

– Já não vou durar muito, pois não, Julia? Não, não me olhes assim. Não serei corajoso, nem farei discursos. Ficarei contente por morrer.

Eu peguei na bacia de Desmond e comecei a humedecer-lhe a testa com a água perfumada.

– Não tens medo?

– E como poderia ter? Já deverias saber, querida, que é a vida que contém todos os horrores, não a morte – algo obscureceu os seus olhos e crispou-lhe a mão sobre a manta. – Dantes, tinha medo. Estava assustado. Não sei porque mudou.

– Talvez porque viste outros a morrer.

– Edward – disse ele.

Eu assenti.

– Talvez ver outros a morrer nos torne mais corajosos.

– Talvez. Eu estava aterrorizado, tanto que pensava que faria qualquer coisa para me salvar. Mas não há forma. Consegui entendê-lo, Julia. Lembra-te das histórias mitológicas que líamos em criança?

– Sim, claro. Imaginava que era Artemisa e que o velho spaniel da minha avó era o meu fiel sabujo de caça.

Simon riu-se, mas eu lamentei tê-lo provocado. À gargalhada seguiu-se um interlúdio doloroso de tosse e ofegos. Dei-lhe mais água e convenci-o a tomar um pouco de caldo. Pediu-o à cozinha e, quando no-lo trouxeram, consegui que tomasse umas quantas colheradas. Depois, afastou a colher da boca e limpou-a com o guardanapo.

– As Parcas – disse de repente.

– O quê? – perguntei eu.

– Estava a pensar nas Parcas. Quando líamos as histórias mitológicas, davam-me medo. Aquelas três bruxas, fiando, medindo e cortando o fio da vida. Como se chamavam? Cloto fiava, disso lembro-me, Láquesis media, mas a última...

– Átropos – disse-lhe eu.

– Isso! Átropos. A Parca mais cruel das três. É insubornável. Não se consegue dissuadi-la quando decide que estás acabado. Zás!

Tinha levantado a voz e eu levantei-me, mas ele abanou a cabeça com aborrecimento.

– O que importa? Deixa-me gritar um pouco, Julia. Que mal pode fazer? Eu suspirei.

– Nenhum. Sinto-me impotente. Quero pensar que há alguma coisa que possa fazer, mas não há nada, pois não?

No entanto, Simon não me deu a absolvição. Encerrou-se em si mesmo, pensando na injustiça da vida. Provavelmente, pensando nas Parcas e na obsessão delas pelos homens da sua família. Levantei-me e dei-lhe um beijo na testa, que cheirava a suor e a lavanda.

– Volto mais tarde. Vou mandar Desmond vir fazer-te companhia.

Ele ouviu-me. Abriu um pouco os olhos, mas não disse nada. Estava zangado e por um bom motivo. O seu trigésimo aniversário seria dentro de duas semanas e ele não viveria para o ver. Eu também teria ficado zangada.

## Trinta e dois

«Mãe, não posso ocupar-me da roca;  
Doem-me os dedos e tenho os lábios secos.  
Oh! Se tu sentisses a dor que eu sinto!  
Mas quem se sentiu alguma vez como eu?»  
Safo

Passei os dois dias seguintes zangada, sem sair de Grey House. Encarreguei-me de fazer as contas domésticas, arrumei e limpei a despensa, despachei o correio. Com frequência, entrava no quarto de Simon com a intenção de lhe ler um livro ou de me sentar ao seu lado, mas ele habituara-se à rotina com Desmond e estava melhor na sua companhia. Eu incomodava-o.

Além disso, era uma tortura vê-lo a sofrer e deixava-me vencer pela covardia. Arranjava desculpas para evitar o seu quarto, até que a consciência me aguilhoava e sabia que não podia adiar mais a visita. No entanto, voltava a sair rapidamente e dedicava-me à leitura ou às tarefas da casa.

Uma manhã, estava a murmurar palavrões pela conta exorbitante da comida que a cozinheira tinha apresentado, quando ouvi um ruído à minha porta. Era um claro e inoportuno grasnar. Olhei para debaixo da secretária.

– Pelo amor de Deus, como te soltaste?

O corvo olhou para mim e inclinou a cabeça.

– Bom dia – disse cortesmente.

– Sim, bom dia também para ti, suponho.

O animal continuou a olhar-me pensativamente e eu devolvi-lhe o olhar. Era demasiado grande para tentar agarrá-lo e levá-lo para o quarto de Val. E, mesmo que o seu tamanho não fosse dissuasivo, eram-no o seu bico e as suas garras. Ficámos parados durante alguns minutos, mas, por fim, fartei-me e voltei às contas.

Ele abriu as asas pretas e voou para cima da minha secretária. Eu fiquei gelada, mas o corvo não voltou a mexer-se. Parecia que estava satisfeito ali em cima, a observar-me. No fundo, era muito cavalheiresco. Não tocou nos meus papéis, nem na tinta e manteve-se num canto. Os seus olhos redondos e brilhantes estavam fixos no meu lápis e observava com grande interesse enquanto eu fazia as contas.

Depois de um minuto, abri uma caixa cheia de ameixas secas e dei-lhe uma.

– Tens fome?

Ele fez um som que eu nunca tinha ouvido, muito parecido aos suspiros de prazer da tia Hermia cada vez que alguém lhe oferecia uma caixa de rebuçados de violeta. De seguida, o pássaro tirou-me a ameixa de entre os dedos e começou a comê-la.

– Doces – disse quando acabou.

– Hum... Hum... Sim, doces. O que vou fazer contigo? – perguntei-lhe retoricamente.

Val não fizera nenhum progresso nos planos de devolver o corvo. Eu lia o jornal todos os dias, mas não encontrava menção de nenhum escândalo relacionado com os corvos da Torre. Na prática, eu tinha acabado por aceitar que o pássaro nos pertencia.

Ou talvez me pertencesse a mim, pensei com uma pontada de alarme enquanto ele caminhava pela secretária. Baixou a cabeça e esticou-a para mim. Pouco depois, dei-me conta de que esperava algo e levantei a mão para lhe acariciar as lindas penas.

– Não és melhor do que um cão – disse-lhe, com tom de reprimenda.

No entanto, ele estava ocupado a emitir os seus ruídos e a mexer a cabeça para conseguir mais carícias. Quando ficou satisfeito, saltou para o chão e dedicou-se a inspecionar a sala. Percorreu-a de uma ponta à outra, enfiando a sua cabecinha brilhante em todos os cantos, conversando comigo de vez em quando. Quando acabei com as contas, já nos tínhamos tornado bons amigos e eu sentia-me um pouco menos deprimida do que antes.

– És uma criatura muito sociável – disse-lhe. – Acho que devias ter um nome. Suponho que Hugi ou Muni sejam demasiado previsíveis. Pergunto-me como te chamavam na Torre.

Ele olhou-me com os seus olhos brilhantes como pedras preciosas e, durante um instante de loucura, pensei que ia dizer-mo. No entanto, guardou o seu segredo e não voltou a falar durante o resto da tarde.

Para meu deleite, Portia visitou-me naquela tarde. Estive prestes a chorar de alívio. Cumprimentei-a com carinho, com demasiado, creio, pois soltou-se do meu abraço e olhou-me com desconfiança.

– Querida, estás bem?

– Não. É horrível. Simon está pior, quase a morrer, segundo Griggs.

Portia tirou o chapéu, as luvas e os outros acessórios, e deixou-os numa pilha azul, sem dúvida muito cara. Pegou em Puggy, sentou-o numa almofada vermelha com franjas e, depois, ocupou uma poltrona. Começámos o nosso dueto habitual.

– Oh, nessa almofada, não, Portia... É uma das minhas favoritas.

Ela lançou-me uma expressão ofendida.

– Puggy porta-se muito bem. O que esperas que faça?

– Flatulência – disse, sem rodeios. – Ou algo pior.

– Tolices! Tu não farias uma coisa tão horrorosamente vulgar, pois não, Puggy-Wuggy? – soprou-lhe alguns beijos da palma da mão, que o cão ignorou. – Vês? É um cordeirinho. Pede alguma coisa decadente à cozinha e a Aquinas que nos traga uma garrafa de champanhe. Vamos ser travessas e poderás chorar por todos os teus problemas, e eu consolar-te-ei.

Fiz o que me tinha pedido. A cozinheira mandou-nos gambas pequenas e crocantes fritas em manteiga. Havia mais coisas deliciosas, como fruta e pastéis, e, quando Aquinas levou o champanhe, dei-me conta de que tinha escolhido a melhor garrafa da adega. Retirou-se, fechando a porta atrás de si, e Portia e eu começámos com alegria o nosso festim, digno de Luculo.

Contei-lhe tudo o que tinha acontecido enquanto comíamos. Quase tudo. Na realidade, dei-lhe uma versão editada da realidade, fazendo malabarismos com os segredos. Não lhe revelei o segredo das origens de Brisbane e, naturalmente, não mencionei o beijo. Também não lhe falei do rancor fatal que Magda guardava a Valerius, nem da presença de Val no túmulo de Carolina na noite em que ela fora expulsa do acampamento, nem das camisas ensanguentadas do nosso irmão... Tinha muito medo de que Portia fosse a correr falar com o nosso pai. Era uma complicação que não conseguia enfrentar.

Assim, dei-lhe uma versão expurgada dos acontecimentos, concentrando-me no enredo da morte de Edward e na minha tristeza a respeito da perda iminente de Simon. Puggy roncava, mas Portia estava muito atenta.

Consolou-me por Simon e, depois, concentrou-se na investigação.

– Deves manter-te ocupada, Julia – aconselhou-me. – Sei que a morte de Simon será um duro golpe, mas não penso que seja um golpe inesperado. Está doente há muito tempo e, certamente, será uma bênção que por fim se liberte do sofrimento.

Eu murmurei algo enquanto assentia.

– Sendo assim – continuou com energia, – deves pensar na vida depois de Grey House. Deves acabar essa investigação o mais depressa que seja possível e continuar com a tua vida.

Eu peguei no copo para beber as últimas gotas de champanhe. Delicioso. Servi-me de mais.

– Eu sei. Tenho planos, acredita. Quero viajar e talvez escreva um livro. Pensei também em vender Grey House. É demasiado grande para mim. No entanto, tenho a sensação de que, se não souber a verdade sobre Edward, por muito dolorosa que seja, não conseguirei continuar. Entendes-me?

– Claro que te entendo – respondeu ela. Pegou numa gamba e escolheu outra para Puggy. – E Brisbane? Vais vê-lo depois de tudo isso ter acabado?

Abanei a cabeça e arrependi-me rapidamente. O champanhe causava-me sempre uns enjoos perigosos.

– Não sei porque iria vê-lo. Parece-me improvável. Não necessitarei dos seus serviços profissionais e socialmente... – ao pensá-lo, pareceu-me provocadora a ideia de me encontrar com Brisbane num evento social, sem as complicações de uma investigação. – Não, não penso que os nossos caminhos se cruzem novamente.

– É uma pena. Parece-me que gostas bastante dele.

O meu primeiro impulso foi negá-lo, mas dei-me conta de que seria inútil. Portia, como era a minha irmã mais velha, pensava que me entendia melhor do que eu mesma. Limitei-me a sorrir.

– E se gostar? Parece-me enigmático e tempestuoso. Tu mesma disseste que é demasiada aventura para mim.

Portia soltou um sopro. Em qualquer outra mulher teria sido uma vulgaridade, mas foi encantador nela.

– Demasiada para a ratinha que eras na altura, vestida de preto e de cinzento. Olha para ti agora – disse-me, assinalando o meu vestido violeta com a mão. – Percorreste um caminho muito longo desde então, querida. Agora, és toda cores atrevidas e decote de alabastro. Completamente deliciosa. E quanto a que Brisbane seja enigmático e... Qual era a outra palavra?

– Tempestuoso – disse eu.

– Tempestuoso. São qualidades muito interessantes, Julia, e tu consideras desvantagens. Conta-me, que aspeto tinha no acampamento cigano? Estava realmente nu até à cintura?

Lançou-me um olhar luxurioso por cima do rebordo do copo e eu pus-me a rir.

– Tonta! Tinha o aspeto de um homem, o que esperavas?

– Detalhes, por favor! Há séculos que não vejo um e é provável que não volte a fazê-lo, se Jane tiver algo a dizer a esse respeito. Vá, conta-me tudo!

Eu recostei-me e fiz-lhe uma descrição minuciosa.

– Meu Deus! – disse-me quando terminei. – Tens a certeza de que não exageraste? Sempre tiveste tendência ao exagero, desde criança.

Encolhi os ombros.

– Está tudo nos olhos do espetador, não é?

Pensativamente, pegou numa tarte de framboesas. Ambas ouvimos um som na porta e olhámo-nos com surpresa.

– Já outra garrafa? Aquinas é uma joia, Julia. Não sei quanto lhe pagas, mas aumenta-lhe o ordenado.

Eu levantei-me.

– Não é Aquinas. Teríamos ouvido passos – disse-lhe e abri a porta com cautela. Não havia ninguém. Afastei-me e ouvi um bater de asas no chão.

– Ah, eu sabia que te convidarias para a festa, não é?

O corvo ronronou como se fosse um gato e passou por mim para entrar na sala, solene como um juiz com o seu fato preto.

Portia soltou um gritinho.

– O que raio é isso?

Eu fechei a porta e voltei a sentar-me.

– Um corvo e não um corvo qualquer, minha querida. Este cavalheiro é propriedade de Sua Majestade.

Portia arregalou os olhos e agarrou Puggy de forma protetora.

– Não falas a sério! Não pode ser um corvo da Torre! O que faz aqui? Como?

O pássaro estava a bicar-lhe a renda do vestido. Eu distraí-o com uma tarte, passando-lha diante dos olhos brilhantes.

– Val trouxe-o. Ganhou-o a Reddy Phillips num jogo de cartas.

Portia, apertando Puggy contra o peito, inclinou-se para diante e olhou para o corvo, que comia o bolo com delicadeza.

– É muito bonito, mas é um animal de estimação um pouco macabro, não achas? Sobretudo, com um homem agonizante em casa.

– Não sejas tonta – disse. – Simon não o viu e não vai vê-lo. Teria um desgosto nestas circunstâncias.

Portia assentiu e atirou outro bolo ao corvo.

– Isso é para mim – disse ele, agradavelmente.

Portia abriu ainda mais os olhos.

– Fala?

– Sim. Acho que Reddy o levou na brincadeira e o substituiu por outro corvo. Não parece que se tenham dado conta na Torre, o que me parece ridículo. Se se trabalha no cuidado e no bem-estar destas criaturas, deveria ter-se a capacidade de as distinguir.

– É verdade. Então, vais ficar com ele?

– Quero devolvê-lo, mas não sei como fazê-lo. Reddy veio ver-me para o conseguir, mas não quero devolvê-lo a ele.

– E porque não? Se queres livrar-te do pássaro, é melhor que o dês ao tonto que o roubou, não achas?

– Não consigo explicá-lo, mas não gosto de Reddy Phillips. Não quero facilitar-lhe as coisas.

Portia olhou para o corvo. Acabara o seu segundo bolo e estava sentado, a olhar de uma para a outra como se entendesse perfeitamente as nossas palavras.

– Sabes? Não me surpreende que Reddy tenha roubado um corvo – disse Portia, pensativamente. – O seu irmão mais velho era obcecado por eles.

– A sério?

Eu estava a vigiar atentamente o corvo. A ave começara a olhar para Puggy demasiado fixamente para o meu gosto.

– Sim. Deves lembrar-te de Roland. Eu vi-me obrigada a dançar com ele várias vezes durante a minha primeira temporada social, graças à tia Hermia.

Fizemos uma careta em unísono. A tia Hermia tinha imposto uma regra blindada: devíamos dançar com todos os homens que nos convidassem. Só abria exceção com os rapazes de comportamento indigno. Tinha a ideia de que assim poderíamos aumentar o nosso número de conhecidos, mas, como tentávamos sempre fazê-la entender, sem sucesso, havia razões pelas quais não conhecíamos aquela gente de antemão.

– Lembro-me vagamente. O que foi feito dele?

– Morreu. Casou-se com uma rapariga magra e adoentada da família do duque de Porthchester. Se a memória não me falha, só tinha dezasseis anos. Ele contribuiu com a fortuna e ela, com a linhagem desde a conquista normanda. Foi um casamento infeliz. Parece que Roland era muito indiscreto nas suas aventuras. De facto, estava a caminho de um encontro quando teve um acidente. De comboio, de barco, de carruagem, não me lembro. Teve alguma coisa a ver com o meio de transporte. De qualquer modo, não creio que a sua jovem esposa lamentasse a sua perda durante muito tempo. Casou-se com alguém do continente, um conde ou algo parecido, no ano seguinte. Os dois não tinham nem um cêntimo, além do dinheiro que lhe deixou a ela, mas são muito felizes.

Eu bebi um gole do meu champanhe, enquanto me perguntava se a minha vida teria sido muito diferente se Edward me tivesse deixado viúva anos antes. Teria arranjado um conde do continente com quem alegrar a minha viuvez? Portia continuava a falar, contando-me o que recordava dos Phillips.

– Roland era membro daquele clube horrível, não te lembras? Formaram-no durante o ano da tua estreia. Era um clube do estilo do Clube do Fogo do Inferno do primo Francis.

Eu preferia não me lembrar. *Sir* Francis Dashwood, um primo da parte do nosso pai, tinha fundado o infame Clube dos Medmenham, conhecido pelo nome mais descritivo e acertado de Clube do Fogo do Inferno. Os membros eram famosos pelas suas façanhas, tanto nas alcovas, como nas capelas. Depois da sua dissolução, outros jovens réprobos tinham tentado recuperá-lo, sem muito sucesso.

Portia continuava a pensar em voz alta.

– Como se chamavam? Qualquer coisa como... Brimstone! Sim, o Clube Brimstone. Tinham uns rituais muito desagradáveis, em que desfloravam várias virgens de uma só vez, esse tipo de coisas. E com superstições tolas. Bebiem em crânios de virgens para se curarem de enfermidades. Tens de te lembrar. Falou-se muito disso durante toda a temporada. Especulava-se sobre quais eram os membros. Eram muito misteriosos quanto à sua pertença e ninguém sabia com certeza. Salvo Roland Phillips, que falava disso. Como é óbvio, aquela família nunca foi conhecida pela sua discrição. Roland contava que levavam corvos quando se reuniam, para criar ambiente, suponho. O seu pai comprou aquela quinta do outro lado de Basingstoke. Usavam o velho celeiro como ponto de encontro do clube.

Acho que estava quase em ruínas, muito fantasmagórico. Diz-se que tentavam conjurar os mortos.

Eu olhava para Portia com espanto.

– Estás a inventar isso tudo. Estás bastante bêbeda. Dá-me o champanhe.

Ela pegou na garrafa e pô-la fora do meu alcance.

– Não estou a inventar. Era divertido e benéfico – disse, com os olhos brilhantes de picardia. – Eu chantageei Bellmont para que me desse uma pequena quantia em troca de não dizer a Adelaide que ele era membro daquele clube.

– Não! – exclamei.

Eu não acreditava que Portia tivesse reparos em fazer uma extorsão inofensiva a um membro da nossa família. O que me impressionou foi a ideia de que o nosso irmão mais velho tivesse feito algo que tivesse de esconder.

– Não tenhas ilusões, querida. Monty é puro como a neve, garanto-te. Mas sabes como Adelaide é puritana. Se tivesse havido o mínimo escândalo a respeito de Monty, nunca se teria casado com ele. Pensei que seria divertido incomodá-lo um pouco e conseguir uns trocos. Como era tolo, pagou-me.

– Portia, isso é horrível. Quanto?

Ela sorriu.

– Nunca direi. Basta dizer-te que o meu domínio sobre ele terminou quando me descobriu numa situação comprometedoras com Daphne Pascoe.

– Não! Eu pensava que Jane era... Quer dizer, me apercebi – tentei dar com as palavras adequadas. As minhas tentativas de o dizer com tato fizeram com que a minha irmã se risse.

– Minha pobre irmã... A minha vida não encaixa facilmente nos padrões corretos, pois não?

– Não – respondi. – Mas nenhuma das nossas vidas encaixa.

Ela pôs Puggy no colo.

– Ah, isso, não sei... Tu fizeste o que se esperava de ti. Casaste-te com o amor da tua infância, viveste numa casa tranquila numa rua tranquila, foste a festas respeitáveis, vestiste...

– Sim, eu sei. Roupas recatadas. Fazes com que pareça deprimente. Bom, penso provocar um belo escândalo assim que tenha oportunidade. De facto, talvez já tenha começado. Esta semana, fui muito mal-educada com o doutor Griggs.

Portia olhou-me com pena.

– Querida, terás de fazer muito mais do que desprezar aquele velho rezingão para expiar uma década de normalidade.

– É um começo – respondi eu, pensando em tudo o que não lhe tinha contado. – Pelo menos, é um começo.

## Trinta e três

«A proclamação é feita em maio e não pequemos mais, como fizemos ao ficar. Minha Corinna, vamos, vamos dar um passeio de maio.»

Robert Herrick, *Corinna a passear no mês de maio*.

No dia seguinte, Morag levou-me o correio da manhã com o chá. Apoiado contra o bule de prata havia um envelope bege grosso, com uma letra que já me era familiar. Abri-o com a faca da manteiga.

Milady,

*Reuni-me com a proprietária do estabelecimento em questão. A dama, a menina Sally Simms, recusou-se a proporcionar-me informação útil, por respeito, conforme disse, à confidencialidade do cliente. Só pude confirmar que a caixinha estivera nas mãos da menina Simms e que os objetos daquele tipo eram um obséquio que se oferecia como mostra de estima aos bons clientes. Declinou revelar se isso se aplicava também a sir Edward e sugeriu que era possível que a caixa tivesse passado por muitas mãos antes de chegar a ele por meios inocentes. Continuarei a investigar este ponto, mas, neste momento, vejo-me obrigado a partir para Paris por uma questão de negócios. Escreverei novamente quando regressar, o que acontecerá dentro de cinco ou seis dias. Devo pedir-lhe que não se envolva na investigação de forma nenhuma durante este tempo.*

*Atentamente,*

*Nicholas Brisbane.*

Morag andava afanosamente pelo quarto, enquanto cantarolava em voz baixa. Eu reprimi o desejo de amachucar o papel e atirar-lho. Se não conhecesse tão bem a letra, não acreditaria que Brisbane fora o autor daquela missiva. Era fria, arrogante e pedante, muito ao estilo da sua atitude

quando nos tínhamos conhecido, mas eu pensara, tinha esperado, que tivéssemos avançado desde então. Estava muito zangada com ele, entre outras coisas, por ir para Paris quando estava claro que tínhamos assuntos inacabados em Londres.

Com o sobrolho franzido, mastiguei a torrada enquanto pensava no que ia fazer. Podia continuar a deambular pela casa ou podia ir à cidade fazer umas quantas visitas para espairecer e não arranjar problemas até ao regresso de Brisbane. Embora estivesse zangada, não tinha vontade de invocar uma explosão de cólera. Esperaria pacientemente até que voltasse e, então, visitá-lo-ia e pedir-lhe-ia informação com boas maneiras.

Não tinha dúvida de que a sua ida a Paris se devia, em parte, ao seu aborrecimento comigo. Muito bem. Recuperaria o seu favor, seguindo as suas instruções, por muito que me incomodasse, e resolvendo alguns pequenos mistérios por mim mesma. Durante o jantar, enfrentaria Valerius e obrigá-lo-ia a dizer-me a verdade sobre as suas travessuras. E, até que chegasse esse momento, averiguaria o que continha o misterioso bálsamo de beleza da *madame Bellefleur*.

Ela recebeu-me com o seu afeto e o seu encanto habituais. Ao ver-me, abraçou-me como a uma velha amiga.

– Que surpresa deliciosa! Estava a morrer de tédio e de solidão e aqui estás tu, um anjo de misericórdia – disse, enquanto entrelaçava o seu braço com o meu.

Fez-me entrar no salão e chamou Therese para lhe pedir que nos levasse bolo e uma bebida com um aroma delicado a limão, fresca, perfeita para aquela manhã calorosa.

– Que tempo maravilhoso! – comentou, enquanto me estendia um prato cheio de torta de laranja. – Esta manhã, estava a dizer a Therese que ia ser um dia esplêndido. Tanto calor para o 1º de maio!

Eu olhei-a com espanto.

– Hoje é dia um de maio? Que maravilha! Não me tinha apercebido.

Ela sorriu-me.

– Celebra-se muito no campo, não é? Com postes com fitas e rainhas de maio.

– Sim. Há festas e flores. É um verdadeiro espetáculo. Perdemos essas coisas vivendo na cidade. Oxalá me tivesse lembrado... Ter-lhe-ia trazido uma cesta de ervilhas-doces. Existe a tradição de as pendurar na porta de alguém e fugir antes que nos vejam.

– Que divertido! Conta-me mais.

Eu fi-lo. Falei-lhe de como se levava ramos de espinheiro para casa, das danças folclóricas, das partidas de críquete e senti uma tremenda falta do campo. Bruscamente, mudei de assunto.

– Este refresco é delicioso, *madame*. Tem de me dizer como se faz.

Ela agitou um dedo diante de mim.

– O meu nome é Fleur, já não te lembras? E o refresco é muito simples de preparar. Escrevo-te a receita depois.

Eu tirei o frasquinho da minha mala.

– Isto é tudo o que resta do cosmético que me deste. A minha criada tentou prepará-lo, mas receio que careça da tua habilidade. A única coisa que consegui foi um xarope de cor rosácea.

Fleur riu-se e aplaudiu.

– Então, vou dar-te mais. É um prazer partilhá-lo.

E eu acreditei. Via o prazer genuíno que lhe produzia dar-me o bálsamo e perguntei-me se seria porque ela construía uma vida a receber. Aceitar joias, presentes e dinheiro dos seus admiradores devia ser entediante depois de muito tempo, pensei. O facto de ser capaz de dar algo devia nutrir um lado primitivo dela.

– Estás pensativa – disse-me de repente. – Perdoa-me que to diga, mas penso que estás a pensar demasiado.

Eu sorri.

– Sim, penso muito. Perguntava-me se tens notícias de Brisbane.

Ela assentiu.

– Foi hoje para Paris. Sou muito má. Sei que foi por trabalho, mas, de qualquer forma, pedi-lhe que fosse à Guerlain e me trouxesse o meu perfume preferido, um pouco de chocolate, laços, leques, meias... – a sua voz fundiu-se com uma gargalhada. – Sou horrível com ele, mas ele é muito bom comigo e eu adoro os pequenos tesouros da minha casa.

Eu hesitei e bebi outro gole de refresco antes de falar.

– Fleur, sei que a sua mãe era cigana.

Fleur arqueou um sobrolho.

– A sério? Disse-to ele?

– Não precisamente. Bom, eu segui-o... No decurso de uma investigação – esclareci apressadamente. – Não, não me olhes assim. Não queria espíá-lo, a sério. Pensei que estava em perigo, mas, então...

Ela sorriu. A breve sombra de desaprovação do seu semblante desapareceu.

– Entendo. É muito obstinado, às vezes, quase de uma forma estúpida. Suponho que não tenha reagido muito bem a que descobrisses o seu segredo.

Tive de afastar da cabeça a lembrança da casca áspera da árvore a arranhar-me as costas, dos seus dedos entre o meu cabelo... Fora uma boa distração. Teria sido só um estratagema para me distrair da descoberta que eu acabava de fazer?

Voltei a concentrar-me na conversa com Fleur.

– Não. Esteve zangado durante algum tempo. Depois, reconciliámo-nos, mas parece-me que ainda está chateado comigo.

Fleur encolheu os ombros.

– Os homens são criaturas orgulhosas e Nicholas é mais orgulhoso do que a maioria. Perdoar-te-á antes de se perdoar a si mesmo.

– Talvez. Tentei que compreendesse que não me importa minimamente, mas sei que ele pensa que sim.

Fleur inclinou-se para diante, olhando-me com tanta intensidade que me perguntei se praticava hipnotismo.

– Mas importa. A mim, não, nem a ti, mas nós somos mulheres elucidadas, querida. Julgamo-lo pelo homem em que se converteu, não pelo menino que foi, nem pelo sangue que lhe corre pelas veias. No entanto, sempre existirão os que... – interrompeu-se durante um instante e estremeceu. – Lembro-me de uma vez, em Budapeste... Foi horrível. Pensei realmente que iam matá-lo. Cometeu o erro de dizer uma palavra em romani à pessoa errada, uma pessoa poderosa com amizades e que tinha ressentimentos contra o seu povo. Não penso que Nicky mo tivesse contado sequer a mim se não fosse aquele homem. Necessitava de ajuda para sair da cidade e acudiu a mim, e eu fui ter com o meu marido. Juntos conseguimos tirá-lo de lá são e salvo.

Eu estava a olhá-la com estupefação. Parecia uma história romanceada. Fleur sorriu-me enigmaticamente.

– Eu sei. Parece incrível. Mas foi assim que acabaram as coisas entre mim e Nicky. Ele teve de fugir para salvar a vida e eu devia a salvação dele ao meu marido. Sentia-me tão agradecida a Serge... Ele arriscou muito para salvar Nicky, só para me fazer feliz. Compensei-o amplamente – disse, rindo-se com calor. – Desde então, as coisas mudaram muito. No entanto,

há outras que continuam iguais. Nicky é orgulhoso. Por muito que diga que não lhe importa, não é verdade. Esse espinho magoa-o, às vezes, mais do que uma espada.

Eu assenti enquanto recordava as palavras amargas que me dissera sobre os comentários dos seus primos.

– Acho que tens razão. Sei que foi difícil para ele quando era criança e ainda é difícil com a sua família. Disse-me que não está zangado por eu o ter descoberto. Talvez tenha de se habituar à situação.

– Talvez. Já tem mais de trinta e cinco anos. Os homens começam a mudar nessa altura, a ser mais sérios, mais sábios sobre as coisas que verdadeiramente importam.

– Tenho a certeza de que tens razão – insisti. – Diz que não lhe importa que finalmente se saiba a verdade e que a sua vida social acabe. Contou-me que só cultivava a respeitabilidade para conseguir casos mais lucrativos.

Novamente, aquela gargalhada suave, quente.

– Isso é próprio de Nicky. Tem a alma de um pirata, não tem?

Eu sorri.

– Mais ou menos – disse. Depois, fiquei séria e pensei noutra coisa que queria perguntar-lhe. – Fleur, quando Brisbane veio passar aqui a sua convalescença... Quer dizer, perguntava-me se a sua saúde... as suas enxaquecas... Só o pergunto porque penso que sofre muito e o seu assistente, Monk, disse-me que foi a vários médicos. Os seus remédios são pouco ortodoxos, perigosos, receio. Esperava que houvesse alguma coisa que pudesse fazer-se por ele. Por favor, não lhe digas que falei com Monk. Ele não sabe. Eu só pensei que, se soubesse mais, se conseguíssemos descobrir a causa, talvez pudesse ajudar.

– Minha pobre menina, não sabes, pois não? – perguntou-me Fleur, olhando-me com pena. – Não há remédio para Nicky porque ele não deseja encontrá-lo. Sabe perfeitamente o que lhe provoca as enxaquecas.

Eu deixei o meu copo na mesa, porque me tremiam as mãos.

– Sabe? Então, porque não toma medidas? Certamente, pode fazer-se alguma coisa.

Ela estava a abanar a cabeça com resignação.

– Não, o preço seria demasiado alto para Nicky. Lutar contra aquelas dores de cabeça implicaria aceitar o que é verdadeiramente e não pode fazê-lo.

– Fleur, estás a desconcertar-me. Deixa-te de enigmas! – exigiu-lhe. Estava zangada e um pouco assustada também.

– É muito simples, querida. Nicky é clarividente.

Por amabilidade, não me ri. Mas sorri.

– Fleur, deves estar a brincar...

Ela continuou com total seriedade.

– Não. Nicholas é clarividente. Descende de uma antiga linhagem de ciganos que têm o mesmo dom. Ou maldição, como diz ele.

– Não posso acreditar. Clarividência! É uma história para crianças. Não podes acreditar nisso...

– Claro que sim. Ao princípio, parecia-me tão inverosímil como a ti. No entanto, não há outra explicação. Vou contar-te a verdade, querida, de porque Nicholas teve de sair de Budapeste em perigo de morte. Não foi por falar em romani diante da pessoa errada. A verdade é muito pior. Havia um homem muito importante, um conde muito rico com muitos contactos na alta sociedade. O seu filho desapareceu um dia, quando estava com a ama no parque. Ela distraiu-se por um instante e o menino desapareceu. O pai, desesperado, contactou todos os seus amigos influentes. Revistou-se toda a cidade, mas não o encontraram. Passaram dois dias e, naquela noite, Nicky teve um sonho horrível. Acordou a gritar, encharcado em suor, com o olhar perdido. Nem sequer sabia que estava a gritar.

– E o que gritava?

– «Não, pai, não deixes que me matem!» – disse-me Fleur. Gritava com uma voz infantil.

– Isso foi um pesadelo. Não prova nada. Qualquer um pode sonhar algo parecido.

Fleur continuou a contar a história, sem emoção, com a voz neutra.

– Nicholas estava a desenvencilhar-se na Hungria com o seu francês excelente e um pouco de alemão. Nunca se incomodou em aprender húngaro.

Eu engoli em seco.

– E, naquela noite...

– Naquela noite, falou um húngaro perfeito. Com a voz de uma criança. Quando acordou, pôde dar uma descrição exata do lugar para onde tinham levado o menino, um lugar que ele não conhecia e cuja existência desconhecia.

Ficámos em silêncio durante um minuto.

– Isso é extraordinário... – consegui dizer. Ela sorriu ligeiramente.

– Isso não é tudo. A descrição era também a de uma criança. Contou o que podia ver uma criança, o que uma criança podia recordar. Quando seguiram as indicações que ele lhes dera, encontraram o menino. Tinham-no assassinado brutalmente. E a primeira pessoa de quem suspeitaram...

– Foi Nicholas – sussurrei eu.

– Claro. Era lógico. Quem saberia onde podiam encontrá-lo, salvo o homem que o tivesse deixado lá? Foi por isso que tive de o tirar da cidade antes que fossem atrás dele. Passaram duas semanas antes que descobrissem o verdadeiro assassino, apanhado em flagrante a sequestrar outro menino. Provou-se que fora ele quem tinha assassinado o primeiro. Inclusive, confessou-o antes da sua execução.

– Podiam tê-lo enforcado – disse eu.

Fleur abanou a cabeça com expressão muito triste.

– Não foi isso o que estive prestes a destruí-lo. Foi o sonho. Foi real para ele, tão real como se o tivesse vivido. Viveu-o. Sentiu-se aterrorizado e atormentado como o menino. Disse-me que tinha sonhos assim há anos, às vezes enquanto estava acordado. Tinha tentado controlá-los, erradicá-los. Por vezes, tomava coisas que o faziam dormir muito profundamente, para que não pudesse sonhar, e, outras vezes, para se manter acordado durante dias. Sentia sempre quando ia ter um daqueles sonhos, como se estivessem a juntar-se nuvens de tempestade na sua mente. Às vezes, era capaz de os controlar. Outras vezes, os sonhos eram muito fortes. E, quando estava a lutar contra eles, sofria as terríveis dores de cabeça. Uma decisão salomónica, não achas? Ou os sonhos horríveis, ou as dores tremendas. Ele odeia os sonhos. São um legado do seu sangue cigano. A família da sua mãe tem fama por causa deles. Talvez por essa razão, mais do que por qualquer outra, virou as costas à sua gente.

Eu fiquei imóvel, exausta pelas emoções que me tinham percorrido enquanto a ouvia. Não conseguia imaginar como era viver uma vida assim, a tentar sempre fugir da própria mente... Como um animal ferido a morder a pata presa numa armadilha.

– Era o que se passava quando veio para cá. Estava a recuperar de um desses sonhos.

Ela assentiu.

– Exato. Tinha tentado, desesperadamente, afastar as visões.

– E conseguiu-o?

– Não por completo, mas viu o suficiente para se assustar bastante – disse-me Fleur.

– Com o que sonhou desta vez? – perguntei-lhe com um fio de voz.

– Minha querida ... – ela estendeu a mão e acariciou-me. – Sonhou contigo.

## Trinta e quatro

«Embora isto seja loucura, há um certo método nela.»  
William Shakespeare, *Hamlet*.

Não pôde dizer-me mais nada. Quando Fleur lhe perguntara pelo sonho, Nicholas tinha murmurado o meu nome. Só isso. Ela não soube dizer-me se eu estava em perigo ou se era só uma espetadora no sonho.

Não me consolou. Os detalhes que me dera sobre a sua aventura na Hungria tinham-me deixado gelada e nervosa. Não consegui evitar olhar para trás, por cima do ombro, a caminho de Grey House. Ninguém me seguia, mas senti-me melhor quando a porta se fechou e eu fiquei a salvo na minha própria casa.

Fleur tinha-se desculpado, é óbvio. Não fora sua intenção alarmar-me. Fez-me notar que a ausência de Brisbane era o indicador mais fiável de que não existia perigo algum para mim. Caso contrário, ele não teria saído de Londres.

Aquilo não me tranquilizou. Recordei o que ele me dissera quando tínhamos começado a investigação. Tinha-me advertido do perigo, mas eu não lhe tinha prestado atenção. Parecia-me um jogo maravilhoso, um entretenimento de salão, o facto de encontrar a pista de um assassino antes que ele soubesse que estávamos a persegui-lo.

Fora uma estúpida. Agora, dava-me conta. Tinha confiado numas quantas pessoas leais, mas devia tê-lo feito? Eram merecedoras da minha confiança? Ou só estavam à espera da altura certa, quando estivesse desatenta, para me darem um empurrãozinho pelas escadas? Uma luva inocente impregnada em veneno... Uma caixa de bombons envenenados... Tranquei-me no meu estúdio, no meio da angústia, durante uma hora, até que recuperei o bom senso. Devia acalmar-me e, apesar das advertências de Brisbane, a única coisa que podia fazer era continuar com a investigação. O quanto antes fosse desmascarado o assassino, mais depressa passaria o perigo.

Decidida, peguei num bloco e escrevi tudo, detalhando as provas que tínhamos encontrado e todos os raciocínios e acontecimentos que nos tinham levado àquele ponto, e os becos sem saída que nos tinham confundido. Escrevi sem descanso, sabendo que, se continuasse, algo se destacaria das páginas diante dos meus olhos.

E ali estava. Era tão simples, que não entendi como não nos tinha ocorrido, nem a Brisbane, nem a mim. O livro de salmos. Conhecíamos o texto da mensagem que eu tinha encontrado, mas não o resto. As outras mensagens também tinham saído do livro de salmos e tinha de haver alguma razão para que alguém tivesse selecionado aqueles fragmentos em concreto. O que nós tínhamos visto estava relacionado com a corrupção, mas haveria outros mais concretos? Assinalariam algum pecado que Edward tivesse podido cometer contra o que os enviara?

Com energia renovada, peguei no livro de salmos do meu crisma e tirei uma velha bíblia da estante. Comparei cuidadosamente os livros e anotei os versos exatos que tinham sido convertidos em ameaças a Edward. Havia oito no total, incluindo o último, o que eu tinha encontrado escondido na secretária de Edward. Depois de os escrever numa folha, analisei-os atentamente.

O primeiro parecia uma advertência.

*O rosto do Senhor está contra os que fazem o Mal, para acabar com a sua memória à face da Terra.*

O segundo era parecido.

*Aqueles que se afastam de Ti perecerão; Tu destruíste todos os que se afastaram de Ti para fornicar.*

O terceiro e o quarto eram macabros.

*Deus destruir-vos-á para sempre, arrancar-vos-á da vossa morada e abandonar-vos-á longe da terra dos vivos.*

*Que a morte os esgote e que desçam rapidamente ao inferno; porque a perversidade está nas suas moradas e entre eles.*

O quinto e o sexto continuavam num tom mais feroz do que os anteriores.

*Tu, oh, Deus, afundá-los-ás na fossa da destruição; homens violentos e mentirosos que não viverão nem metade dos seus dias, mas eu confiarei em Ti.*

*Tal como o fumo se dispersa e se desvanece, fá-los desaparecer; como a cera se derrete perante o fogo, deixa que os malvados pereçam na presença de Deus.*

Quase não tinha a coragem de ler os últimos dois.

*Mas os malvados perecerão e os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros: consumir-se-ão. No fumo, consumir-me-ão.*

*Não deixes que me envergonhe, oh, Senhor, porque recorri a ti; que se envergonhe o malvado e que reine o silêncio no seu túmulo.*

Todas aquelas palavras me encheram a mente. Tanta maldade e destruição... Estava claro que o remetente queria acusar Edward de uma perversidade, mas do quê? Havia imagens de vergonha, engano e destruição pelo fogo, todas muito vagas. No entanto, houve um verso que me tinha chamado a atenção mais do que os outros: *Tu destruístes todos os que se afastaram de Ti para fornicar*. Era significativo que tivesse escolhido aquele fragmento, talvez porque era o único de todo o livro de salmos que continha aquela palavra. Se fosse assim, assinalava claramente numa direção: o bordel.

O único lugar onde não podia ir investigar enquanto Brisbane estivesse fora da cidade. Amaldiçoei-o, como também amaldiçoei a minha incapacidade de conseguir a informação que necessitava. Poderia disfarçar-me e tentar ir, mas levava muito a sério a advertência de Brisbane. Se ele dizia que havia valentões cujo único propósito era torturar os curiosos e os que causavam problemas, eu acreditava. Não precisava de o ver com os meus próprios olhos. O que precisava era de um homem. E sabia onde podia encontrá-lo.

## Trinta e cinco

«Muitos desmaiam quando veem sangue.»

William Shakespeare, *Como queiram*.

– Nem pensar! – disse-me Valerius, quando lhe expus o meu plano. – Deves estar louca.

– Não, não é verdade. Só quero que vás à Caixa de Pandora e que faças umas quantas perguntas. Não penso que seja pedir muito.

– Claro que sim! Além de uma falta de decoro, o que estás a pedir-me é perigoso.

Eu suspirei e afastei o prato da sobremesa. Não pensara que o meu irmão fosse tão difícil. Tinha elaborado um bom plano que eu ia financiar por completo. A única coisa que Val tinha de fazer era fingir um pouco. Tinha de se apresentar no prostíbulo e requerer a companhia de alguma jovem. Quando estivessem em privado, podia oferecer-lhe uma quantia generosa em troca de que lhe respondesse a algumas perguntas. Parecia-me simples. A rapariga nem sequer teria de se despir. Ganharia dinheiro por um pouco de conversa e a proprietária do negócio nunca o saberia. Disse tudo isso a Valerius. Ele não respondeu. Permaneceu imóvel, com o olhar fixo no seu pudim.

– Não posso fazê-lo – disse-me, sem me dirigir o olhar. – Oxalá pudesse, mas não é possível, Julia. Não me peças isso, por favor.

– Não, não, claro – respondi eu, com um tom de voz gelado. – Não podes fazer algumas perguntas a uma pobre prostituta. Mas há outras perguntas, sabias, Valerius? Perguntas que eu poderia fazer-te a ti, sobre a noite em que chegaste a casa com a camisa cheia de sangue e a explicação falsa que me deste. Acreditei da primeira vez, mas não da segunda – ele ficara muito pálido e tinha os lábios apertados. Não disse nada e eu continuei em voz baixa: – Não te questioneei, embora saiba que houve muitas noites e muitas camisas. Não te perguntei por Magda, embora tenha encontrado arsénico no quarto dela e ela tenha admitido que queria envenenar-te.

O meu irmão sobressaltou-se.

– O quê? O que disseste sobre Magda?

Eu bebi um gole de vinho.

– Tinha arsénico no quarto. Queria matar-te pelo que fizeste a Carolina.

– Carolina! Não podes pensar que eu tivesse alguma coisa a ver com esse assunto tão horrível!

– Ela disse que tu... – fiquei calada perante a veemência do meu irmão. Magda alguma vez tinha dito o nome dele? Pensei na nossa conversa. Alguma das duas tinha mencionado o seu nome?

Val inclinou-se para diante com gravidade.

– Garanto-te, Julia, que eu não tive nada a ver com a exumação de Carolina. O que fiz foi terrível, mas nunca faria isso.

Olhei-o fixamente.

– Valerius, tens de me dizer a verdade.

Ele assentiu. Nunca vira aquela expressão de seriedade no seu rosto. Pela primeira vez, vi o homem e não o meu irmão mais novo, o menino.

– Não posso ir à Caixa de Pandora porque me conhecem lá.

Eu bebi mais um pouco de vinho e notei que me arranhava a garganta.

– Continua.

– Sabes que o papá nunca me permitirá abrir a minha própria clínica. Não imaginas o que significa para mim o facto de que me neguem a única coisa que sei fazer bem. E posso fazê-lo. Poderia ser um bom médico, Julia.

Falava com calma, sem súplicas. Não havia petulância no seu tom de voz, senão a dignidade sóbria de um homem adulto.

– Estás a dizer que não vais àquele lugar como cliente, mas como médico?

Ele esboçou um sorriso triste.

– Julia, se pudesses vê-las, entenderias porque não me sinto tentado. A maioria delas são criaturas que provocam pena. São bonitas durante alguns anos, enquanto são jovens, antes de a doença e a dureza da sua profissão as desgastarem. Aquela vida faz com que envelheçam rapidamente. E há muito pouca gente, como a tia Hermia, que se preocupa com elas. A tia ajuda aquelas que já deixaram a prostituição. Eu faço o que posso pelas que ainda a praticam. Todas as semanas, vou vários dias à Caixa de Pandora para administrar tratamentos às prostitutas daquele estabelecimento e de outros que pertencem à mesma proprietária. Às vezes, chamam-me de noite, se

houver uma emergência. A proprietária paga pela assistência médica, mas eu dou o dinheiro à tia Hermia para o seu abrigo. É tudo o que posso fazer.

Valerius fez uma pausa para avaliar a minha reação. Eu ainda não sabia o que pensar, portanto, não disse nada.

– A tia Hermia sabe?

– Não. Acha que tenho sorte às cartas.

– Certamente, é melhor não lho dizeres. Obrigar-te-ia a tratar as penitentes do abrigo.

– Eu gostaria disso, gostaria de poder ser sincero e aberto. Acredita, Julia, eu nunca quis que as coisas chegassem a isto. Não queria enganar o papá. Ofereceram-me a oportunidade de trabalhar e aproveitei-a. Sei que foi estúpido e precipitado, mas o papá nunca mo teria permitido.

– É melhor pedir perdão do que permissão – disse eu em voz baixa.

– Sempre nos pareceu que essa era a melhor maneira de lidar com o papá, não é verdade?

– Suponho que sim. E o que fazes pelas prostitutas?

– O que for necessário. Às vezes, os homens são brutais e deixam-lhes hematomas, inclusive ossos partidos. Muitas delas têm doenças e necessitam de remédios. Algumas ficam grávidas e não deviam ficar.

Eu fiquei muito tensa.

– Abortos – disse eu. Val assentiu. – Oh, Valerius, como podes fazer isso?

– Porque, se não o fizer eu, fá-lo-á outro, certamente um velho açougueiro bêbedo que lhes perfurará o útero e as matará. Pelo menos, se o fizer eu, não morrem.

– Não, vivem para ficar grávidas novamente! – gritei eu, sem conseguir conter-me. Antes que ele me fizesse uma recriminação, levantei a mão. – Desculpa. Isso foi cruel.

– Não, é verdade. Essa é a parte mais difícil, sabes? Tentar com todas as tuas forças que se salvem de si mesmas. Curar-lhes as feridas e as nódoas negras, com a esperança de que daquela vez talvez reúnam a dignidade que lhes resta e se vão embora, quando ainda podem fazê-lo. Eu pensava que a tia Hermia era tonta por se preocupar tanto com o que acontecia às suas mulheres. Lembro-me de que chegava a chorar a casa porque uma delas tinha voltado a vender-se. Nunca entendi porque não era capaz de encolher os ombros e continuar. Há demasiadas para salvar. No entanto, agora eu faço o mesmo: lembro-me das suas caras e dos seus nomes, e de todas as histórias das raparigas que vi no bordel. Às vezes, uma não volta e finjo que

é porque se foi embora. O mais provável é que tenha morrido ou que não tenha deixado satisfeito algum cliente e que a tenham vendido a um prostíbulo mais barato. E, quando uma delas acode a mim porque está grávida, espero sempre que aquela vez seja a última, que ouvirá e aprenderá. Faço tudo o que posso para as ajudar a que não aconteça outra vez.

– E consegue-lo?

– De vez em quando, alguma delas ouve, sim. Eu espero com todas as minhas forças que recorde o que lhe ensinei. E, um dia, se deixar a prostituição, casa-se e adota um modo de vida respeitável, e poderá ter filhos, ao contrário de muitas das suas colegas.

– Oh, Valerius... Porquê isto? Porque não foste para os asilos dos pobres? Ou para os orfanatos?

O sorriso de tristeza apagou-se-lhe dos lábios e a sua expressão foi de dor.

– Por causa da mamã.

– Porque morreu no parto?

– Porque eu a matei – sussurrou.

– Não sejas estúpido! – ordenei-lhe com dureza. – Eras um recém-nascido. A culpa não foi tua.

– Agora, sei-o. No entanto, em Abbey havia uma ama que estava sempre a olhar para mim e que me dizia como as pessoas adoravam a condessa, e que ela tinha morrido por minha causa.

– Isso era uma idiotice e uma crueldade. Mexericos completamente falsos.

– Mas tu acreditavas.

– Tinha seis anos! Também acreditava em fadas. Como tu mesmo disseste, agora sei a verdade.

O meu irmão assentiu.

– Bom, quando comecei a estudar Medicina, queria saber tudo sobre o nascimento e porque é que algumas mulheres que não têm assistência médica podem ter filhos com tanta facilidade como respiram e outras, inclusive com os melhores médicos, morrem ao dar à luz.

– Foste o décimo filho em dezasseis anos – disse-lhe eu. – Talvez estivesse esgotada. Nesse caso, culpa o papá.

– Durante algum tempo, fi-lo, quando deixei de me culpar. Mas isso também não me agradava, portanto, acabei por culpar Deus.

– E quando deixaste de culpar Deus?

– Oh, não deixei de o fazer... É mais fácil culpar alguém que não tens de ver todos os domingos ao almoço.

– Bom, não vou criticar-te nisso. Também sou culpada.

Permanecemos em silêncio durante um bocado. Val levantou-se e aproximou-se da mesa de apoio, onde serviu dois copos de vinho do Porto. Normalmente, eu não bebia, porque era um vinho para homens, mas aquela era uma colheita que Aquinas tinha selecionado e era um licor escuro e denso que encaixava perfeitamente com o meu estado de espírito rebelde.

– Bom, esta é a minha verdade – disse Valerius, por fim. – Qual é a tua?

Eu contei-lhe. No entanto, naquela ocasião não omiti nada. Inclusive contei-lhe a verdade sobre a indisposição de Brisbane e a sua origem cigana. Depois, pedi-lhe encarecidamente que nunca revelasse aquele segredo.

Quando acabei de falar, ele serviu mais dois copos de vinho do Porto.

– Devemos ser muito tontos para não nos termos dado conta antes – comentou. – Eu nem sequer o entendi quando o vi a falar romani. Foi tudo tão rápido... E, depois, ele começou a perseguir-te para a carruagem e...

Ficou calado e eu baixei o olhar. Val e eu tínhamos partilhado muitos segredos naquela noite, mas havia algumas coisas das quais eu não queria falar. Além disso, tinha outra pergunta a fazer-lhe.

– Val, alguma vez viste Edward na Caixa de Pandora?

Ele hesitou. Depois, assentiu.

– Sim. De facto, foi ele que me levou lá. A menina Simms, a proprietária, queixou-se diante dele de que era muito difícil encontrar um médico que estivesse disposto a tratar as prostitutas e que fosse discreto. Edward pensou em mim e pediu-me que o acompanhasse a conhecer a menina Simms. Eu pensava que era um benfeitor – explicou-me apressadamente. – Não sabia que era cliente. Suponho que também devesse ter-me dado conta, mas que não queria saber que estava a trair-te. Portanto, convenci-me de que só se preocupava com o bem-estar delas. Como eu.

– Talvez fosse assim ao princípio – disse.

– Acho que tens razão. Certamente, o verso sobre a fornicção refere-se às visitas dele ao prostíbulo. Mas, se Brisbane não conseguiu informação da menina Simms, eu também não a conseguirei, garanto-te. Ela é muito dura. No entanto, talvez haja outras...

Ele ficou calado e eu pus as minhas mãos sobre as suas.

– Tenta-o, Val. Por favor.

Valerius assentiu.

– Tenho um caso lá, uma rapariga com o braço partido que lhe engessei ontem. Tem um pouco de febre e queria ir visitá-la. Posso fazer-lhe algumas perguntas, mas tenho de ser discreto, muito discreto, e talvez não consiga a informação que necessitas. Não posso pôr em perigo a confiança que ganhei, compreendes?

– Sim, claro. Obrigada.

Levantámo-nos. Pela primeira vez desde que éramos crianças, envolveu-me num abraço. E, como naquela ocasião não estava a tentar enfiar-me aranhas pelo vestido, gostei muito.

Depois de Val se ir embora, subi até ao quarto de Simon para lhe fazer companhia. No entanto, estava a dormir. Desmond estava sentado ao seu lado. Eu sorri-lhe.

– Como esteve esta tarde?

Ele levantou-se sem fazer ruído.

– O médico esteve aqui há pouco, *milady*, e disse que *sir* Simon tinha melhorado um pouco. Baixou-lhe a febre e tem o pulso mais forte.

– A sério? Bom, o mais importante é que esteja confortável – disse, notando que se mexia um pouco em sonhos. – Está bem agasalhado?

– Sim, *milady*. O doutor Griggs deu-me instruções muito precisas para o seu cuidado.

Tinha uma expressão preocupada e eu apressei-me a acalmá-lo.

– Tenho a certeza de que estás a fazer um trabalho excelente, Desmond. Sei que não é a tarefa mais gratificante, mas é importante e tens o agradecimento da família.

Desmond ruborizou-se profundamente e baixou o olhar. A sua timidez era evidente. Antes que eu pudesse falar novamente para lhe dar confiança, ele recompôs-se e fez uma pequena reverência de respeito.

– Obrigado, *milady*. Faço-o o melhor que posso.

Eu sorri novamente e saí do quarto. Pelo menos, havia uma situação que deixava em mãos capazes. Não estava tão certa disso quanto a Val.

Não precisava de me ter preocupado a esse respeito. Val voltou tarde para Grey House, mas eu deixara a luz do meu quarto acesa como sinal de que não me tinha retirado. Ele bateu suavemente à porta e eu pedi-lhe que entrasse.

Sorriu-me com cansaço.

– Sucesso.

Eu dei algumas palmadinhas na cama para que se sentasse ao meu lado e pudéssemos falar sem incomodar ninguém.

– Não imaginas como foi fácil – contou-me. – Estava prestes a bater à porta do escritório da menina Simms, como faço sempre, para a avisar de que tinha chegado. Justamente quando ia bater, ouvi-a a falar com uma das raparigas num tom acalorado. Estava a advertir-lhe que tinha aparecido um homem por lá a fazer perguntas sobre *sir* Edward Grey e que a proibia categoricamente de lhe dizer o que sabia.

– Brisbane! – disse eu com entusiasmo.

Val assentiu.

– Simms ameaçou-a com uma surra se falasse. A rapariga jurou-lhe que nunca contaria nada. Depois, a menina Simms disse-lhe que se fosse embora.

– Mas se a rapariga prometeu...

– Uma promessa feita à menina Simms não significa nada. Ofereci algumas moedas a Cass e a rapariga, falou. Embora ache que odeia tanto a menina Simms que teria falado comigo só por desprezo por ela.

– E o que descobriste?

– Não tudo. Confirmou-me que via *sir* Edward com frequência e que falava com ele. E, quando lhe disse que a sua viúva tinha perguntas, disse-me que estava disposta a falar diretamente contigo.

Eu fiquei a olhá-lo com a boca aberta.

– E tu disseste-lhe que não.

– Não – respondeu ele. – Queres respostas e Cass quer dar-tas.

– Val, agradeço-te por essa tal Cassandra...

– Cassiopeia – disse-me.

– O quê?

– Cassiopeia. As raparigas têm um nome de guerra da mitologia grega. Para combinar com o nome da casa.

– Sim, bom, isso é muito louvável, mas, de qualquer modo, não penso que eu deva conhecer essa pessoa.

Lamentei as minhas palavras assim que as pronunciei. Val punha em perigo o seu bom nome e a sua segurança pessoal para proporcionar assistência médica às raparigas. A tia Hermia dava abrigo às que estavam dispostas a retirar-se da profissão e levar uma vida mais convencional. E Morag... Bom, era melhor não analisar Morag. No entanto, eu não podia

contentar-me em dizer a Val que fizesse coisas que eu não queria fazer. Desde o princípio, quisera demonstrar que era uma boa sócia naquela investigação. Estava na altura de pôr à prova a minha têmpera.

– Desculpa. É óbvio que me encontrarei com ela. Combinaste um encontro?

Val não me dececionou. Sabendo que era impossível que nos víssemos em casa ou no local de trabalho da rapariga, tinha marcado um encontro no parque na manhã seguinte. Dera a Cass dinheiro suficiente para que pudesse tentar disfarçar-se um pouco e dissera-lhe que eu iria com um véu grosso e vestida de preto. Val disse-me que me acompanharia, apesar de Cass lhe ter advertido que só falaria comigo.

– Portaste-te muito bem na tua primeira incursão na investigação – comentei.

Ele sorriu.

– A sério? Esqueceste-te de Hampstead Heath?

Eu ruborizei-me ao recordar como tinha terminado aquela aventura.

– Bom, é melhor que vás deitar-te – disse-lhe com a minha melhor voz de irmã mais velha. – Temos de madrugar para apanhar o nosso passarinho no parque.

Ele deixou-me e eu dispus-me a dormir, mas não consegui conciliar o sono. A lembrança da aventura em Heath fizera-me pensar em Brisbane. Perguntei-me o que estaria a fazer em Paris. Recordei a sua frieza, a sua raiva contida, durante o nosso último encontro. Pensei em Fleur e no seu encanto elegante e deslumbrante, em como ele confiava e recorria a ela em tempos de dificuldade. E, quando consegui adormecer por fim, tinha a certeza absoluta de que ele não pensava em mim.

## Trinta e seis

«Quando os males vêm, não vêm dispersos como espiões, senão em batalhões.»

William Shakespeare, *Hamlet*.

Na manhã seguinte, teria preferido ficar na cama. Soprava um vento frio e desagradável, e o céu estava nublado. Se tivesse esperado bom tempo, ter-me-ia sentido dececionada. Mas Cass, a jovem da Caixa de Pandora, era mais comunicativa do que eu pensara.

Deu comigo assim que entrei no parque, com Val a caminhar discretamente atrás de mim. Ela estava vestida de florista, com um casaco desgastado de veludo verde e um chapéu de palha adornado com flores amarelas. Aproximou-se, apregoando o preço do seu produto e oferecendo-me um ramo de violetas.

– Bom dia, *milady* – disse-me agradavelmente.

Tinha um sotaque muito vulgar, quase ininteligível. No entanto, a sua cara era linda. Era encantadora, tinha um sorriso que lhe iluminava o rosto e uma cor saudável.

– Bom dia – respondi eu. – És Cassiopeia?

Ela sorriu.

– É como me chamam na Caixa. Na realidade, chamo-me Victoria, como a rainha. Em casa, chamam-me Vicky.

– E como devo chamar-te eu?

– Oh, meu Deus, não me importa, *milady*. Como quiser.

– Muito bem, então, Victoria.

A rapariga riu-se e eu dei-me conta de que, certamente, ninguém a tinha chamado pelo seu nome completo em toda a sua vida.

– Victoria, o meu irmão, o senhor March, disse-me que tens uma certa informação para mim.

Ela assentiu.

– Sim. Não tenho de cumprir a minha promessa àquela Sally Simms. Ficou com o meu pagamento duas vezes este mês sem motivo. Faço o meu trabalho, os meus homens estão satisfeitos.

– Hum... Hum... Sim. Suponho que possamos caminhar um pouco e farte-ei umas quantas perguntas.

Ela assentiu e pôs-se a andar pelo caminho que eu lhe indiquei. O parque estava tranquilo. Era muito cedo e, claramente, fazia demasiado frio para os transeuntes. A rapariga estremeceu.

– Tens frio, Victoria?

– Não, só que não gosto muito de árvores – disse. – Sempre me parecem gigantes que agitam os braços.

– Então, entendo que não és do campo.

Victoria endireitou os ombros com orgulho.

– Sou uma verdadeira *cockney*. Mas claro que não posso ir a minha casa ver a minha mãe tanto como eu gostaria, porque Sally Simms me tem a trabalhar o dia todo. Esta manhã, tive de lhe contar a mentira de que a minha mãe estava doente para poder sair da Caixa. Mas não se portou mal. Mandou parar uma carruagem para que me levasse. O cocheiro parece um bom homem. Dar-lhe-ei uma moeda para que não diga que não me levou a casa da minha mãe.

– Bom, então, suponho que seja melhor que não demoremos muito. O meu irmão disse-me que conhecias o meu marido, *sir* Edward Grey.

– Oh, sim, *milady*. Era por isso que queria falar pessoalmente consigo. Algumas damas têm um ataque quando descobrem que o seu marido era um cliente. Eu queria que soubesse que era diferente com *sir* Edward. Ele pagava-me para falar e falava de si durante muito tempo.

Eu parei de repente.

– *Sir* Edward pagava-te para manter uma conversa?

– Oh, sim. E tinha sempre coisas muito agradáveis a dizer de si, *milady*, e penso que eram verdade. Estava sempre a falar de como era boa, da sua finura. Dizia que lamentava muito ter-se casado consigo, mas que a culpa não era sua, que era muito boa esposa.

– Que lisonjeador... – murmurei eu.

Ela assentiu.

– Ele dizia que era muito bela, que gostava de olhar para si e que não precisava de ser um marido apropriado para si.

Eu não disse nada e Victoria não esperou pela minha resposta. Continuou a falar como se não soubesse que cada uma das suas palavras era uma navalhada para mim.

– Não lhe importava a questão dos filhos, sabia? Nunca a culpou por não os ter. Culpava-se a si mesmo. Disse que, se tivesse levado uma vida melhor, poderia ter sido melhor marido para si e não ter arriscado a sua saúde como arriscou a dele. Claro que dizia sempre ...

Eu pus-lhe a mão na manga.

– O quê? A que risco para a minha saúde te referes?

– À sífilis, *milady*. Sentia-se muito mal por isso.

Eu afastei-me, tentando chegar a um banco. Val, ao notar que cambaleava, aproximou-se, mas eu fiz-lhe sinal para que voltasse a afastar-se. Victoria sentou-se ao meu lado.

– Sífilis. Edward tinha sífilis?

– Sim, *milady*. Eu pensava que sabia. Ele disse que vocês não podiam ter filhos por causa da sífilis. Pensava que se referia a que a tinha contagiado.

Eu abanei a cabeça.

– Não. Devia querer dizer que não podia...

Não suportei dizê-lo.

– Ah, quer dizer que não podia partilhar o leito consigo porque tinha medo de a contagiar – concluiu a rapariga.

Eu assenti.

– Isso tem sentido. Ele era muito cruel consigo mesmo. Dizia coisas terríveis. Dizia que era um desgraçado, um demónio. Eu sentia pena dele, com as suas boas maneiras e a sua roupa bonita. Tinha uma forma de falar bonita e custava-me a acreditar que pensasse tão mal de si mesmo.

Eu assenti novamente. Tremiam-me as mãos, portanto, agarrei-as com força.

– Disse-te quando tinha contraído a doença?

– Antes de se casar, isso eu sei. Disse que não sabia que a tinha quando se casara, mas que o médico lhe dissera que naquela altura não seria contagiosa. Explicou-mo uma vez, mas era difícil de entender. Penso que disse que se tinha sentido doente uma vez, ao princípio, mas não sabia do quê. Depois, recuperou e casou-se consigo, e correu tudo bem. No entanto, ficou novamente doente e o médico disse-lhe que tinha de deixar de dormir com a sua esposa para não a contagiar.

– No Natal – sussurrei. – Foi quando se mudou para o seu próprio quarto.

– Sim, foi o que me disse. Explicou-me que não tinha a coragem de lho contar. Pensava que se sentiria muito dececionada por causa dos filhos e tudo o mais.

«Que doce da sua parte...», pensei com amargura. Edward não se incomodara em falar-me da sua doença asquerosa e deixara-me todos aqueles anos a perguntar-me pela razão da minha esterilidade, a culpar-me por isso. E, no entanto...

Olhei para a rapariga e sorri fracamente.

– Devia impressionar-te ouvir todas essas coisas. A mim, impressionou-me.

Ela devolveu-me o sorriso e, para minha surpresa, deu-me algumas palmadinhas na mão.

– Não, *milady*. Eu já vi centenas de homens sem calças.

Eu assenti e desviei o olhar. Não sabia se aquilo tinha alguma coisa a ver com a morte de Edward, mas alegrava-me sabê-lo de qualquer modo. Endireitei os ombros.

– Obrigada pela tua franqueza. Espero que não sofras por isso às mãos da menina Simms.

– Oh, não... Advertiu-me que não falasse dele, mas não acreditava que eu fosse fazê-lo. Sabe que ele deixou de ir ver-me dois anos antes da sua morte. Começou a subir até às águas-furtadas para se entreter.

Eu sorri. A ideia de que Edward fosse a umas águas-furtadas poeirentas para procurar prazer divertiu-me por algum motivo.

– Às águas-furtadas? Porquê?

– Oh, *milady*... É onde estão os rapazes.

## Trinta e sete

«Se tens lágrimas, prepara-te para as derramar agora.»

William Shakespeare, *Júlio César*.

– Edward encontrava-se com rapazes?

Aos meus ouvidos, a minha voz pareceu normal, despreocupada, como se estivéssemos a falar de um amigo comum. Mas na minha cabeça... Nem sequer depois consegui descrever o atordoamento, o frio... Como era possível que eu não o tivesse sabido?

A rapariga assentia.

– Sim. Disse-me que sempre lhe tinham agradado mais. Mas amava-a muito, *milady* – disse rapidamente. – Penso que queria poupar-lhe a dor.

– E havia algum rapaz em particular?

– Não, *milady*. Ele não subia com muita frequência, sabe? Mas a menina Simms alegrava-se sempre muito ao vê-lo. Alguns homens são muito brutos, mas *sir* Edward, não. Ele tratava-nos sempre muito bem. Simms gosta disso, não quer que lhe estraguem a mercadoria, como diz sempre. Dá umas caixas de porcelana muito bonitas aos clientes habituais para guardar as capas – explicou-me e olhou para Val com incerteza. – O senhor March diz que servem para evitar as infeções, a sífilis e outras coisas, mas alguns dos clientes queixam-se e não querem usá-las. *Sir* Edward não era assim. Ele usava-as sempre e Sally Simms agradecia-o. A maneira mais rápida de perder o negócio, segundo ela, é ter raparigas com pústulas.

Eu só a ouvia pela metade. Brisbane tinha razão quanto à caixa e à sua utilidade. No entanto, nem sequer ele tinha imaginado o motivo horrível pelo qual estava na posse de Edward.

– Obrigada por me dedicares o teu tempo, Victoria. Penso que o senhor March te deu metade do teu pagamento de hoje. Aqui tens a outra metade.

Tirei algumas notas da minha mala e entreguei-lhas. Não tinha ideia de quanto dinheiro era. Não devia ser menos do que o acordado, porque, depois de o contar, Victoria o meteu no decote e me sorriu.

– É uma verdadeira dama. Obrigada.

Eu tirei mais uma coisa da mala: um cartão.

– Toma isto – disse-lhe.

Ela obedeceu. Pegou no cartão e olhou-o com curiosidade, como se não significasse nada. Então, dei-me conta de que, certamente, não sabia ler.

– É a morada de um abrigo. É dirigido pela minha tia, *lady* Hermia March. Se algum dia decidires deixar a Caixa de Pandora, terás lá um sítio onde viver. Ensinar-te-iam a ler e a escrever, e conseguir-te-iam um trabalho.

A rapariga pôs-se a rir.

– A fazer o quê? A servir? A esfregar o chão? Não, *milady*, penso que não. Sou o que sou. Já não vou mudar.

Fez menção de me devolver o cartão, mas eu não o aceitei.

– De qualquer modo, fica com ele. Talvez algum dia o necessites. Serás sempre bem recebida.

Encolheu os ombros e colocou o cartão no mesmo sítio que o dinheiro. Eu estendi-lhe a mão.

– Obrigada, Victoria.

Ela pestanejou. Depois, apertou-me suavemente a mão.

– Obrigada, *milady*.

Depois, afastou-se pelo caminho que tínhamos percorrido. Fiquei a olhar para ela, à falta de algo melhor para fazer. Andava depressa e, quando chegou ao fundo do caminho, apareceu um idoso de cabelo grisalho, envolto numa elegante, embora desgastada, capa de cocheiro. Ele tirou o chapéu para a cumprimentar e ela entregou-lhe a cesta com um sorriso. Sem dúvida, tratava-se do condutor da carruagem. Caminhava com as costas curvadas e tinha um coxear acentuado. Victoria caminhou ao seu lado e ele evitou que pisasse uma poça, dando-lhe palmadinhas suaves no braço. Agradou-me que, pelo menos, alguém cuidasse da pobre criatura. Duvidava que fosse para o abrigo da tia Hermia e duvidava também que vivesse mais uma dúzia de anos. Ouvei os passos do meu irmão, que se aproximava pelo caminho de cascalho.

– Oh, Val, porque me casei?

– Porque o amavas? – disse, enquanto se sentava ao meu lado.

– A sério? Neste momento, não sou capaz de o recordar.

Ele agarrou-me a mão.

– Foi assim tão horrível o que Cass te contou?

– Sim, foi horrível. Sabias que Edward tinha sífilis?

Val apertou-me a mão. Passaram alguns instantes antes que voltasse a falar.

– Não. Como o sabia Cass?

– Obrigavam-no a usar preservativo no prostíbulo para proteger as prostitutas.

– Meu Deus... – murmurou Val, com um profundo suspiro. – A menina Simms é muito protetora com as suas empregadas. Uma coisa como um surto de sífilis no seu estabelecimento significaria o fim do negócio. Os clientes não esperam algo do género num bordel de Mayfair.

– Sabias que foi por isso que deram a caixa a Edward?

– Não. Tal como Brisbane, eu pensava que fora uma oferta. Suponho que essa fosse a razão pela qual não teriam filhos.

– Sim. Edward não queria expor-me ao contágio. Parece que teve o seu primeiro surto antes de nos casarmos. Não sabia o que era. Depois, quando soube, abandonou a minha cama.

Evitámos olhar-nos. Penso que, apesar da sua formação médica, o meu irmão estava sobressaltado. E eu sabia que não suportaria olhar para os seus olhos verdes enormes, tão parecidos com os meus, e vê-los cheios de pena. Ou pior.

– Às vezes, é difícil de diagnosticar – disse. – Talvez da primeira vez que a doença se manifestou a tenha confundido com uma gripe. A segunda vez costuma ser mais evidente. No período intermédio, não é contagiosa. Fez bem em deixar o teu leito, sabias? O mais provável é que não pudesse ter filhos.

Penso que queria consolar-me, mas eu mal o ouvia. A única coisa que sabia era que o homem com quem tinha crescido, com quem me tinha casado, que acreditava conhecer, fora na realidade um estranho para mim.

– Há mais – disse a Val. – Edward ia às águas-furtadas.

Ouvi uma inalação brusca e um palavrão. Dei graças a Deus por não ter de dar mais explicações. Pela sua associação ao bordel, Val sabia exatamente o que significava aquilo.

– Oh, Julia... Não é de estranhar que não recordes tê-lo amado. Agora, deve parecer-te um estranho.

– Sim. Acreditava que o conhecia, Val. Crescemos juntos, pelo amor de Deus! Como é possível que não soubesse que preferia rapazes?

– Homens – corrigiu-me ele. Pela primeira vez, olhei-o. Ele não desviou o olhar.

– Victoria... Cass disse-me que nas águas-furtadas estavam os rapazes.

Ele abanou a cabeça e o sol arrancou-lhe brilhos do cabelo preto. Pensei que nunca deveria usar chapéu.

– Chamam-lhes assim na Caixa, mas são homens. Jovens, dezoito, dezanove anos. Lá não há crianças.

– Graças a Deus... – murmurei. – Pensava que...

– Não. Talvez as preferências de Edward fossem pouco ortodoxas, mas não eram criminosas.

– Sim, eram – repliquei eu. – A sodomia é contra a lei.

– Aceitamos o comportamento de Portia. Isto é diferente?

– Portia está apaixonada por Jane. Ela não paga a estranhas em troca dos seus favores.

– Então, considerá-lo-ias mais desculpável se Edward se apaixonasse por uma pessoa, em vez de satisfazer as suas necessidades com prostitutas?

– Não é desculpável em nenhum caso. Ele quebrou os seus votos matrimoniais comigo, votos que nunca deveria ter feito, dadas as suas tendências – Val quis falar, mas eu continuei: – Enterrei-o há um ano e confesso que me senti aliviada. A sua saúde tinha piorado muito e tinha um humor muito instável. Eu começara a ter medo dele. Inclusive bateu ao seu ajudante de câmara e, numa ocasião, só uma vez, levantou-me a mão a mim. Não me bateu, mas vi que lutava consigo mesmo para se conter. Tinha-se tornado violento, Val. E todos os dias, depois de aquilo acontecer, eu perguntava-me se perderia finalmente aquele controlo e me bateria ou me mataria – Val não tentou falar então. Ouviu-me enquanto eu deixava escapar toda a dor que sentia. – Antes de morrer, eu já estava decidida a deixá-lo. Tinha chorado pelo rapaz por quem me tinha apaixonado porque já o tinha perdido. Mas, pelo menos, tinha a lembrança do que era, do que fora, para me reconfortar. No entanto, agora que os seus pecados foram descobertos, já nem sequer tenho esse pequeno consolo. Já não posso lamentar que tenha morrido, nem sentir a falta do seu carácter e dos seus sorrisos, sem pensar nas mentiras e no engano. Entendes, Valerius? Todas as lembranças que tenho do meu marido são mentira – levantei-me e tive de recusar o braço que me oferecia como proteção. – Deixa-me. Irei sozinha para casa.

– Julia, por favor. Não queria ofender-te. Só queria consolar-te e, com a minha estupidez, fiz-te sofrer. Lamento imenso.

Assenti.

– A ferida está aberta, Val – disse em jeito de explicação.

Ele abraçou-me então, pela segunda vez em dois dias. Maravilhei-me. Ao afastar-me do meu irmão, senti-me um pouco melhor.

– Agora, devo ir fazer uma visita.

– Queres que te acompanhe?

– Sim. Quero que conheças uma pessoa.

## Trinta e oito

«Por acaso, não podes curar uma mente doente,  
Arrancar da memória uma dor enraizada?»

William Shakespeare, *Macbeth*.

O salão de Mordecai Bent era como o tinha imaginado: pequeno, caloroso e cheio de livros e equipamento médico. Era difícil mexermos-nos por ele. No entanto, ardia um bom lume na lareira e Mordecai era a hospitalidade personificada.

– Esta poltrona, *milady* – disse-me, ao mesmo tempo que afastava uma pilha de papéis. – É a mais cómoda e a mais próxima do lume. Senhor March, gostaria de se sentar no banco que há junto da estante?

Val, hipnotizado pelo conteúdo da sala, apenas mexeu a mão num gesto vago.

– Se não tiver objeção...

Mordecai ruborizou-se de satisfação.

– Oh, não! Por favor, veja o que quiser. Raramente tenho o prazer de poder falar com um colega médico.

Então, foi Val quem se ruborizou e pensei que apresentá-los fora um erro. Se não tivesse cuidado, a conversa poderia centrar-se em assuntos mais aborrecidos e profundos, para os quais eu não teria paciência. Emiti um suave pigarro.

– Doutor Bent, vim visitá-lo porque descobri recentemente algo respeitante à saúde do meu marido. Algo que talvez afete este caso.

– Terei todo o prazer em ajudar – disse-me Mordecai, – mas Nicholas escreveu-me a dizer que está em Paris e que a investigação ficou suspensa até que ele volte.

– Oh, claro... No entanto, acabo de descobrir a informação de que lhe falei e pensei que, se o consultasse a si embora ele esteja ausente, talvez pudéssemos poupar tempo.

Apesar de não ser verdade, pareceu-me que o médico concordava com a explicação. Olhou-me com interesse através das suas lentes, convidando-me a continuar.

– Parece que o meu marido tinha sífilis, doutor Bent.

Ele pensou durante um instante.

– Hum... Sim, isso complica o assunto. Sabe quanto tempo padeceu da doença?

– Não exatamente. Penso que a contraiu antes de nos casarmos e sei que sofreu uma recaída meses depois do casamento.

Bent assentiu.

– Sim, embora não fosse uma recaída. Pelo que se sabe da doença, normalmente segue uma agenda: a infeção inicial, depois, um período de inatividade, seguido de outro surto. Depois, um segundo período de latência. Estes períodos de tranquilidade podem durar anos, durante os quais o paciente não mostra nenhum sintoma, e podem estender-se inclusive durante toda a vida. No entanto, na maioria dos casos, depois deste período segue-se uma manifestação extrema dos sintomas: uma deterioração da saúde geral, um estado de espírito muito alterável, esse tipo de coisas.

Pensei nas mudanças de humor de Edward, nas suas épocas de enfermidade, na sua raiva, naquele instante terrível durante o qual nos tínhamos olhado fixamente, nos fragmentos da jarra partida no tapete entre nós, na sua mão levantada, imóvel, crispada junto da minha face...

– Doutor Bent, é possível que Edward não tivesse nenhuma doença coronária?

– Mas tinha – interveio Valerius. – Padecia-a desde a sua adolescência, não te lembras? A velha cozinheira costumava dizer que nunca chegaria a velho, como todos os Grey.

Eu lembrava-me, sim. Tinha-o contado a Brisbane poucas semanas antes. No entanto, quando Cass me tinha revelado tantas coisas, tivera a sensação de que o mundo cambaleava sob os meus pés e já não sabia que lembranças eram verdadeiras ou falsas. Além disso, era consciente de que continuaria assim durante muitos anos da minha vida.

Virei-me para Bent, que estava a assentir.

– Sim, às vezes, a sífilis ataca o coração do doente ou os pulmões, sobretudo se existir uma doença subjacente. É possível que a sífilis piorasse o estado do seu coração, mas também há a possibilidade de que não o

afetasse nesse sentido. É impossível dizê-lo sem um exame *post mortem* e, como é óbvio, já é demasiado tarde para isso.

– Então, talvez afinal Edward não tenha morrido envenenado. Acha que a sífilis pôde provocar a coloração estranha do... hum... corpo de Edward?

– Não, *milady*, receio que não. Os sintomas que *sir* Edward manifestou são os de um envenenamento. De facto, penso que descobri a causa.

Então, começou a mexer nos papéis que havia na sua secretária e extraiu uma folha de uma pilha, com um suspiro de satisfação. Era a ilustração de uma flor. Entregou-a e Val aproximou-se para a ver. Ao fundo da página havia uma inscrição em latim.

– «*Aconitum napellus*» – li.

Bent assentiu.

– É o único veneno natural cujos sintomas coincidem com os do seu marido. Absorve-se pela pele e provoca a morte em pouco tempo.

– Acónito comum – murmurou Val, enquanto olhava para a flor azul da ilustração.

– Lembro-me – disse eu. – E tu? No acampamento cigano, contavam-nos histórias sobre esta planta. O meu pai permitia aos ciganos acampar nas terras dele no verão – expliquei ao doutor Bent. – Um dos seus anciãos contava-nos histórias sobre o acónito nas noites de lua-cheia.

– Para quê? – perguntou Bent, sorrindo. – Por prazer?

– Não. A sua esposa vendia amuletos, bolsinhas cheias de flores de acónito com uma moeda de prata como proteção. Lembro-me de que os vendia caros, mas eu sentia-me sempre melhor quando voltava para casa com uma daquelas bolsinhas pendurada ao pescoço. A ama obrigava-nos sempre a deitá-las fora, claro. E suponho que fizesse bem, se é verdade que essa substância se absorve pela pele. Que parvos que nós éramos!

Bent encolheu os ombros.

– Não era perigoso se só se usasse a flor e estivesse numa bolsinha. O perigo maior está na raiz. Quando se seca, os efeitos do veneno são muito mais intensos. E, com uma preparação cuidadosa, pode reduzir-se e obter os seus componentes mais perigosos. É perigoso para aquele que o prepara, mas é simples desde que se sigam certas precauções.

– Portanto, qualquer um poderia tê-lo feito – disse.

– Receio que sim. Só é necessário um pouco de privacidade, um candeeiro e tempo. O resto dos ingredientes vende-se nas farmácias porque não tem utilizações perigosas. Um composto para dissolver o acónito e

espalhá-lo numa capa, e mais algumas coisas. Quanto à planta, cresce em qualquer jardim.

– Mas o conhecimento... Uma pessoa precisaria de ter um conhecimento específico de plantas mortais para levar a cabo algo do género.

– Surpreender-se-ia, *milady*. Não é difícil chegar a esse conhecimento, nem difícil de entender. Em muitos herbários, figuram detalhes sobre o acónito. E há um herbário em quase todas as casas.

– Inclusive na minha – disse eu.

Ele sorriu.

– Certamente. Como é óbvio, pode cometer-se erros com facilidade. Se o envenenador não tomou cuidado, talvez se tenha envenenado a si mesmo. Penso que deve procurar um homem cauteloso, mas audaz. Uma combinação interessante.

– Um homem? Está convencido de que é um homem? – perguntei a Mordecai ao recordar a conversa que tivera com Brisbane.

– Não, eu...

Houve um som suave na divisão contígua e dei-me conta de que Bent se sobressaltava. Olhou para a porta, que estava entreaberta.

– É a gata, que provavelmente anda a perseguir um rato... Com licença, *milady*.

Levantou-se e foi até à outra divisão, falando com severidade. Voltou pouco depois, com uma gata persa branca e grande. Fechou a porta enquanto a repreendia com suavidade. Ela olhava-o com os seus olhos enormes cor de mar.

– Que linda! – exclamei.

Estendi a mão para a acariciar, mas ela mostrou as unhas e enganchou uma delas na minha luva.

– *Milady*, lamento... É um animal mau. Não merece a comida que come.

Ele desenganchou-a com delicadeza e deixou-a em cima da secretária, onde ela permaneceu sentada, a observar-me, abanando a cauda com desdém.

– Não faz mal, doutor Bent. Os gatos não gostam que os acariciem, não é verdade? Não seja tão duro com ela. De certeza que merece a sua comida se lhe apanha os ratos.

– É uma aristocrata – disse, enquanto a acariciava atrás das orelhas. Ela ronronou. – Come melhor do que eu e olha para os outros por cima do ombro.

– Mas é linda e essa é razão suficiente para a ter.

A gata olhou-me e pensei que me perdoava. Eu observei Val, que se tinha aproximado novamente da estante e estava a folhear um livro sobre dermatologia.

– Valerius, importas-te de esperar na carruagem, por favor? Queria falar alguns minutos a sós com o doutor Bent, mas não é de nada relacionado com o caso, garanto-te.

Ele deixou o livro que estava a folhear no sítio e aproximou-se para apertar a mão ao doutor Bent. Despediram-se amavelmente e Val foi-se embora.

Nós voltamos a ocupar os nossos lugares e Bent fixou a sua atenção na gata, cuidadosamente, evitando o meu olhar. Sabia o que estava prestes a perguntar-lhe.

– Não pode estar preocupada – disse.

– Claro que estou. Como vou saber sem um exame médico adequado?

Ele abanou a cabeça.

– *Milady*, não manifestou nenhum dos sintomas. *Sir Edward*, apesar das suas falhas, teve o cuidado de não a contagiar assim que soube qual era a sua enfermidade.

– Isso não significa que esteja livre dela – repliquei suavemente. – Não posso assumir que estou de boa saúde. Não posso ficar de braços cruzados, a perguntar-me, à espera que apareçam os sintomas, receando ficar louca – ele olhou-me com sobressalto. – Sim, eu sei isso – disse-lhe. – Edward livrou-se por pouco tempo. Há a possibilidade de que eu não seja tão afortunada. Tenho de saber.

De repente, o médico levantou-se.

– *Milady*, não posso. Agora, não. Faz-se tarde. Tenho pacientes para atender. Se está preocupada a esse respeito, o doutor Griggs pode...

– Não. Ele sabia que Edward padecia da doença e não considerou necessário advertir-me. Não tenho confiança nele.

Nos seus olhos castanhos havia tristeza.

– Sinto-me muito gratificado pela sua confiança. No entanto, hoje não posso examiná-la. Se está decidida, não obstante, amanhã poderia ir a Grey House.

Eu estendi-lhe a mão.

– Obrigada. Sei que não deseja fazê-lo, mas também penso que, se descobrir o pior, mo dirá. Não tenho assim tanta fé na honestidade dos

outros.

Ele assentiu e acompanhou-me até à porta. Nenhum dos dois esperava pelo nosso próximo encontro com impaciência, mas eu sabia que podia confiar nele e que cumpriria o nosso encontro do dia seguinte.

Mas o destino e o assassino tinham outros planos para mim.

## Trinta e nove

«Quando os homens escapam de uma doença perigosa na velhice, oferecem um galo a Asclépio.

Permita-me que eu lhe leve dois, pois estou duplamente livre: da raiva da minha doença e de ti.»

Ben Jonson, *Ao doutor empírico*.

A última pessoa que desejava ver ao chegar a Grey House era o doutor Griggs. No entanto, ali estava, a tirar o seu chapéu e a sua bengala das mãos de Aquinas. Olhou-me com frieza.

– Boa tarde, *milady* – disse-me com formalidade exagerada. Com Valerius, foi um pouco mais cordial.

Eu devolvi-lhe a saudação e lancei um olhar significativo ao meu irmão. Ele retirou-se imediatamente e virei-me para Griggs.

– Doutor, espero que possa dedicar-me alguns minutos. Gostaria de falar consigo.

Ele assentiu com reticência e seguiu-me até ao salão. Eu fechei a porta e não o convidei a sentar-se, com a esperança de lhe transmitir o desprezo que sentia por ele.

– Doutor Griggs, serei breve. Desde quando sabia que o meu marido tinha sífilis?

Ele pestanejou lentamente, como uma tartaruga, e exalou um longo suspiro de resignação ou talvez de aborrecimento. Foi impossível distingui-lo.

– Há cinco anos, mais ou menos.

– Suponho que deva agradecer-lhe que pelo menos tenha sido franco. Pensava que talvez o negasse.

– Isso não teria sentido – afirmou com expressão azeda. Eu tinha a sensação de que aquilo lhe parecia de mau gosto. – Está claro que o descobriu sozinha. E também está claro, pela sua atitude, que perdeu

qualquer escrúpulo próprio de uma dama que a teria impedido de investigar este assunto tão inapropriado.

Eu levantei o queixo.

– Inapropriado? A questão da enfermidade de Edward afeta a minha saúde, saúde que o senhor pôs em perigo com o seu silêncio.

Ele ficou boquiaberto, espantado.

– Mas eu não podia dizer-lho! Isso é algo privado entre um homem e o seu médico.

– Não desculpe a sua covardia. Manteve-se em silêncio porque era o mais cómodo. Disse a Edward que deixasse o meu leito e que abandonasse qualquer esperança de ter um herdeiro, mas nunca pensou no que podia custar-me a mim. Eu teria suportado que ele recusasse ter relações comigo por causa de uma doença mortal. No entanto, foi muito cruel que me rejeitasse com o argumento da minha esterilidade.

– Se não o tivesse feito, poderia ter-lhe custado a prudência ou a vida! – respondeu-me Griggs com raiva. – Teria preferido que continuasse a tentar conceber um bebé que certamente teria nascido doente e que a tivesse contagiado? Porque é o que teria acontecido, *milady*. Vejo que era esperar demasiado que apreciasse os meus esforços em seu nome.

Olhámo-nos durante um longo instante, tão distantes um do outro que fomos conscientes de que nunca mais poderíamos diminuir a distância que nos tinha separado. Havia raiva, amargura e indignação de ambos os lados. Por fim, eu dei um passo em frente e pousei a mão na maçaneta da porta.

– Pode continuar a tratar *sir* Simon até à sua morte. Depois, não quero que volte a esta casa.

Ele fez uma reverência rígida, com uma fúria fria. Mexia a boca, como se quisesse dizer algo, mas resistiu. Eu afastei-me para o deixar passar. Não queria sequer que me roçasse a saia ao sair.

Depois de Griggs se ir embora, fiquei durante muito tempo no salão, a pensar em tudo o que soubera naquele dia. Nada era agradável, mas talvez fosse útil. Sofrera muitos golpes, no meu orgulho, na minha vaidade, na minha petulância ao pensar que conhecia os que me rodeavam. Eu vivia com uma sensação de segurança, de certeza, e, no entanto, havia segredos a girar à minha volta como sombras enquanto eu permanecia alheia e cega a todos eles.

Passado algum tempo, fartei-me de me compadecer de mim mesma e levantei-me com a intenção de mudar de roupa para o almoço. À porta,

encontrei-me com Desmond, que ia a andar com a cabeça baixa. Ele estremeceu.

– *Milady!* Lamento imenso. Ia distraído.

Eu alisei a saia.

– Não foi nada, Desmond. Não te preocupes. Como está *sir* Simon hoje? Vou vê-lo depois do almoço.

O seu rosto ensombreceu um pouco.

– Não muito bem. O doutor Griggs desanimou-se ao ver a sua falta de apetite.

– Bom, suponho que era de esperar – murmurei e olhei com atenção para Desmond. Pareceu-me que estava mais magro e tinha olheiras profundas. – E tu, andas a comer bem? Acho que não descansas o suficiente enquanto estás a cuidar de *sir* Simon. Talvez a tarefa seja demasiado para uma só pessoa. Podemos contratar uma enfermeira.

Desmond engoliu em seco.

– Não, *milady*. Estou bem. O ar da cidade nem sempre me faz bem.

– Ah, sim... Cresceste no campo. Falei com lorde March e está muito contente por ires para Bellmont Abbey cuidar dos seus cães.

Desmond inclinou a cabeça.

– Obrigado, *milady*.

– Tens a certeza de que não te importas de fazer esse trabalho? Cuidar de um canil é um trabalho pior do que o de um laçai. E não terás uma libré para te gabares diante do resto dos empregados – disse-lhe, sorrindo.

Ele devolveu-me o sorriso com timidez.

– Não me importa isso, *milady*. Já não uso a libré e estou mais cómodo. Estou desejoso de cuidar dos cães de Sua Senhoria. Penso que devo estar no campo.

– Bom, então, está resolvido. Quando acabarem os teus deveres com *sir* Simon aqui, mandar-te-ei para Bellmont Abbey.

Deu-me a sensação de que ficava consternado por um instante. Sem dúvida, estava a pensar nos dias tão difíceis que tinha pela frente, com Simon a aproximar-se da morte. Eu continuei a andar e deixei-o para ir tratar de alguma coisa. Tomei nota mental de que devia lembrar-me de dizer a Aquinas que lhe aumentasse o salário. O pobre rapaz estava a trabalhar muito e devia ter a sua compensação.

O almoço foi insípido ou talvez o problema fosse meu. Não notava o gosto do salmão e deixei-o quase intacto no prato. Aquinas estalou

suavemente a língua ao levantá-lo, mas não me repreendeu. Falámos um pouco de Desmond e de outros assuntos domésticos, embora eu tivesse pouco interesse. Ainda estava muito desconcertada pelo que tinha averiguado sobre Edward. Estava a pensar nele, de facto, quando Aquinas me levou o pudim e algo mais.

– É uma lista de coisas que Desmond escreveu por indicação do doutor Griggs, *milady*. Com a sua aprovação, mandarei Henry ir buscá-las à farmácia.

Ele começou a limpar as migalhas da toalha enquanto eu a lia.

– Penso que está tudo em ordem.

A letra de Desmond era simples, conscienciosa. Certamente, um vestígio do que tinha aprendido na escola da sua vila. No entanto, notei que tinha jeito para o desenho, pois tinha rabiscado algo na margem. A temática era mórbida, algo compreensível se se tivesse em conta que estava a cuidar de um homem moribundo. Havia um cavalo pequeno, com um penacho de plumas pretas para um funeral, e um ajudante de coveiro com uns olhos enormes, cheios de pena. Devia requerer uma tremenda habilidade infundir uma tristeza tão profunda a um desenho, pensei enquanto aproximava o papel dos olhos para o analisar com atenção.

Aquinas mostrou a sua desaprovação.

– Eu sei, *milady*. Já indiquei ao rapaz que não use o papel da casa para desenhar. É o problema dos criados que vêm do campo. Não sabem o preço das coisas na cidade.

– Não é isso, Aquinas. Olha para a figura do ajudante do coveiro. Está a tapar uma coisa, mas vê-se na mesma.

Aquinas inclinou-se e olhou para a folha. Ficou tão pálido como a toalha.

– É um túmulo, *milady*.

Eu assenti.

– Igual ao que havia na última carta que *sir* Edward recebeu. Penso que vou guardar esta lista, Aquinas.

Ele aproximou-se de mim.

– *Milady*, vou avisar a polícia.

– Não!

Não queria gritar-lhe, mas penso que consegui que os talheres vibrassem sobre a mesa. Ele afastou-se alguns passos.

– Como queira, *milady*.

Eu levantei-me.

– Isto não deve tornar-se público, Aquinas. Não poderia suportá-lo. Falarei primeiro com ele.

– *Milady*, deve permitir-me que esteja presente durante o interrogatório. Para sua segurança.

– Podes esperar-me à porta. Ele não me fará mal – disse eu.

Não sei porque estava tão certa disso, mas estava. Indiquei a Aquinas que mandasse Desmond ir ao quarto de Edward e que ficasse à porta. Eu encaminhei-me para lá e esperei. Poucos minutos depois, apareceu Desmond. Não olhou à volta, manteve os olhos fixos no chão.

– Sentes-te incomodado aqui, no seu quarto?

Ele engoliu em seco. Vi como a maçã de Adão se mexia.

– *Milady*?

– Não finjas comigo, Desmond – disse e mostrei-lhe a lista com o testemunho da sua culpa. – Nunca deverias ter feito um dos teus desenhos na carta de ameaça que enviaste a *sir* Edward. Foi uma tolice.

Não sei o que tinha esperado. Negações furiosas, violência, insultos... Em vez disso, ficou abatido como se fosse um animal ferido. Abraçou-se como se estivesse a conter uma dor enorme.

– Não queria fazê-lo – disse, em voz tão baixa que tive de me aproximar dele para o ouvir. – Só queria assustá-lo, que entendesse o que me fizera.

– E o que te fez?

Ele abanou a cabeça e esfregou os olhos com aborrecimento.

– Oh, não me faça dizê-lo, *milady*... A senhora deve saber.

Não o obriguei a dizê-lo. Sabia-o e era suficiente.

– Quando começou?

Ele respirou fundo e deixou cair a cabeça para trás. Vi que tinha as faces cheias de lágrimas.

– Há dois anos – disse finalmente. – Eu não queria, mas ele sabia ser muito gentil quando queria. Foi como se me enfeitiçasse.

Eu fiquei a olhá-lo, das suas mãos bonitas ao seu perfil proporcional, e perguntei-me quanta persuasão teria de ter usado Edward? Força, talvez? Não, não acreditava.

– Porque lhe mandaste aquelas cartas? Era necessário atormentar um homem agonizante?

Ele enxugou novamente os olhos, enquanto abanava a cabeça.

– Estava zangado, *milady*. Não tenho desculpa.

– Zangado? Porquê? Tu mesmo reconheceste que eras seu amante. Porquê o aborrecimento?

Ele estremeceu, como se sofresse uma pequena convulsão.

– Porque fiquei doente – disse.

Eu exalei bruscamente, sem conseguir evitá-lo. Senti algo parecido a um murro no estômago.

– Tens sífilis – murmurei.

Ele assentiu.

– Nem sempre tínhamos a precaução de usar as capas. Às vezes... não conseguíamos esperar.

Se tinha duvidado da paixão do rapaz, já não. Acusara-se a si mesmo com aquela frase.

– E estavas zangado ao ponto de o matar? – inquiri.

Desmond olhou-me sem compreender. Parecia que eu começara a falar noutra língua.

– Matá-lo? *Milady*, eu amava-o. Não teria conseguido levantar a mão contra ele nem sequer para deixar esta casa, como deveria ter feito, como quis fazer tantas vezes. Porque queria matá-lo?

Ele ainda não o tinha compreendido e eu escrutinei-o enquanto a verdade abria caminho na sua mente. Ficou pálido, imóvel, tão estremeado pelo desespero que soube que não podia estar a fingir.

– Meu Deus... – sussurrou. – Diga-me que é uma brincadeira de mau gosto, por favor, *milady*...

– Oxalá pudesse, mas alguém matou o meu marido.

Ele começou a tremer, mas eu levantei a mão para o acalmar.

– Não tu – disse-lhe. – Não tu. Tu não tens razão para lhe ter feito algo parecido. Mas deves dizer-me uma coisa. Estiveram juntos como amantes na noite da sua morte?

Ele hesitou e mordeu o lábio. Sabia, no entanto, que não podia fugir à pergunta. Por fim, assentiu e derramou mais lágrimas.

– Meia hora antes – confessou. – Havia tanto bulício na casa por causa da festa, que nos foi fácil escapar. Há muito tempo que não estávamos juntos. Eu tinha muitas saudades dele.

Então, recordei algo que deveria ter recordado antes. Desmond ficara em Grey House enquanto Edward e eu passávamos o inverno em Sussex, na quinta do meu pai. Tínhamos chegado a Londres poucos dias antes daquela

festa. Aqueles amantes tempestuosos tinham tido poucas oportunidades de renovar a sua relação. A sua explicação suscitou-me mais perguntas.

– Porque te deitaste com ele, se estavas zangado ao ponto de lhe enviar aquelas mensagens?

Ele encolheu-se ao ouvir as minhas palavras claras, mas respondeu rapidamente, sorrindo um pouco pelas lembranças:

– Estava zangado porque acabava de descobrir que tinha a doença. Soube que não era o único para ele. Estava com ciúmes, furioso. Tínhamos estado separados durante o inverno e eu só sentia amargura. Mandava-lhe as cartas, mas sorria-lhe na cara. Nunca suspeitou que estivesse zangado com ele. No entanto, quando voltou e ainda me desejava... – fez uma pausa, com uma expressão de encantamento. – Não podia acreditar que me tivesse escolhido. Disse-me que ficaríamos juntos, que tinha acabado com os outros. Eu amava-o, *milady* – concluiu ele, com um soluço.

Virei-me enquanto chorava com suavidade. Só faltava perguntar-lhe uma coisa.

– Porque usaram a capa naquela noite? Os dois estavam infetados, porque se incomodaram?

– O médico dissera-lhe que era necessário que a usasse quando tinha relações com alguém que também estivesse doente. Qualquer coisa a respeito de que a doença podia tornar-se mais virulenta. Não percebi bem.

Mas eu, sim. A saúde de Edward debilitara-se muito, quase fatalmente. Inclusive sem o veneno, teria vivido poucos meses. No entanto, com a sua saúde tão precária, não podia arriscar-se a outra infeção de sífilis, portanto, tomara precauções. Era irónico que o método que usara para se proteger fosse o que lhe causara a morte.

Eu endireitei os ombros e olhei para Desmond.

– Não quero que fale disto com ninguém. Quando o teu trabalho acabar aqui, mandamos-te para um asilo adequado para que cuidem de ti.

Ele assentiu, com o semblante cheio de tristeza. Não se desculpou outra vez e eu agradeci-o. Falara calmamente com ele, mas dei-me conta de que tinha os punhos apertados. Precisava de ficar a sós para recuperar a compostura. Indiquei-lhe com a cabeça que se retirasse e ele obedeceu. Deixei-me cair num lado da cama de Edward, vítima de emoções que não conseguia identificar.

A humilhação era a primeira. Quantos mais amantes tivera Edward? Quem sabia? Quem me olhava com pena e com desprezo, e com o secreto

conhecimento do que era Edward? Com o sabor da bÍlis na boca, permaneci ali sentada, recordando os sorrisos cúmplices que Edward me tinha dedicado, perguntando-me a quem mais teria sorrido assim. As brincadeiras, os gestos carinhosos... Eu tinha acreditado que eram só para mim. Como podia ele fazer coisas assim sob o meu teto? E como era possível que eu não soubesse?

Olhei à minha volta pelo quarto, vendo Edward através das suas coisas. Era como ler a palma da mão a um estranho. As suas escovas, perfeitamente limpas, sem um único cabelo loiro que alterasse a sua perfeição. Os seus livros, milimetricamente arrumados. As suas figuras de porcelana, uma pastora, um jovem a tocar flauta, um guerreiro romano. Os quadros que ele mesmo tinha pintado. Alguns eram boas cópias de obras universais. Outros eram pequenas pinturas, ofertas dos seus amigos ou lembranças de momentos felizes. Havia uma vista do Coliseu, que tinha adquirido durante uma viagem a Roma, e outra de um coreto em ruínas, gótico e escuro, com folhas outonais aos pés.

Parei diante daquele pequeno quadro. Estudei um por um os ramos das árvores, as folhas caídas, as pedras esculpidas e os arcos ogivais. Já vira outro quadro parecido, mas executado por outra mão. Ambos uniam duas pessoas com um momento que tinham partilhado, com um lugar onde tinham estado juntos tempo suficiente para pintarem em separado o mesmo cenário. Os esboços vinculavam-nos entre si, e ao lugar também, e a um motivo que eu nunca tinha suspeitado.

Enquanto olhava para as linhas do desenho, tudo o que tinha ouvido e averiguado durante as semanas anteriores surgiu na minha mente. Ouvei as vozes com tanta clareza como se estivessem a falar-me ao ouvido. Sussurros de viagens misteriosas, corvos e túmulos, de amor frustrado, de veneno, de ciúmes e de doença, da caveira de uma virgem.

Toda a gente tinha contribuído com algo. As suas vozes misturavam-se, mas eu conseguia distingui-las perfeitamente enquanto me diziam coisas que tinha ouvido, mas que não entendera até àquele instante. Tudo encaixou e soube-o, como se sabe que o fogo arde e que o sono é doce. Foi repentino, elementar. Pensei então que a verdade era precisamente isso: elementar. Era a essência de si mesma: não admitia discussão, nem alterações que a rebaixassem.

Para ter a certeza, tirei o esboço da parede. O papel da parede estava brilhante atrás dele. Em todos os anos que vivera em Grey House, nunca

vira que aquela pintura fora mudada de sítio, de um sítio relevante, pensei. Edward poderia vê-lo da cama quando acordasse de manhã e quando se deitasse à noite. Eu abri a moldura e tirei o desenho. No reverso havia uma inscrição muito breve, mas suficiente. Soube quem tinha matado Edward. E soube porquê.

Não havia muito a fazer. Planeei tudo para aquela noite sem dizer a ninguém, nem sequer a Aquinas, o que tinha descoberto. Ele cumpriu eficazmente as minhas indicações, pensando que ainda perseguia o pobre e patético Desmond. Deixei que acreditasse nisso porque não tinha opção. Tinha de me encontrar a sós com o assassino. Não tinha medo, embora soubesse que deveria ter.

E, enquanto me vestia naquela noite, comecei a perguntar-me se não o teria sabido sempre...

## Quarenta

«Água, necessito de água,  
Aqui há uma casa em chamas;  
Abram as fontes e os mananciais,  
E que todos vão lançar baldes.  
O que não possam apagar, deem abaixo,  
Destruam uma casa para salvar uma povoação:  
Mais vale isso do que morra alguém,  
Do que por alguém todos periguem.»  
Robert Herrick, *Alarme de incêndio*.

Não me anunciei. Tinha-me assegurado de que não havia mais ninguém e deslizei silenciosamente até ao seu quarto, com a esperança de o apanhar desprevenido. Não sabia porquê, salvo que queria observá-lo uma última vez, antes que aquilo se interpusesse entre nós. Queria verificar se os seus olhos ainda eram inocentes, aqueles olhos que se tinham afundado nos meus, que se tinham fechado enquanto me dava um beijo que ainda sentia nos lábios. Era uma marca que eu teria sempre, aquele beijo de um assassino. Por muitos outros beijos que me dessem na vida, recordaria sempre os seus lábios sobre os meus.

Passou um instante antes que ele olhasse para cima e me visse ali, imóvel, à porta. Sorriu e eu maravilhei-me. Ele não sabia, ainda não se dava conta de que o via como era. Senti um aperto no coração perante aquele sorriso e hesitei. Quase decidi ficar calada, não fazer nenhuma acusação. No entanto, não fui capaz. Mostrei-lhe o esboço. Ficou a olhá-lo fixamente e eu pensei que ia mentir, pensando que eu não teria visto a assinatura no reverso, a condenação que ele mesmo tinha escrito pelo seu punho.

No entanto, leu a verdade no meu semblante e, tão inteligente e destrutivo como era, estava demasiado cansado de tudo para continuar a fingir.

– Portanto, já sabes – disse suavemente. – Entra e senta-te. Não, não fiques aí. Estás a salvo comigo. Não te esqueças de que te beijei – recordou-me, com um sorriso sedutor. – Saboreei os teus lábios, Julia. Não poderia matar-te, embora me pareça que a lembrança pode destruir-te de qualquer modo.

Enquanto ele se ria sem alegria, eu obedeci e sentei-me.

Olhou-me, escrutinou o meu rosto.

– Sim, sabes. Vejo-o. Tanto conhecimento, tanta confusão. Não entendes, pois não? Nem sequer agora consegues imaginar porquê?

Encolhi os ombros.

– Foram amantes e traiu-te. Amava-lo, mas ele apaixonou-se por outro. É simples. Uma história tão antiga como o tempo, não é?

Esboçou um sorriso felino.

– Que moderna, querida... Fazes com que pareça tudo muito convencional. Parece que quase aprovas os do nosso tipo.

– O vosso tipo não me diz respeito. Eu só te proporcionei o motivo que me tinhas pedido.

Sorriu mais, mas eu vi as rugas de crueldade que se lhe formavam nos cantos dos olhos e dos lábios. Nunca as vira. Tinha passado muito tempo com ele, como não o tinha percebido?

– Doce, inocente Julia... Pensei com frequência que seria divertido dizer-te, tornar-te parte do nosso segredo. Sugeri-lho uma vez, mas ele zangou-se. É uma pena que os meus gostos não incluam as mulheres... – interrompeu-se por um segundo e eu olhei-lhe para as mãos. Sentia náuseas. – Oh, sim, ter-nos-íamos divertido muito... Pelo menos, era o que eu lhe dizia. A verdade é que não penso que tivesse conseguido partilhá-lo, nem sequer contigo. Mas Edward conseguia ser entediante com as suas lealdades equivocadas e curto de vistas, também. Queria proteger-te. E ao rapaz. Eu adverti-o sobre o rapaz, mas não me ouviu.

– Mataste-o por causa de Desmond.

Os seus olhos de predador semicerraram-se.

– Eu avisei-o: podia brincar com outros, mas amava-me a mim. Só a mim. Inclusive permiti-lhe que se casasse contigo porque sabia que não te amava, não realmente, não do modo que verdadeiramente importa. Adverti-lhe que estava a afeiçoar-se demasiado ao rapaz, mas não me ouviu. Portanto, simplesmente, concebi uma pequena artimanha.

– Os preservativos – disse eu, sem rodeios. A ele iluminaram-se-lhe os olhos.

– Oh, conheces a palavra! Imaginem, a filhinha de porcelana do conde, familiarizada com essas coisas! – exclamou. Riu-se, mas não se aproximou de mim. Eu agradeci a Deus. Não teria suportado que me tocasse. – Sim, como os antigos combates de cavaleiros. Se fosse digno e fiel, como tinha prometido, não morreria. Mas, se me falhasse, se não fosse digno, se não fosse fiel, a sua traição significaria a sua ruína. Pareceu-me uma solução elegante.

Então, a sua máscara de ferocidade dissipou-se um pouco e soube que tinha sofrido quando Edward morrera. Soubera da infidelidade do seu amante e soubera que ele mesmo lhe tinha causado a morte.

– Oh, Julia... – disse-me, com um sorriso belo e ardiloso. – Nunca me conheceste?

– Penso que não. Escondeste-te muito bem. Não suspeitei de nada até esta noite.

Dei-me conta de que tinha cometido um erro assim que o disse. No entanto, já não podia remediá-lo. Se hesitasse, ele reagiria com alguma armadilha que eu não tinha previsto. Não podia fazer mais do que continuar, mas com cautela.

A sua voz foi muito suave.

– Não falaste das tuas suspeitas com ninguém? Nem sequer com o inteligente Aquinas?

– Não – disse-lhe. No fundo, não acreditava que me fizesse mal, nem sequer então.

– Julia, confias assim tanto em mim? E lamenta-lo agora? É tão delicioso ter-te por fim aqui, como se... Ah, como se a doce ratinha Julia tivesse entrado na guarida do gato! O que faremos com ela?

Era-me difícil de acreditar que tivesse visto sinais de enfermidade naquele homem. A sua voz era forte, cheia de vida, e brilhavam-lhe os olhos de prazer. Irradiava força e vitalidade, e penso que teria sido capaz de qualquer coisa naquele momento.

Com esforço, mantive um tom de voz calmo.

– Não vais fazer-me mal. Estás doente, só isso. É a tua doença que fala. Não és tu. Tu amaste-me, eu sei. Não vais fazer-me mal – repeti.

Ele pegou numa caixa de fósforos. Não disse nada enquanto acendia um candeeiro que nos banhou de uma luz dourada suave.

– Assim está melhor – disse-me, acomodando-se, enquanto me observava. – Mudaste durante tudo isto. Cresceste. Tens de o agradecer a mim. Eras tão deliciosamente atraente com a tua inocência... Eu queria ensinar-te, sabias? Queria educar-te, tirar-te a faixa dos olhos. Talvez tivesse sido uma vingança melhor de Edward do que matá-lo – disse pensativamente. – Sim, penso que sim. Eu ter-lhe-ia dado uma infidelidade em troca de outra. E isso ter-lhe-ia doído porque te amava. Ou, pelo menos, tentava. Mas eu não suportava a ideia de te tocar, como ele também não.

– E porque pensas que eu teria acedido?

– Terias partilhado a minha cama – afirmou. – Estiveste fechada durante anos. A única coisa que necessitas é que o homem certo te diga as palavras certas e abrir-te-ás como uma fechadura bem oleada.

Não respondi. Aquela acusação era demasiado cruel para merecer resposta. Só depois reconheci que me conhecia melhor do que eu pensava. Não queria admiti-lo, mas era possível que me tivesse deitado com ele. Estivera muito sozinha, tinha sofrido muito desamor. Quem podia dizer o que teria feito se as circunstâncias tivessem sido propícias? Se ele me tivesse abordado num momento de vulnerabilidade, se me tivesse olhado da forma certa, se me tivesse murmurado palavras de amor e de sedução, se me tivesse acariciado com ternura, mas com paixão... Quis pensar que teria tido vontade para resistir, mas sabia que não era verdade.

– No entanto, não consegui fazê-lo – disse-me ele. – A minha luta era com Edward.

– Quando preparaste o veneno? – perguntei-lhe com curiosidade.

Talvez aquela fosse a última vez que poderia interrogá-lo e queria saber tudo. Não queria continuar a ter dúvidas.

– No outono anterior a morrer. Estive prestes a matar-me no processo, mas foi simples. Uns quantos livros, algumas precauções básicas e consegui-o. Muito fácil, na realidade. Não entendo como as pessoas não o fazem.

– E puseste as capas na caixa e deixaste-a no seu quarto.

Assentiu com olhar distante.

Fora cauteloso e, ao mesmo tempo, audaz e atrevido, pensei com uma certa admiração. Pensara em tudo com brilhantismo e levava-o a cabo com inteligência. Tinha conseguido escondê-lo durante um ano. Durante quanto mais tempo poderia ter guardado o seu segredo se não fosse a minha intromissão?

E durante quanto tempo continuaria eu com vida, sabendo o que sabia?

Como se me tivesse lido o pensamento, roçou o candeeiro com a mão, observou fixamente a luz e disse:

– Foste muito valente ao vir aqui e querer acusar-me de assassinato. E mais valente ainda por ouvires a minha confissão.

Eu olhei-o nos olhos.

– Estou cansado – disse, de repente. – Oxalá pudesse brincar mais um pouco contigo, mas estou cansado.

Eu fiz menção de me levantar.

– Agora, tens de descansar. Vou-me embora.

– Não – disse com dureza e o puro poder da sua voz deixou-me cravada à cadeira. – Ainda não acabámos isto. Não posso continuar a viver! – gritou.

– Já não. Nem sequer quero viver sem ele.

– Não consegues pensar com calma – disse-lhe e levantei-me devagar. – Estás doente e cansado. Dorme – pedi-lhe e, com a intenção de o reconfortar, acrescentei: – Não o direi a ninguém.

Houve um resplendor no seu olhar e soube que tinha cometido um erro fatal.

– Não, não o dirás a ninguém. Nem agora, nem nunca.

Com aquelas últimas palavras, pegou no candeeiro e atirou-mo. Eu agachei-me e protegi-me atrás da cadeira, e o candeeiro chocou contra ela. Partiu-se e o óleo salpicou a seda e a madeira. As chamas estenderam-se ao chão, percorreram o tapete, chegaram à cama e à bainha do meu vestido.

Gritei e bati contra o chão as chamas que consumiam a minha saia. Extinguiram-se e virei-me para ele. Sorria-me por entre as chamas que se elevavam entre nós.

– Vais salvar-me, Julia? E arriscar a tua própria vida? Ou vais fugir?

A sua voz era zombadora inclusive naquele momento. Eu tentei agarrá-lo. Meu Deus, tê-lo-ia salvado inclusive então! No entanto, o fumo e o fogo aumentavam, e o calor obrigou-me a afastar-me. À porta, virei-me e vi a cama envolta em chamas.

– Simon! – gritei. Não houve resposta.

Desci as escadas de dois em dois degraus, com a saia queimada entre as mãos. Doía-me os pulmões quando cheguei ao rés do chão pelo fumo e o exercício. Os criados tinham saído, porque eu tinha insistido em conceder-lhes a noite livre. O ruído do fogo ecoava pela casa vazia, entre o rangido

das cortinas de tafetá e o estilhaçar do vidro que se partia. O vestíbulo estava a encher-se de fumo e mal via por onde andava.

De repente, por cima de mim apareceu uma sombra preta. Com terror, pensei que era Simon, que se tinha levantado do seu leito em chamas, mas estive prestes a soluçar de alívio ao ver o corvo a guiar-me até à saída. Ele grasnou e bateu as asas enquanto o seguia. A porta estava trancada, pois os empregados ainda estavam fora. Eu chorava enquanto lutava com os ferrolhos. O fumo estendia-se por toda a casa e escurecia o vestíbulo como se fosse uma névoa espessa de fuligem. Escorregavam-me as mãos sobre o metal.

Atrás de mim, o corvo continuava a bater as asas e a grasnar. Penso que me repreendia. Praguejei quando consegui abrir o primeiro ferrolho e passei ao segundo, com ambas as mãos enroladas na saia para conseguir agarrá-lo melhor. Inspirei profundamente o fumo preto e estive prestes a sufocar, a desmaiar. Senti-me enjoada e quase não via o ferrolho. O corvo grasnava e eu tentava abrir o ferrolho e fracassava, tentava-o novamente e voltava a fracassar.

Inspirei novamente e, de repente, senti-me ensonada e cansada. Se respirasse outra vez, já não seria capaz de me manter de pé. E, se não conseguisse abrir o ferrolho, já não seria capaz. Ofegando, puxei-o uma última vez com as duas mãos e cedeu. Cambaleei para trás, com alívio, e, ao abrir a porta, senti o ar de Londres, suave e fresco, na cara. Tinha a roupa e a cara cheias de fuligem, a saia queimada e as faces cobertas de lágrimas de pânico. Mas estava viva, pensei. Saí para as escadas da entrada, notei que o corvo me sobrevoava e pousava no corrimão de ferro.

Eu agarrei-me ao corrimão, ao seu lado, chorando e tossindo, e senti uma mão nas minhas costas. Ao olhar para cima, vi a cara da Alegre.

– Meu Deus, Julia, estás uma desgraça! O que é este fumo todo? A cozinheira pegou fogo à casa? Soube que Simon piorou. Chego tarde?

Eu fiquei a olhá-la, das flores do chapéu até às botas. Tinha um saco de viagem numa mão e ao seu lado havia uma chapeleira. Acabava de chegar de Twickenham, sem avisar. Eu agradeci a sua presença. Estava normal, perfeitamente normal, e eu pus-me a rir e a chorar ao mesmo tempo, histérica.

Abri a boca para falar, mas não consegui dizer as palavras. Em vez disso, vi como as pessoas começavam a juntar-se na rua e à minha volta. Larguei o corrimão e ouvi que alguém dizia:

– Oh, meu Deus, vai desmaiar!  
E fi-lo. Caí nos braços de Nicholas Brisbane.

## Quarenta e um

«Mas se Julia estava à altura da tarefa,  
É o que deve narrar-se na sequela.»  
George Gordon, lorde Byron, *Don Juan*.

Acordei pouco depois, ao sentir o aroma acre dos sais da Alegre. Brisbane já não me tinha nos braços. Tinha sentido os seus lábios na testa e tinha saboreado algo húmido e salgado como lágrimas nos lábios. Mas deviam ser do meu pai, pois era ele e Aquinas quem me seguravam enquanto expelia o fumo que tinha respirado.

Seguraram-me e mantiveram-me afastada da multidão enquanto ouvíamos as sirenas dos bombeiros, que se aproximavam.

A Alegre andava de um lado para o outro, cheirando os sais e choramingando.

– Porque não sai? O que pretende ao entrar ali? Estará louco?

Eu agitei-me nos braços do meu pai.

– Do que está a falar? – perguntei-lhe.

Pelo menos, penso que o fiz. O fumo tinha-me enrouquecido a voz e mal conseguia falar. Ele deu-me algumas palmadinhas no ombro.

– Brisbane entrou para tentar salvar Simon.

Eu consegui pôr-me de pé.

– Não pode! O primeiro andar está todo em chamas! Vai morrer!

Quanto mais protestava, mais me agarravam. Finalmente, rendi-me e desabei contra o meu pai, e as lágrimas caíram-me desenhando sulcos entre a fuligem da cara.

– Veio ver-me esta noite – explicou-me o meu pai com delicadeza. – Empenhou-se em dizer que estavas em perigo, mas que não podia dizer-me porquê. Quando estávamos a caminho daqui, começou a gritar.

– A gritar? – perguntei eu.

Ele assentiu com solenidade.

– Nem sequer se dava conta do que fazia. Golpeava as janelas da carruagem como um louco e gritava que cheirava a fumo. Aquinas e eu pensámos que tinha perdido a cabeça. Mas sabia... Oh, meu Deus, como era possível que soubesse?

– É clarividente – disse-lhe eu num sussurro.

– Ah... Isso explica tudo – respondeu o meu pai.

Ele tinha crescido no campo, como eu. Acreditava naquelas coisas, como Aquinas, que assentiu com os olhos fixos na porta de Grey House. Esperámos, talvez só alguns minutos, até que chegaram os bombeiros, com os cavalos a relinchar e os sinos a tocar com grande estrépito. Eu continuei a olhar para a porta aberta, pela qual aparecia o brilho maldito do fogo. Continuei a olhar até me arderem os olhos e os pulmões se encherem outra vez de fumo. Até que, por fim, o meu pai me levou de rastos até à carruagem e me afastou do perigo. Voltei a olhar, mas Brisbane não apareceu.

Finalmente, encontraram-no no jardim traseiro da casa. Estava quase no segundo andar quando o calor o tinha obrigado a retroceder. No entanto, então as chamas já lhe tinham cortado a passagem à porta e tivera de partir uma janela ao pontapé e saltar para o jardim. Tinha cortes, nódoas negras e queimaduras ligeiras, e a voz, disseram-me, tão enrouquecida como a minha.

Não consegui ouvi-la por mim mesma, pois ele não foi ver-me. Esperei, como tinha esperado fora de Grey House naquela noite horrível, mas ele não foi. Portanto, convalesci lentamente em March House, com os cuidados da minha família e a companhia de Crab, que se deitou na minha cama com a sua ninhada de cachorrinhos e se recusou a abandonar-me, e Mordecai Bent, que também estava a tratar Brisbane e que às vezes me levava notícias dele.

Uma semana depois do incêndio, quando tive forças suficientes e Mordecai teve a coragem, contou-me tudo.

– Não foi para Paris – disse. – Seguiu-a.

Eu recordei o que tinha acontecido naqueles dias e estabeleci ligações que me tinham passado ao lado.

– O cocheiro coxo no parque – disse.

Mordecai assentiu.

– Também era a gata que havia na minha casa – confessou, envergonhado. – Eu não queria enganá-la, mas ele insistiu. Disse-me que

tinha de saber.

Eu encolhi os ombros enquanto acariciava as orelhas suaves de Crab.

– Brisbane tinha perdido a confiança em mim e por um bom motivo. Menti-lhe e ocultei-lhe provas para proteger uma pessoa. Se não confiava em mim, era porque eu não tinha confiado nele antes.

– De qualquer modo, não gostou – disse Mordecai. – Seguiu-a para saber os seus passos, mas sobretudo porque temia pela sua segurança. Sabia que se recusaria a ser alvo de vigilância, mas tinha o forte pressentimento de que você estava em perigo. Não sabia, no entanto, porquê.

– Não suspeitava de Simon.

Mordecai encolheu os ombros.

– Não havia razão para suspeitar dele. A rapariga do bordel disse-lhe o que lhe tinha contado a si. Nicholas decidiu seguir o ajudante de câmara de *sir* Edward e fazer perguntas no seu clube. Acreditava que, desde que você estivesse em Grey House, estaria a salvo.

Ao ouvi-lo, tossi um pouco, rindo-me e soluçando ao mesmo tempo.

– Eu também não suspeitei de Simon até àquela noite – disse-lhe. – Mas as peças encaixam, por muito incrível que pareça o quebra-cabeças.

Continuámos a falar das coisas que tinham acontecido. Fazia-me bem desabafar e sabia que Mordecai queria contar-me coisas, coisas que eu precisava de ouvir desesperadamente.

– Tinha sonhos consigo, sabia? – disse-me. – Sonhos terríveis. Achava que ia morrer se ele não a protegesse. No entanto, como ia dizer-lho? Ele não sabia que Fleur lhe falara do seu dom... Da sua maldição. Nicholas nunca o contou voluntariamente a ninguém, nem a Fleur, nem a mim. Eu descobri-o por acaso, como Fleur, quando éramos crianças.

– Não é de estranhar que sejam tão unidos – disse eu, com um sorriso. Ainda sentia o cheiro a fumo no meu fôlego enquanto falava. Mordecai tinha um sorriso quente, de nostalgia, e também um pouco triste.

– Foi muito difícil para ele. Sempre a tentar adaptar-se, ser normal. Nicholas é uma pessoa extraordinária num mundo demasiado banal.

– Isso é verdade – concordei.

– E você não vai perdoar-lhe – disse, enquanto o bom humor se desvanecia lentamente dos seus olhos.

Eu abanei a cabeça.

– Não diga isso. Não sinto ressentimento por ele. Não, perdoar-lhe-ei. Com o tempo. E talvez ele me perdoe.

– Ele já o fez! – protestou Mordecai. – Você nunca saberá o pânico, a raiva imensa que senti quando soube que estava na casa em chamas. *Milady*, ele...

– Não! – adverti-lhe com severidade. – Não o diga. Não declare em nome dele nada que ele não esteja disposto a dizer. Sejam quais forem os sentimentos dele por mim, não os aceitou ou teria vindo ver-me. Nega-o?

Mordecai abanou a cabeça com pena.

– Não, não posso.

– Muito bem. Então, ele continuará com a sua vida e eu, com a minha e, em breve, veremos para onde vamos.

Mordecai foi-se embora então, triste, mas resignado. Não haveria um final feliz. Tínhamos sofrido muita dor e tínhamos desconfiado demasiado para que o houvesse. E, se a Crab lhe importaram as lágrimas que derramei sobre o seu pescoço, não mo disse.

No entanto, houve algumas satisfações. Desmond, que estava doente, foi internado num sanatório de Kent. Tinha uns jardins onde os pacientes podiam entreter-se com alguma pequena ocupação e disseram-me que o rapaz se adaptou rapidamente.

Mordecai, depois de me examinar da cabeça aos pés, declarou-me curada e sã em todos os aspetos, incluindo o que mais me preocupava. Recomendou-me que passasse uma temporada num clima quente para que os meus pulmões recuperassem totalmente e voltei a pensar na viagem a Itália. Fiz os preparativos com calma. Levaria apenas Aquinas e Morag, mais ninguém. Já tivera enredos familiares suficientes para uma boa temporada. Viajaríamos juntos, sem pressas, e, depois de algum tempo, encontrar-me-ia com os meus irmãos em Itália.

Outra novidade foi o meu pai e a sua preocupação em estar no quarto onde eu convalescia. Dei-me conta de que estava presente sobretudo quando Fleur fazia uma das suas muitas visitas, durante as quais me oferecia bálsamos e doces, e ramos enormes de flores. Lia-me e levava-me revistas de moda, e tentava que comesse as delícias que Theresa preparava para mim.

O meu pai arranjava sempre alguma desculpa para permanecer lá quando Fleur estava elegantemente sentada junto de mim na cama, a rir-se com a sua gargalhada maravilhosa e a mimar-me com os seus amáveis cuidados. Penso que se sentia um pouco desconcertado com ela e parecia-me ver nele uma faísca que nunca vira. No entanto, disse a mim mesma que não devia

preocupar-me. Se o meu pai decidisse ter uma relação com Fleur, teria escolhido bem e ela também, pensei com pragmatismo.

Por outro lado, o meu pai conseguiu esconder toda a fealdade de Grey House debaixo do tapete com a prodigiosa vassoura dos March, feita de influências e privilégios. Grey House não tinha seguro, por isso, foi uma ruína total. Perdeu-se o edifício e todo o seu conteúdo. As minhas irmãs encheram-me de fotografias e recortes, de livros e álbuns, para me ajudar a recompor as lembranças da minha vida. Não poderíamos substituir tudo o que tinha perdido, mas os seus esforços foram uma grande satisfação para mim. Também foi uma ajuda o cheque generoso que lorde Porlock pagou pelo terreno de Grey House. Antes que as ruínas tivessem deixado de fumegar, já tinha equipas de homens a tirar escombros à pazada e arquitetos a elaborar as plantas da sua nova residência na cidade.

O incêndio foi recordado como um infeliz acidente e toda a gente considerou uma coincidência divina que os empregados tivessem a noite livre. Aquinas mentiu com habilidade, dizendo que fora ideia sua ter aquela atenção com eles para que pudessem desfrutar das celebrações do Jubileu da Rainha Vitória. Era consciente de que, se se soubesse que aquela noite livre fora ideia minha, as suspeitas recairiam sobre mim e haveria rumores sobre a razão pela qual queria que Grey House estivesse vazia.

Aquinas nunca me reprovou que não tivesse confiado nele, mas eu sabia que o facto de não o ter feito tinha causado um distanciamento entre nós e que só poderia resolver-se com o passar do tempo. Ele tinha suspeitado o que eu pretendia e era por isso que tinha ido a March House rogar ao meu pai que interviesse. No entanto, culpava-se por não ter agido antes e, por muito que eu tentasse fazê-lo mudar de ideias, o bom homem pensava que me tinha falhado.

Eu recriminava-me amargamente por não ter previsto quais seriam as consequências das minhas ações, mas tinha um consolo: ao ter-me empenhado em enfrentar Simon a sós, tinha salvado vidas que certamente se teriam perdido no incêndio. Era um pequeno alívio, mas agarrava-me a ele como a uma tábua de salvação. Pelo menos, fizera algo bem.

Val confessou as suas ações em privado ao meu pai, que reagiu bastante bem e decidiu chegar a um acordo com Mordecai para que o meu irmão pudesse estudar sob a sua direção. Eu pensei que aquela nova gentileza do meu pai talvez fosse coisa de Fleur, mas não tinha a certeza. De qualquer

modo, Val voltou a viver em March House e as suas discussões ficaram para trás.

Inclusive resolveu-se o assunto do corvo. A sua presença em Grey House tornou-se pública devido ao repórter de um jornal. O meu pai recebeu uma chamada do palácio, mas Sua Majestade, que estava de bastante bom humor devido às celebrações do jubileu e que sempre tivera, conforme diziam, um fraco por homens bonitos, além de simpatia por outra viúva, ditou uma ordem pela qual me oferecia o corvo e reconhecia a valorosa atuação do pássaro.

A minha carta de agradecimento recebeu uma resposta um pouco emproada pela mão da sua secretária. Penso que a soberana começara a arrepender-se do presente impulsivo e soube que tivera uma conversa severa com o pai de Reddy Phillips. Ninguém soube os detalhes exatos, mas não penso que fosse coincidência que aparecesse uma estátua do príncipe Alberto no parque da vila onde a família Phillips tinha a sua casa de campo.

Por fim, tinha a liberdade de desfrutar do meu novo animal de estimação. Comprei-lhe uma gaiola linda e comecei a pensar num bom nome para ele.

Os criados de Grey House dispersaram-se, salvo aqueles que permaneceram ao meu serviço. Dos outros, alguns voltaram para o campo e outros encontraram novos trabalhos em Londres.

Portanto, toda a gente continuou com a sua vida mais ou menos tranquila, nas mesmas circunstâncias de antes. Todos, menos eu. Sentia-me inquieta e encerrava-me em mim mesma durante longos períodos, pensando coisas nas quais não deveria pensar.

Com frequência, recordava Simon e o seu terrível amor por Edward. Celebrara-se uma festa na casa de campo dos Phillips durante o verão em que eu tinha viajado para os lagos com a minha tia, o verão anterior ao meu casamento com Edward.

Eu nunca me perguntara por aquela festa, mas, ao pensar nos esboços melancólicos do coreto gótico da propriedade e nas revelações de Portia sobre o que os membros do Clube de Brimstone faziam lá, entendi-o. Tinham sido amantes ali, talvez pela primeira vez. Aquele grupo de homens jovens, tão desejosos de que os considerassem uns demónios... Era esse o pior dos seus segredos? Afetos que nunca seriam aceites? Amor que nunca poderia revelar-se?

Então, recordei o que Simon me dissera uma vez, que temia tanto a morte que tinha tentado qualquer coisa para se salvar. Portia tinha-me contado que

os Brimstone acreditavam que beber do crânio de uma virgem podia curar enfermidades.

Magda foi ver-me a March House uma noite. Apareceu silenciosamente ao meu lado. Acariciou-me a mão e murmurou palavras de afeto e lamentos em romani enquanto eu falava.

Eu já o tinha deduzido então, mas ela confirmou-mo: fora Simon quem tinha profanado o túmulo de Carolina, não Valerius. No seu desespero de encontrar uma cura para a sífilis, tinha exumado o corpo de Carolina para utilizar o crânio dela como taça.

Quando Magda aparecera no cemitério, ele tinha fugido e, provavelmente, ter-se-ia sentido aliviado depois porque ela não descobrira o seu segredo horrível. No entanto, Magda tinha planeado a sua própria vingança: todo o sofrimento de que Simon padecera no fim dos seus dias não o provocara apenas a sífilis. Ela admitiu-o entre lágrimas. O arsénico que eu tinha encontrado no quarto dela não estava intacto, apesar de ela me ter dito que não fizera mal a ninguém. Então, voltei a pedir-lhe que se fosse embora. Tinha sofrido um desengano, embora, na realidade, sentisse mais compreensão pelo que Magda fizera do que teria gostado.

Esqueci-me de lhe perguntar por Mariah Young, o único mistério que não tinha resolvido, mas não me importei. Tinha desenterrado tanta tristeza e sordidez com a minha investigação, que não tinha estômago para suportar mais nada. Sonhei com Carolina naquela noite, sonhei com todos eles, com Simon, com Edward, inclusive às vezes com a minha mãe.

Numa tentativa de acabar com os sonhos, fui a Highgate uma tarde, sozinha e com a cara tapada por um véu grosso. Caminhei pelo cemitério, desfrutando da quietude, que só as gotas de chuva alteravam repicando contra as lápides. Fiquei muito tempo junto do túmulo de Edward, pensando em tudo o que tinha acontecido, no que tínhamos sido um para o outro e no que não. Despedi-me dele naquele dia, pela primeira e última vez. E, antes de me ir embora, deixei uma coroa de louros aos seus pés e outra junto dele, na lápide em que só dizia «Simon Grey». Por baixo dela não havia um corpo. No entanto, eu dera-lhe um lugar para estar junto de Edward para toda a eternidade. Esperava aplacar assim os fantasmas que pudessem persistir.

Quando me fui embora, sabia que nunca mais voltaria.

No entanto, os mortos continuaram a recorrer a mim. Sonhava com eles quase todas as noites e acordava a tremer e a chorar. Morag levava-me

bebidas quentes e humedecia-me a testa, mas ambas sabíamos que estava na hora de seguir em frente.

– Vou falar com o senhor Aquinas para começar a fazer as malas – disse-me uma noite, depois de um pesadelo especialmente horrível. – Está na altura de irmos.

Eu assenti e os dois organizaram tudo. O meu pai ajudou e depressa se ultimaram os planos. Graças a Portia e aos irmãos Riche, tinha recuperado o meu guarda-roupa e encomendei mais algumas coisas, adequadas para viajar.

– Vai ter com os teus irmãos – indicou-me o meu pai. – Ly escreveu-me a dizer-me que estão muito preocupados contigo e que adorariam encontrar-se contigo em Florença.

Eu assenti.

– Muito bem.

Ele continuou a falar, detalhando-me coisas que não me importavam. No entanto, de repente, agarrou-me a mão.

– Julia, ouve-me.

Olhei para cima e vi-o. Vi-o realmente, pela primeira vez em dias.

– Sofreste um golpe muito duro, mas vais recuperar. És jovem e forte, e vais sentir esta dor agudamente porque ainda não tinhas sofrido muito na tua vida. No entanto, deves acreditar quando te digo que a superarás e que voltarás a rir-te, a amar e a chorar por outros.

Abraçou-me então e eu chorei no seu ombro, descarregando entre soluços um casamento inteiro cheio de traição e de desespero. Ele abraçou-me e acariciou-me o cabelo até eu acabar. Depois, afastou-se e sorriu-me.

– Um bom choro é sempre um bom desabafo. Em breve, vais sentir-te melhor. Ainda não, mas em breve. E, quando acontecer, aprecia-o. A vida é incerta, querida. Deves aproveitar a felicidade onde quer que a encontres.

Eu assenti e, depois de ele se ir embora, pensei durante muito tempo no que me dissera.

No entanto, ainda não estava pronta para ver Brisbane. Ele não me tinha escrito, nem fizera o mínimo esforço para me visitar e, na manhã da minha partida, acordei com agradecimento por isso. Não pensava que tivesse forças para ir se o visse naquele momento. Como ia dizer-lhe que, quando vira Grey House entre chamas, os meus lamentos eram por ele, pelo que nunca poderia haver entre nós os dois? Não tinha sofrido por Edward naquele momento, nem por Simon. Tinha sofrido por ele.

Teria tempo de esclarecer os meus sentimentos nos meses seguintes. E de me entender melhor a mim mesma, de responder a perguntas que ainda não tinha formulado. Ainda não sabia em que grau de estima me tinha Brisbane, nem em que grau de estima o tinha eu a ele. A Itália seria um novo começo, pensei com júbilo. Um renascimento na terra do renascer, pensei enquanto saía de March House sob o sol quente de junho. Acabava de entrar na carruagem do meu pai quando se aproximou um mensageiro, a ofegar.

– *Lady Julia Grey?* – perguntou, com a respiração entrecortada.

– Eu sou *lady Julia*.

Estendeu uma mão suja e entregou-me um pequeno embrulho de papel pardo com o meu nome escrito. Eu indiquei a Morag que entregasse uma moeda ao mensageiro e acomodei-me no banco enquanto olhava pela janela. Do outro lado da praça, mal invisível por entre a sombra das árvores, vi um homem idoso coxo, com uma gata branca ao ombro. A brisa agitou as folhas e, quando ficaram novamente quietas, aquele lugar estava vazio.

Recostei-me e bati no teto da carruagem com a ponta da sombrinha.

O cocheiro pôs-se a caminho. Aquinas ia com ele na boleia e Morag, sentada à minha frente. Íamos para a estação, para apanhar um comboio que nos levaria até à costa. Dali, viajaríamos de barco até Itália, atravessando o estreito de Gibraltar. Eu estava louca de impaciência.

Morag começou a fazer um inventário do que levávamos nas malas e nas caixas, certa de que nos tínhamos esquecido de algo. Eu esperei até que se concentrasse na sua tarefa para abrir o embrulho. Lá dentro havia uma caixa, mas não havia nenhuma mensagem. Só havia uma pequena bola de algodão e um pendente de prata com um cordão de seda preta. A cabeça de Medusa.

Virei-a e passei o dedo por uma inscrição gravada recentemente. Era uma série de letras e números, um código, mas perfeitamente decifrável para alguém que ouvira Shakespeare desde o berço. 2HVIIIii362. Nenhum filho de Hector March poderia confundir a passagem. Era da segunda parte de *Henrique VI*, terceiro ato, segunda cena, verso trezentos e sessenta e dois.

*Porque onde tu estás, lá está o mundo.*

Pus o fio ao pescoço, onde ele o usara com tanta frequência. Enquanto o fazia, Morag olhou para mim.

– O que era isso, *milady?*

Eu entreguei-lhe o embrulho.

– Um presente de despedida – respondi com despreocupação.

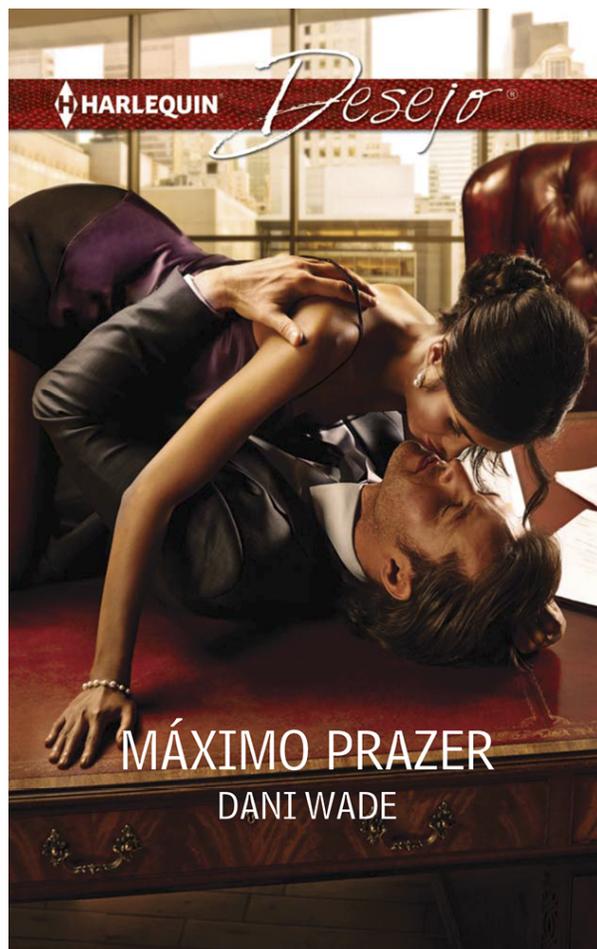
Acomodei-me contra a almofada. Estava desejosa de desfrutar do ano que ia passar no estrangeiro e dos prazeres que talvez me esperassem depois.

Mas claro que, embora eu não o soubesse naquele momento, não passaria um ano até que eu voltasse para casa. Não sabia quando voltaria a ver Brisbane, mas sabia que o veria. Um dia.

E vi-o. Isso aconteceu quando descobrimos um cadáver na capela.

Mas isso é outra história.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



[www.harlequinportugal.com](http://www.harlequinportugal.com)